A Comunicação do Treinador de Futebol em Competição

Estudo das expectativas, comportamentos e perceção dos treinadores de jovens relativamente à instrução em competição

TESE DE DOUTORAMENTO

Fernando Jorge Lourenço dos Santos
DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO

UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

outubro | 2013

UNIVERSIDADE da MADEIRA
Defendida em 31/01/2014

72547

T/D UMa
796
SAN Com
+ CD-R (Anexos)

A Comunicação do Treinador de Futebol em Competição

Estudo das expectativas, comportamentos e perceção dos treinadores de jovens relativamente à instrução em competição

TESE DE DOUTORAMENTO

Fernando Jorge Lourenço dos Santos
DOUTORAMENTO EM CIÊNCIAS DO DESPORTO

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

ORIENTAÇÃO
José Jesus Fernandes Rodrigues

CO-ORIENTAÇÃO
Hélder Manuel Arsénio Lopes

A COMUNICAÇÃO DO TREINADOR DE FUTEBOL EM COMPETIÇÃO

Estudo das expectativas, comportamentos e perceção dos treinadores de jovens relativamente à instrução em competição

FERNANDO JORGE LOURENÇO DOS SANTOS

Orientadores: Professor Doutor José Jesus Fernandes Rodrigues

Professor Doutor Hélder Manuel Arsénio Lopes

CIÊNCIAS DO DESPORTO

MADEIRA

2013

Agradecimentos

Obrigado Deus porque quando me sinto fraco, Tu dizes que estou forte; quando me sinto no chão, Tu dizes que eu estou de pé e porque tornas-te possível acabar mais esta etapa da minha vida.

Um enorme agradecimento para a minha esposa Paula Santos e para os meus filhos Emanuel Santos e Daniel Santos, pela ajuda e paciência que tiveram durante todo o Doutoramento.

Aos meus pais porque me ensinaram a não desistir dos meu sonhos, a lutar por eles respeitando sempre os outros e que a única forma de ter é trabalhar.

Agradeço também ao meu pai e ao meu irmão pela ajuda que me deram na recolha dos dados.

Um grande agradecimento ao Professor Doutor José Rodrigues pela disponibilidade, ajuda, qualidade das sugestões dadas no desenvolvimento desta investigação e por continuar a ser marcante em todo o meu percurso de formação académica.

Ao Professor Doutor Hélder Lopes por toda a colaboração dada.

Agradeço também aos Professores Doutores Hugo Louro e Hugo Sarmento pela ajuda preciosa que deram no desenvolvimento do estudo.

A todos que contribuíram para ultrapassar as diferentes fases do nosso estudo.

À Escola Superior de Desporto de Rio Maior por ter disponibilizado todo o material necessário para a realização do estudo.

Á minha escola – Agrupamento de Escolas D. Afonso Henriques, à sua diretora e seus colaboradores pela ajuda e apoio que sempre me deram.

Por último quero agradecer a todos clubes e treinadores que se disponibilizaram em participar nas diferentes fases desta nossa investigação.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS ..... **II**

ÍNDICE GERAL ..... **III**

ÍNDICE DE TABELAS ..... **X**

ÍNDICE DE FIGURAS ..... **XIV**

ÍNDICE DE ANEXOS ..... **XVI**

RESUMO ..... **XVII**

ABSTRACT ..... **XVIII**

RESUME ..... **XIX**

RESUMEN ..... **XX**

CAPÍTULO I **1**

1. INTRODUÇÃO 1

1.1. Definição do Problema *4*

1.2. Objetivos *5*

1.3. Hipóteses *9*

1.4. Referências Bibliográficas *11*

CAPÍTULO II **17**

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO 17

2.1. Conceitos fundamentais *17*

2.2. Variáveis da Investigação da Relação Pedagógica em Competição *19*

2.3. A função e perfil do treinador no contexto do setor de formação *23*

2.4. A Importância da Comunicação em Competição *26*

2.5. A Receção da Informação no Processo de Comunicação *34*

2.6. Relação entre as Decisões Pré e Pós Interativas e o Comportamento do Treinador *40*

2.7. O Comportamento do Treinador na Direção da Equipa em Competição . *43*

2.7.1. A intervenção do treinador durante as substituições 49

2.7.2. A intervenção do treinador durante a competição 50

2.8. Referências Bibliográficas *54*

CAPÍTULO III 66

3. METODOLOGIA 66

3.1. Variáveis do Estudo *66*

3.2. Perfil dos Participantes no Estudo *68*

3.3. Metodologia e Desenho Observacional *70*

3.4. Procedimentos *73*

3.4.1. Procedimentos prévios 73

3.4.2. Procedimentos Metodológicos para a Recolha de Dados 73

3.5. Instrumentos *74*

3.5.1. Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC) 74

3.5.1.1. Protocolo 75

3.5.2. Sistema de Observação do Comportamento do Atleta em Competição (SOCAC) 75

3.5.2.1. Protocolo 76

3.5.3. Registo das Observações 76

3.5.4. Validade dos Sistemas 77

3.5.5. Fidelidade do Sistema 78

3.5.5.1. Fidelidade Inter Observador 79

3.5.5.2 Fidelidade Intra Observador 81

3.5.6. Questionários de Expectativas, Auto Perceção/Perceção do Treinador . 84

3.5.6.1. Estudo preliminar para a criação da 1ª versão dos questionários ... 84

3.5.6.2. Criação da 1ª versão dos questionários ... 86

3.5.6.3. Validação dos questionários por especialistas ... 87

3.5.6.4. Aplicação piloto dos questionários ... 88

3.5.6.5. Fidelidade dos Questionários ... 89

3.5.6.6. Versão Final dos Questionários ... 92

3.6. Análise Estatística ... 92

3.6.1. Análise Descritiva dos Dados ... 92

3.6.2. Análise da Correlação de Dados ... 92

3.6.3. Análise dos Padrões Temporais de Comportamento ... 97

3.7. Referências Bibliográficas ... 99

CAPÍTULO IV ... 103

4. A INSTRUÇÃO DOS TREINADORES E O COMPORTAMENTO DOS ATLETAS EM COMPETIÇÃO. ESTUDO PRELIMINAR DAS EXPECTATIVAS, COMPORTAMENTOS E PERCEÇÃO NO FUTEBOL JOVEM. ... 103

4.1. Introdução ... 105

4.2. Metodologia ... 107

4.2.1. Participantes no Estudo ... 107

4.2.2. Instrumentos ... 107

4.2.3. Procedimentos Prévios ... 108

4.2.4. Procedimentos Metodológicos ... 108

4.2.5. Fidelidade ... 109

4.2.6. Tratamento Estatístico ... 109

4.3. Resultados ... 109

4.4. Discussão dos Resultados ... *116*

4.5. Conclusões ... *120*

4.6. Referências Bibliográficas ... *121*

5. ESTUDO DO COMPORTAMENTO DE INSTRUÇÃO DOS TREINADORES JOVENS DE FUTEBOL EM COMPETIÇÃO ... 125

5.1. Introdução ... *126*

5.2. Metodologia ... *128*

5.2.1. Participantes no Estudo ... 129

5.2.2. Instrumento ... 129

5.2.3. Procedimentos Prévios ... 129

5.2.4. Procedimentos Metodológicos ... 130

5.2.5. Fidelidade ... 130

5.2.6. Tratamento Estatístico ... 131

5.3. Resultados ... *131*

5.3.1. Durante a Competição ... 131

5.3.2. Durante as Substituições ... 141

5.4. Discussão dos Resultados ... *144*

5.5. Referências Bibliográficas ... *149*

6. ESTUDO DO COMPORTAMENTO ATLETAS DE FUTEBOL DO SETOR DE FORMAÇÃO EM COMPETIÇÃO ... 153

6.1. Introdução ... *154*

6.2. Metodologia ... *155*

6.2.1. Participantes no Estudo ... 156

6.2.2. Instrumento ... 157

6.2.3. Procedimentos Prévios ... 157

6.2.4. Procedimentos Metodológicos 157

6.2.5. Fidelidade 158

6.2.6. Tratamento Estatístico 158

6.3. Resultados 158

6.4. Discussão dos Resultados 162

6.5. Referências Bibliográficas 166

7. ESTUDO DOS PADRÕES DE COMPORTAMENTO DE INSTRUÇÃO DOS TREINADORES DE JOVENS DE FUTEBOL EM COMPETIÇÃO. 169

7.1. Introdução 171

7.2. Metodologia 173

7.2.1. Participantes no Estudo 174

7.2.2. Instrumento 174

7.2.3. Procedimentos Prévios 174

7.2.4. Procedimentos Metodológicos 175

7.2.5. Fidelidade 175

7.2.6. Tratamento Estatístico 176

7.3. Resultados 177

7.4. Discussão dos Resultados 189

7.5. Referências Bibliográficas 192

8. AS EXPETATIVAS DOS TREINADORES SOBRE O COMPORTAMENTO DE INSTRUÇÃO E COMPORTAMENTO DOS ATLETAS E A SUA RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO DE INSTRUÇÃO E COMPORTAMENTO DOS ATLETAS EM COMPETIÇÃO. 197

8.1. Introdução 199

8.2. Metodologia 201

8.2.1. Participantes no Estudo 201

8.2.2. Instrumentos 202

8.2.3. Procedimentos Prévios 202

8.2.4. Procedimentos Metodológicos 203

8.2.5. Fidelidade 204

8.2.6. Tratamento Estatístico 204

8.3. Resultados 205

8.4. Discussão dos Resultados 214

8.5. Conclusões 218

8.6. Referências Bibliográficas 220

9. A Auto Perceção e Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamentos dos Atletas e a sua relação com o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição.. 223

9.1. Introdução 225

9.2. Metodologia 228

9.2.1. Participantes no Estudo 228

9.2.2. Instrumentos 229

9.2.3. Procedimentos Prévios 229

9.2.4. Procedimentos Metodológicos 230

9.2.5. Fidelidade 230

9.2.6. Tratamento Estatístico 231

9.3. Resultados 232

9.4. Discussão dos Resultados 241

9.5. Conclusões 247

9.6. Referências Bibliográficas 248

10. As Expectativas dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e o Comportamento dos Atletas e a sua relação com a Auto Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e a Perceção sobre o Comportamento dos Atletas. 252

10.1. Introdução 254

10.2. Metodologia 257

10.2.1. Participantes no Estudo 257

10.2.2. Instrumentos 257

10.2.3. Procedimentos Prévios 258

10.2.4. Procedimentos Metodológicos 258

10.2.5. Fidelidade 259

10.2.6. Tratamento Estatístico 259

10.3. Resultados 260

10.4. Discussão dos Resultados 269

10.5. Conclusões 273

10.6. Referências Bibliográficas 274

CAPÍTULO V 278

11. Conclusões, Limitações e Recomendações 278

11.1. Conclusões 278

11.2. Limitações do Estudo 283

11.3. Recomendações 284

11.4. Referências Bibliográficas 285

ANEXOS 287

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização do perfil dos Participantes no Estudo..... 70

Tabela 2 – Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol..... 75

Tabela 3 – Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição.... 76

Tabela 4 – Fidelidade Inter Observadores..... 80

Tabela 5 – Fidelidade Intra Observador 1 82

Tabela 6 – Fidelidade Intra Observador 2 83

Tabela 7 – Caracterização dos *Experts* que realizaram a validação dos Questionários . 87

Tabela 8 – Fidelidade do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamentos dos Atletas em Competição 91

Tabela 9 – Fidelidade do Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição 91

Tabela 10 – Teste de Normalidade (*Shapiro-Wilk*) aos resultados obtidos através do SAIC e SOCAC..... 94

Tabela 11 – Teste de Normalidade (*Shapiro-Wilk*) aos resultados obtidos através do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição..... 95

Tabela 12 – Teste de Normalidade (*Shapiro-Wilk*) aos resultados obtidos atrvés do Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição..... 96

Tabela 13 – Expectativas – Comportamento de Instrução/Atletas - Auto Perceção/Perceção 115

Tabela 14 – Quantidade de Instrução emitida durante a Competição 131

Tabela 15 – Dimensão Objetivo da Instrução em Competição 132

Tabela 16 – Dimensão Forma da Instrução em Competição..... 134

Tabela 17 – Dimensão Direção da Instrução em Competição 135

Tabela 18 – Dimensão Conteúdo da Instrução em Competição..... 138

Tabela 19 – Dimensão Atenção do Comportamento dos Atletas em Competição..... 159

Tabela 20 – Dimensão Comportamento Motor Reativo do Comportamento dos Atletas em Competição 161

Tabela 21 – Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 1 em Competição 178

Tabela 22 – Ocorrencias mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 2 em Competição 179

Tabela 23 – Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 3 em Competição 181

Tabela 24 – Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 4 em Competição 184

Tabela 25 – Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens Observados 187

Tabela 26 – Expectativas dos Treinadores sobre a Instrução e o Comportamento dos Atletas em Competição..... 206

Tabela 27 – Dimensão Objetivo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição 207

Tabela 28 – Dimensão Direção – Correlação entre a expectativas e o comportamento de instrução em competição 208

Tabela 29 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição 209

Tabela 30 – Dimensão Atenção – Correlação entre as expectativas e o comportamento dos atletas em competição 212

Tabela 31 – Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre as expectativas e o comportamento dos atletas em competição 213
Tabela 32 – Auto Perceção sobre a Instrução e Perceção sobre o Comportamento dos Atletas em Competição..... 232
Tabela 33 – Dimensão Objetivo – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição 233
Tabela 34 – Dimensão Forma – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição 234
Tabela 35 – Dimensão Direção – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição 235
Tabela 36 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição 236
Tabela 37 – Dimensão Atenção – Correlação entre a perceção e o comportamento dos atletas em competição..... 239
Tabela 38 – Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre a perceção e o comportamento dos atletas em competição..... 240
Tabela 39 – Dimensão Objetivo – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição..... 260
Tabela 40 – Dimensão Direção – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição..... 261
Tabela 41 – Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição..... 263
Tabela 42 – Dimensão Atenção – Correlação entre as expectativas e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição..... 267

Tabela 43 – Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre as expectativas e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição..... 268

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Esquema do Estudo 5

Figura 2. Representação Esquemática de um Padrão-T (Magnusson, 2000) 98

Figura 3. Dimensão Objetivo da Instrução. 110

Figura 4. Dimensão Direção da Instrução. 111

Figura 5. Dimensão Conteúdo da Instrução. 112

Figura 6. Dimensão Atenção. 112

Figura 7. Dimensão Comportamento Motor Reativo. 113

Figura 8. Valores Médios e em % da Dimensão Objetivo da Instrução em Competição.. 132

Figura 9. Outliers referentes à Dimensão Objetivo da Instrução em Competição.. 133

Figura 10. Valores Médios e em % da Dimensão Direção da Instrução em Competição. 135

Figura 11. Outliers referentes à Dimensão Direção da Instrução em Competição..... 136

Figura 12. Valores Médios e em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo da Instrução em Competição. 139

Figura 13. Outliers referentes às Categorias/Subcategorias da Dimensão Direção da Instrução em Competição. 140

Figura 14. Valores Médios e em % da Dimensão Objetivo da Instrução durante a Substituição. 141

Figura 15. Valores Médios e em % da Dimensão Forma da Instrução durante a Substituição. 142

Figura 16. Valores Médios e em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Substituição. 143

Figura 17. Valores Médios e em % da Dimensão Atenção. 160

Figura 18. Valores Médios e em % da Dimensão Comportamento Motor Reativo..... 162

Figura 19. Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 1 na Direção da Equipa em Competição.. 179

Figura 20 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 2 na Direção da Equipa em Competição.. 180

Figura 21 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 2 na Direção da Equipa em Competição.. 181

Figura 22 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 3 na Direção da Equipa em Competição.. 183

Figura 23 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 3 na Direção da Equipa em Competição.. 184

Figura 24 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 4 na Direção da Equipa em Competição.. 185

Figura 25 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 4 na Direção da Equipa em Competição. 186

Figura 26 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens na Direção da Equipa em Competição..... 188

Figura 27 - Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens na Direção da Equipa em Competição..... 189

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXOS (COMPACT DISC)..... 287

ANEXO 1 CONSENTIMENTO INFORMADO

ANEXO 2 FICHA DE CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES NO ESTUDO

ANEXO 3 SISTEMA DE ANÁLISE DA INSTRUÇÃO EM COMPETIÇÃO PARA O FUTEBOL (SAIC)

ANEXO 4 SISTEMA DE OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTOS DOS ATLETAS EM COMPETIÇÃO (SOCAC)

ANEXO 5 QUESTIONÁRIOS

ANEXO 6 TRATAMENTO DE DADOS DA INVESTIGAÇÃO

Resumo

O nosso estudo teve como objetivo estudar o comportamento de instrução e o comportamento dos atletas jovens em competição. Ainda dentro do âmbito do estudo da atividade do treinador na direção da equipa em competição pretendemos verificar a existência de padrões-T de comportamentos de instrução. Outro objetivo passou por verificar a existência de correlações entre as expectativas, auto perceção e perceção dos treinadores sobre a instrução, comportamento dos atletas e a realidade em competição. Também foi verificada a existência de correlações entre as variáveis cognitivas referidas. Para cumprir os objetivos foram observadas quatro equipas de jovens que competiam nos campeonatos nacionais de Portugal e os seus respetivos treinadores, em dois jogos. Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram o Sistema de Análise da Instrução em Competição, o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição, o Questionários sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição e o Questionário da Auto Perceção dos treinadores sobre a Instrução e a Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição. Os treinadores observados têm um comportamento de instrução preferencialmente prescritivo, auditivo, direcionado ao atleta e com conteúdo tático. Os atletas demonstram estar atentos e modificam o comportamento positivamente. Foram registados padrões-T de comportamento na direção da equipa e no momento das substituições. Registamos alguma discrepância entre as expectativas, a auto perceção e perceção e os comportamentos verificados em competição.

Palavras-Chave: Comportamento, Futebol, Instrução, Padrões-T, Expectativas, Perceção

Abstract

This research aimed to study the coach behavior of instruction and the behavior of young athletes in competition. Also within the scope of the study of the activity toward the coach of the team in competition aims to examine the existence of T-patterns behavior of instruction. Other objective has to verify the existence of correlations between expectations, self-perception and perception of coaches about instruction, behavior of athletes in competition and reality. We also observed the existence of correlations between cognitive variables mentioned. To meet the objectives there were four youth teams that competed in the national championships in Portugal and their respective coaches, in two games. The instruments used for data collection were the Analysis System of Instruction in Competition, the Behavior Observation System of Athletes in Competition, the Questionnaire about Expectations of Instruction and Behavior of Athletes in Competition and Questionnaire about Self-Perception of Instruction and Perception of Behavior of Athletes in Competition. Coaches have observed behavior rather prescriptive instruction, verbally, directed to the athlete and tactical content. Athletes report being attentive and positively modify behavior. T-patterns were recorded behavior towards the team and at the time of substitutions. We note a discrepancy between expectations, self-perception and perception and behavior seen in competition.

Keywords: Behavior, Football, Instruction, T-Patterns, Expectations, Perception

Résumé

Notre étude visait étudier le comportement d'instruction et le comportement des jeunes athlètes en compétition. Dans le cadre de l'étude de l'activité de l'entraineur au niveau de la direction technique de l'équipe en compétition nous prétendons vérifier l'existence de comportements d'instruction standards-T. Un autre objectif est de vérifier l'existence de corrélations entre les attentes, la perception de soi-même et la perception des entraineurs sur l'instruction, le comportement des athlètes en compétition et la réalité. Nous avons également observé l'existence de corrélations entre les variables cognitives mentionnées. Pour atteindre les objectifs, nous avons observé quatre équipes de jeunes qui participaient aux championnats nationaux au Portugal ainsi que leurs entraineurs, en deux matchs. Les instruments utilisés pour la collecte des données ont été le système d'analyse de l'instruction en compétition, le système d'observation du comportement des athlètes en compétition, le questionnaire sur les attentes de l'instruction et le comportement des athlètes en compétition et le questionnaire de la perception de soi-même des entraineurs sur l'instruction et la perception du comportement des athlètes en compétition. Les entraineurs observés ont un comportement d'instruction plutôt prescriptif, auditif, dirigé à l'athlète ayant un contenu tactique. Les athlètes démontrent qu'ils sont à l'écoute et qu'ils changent leur comportement d'une façon positive. Nous avons vérifié l'existence de comportements standards-T au niveau de la direction technique de l'équipe et au moment des remplacements. Nous constatons un écart entre les attentes, la perception de soi-même et la perception et les comportements en compétition.

Mots-clés: Comportement, football, instruction, standards-T, attentes, perception

Resumen

Nuestro estudio tuvo como objetivo estudiar el comportamiento de la instrucción y el comportamiento de los jóvenes atletas en la competición. También dentro del alcance del estudio de la actividad del entrenador en la dirección del equipo en competición tiene como objetivo examinar la existencia de T-patrones de comportamiento de la instrucción. Otro de los objetivos ha de verificar la existencia de correlaciones entre las expectativas, auto percepción y percepción de los entrenadores en la instrucción, el comportamiento de los atletas en la competición y la realidad. También se observó la existencia de correlaciones entre las variables cognitivas mencionadas. Para lograr los objetivos que había cuatro equipos de jóvenes que compitieron en los campeonatos nacionales de Portugal y sus respectivos entrenadores, en dos partidos. Los instrumentos utilizados para la recolección de datos fueron el Sistema de Análisis de Instrucción en la Competición, el Sistema de Observación de la Conducta de los atletas en la Competición, lo Cuestionario sobre las Expectativas de la Instrucción y Comportamiento de los Atletas en la Competición y lo Cuestionario de Auto Percepción de los entrenadores sobre la instrucción y percepción sobre el comportamiento de los atletas en la competición. Los entrenadores han observado comportamientos instrucción predominantemente prescriptivo, auditiva, dirigido a la atleta y el contenido táctico. Los atletas demuestran estar atentos y modificar positivamente el comportamiento. T-patrones de comportamiento se registró en dirección del equipo y en el momento de la sustitución. Observamos una discrepancia entre las expectativas, la auto percepción y percepción y el comportamiento observado en la competición.

Palabras clave: Comportamiento, Fútbol, Instrucción, T-patrones, Expectativas, Percepción

Capítulo I

Neste capítulo é feita a apresentação da nossa investigação, definido o problema e definidos os objetivos e hipóteses do estudo. Também mencionamos a organização do nosso trabalho, que está dividido em sete estudos, onde são apresentados e discutidos os resultados obtidos.

1. Introdução

Este estudo que nos propomos realizar pretende caracterizar a atividade pedagógica do treinador de direção da equipa em competição, bem como verificar se a informação emitida tem repercussões no comportamento dos atletas e/ou equipa. Para além disso, iremos também verificar a existência de padrões de comportamento nos treinadores observados. É também nosso objetivo investigar qual a expectativa, auto perceção e perceção dos treinadores relativamente ao comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição.

A motivação para efetuar um estudo dentro deste âmbito, surge dos anos de prática acumulada como treinador e jogador de futebol nos escalões de formação e seniores. Em ambas as experiências pudemos verificar que a forma como a mensagem é transmitida pode influenciar não somente o rendimento dos jogadores, mas também a relação treinador-atleta. Segundo Launder e Piltz (1999), a condução eficaz da equipa em competição pode ter impacto para além do jogo.

A comunicação do treinador nos diversos momentos de direção da equipa é importante na gestão do grupo, para conseguir níveis ótimos de motivação, autoconfiança e autoestima para que possa atingir os objetivos pretendidos (A. Santos, 2003).

De acordo com o referido podemos verificar o que um jogador da seleção nacional de râguebi (Vasco Uva) menciona sobre o seu treinador: *"O Tomaz tem uma especial vocação para dizer as coisas certas no momento certo. É através das palavras que consegue tirar o melhor de cada um de nós"* (Morais & Mendonça, 2007, p.31).

É neste sentido que nos propomos, não só fazer a caraterização do comportamento de instrução, da atenção e comportamento motor reativo à informação emitida em contexto competitivo, bem como perceber quais as expectativas, auto perceção e perceção dos treinadores relativamente à instrução como técnica de intervenção pedagógica para dirigir a equipa e comportamento dos atletas em competição. Quais as expectativas dos treinadores sobre a instrução em competição e os comportamentos dos atletas em competição? Qual a auto perceção dos treinadores relativamente à instrução e a sua perceção sobre o comportamento dos atletas em competição? Existe correlação entre as variáveis cognitivas referidas e o comportamento dos treinadores e dos atletas observados em competição?

Diversos autores têm analisado o comportamento dos treinadores (Botelho, Mesquita, & Moreno, 2005; Cloes, Bavier, & Piéron, 2001; Cloes, Delhaes, & Pieron, 1993; Gonçalves, 2009; Lombardo, Faraone, & Pothier, 1983; Moreno, 2001; Nguyen, 2005; J. Nunes, Pinheiro, Costa, Alves, Cipriano & Sequeira , 2011; M. Nunes, 1998; Quintal, 2000; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos, Lopes, & Rodrigues, 2013; F. Santos, Sequeira, & Rodrigues, 2012; Smith & Cushion, 2006; Trudel, Cote, & Bernard, 1996), focando diversos aspetos da interação treinador-atleta na competição, utilizando para o efeito diversos sistemas de observação. More e Franks (1996) referem que a análise quantitativa do processo de instrução promove a avaliação objetiva do comportamento do treinador e fornece informações importantes sobre as variáveis que podem ser determinantes para a eficácia pedagógica. Esta ideia é

reforçada por M. Smith e Cushion (2006), referindo a importância de continuar a desenvolver estudos com diversas metodologias, a fim de se verificar qual o perfil de treinador realmente eficaz e para fornecer um conhecimento mais profundo sobre as diversas variáveis que determinam a eficácia da intervenção do treinador. Dentro da metodologia observacional tem-se desenvolvido também a investigação dos padrões-T, o que tem permito verificar a existência de uma estrutura temporal e sequencial de uma série de dados. Exemplo deste tipo de estudos foi o realizado por Castañer, Anguera, Miguel e Jonsson (2010) que analisaram a comunicação paraverbal dos treinadores em situação de competição. A. Santos (2003) defende a aplicabilidade prática deste tipo de estudos, tendo em vista uma formação de treinadores mais completa. O mesmo autor refere a importância de se verificar a capacidade de receção por parte dos jogadores da informação transmitida e que impacto tem no seu comportamento. De acordo com essa preocupação têm sido desenvolvidos estudos em contexto de treino (Richheimer & Rodrigues, 2000) e contexto competitivo (F. Santos et al., 2012) para verificar o impacto da informação emitida no comportamento dos atletas, bem como a retenção da informação por parte dos atletas (Rosado, Mesquita, Breia, & Januário, 2008; I. Mesquita, Rosado, Januário, & Barroja, 2008). Outro objetivo do nosso estudo é verificar as expectativas, auto perceção e perceção dos treinadores relativamente ao comportamento de instrução em competição e comportamento dos atletas, tendo já alguns estudos sido feitos dentro deste âmbito (Alves, 1998; Azevedo, 2002; Brito & Rodrigues, 2002; Cloes et al., 2001; Costa, 2000; Côté & Sedgwick, 2003; Debanne & Fontayne, 2009; Pina & Rodrigues, 2006; A. Santos & Rodrigues, 2006; R. Santos & Rodrigues, 2002; Sequeira, 1998; Bennie & O'Connor, 2011; Sequeira, Hanke, & Rodrigues, 2013).

1.1. Definição do Problema

Diversos estudos, tal como já foi referido no ponto anterior, têm sido feitos no âmbito da investigação da intervenção pedagógica do treinador em competição. Algumas dessas investigações têm abordado a problemática da comunicação do treinador, tendo em conta diversas variáveis, permitindo dessa forma reunir um conjunto de conhecimentos que possibilita uma melhor formação de treinadores. É importante que os treinadores para uma melhor eficácia na relação treinador-atleta dominem as questões relativas ao processo de comunicação. Dentro deste âmbito esta nossa investigação desenvolveu também o estudo dos padrões-T, com o objetivo de verificar a existência de padrões temporais de comportamento nos treinadores do setor de formação observados.

Na sequência do estudo efetuado anteriormente (F. Santos et al., 2012), caracterizámos, não só, o comportamento de instrução do treinador de futebol em competição, como também averiguamos se os atletas estão atentos à informação emitida e verificámos qual o comportamento motor reativo à informação emitida.

Alguns estudos também têm sido feitos no âmbito da análise das decisões pré e pós interativas e sua relação com o comportamento pedagógico do treinador em treino e competição (Alves, 1998; Azevedo, 2002; Brito & Rodrigues, 2002; Cloes et al., 2001; Costa, 2000; Pina & Rodrigues, 2006; A. Santos & Rodrigues, 2006; R. Santos & Rodrigues, 2002; Sequeira, 1998; Sequeira et al., 2013). Os resultados obtidos não têm mostrado uma clara relação entre estas variáveis cognitivas e o comportamento do treinador. É neste sentido que o nosso estudo quer dar um contributo, a fim de averiguar se existe relação entre as expectativas, os comportamentos observados, a auto perceção e perceção relativamente ao comportamento de instrução do treinador e ao comportamento dos atletas em competição.

Figura 1. **Esquema do Estudo**

De acordo com o referido a figura 1 ilustra o que a nossa investigação pretende abordar, com o objetivo de comprovar os resultados já obtidos, como também estudar algumas variáveis pouco estudadas no âmbito do futebol e na competição, tais como as relativas, aos padrões de comportamento, comportamento dos atletas em competição e decisões pré e pós interativas. É neste sentido que pretendemos que o nosso trabalho contribua para um conhecimento mais sólido relativo à interação treinador-atleta em competição.

Moreno e Campo (2004) estabelecem 5 momentos de intervenção do treinador na direção da equipa em competição: antes do jogo, substituição dos jogadores, durante o jogo, no intervalo e após o jogo. O nosso trabalho irá centra-se em dois momentos: durante o jogo e substituições de jogadores.

No capítulo em que iremos realizar a revisão da literatura será feito em detalhe um enquadramento teórico do estudo e das variáveis da nossa investigação.

1.2. Objetivos

Os objetivos do nosso estudo passam por responder a algumas questões relativas à atividade pedagógica do treinador em competição. Pretendemos numa primeira fase caracterizar o comportamento de instrução dos treinadores de jovens da nossa amostra, e desta forma verificar as tendências já encontradas noutros estudos. Ainda dentro deste

objetivo pretendemos verificar os padrões de comportamento dos treinadores observados.

Em diversos estudos no futebol, tem-se verificado que o comportamento de instrução do treinador em competição é preferencialmente direcionado ao indivíduo (Botelho et al., 2005; Gonçalves, 2009; M. Nunes, 1998; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008), sob a forma auditiva (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos, 2003), com o objetivo prescritivo (A. Santos & Rodrigues, 2008) e conteúdo tático (Gonçalves, 2009; Quintal, 2000; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008). No entanto alguns estudos efetuados no voleibol apontam para informação com conteúdo preferencialmente Psicológico (Cloes et al., 1993; Moreno & Campo, 2004).

Outro dos objetivos a que nos propomos, é analisar a atenção prestada pelos jogadores ao jogo e à instrução emitida pelos treinadores, bem como o verificar se existe alteração do comportamento motor dos jogadores e equipa após a emissão de informação.

Em contexto de aulas de educação física, os estudos efetuados indicam que os alunos demonstram estar atentos (Rodrigues, 1995) e modificam o comportamento de acordo com feedback emitido pelos professores (Piéron, 1980; Piéron & Delmelle, 1982; Rodrigues, 1995).

Richheimer e Rodrigues (2000), em contexto de treino efetuaram um estudo com treinadores de jovens (4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física) e verificaram que os jogadores demonstram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,20%) e modificam o comportamento positivamente após feedback (87,20% - 80,60%).

Uma das questões que também nos debruçamos neste estudo, é relativamente à relação entre as variáveis cognitivas – expectativas sobre a instrução e comportamentos

dos atletas, auto perceção sobre o comportamento de instrução e perceção relativa aos comportamentos dos atletas e as variáveis comportamentais – comportamento interativo em competição.

Sequeira (1998), em contexto de treino, efetuou um estudo com 8 treinadores de Andebol (2 sessões de treino por treinador) e verificou que existe relação entre as decisões pré interativas e o comportamento interativo do treinador na categoria Objetivo do Feedback.

Brito e Rodrigues (2002) estudaram treinadores de Ginástica Artística e os resultados demonstraram a existência de somente uma correlação negativa na categoria instrução no grupo de professores, no treino antes da competição, e na categoria interação no grupo treinadores, no treino após a competição.

A. Santos (2006) no seu estudo com treinadores de Futebol da II Divisão Nacional B verificou que os treinadores que têm mais expectativa de instruir prescritiva e afetiva positivamente, são aqueles que realmente fazem na competição. Foram também encontradas relações significativas nas dimensões direção (subcategoria grupo atletas suplentes), na dimensão conteúdo (categoria técnica; subcategoria sistema de jogo).

Costa (2000) no seu estudo com 8 treinadores de Judo verificou que existe baixa relação entre a auto perceção do comportamento dos treinadores e o comportamento observado.

Azevedo (2002) num estudo com treinadores de Andebol, obteve resultados que demonstraram que não existe qualquer relação do comportamento observado no treinador com as decisões pré interativas e com a auto perceção do treinador.

Sequeira et al. (2013) num estudo 6 treinadores de Andebol, concluem que os treinadores planificam e refletem sobre o seu comportamento em competição, apesar de

terem registado algumas incoerências na relação entre as decisões pré interativas, interativas e pós interativas. Os resultados obtidos demonstram que somente 1 treinador apresenta grande homogeneidade entre as variáveis cognitivas e o comportamento do treinador em competição.

De acordo com os objetivos definidos anteriormente, a nossa investigação divide-se em sete estudos:

1- A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expectativas, comportamentos e perceção no futebol jovem;
2- Estudo do Comportamento de Instrução dos Treinadores Jovens de Futebol em Competição;
3- Estudo do Comportamento dos Atletas do Setor de Formação em Competição;
4- Estudos dos Padrões de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens de Futebol em Competição;
5- As Expectativas dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas e sua relação com o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição;
6- A Auto Perceção e Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas e sua relação com o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição;
7- As Expectativas dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas e a sua relação com a Auto Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e a Perceção sobre o Comportamento dos Atletas.

1.3. Hipóteses

Tedo em conta os objetivos estabelecidos no ponto anterior, definimos as seguintes hipóteses que constituem afirmações na sequência de estudos de outros autores e serão orientadoras da discussão e das conclusões da nossa investigação. Num estudo predominantemente descritivo as hipóteses levantadas permitem comprovar a tendência dos resultados verificada nos diferentes estudos que suportam as afirmações feitas.

Hipótese 1 – Os treinadores de jovens de futebol apresentam um comportamento de instrução com o objetivo prescritivo, sob a forma auditiva, direcionado ao atleta e com conteúdo tático.

A. Santos e Rodrigues (2008) no seu estudo com treinadores de seniores da II Divisão Nacional, verificaram que a informação emitida tem um objetivo preferencialmente prescritivo.

Os estudos efetuados na competição apontam que a emissão da instrução é direcionada para o indivíduo (Botelho et al., 2005; Gonçalves, 2009; M. Nunes, 1998; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008).

A instrução emitida pelos treinadores em competição é preferencialmente sob a forma auditiva (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos, 2003).

Os estudos efetuados no futebol apontam para o conteúdo tático da instrução emitida (Quintal, 2000; Ramirez & Diaz, 2004, Gonçalves, 2009; A. Santos & Rodrigues, 2008).

Hipótese 2 – Nos treinadores de jovens de futebol o(s) jogador(es) e equipa estão atentos ao aporte de informação.

Hipótese 3 – Nos treinadores de jovens de futebol o(s) jogador(es) e equipa modificam positivamente o comportamento após a emissão de informação.

Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino efetuaram um estudo com treinadores de jovens (4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física) e verificaram que os jogadores demonstram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,20%) e modificam o comportamento positivamente após feedback (87,20% - 80,60%).

Hipótese 4

a) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre as expectativas de instrução e o comportamento de instrução na competição.
b) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre as expectativas comportamento dos atletas e o comportamento dos atletas na competição.

Hipótese 5

a) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre o comportamento de instrução na competição e a auto perceção de instrução.
b) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre o comportamento dos atletas na competição e a perceção sobre o comportamento dos atletas.

Hipótese 6

a) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre as expectativas e auto perceção de instrução na competição.
b) Os treinadores de jovens de futebol não apresentam correlações significativas entre as expectativas e perceção sobre o comportamento dos atletas na competição.

Em alguns estudos tem-se verificado uma relação entre as decisões pré-interativas e o comportamento interativo – categoria objetivo do feedback (Sequeira, 1998); categoria prescritiva, afetividade positiva, subcategoria atletas suplentes, categoria técnica e subcategoria sistema de jogo (A. Santos & Rodrigues, 2006).

Costa (2000) verificou, na modalidade de Judo, a existência de uma baixa relação entre a auto perceção do comportamento dos treinadores e o comportamento observado.

No estudo realizado por Azevedo (2002), com 15 treinadores de Andebol do setor de formação, verificou que não existe qualquer relação comportamento observado no treinador com as decisões pré interativas e com a auto perceção do treinador.

Sequeira et al. (2013) num estudo com 6 treinadores de Andebol, somente em 1 foi registado grande homogeneidade entre as decisões pré e pós interativas e o comportamento em competição.

1.4. Referências Bibliográficas

Alves, R. (1998). *Análise das Expectativas e do Comportamento do Treinador em Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Azevedo, P. (2002). *A Intervenção Pedagógica dos Treinadores de Andebol. Estudo comparativo dos treinadores dos diferentes escalões de formação na modalidade de Andebol no sistema federado.* Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Bennie, A., & O'Connor, D. (2011). An Effective Coaching Model: The Perceptions and Strategies of Professional Team Sport Coaches and Players in Australia. *International Journal of Sport and Health Science*, 9, 98-104.

Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto,* 5(2), 174-183.

Brito, A., & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. *Desporto, Investigação & Ciência*, 1, 21-39.

Castañer, M., Anguera, M. T., Miguel, C., & Jonsson, G. K. (2010). Observing the Paraverbal Communication of Coaches in Competitive Match Situations. In E. Barakova, B. d. Ruyter & A. Spink (Eds.), *Proceedings fo Measuring Behavior 2010* (pp. 24-27). Netherlands: ACM New York, NY, USA ©2010.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective*.

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Cloes, M., Delhaes, J., & Pieron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraineurs de voley-ball pédant des rencontres officielles. *Sport*, 141, 16-25.

Costa, L. (2000). *A Modificação de Comportamentos no Treinador como Determinante nas Expectativas de Continuidade dos Jovens Atletas de Judo*. Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Côté, J., & Sedgwick, W. (2003). Effective Behaviors of Expert Rowing Coaches: A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. *International Sports Journal*, 7(1), 62-77.

Debanne, T., & Fontayne, P. (2009). A Study of Successful Experienced Elite Handball Coach's Cognitive Process in Competition Situations. *Internacional Journal of Sports Science & Coaching*, 4(1), 1-16.

Gonçalves, R. (2009). *Análise do comportamento de instrução do treinador durante a competição, em escalões de Futebol 7 e de Futebol 11*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Desporto, Porto.

Launder, A., & Piltz, W. (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. *Treino Desportivo*, 7, 24-29.

Lombardo, B., Faraone, N., & Pothier, D. (1983). *The coach in action: a descriptive analysis*. Paper presented at the Convention of the Eastern District Association of the American alliance for health, physical education, recreation and dance.

Mesquita, I., Rosado, A., Januário, N., & Barroja, E. (2008). Athlete's Retention of a Coach´s Instruction a Judo Competition. *Journal os Sports Science and Medicine*, 7, 1-7.

Morais, T., & Mendonça, C. (2007). *Compromisso: Nunca desistir*. (4º ed.): Booknomics.

More, K., & Franks, I. (1996). Analysis and modification of verbal coaching behavior: The usefulness os data-driven intervention strategy. *Journal of Sports Science*, 14(6), 523-543.

Moreno, P. (2001). *Análisis y optimización de la conducta verbal del entrenador de voleibol durante la dirección de equipo en competición.* Tesis Doctoral, Universidad de Extremadura, Cáceres.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador*

deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación. (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Nguyen, N. (2005). Behavior signatures in youth sport coaches. *Mcnair Scholars Journal* 5, 81-90.

Nunes, J., Pinheiro, V., Costa, A., Alves, R., Cipriano, M., & Sequeira, P. (2011). Diferença de comportamento, em competição, dos Treinadores Licenciados e Não Licenciados em Educação Física: Um estudo no escalão de juvenis de Futebol. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 4(1). Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Nunes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. *Horizonte*, 15, 31-39.

Piéron, M. (1980). Feedback (rétroaction) et modification du comportement des apprenants. Analyze en situation d'enseignement. *Psychology of motor behavior and sport*, 1, 526-534.

Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching physical education. *AIESEP*, 141-150.

Pina, R., & Rodrigues, J. (2006). Estudo da relação entre a perceção, o objetivo, a expectativa e o comportamento de instrução de um treinador top de Voleibol. *Desporto. Investigação & Ciência*, 5, 15-34.

Quintal, J. (2000). *O Treinador do Sector de Formação em Futebol. Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição.* Tese de Mestrado, Universidade da Madeira, Funchal.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación*, 335, 163-187.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo*, 12, 36-46.

Rodrigues, J. (1995). A análise da função de feedback em professores profissionalizados e estagiários, no ensino da Educação Física e Desporto. *Pedagogia do desporto, Estudos N.º3*, 21-36.

Rosado, A., Mesquita, I., Breia, E., & Januário, N. (2008). Athlete's Retention of Coach's Instruction on Task Presentation an Feedback. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 8(1), 19-30.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na Preleção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2006). Análise relacional entre as expectativas e comportamento de instrução do treinador de futebol, na preleção de preparação e na competição. *Desporto. Investigação & Ciência*, 5, 83-100.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal*, 7(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física*., 18(2), 262-272.

Santos, R., & Rodrigues, J. (2002). A Atividade do Treinador de Jovens em Ténis. *Desporto, Investigação & Ciência*, 0, 11-20.

Sequeira, P. (1998). *Análise do pensamento, da ação e de reação no feedback nos treinadores de Andebol dos escalões de formação.* Tese de Mestrado, UTL - FMH, Lisboa.

Sequeira, P., Hanke, U., & Rodrigues, J. (2013). O comportamento e as decisões pré e pós interativas do treinador de Andebol de topo durante a competição. *Revista da UIIPS*, 1(1), 156-173. Retrieved from http://www.ipsantarem.pt/arquivo/5004

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science*, 24(4), 355-366.

Trudel, P., Cote, J., & Bernard, D. (1996). Systematic observation of youth ice hockey coaches during games. *Journal of Sport Behavior*, 19(1), 50-65.

Capítulo II

Neste capítulo é feito o enquadramento teórico da nossa investigação, que servirá de base para a discussão dos resultados dos diferentes estudos apresentados. Começamos o referido enquadramento teórico com a definição de alguns conceitos importantes e com uma breve apresentação sobre a investigação no âmbito da relação pedagógica em competição, onde será exposto o modelo teórico que foi tido em conta no nosso estudo.

De seguida definimos "treinador" e contextualizamos a sua função e perfil no trabalho realizado no setor de formação.

Por fim e recorrendo ao mencionado por diversos autores e a estudos efetuados, realizamos uma revisão bibliográfica relativa ao processo de comunicação na relação treinador-atleta e sobre o estudo das decisões pré e pós interativas dos treinadores.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Conceitos fundamentais

O treinador de futebol para além de observar o jogo, tem a missão de dirigir os seus jogadores e equipa, tendo em vista à concretização dos objetivos definidos para a competição. É durante a direção da equipa que o treinador toma um conjunto de decisões que visam orientar os jogadores relativamente às suas missões táticas no quadro da organização dinâmica da equipa, procurando estabilizar ou modificar comportamentos em função dos variados contextos em que as situações ocorrem. (Castelo, 2009). De acordo com Moreno e Alvarez (2004) essas decisões tomadas durante a competição denominam-se decisões interativas.

Para que essas decisões surtam o efeito pretendido pelo treinador é necessário que o processo de comunicação seja efetivo. Moen e Garland (2012) referem que a comunicação é um elemento que tem implicações ao nível da atividade do treinador, da

liderança e da relação treinador-atleta. De acordo com os mesmos autores a comunicação é caracterizada por uma intenção de se conseguir uma resposta pelo envio de informação entre o emissor e o recetor.

Segundo Culver e Trudel (2000) é através da comunicação que os treinadores emitem instruções técnicas, táticas e que gerem a suas equipas.

A Instrução é a Informação emitida pelo treinador aos atletas, no início, durante e após a prática (Hodges & Franks, 2002) com o objetivo de prescrever, descrever, avaliar, demonstrar ou questionar sobre uma situação específica de treino ou competição.

Culver e Trudel (2000) referem que para que haja uma comunicação eficaz, tem de haver congruência entre a mensagem enviada e o que é percebido pelo recetor. Os mesmos autores acrescentam, que a reação do recetor ao feedback emitido é um indicador para se verificar se a comunicação é eficaz.

O comportamento motor reativo, ou seja, o comportamento imediatamente observável dos jogadores ou equipa após a emissão de informação por parte do treinador pode ser um indicador importante para aquilatarmos da eficácia do processo de comunicação dos treinadores de futebol em competição.

Vários aspetos podem influenciar a receção e retenção por parte dos atletas da informação emitida pelos treinadores (Cunha, 1998; Lima, 2000; I. Mesquita et al., 2008). Um desses fatores é a atenção. Segundo Dosil (2004, p.178) a atenção é a "forma de interação com o meio, na qual o sujeito estabelece contacto com os estímulos relevantes para a situação do presente momento".

Uma vez que a competição está rodeada de muitas variáveis que nem sempre o treinador consegue controlar, a tomada de decisão por vezes não é fácil. Desta forma é importante o treinador preparar a competição em termos de observação e análise do

jogo, a fim de conseguir emitir informação pertinente, que contribua para os jogadores resolverem as situações de jogo. As decisões pré interativas, ou seja, o conjunto de decisões previamente tomadas antes da competição (Moreno & Alvarez, 2004), podem contribuir para que se estabeleça uma comunicação eficaz entre treinador atleta.

Neste processo de direção da equipa em competição, também, o conjunto de reflexões efetuadas após a competição – decisões pós interativas (Sequeira, 2008), são de extrema importância, pois permitem ao treinador analisar a sua ação na direção da equipa em competição, podendo desta forma influenciar as próximas decisões pré-interativas e interativas.

2.2. Variáveis da Investigação da Relação Pedagógica em Competição

A investigação no desporto tem sofrido avanços, diversos estudos têm sido feitos no âmbito do treino e da competição (Botelho et al., 2005; Cloes et al., 1993; Cushion & Jones, 2001; Hagemann, Strauss, & Busch, 2008; Lombardo et al. 1983; I. Mesquita, Sobrinho, Rosado, Pereira, & Milistetd, 2008; Moreno, 2001; Nguyen, 2005; J. Nunes et al., 2011; M. Nunes, 1998; Ramirez & Diaz, 2004; Richheimer & Rodrigues, 2000; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012; M. Smith & Cushion, 2006; Trudel et al., 1996).

Rodrigues (1997) refere que a pesquisa no âmbito das decisões, estratégias e técnicas que o treinador utiliza em competição tem uma particular importância. A análise do desempenho do desporto tem permitido recolher um conjunto de informações pertinentes relativamente à atividade do treinador em treino e competição, tendo em conta que a instrução eficaz é crucial para um bom desempenho dos atletas. As informações objetivas sobre o desempenho dos atletas são usadas pelo treinador para

projetar a sua intervenção pedagógica, e posterior ajuda na modificação do comportamento dos atletas (Hodges & Franks, 2002).

Não pretendemos neste ponto do enquadramento teórico fazer uma referência exaustiva em relação à investigação sobre a atividade pedagógica do treinador. Pretendemos sim registar o que se tem verificado em diferentes estudos relativamente às variáveis que constam do Modelo de Análise da Relação Pedagógica (Rodrigues, 1997) em competição e que foram tidas em conta nas questões metodológicas da nossa investigação.

A análise dos comportamentos e decisões em competição segundo Rodrigues (1997), deve ter em conta cinco variáveis (presságio, processo, contexto, programa e produto) que são definidas no Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Competição.

As variáveis de presságio estão relacionadas com a formação inicial, formação contínua, experiência profissional acumulada e as características pessoais (motivação, inteligência, personalidade, valores, etc.). De acordo com Rodrigues, Sarmento, Rosado, Leça-Veiga, Ferreira e Moreira (1999), tem de ser dada importância a esta variável na análise da relação pedagógica, visto que a formação de treinadores ainda não é um processo uniforme, devido à diversidade de programas e modelos de formação existentes. A noção dos treinadores sobre o comportamento mais eficaz na intervenção pedagógica pode ser influenciada por um conjunto de fatores que estão relacionados com anteriores experiencias de como o treinador deve treinar, experiências educacionais e crenças tradicionais relativamente ao comportamento mais eficaz (Potrac, Jones, & Cushion, 2007).

Os comportamentos, decisões e interações que podem acontecer durante o treino ou a competição dizem respeito às variáveis de processo. O comportamento dos

treinadores, atletas, dirigentes, juízes, pais, etc. pode ser analisado em três momentos distintos: antes da interação (pré-interativos), durante a interação (interativos) e após a interação (pós-interativos).

As variáveis de contexto dizem respeito ao envolvimento, condições materiais, nível dos atletas (amador, profissional, idade, sexo, etc.) e regulamentos. Moreno (2004) defendem que a direção da equipa em competição está dependente de dois fatores: as características da modalidade e o regulamento da competição. Diversos estudos têm sido feitos, em diferentes modalidades para analisar o comportamento de instrução dos treinadores em competição, e verificamos relativamente ao conteúdo da instrução, que no futebol é predominantemente tática (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008) e no voleibol é preferencialmente psicológica (Cloes et al., 1993; Moreno & Campo, 2004).

Já foi desenvolvido por nós um estudo em dois contextos diferentes e verificamos que existem diferenças no comportamento de instrução nos treinadores de jovens e seniores (F. Santos et al., 2012).

Baker, Yardley e Côté (2003) verificaram que o tipo de desporto – individual ou coletivo, é um importante fator a ter em conta nas análises dos comportamentos dos treinadores. No estudo desenvolvido por estes autores foi verificado diferenças na relação entre os comportamentos dos treinadores e o grau de satisfação dos atletas dos desportos individuais e coletivos. Também Hagemann et al. (2008) verificaram diferenças no comportamento observado em competição, em treinadores de ligas de top e treinadores de campeonatos locais de Andebol e Basquetebol, principalmente ao nível da informação direcionada aos árbitros e painel de juízes, da quantidade de instrução emitida, da informação emitida sobre o adversário, da frequência de reações de raiva/frustração e da crítica, elogio e motivação emitida aos jogadores.

Relativamente às variáveis de programa, estas relacionam-se com os objetivos da equipa para a competição, que podem influenciar o comportamento do treinador. Lombardo et al. (1983) analisaram 38 treinadores de jovens de diferentes modalidades, em competição e verificaram que quando estes estão em posição de vencedores o seu comportamento é caracterizado por uma interação com os seus jogadores verbal e não-verbal, neutral e negativa, enquanto que nos treinadores que se encontram a perder, os comportamentos observados são caracterizados por uma interação verbal, não-verbal positiva. Estes resultados não se registaram num estudo efetuado por Nguyen (2005), com treinadores de jovens de Basebol. O referido autor verificou que há alterações no comportamento do treinador consoante o resultado da competição. Com a derrota aumenta a intervenção punitiva, diminui o comportamento desportivo, não se verificando grandes diferenças na instrução geral técnica e instrução sobre erros técnicos. Segundo Smith e Smoll (2011) alguns treinadores respondem à situação de derrota com um aumento da taxa de comportamentos punitivos e uma taxa reduzida de comportamentos de instrução, enquanto outros diminuem em comportamentos punitivos e têm comportamentos de apoio ou de instrução.

As variáveis de produto estão relacionadas com o resultado e performance da equipa. Rodrigues et al. (1999) referem que apesar dos resultados na competição não serem claramente uma variável de produto, é importante verificar quais os fatores que o influenciam, a fim de objetivar o sucesso desportivo e pedagógico. F. Santos et al. (2012), na modalidade de futebol, verificou em contexto de seniores a influência do resultado e do tempo de jogo no comportamento motor reativo. Foram registados valores mais altos num dos jogos relativamente aos restantes observados, para a categoria “não modifica o comportamento”, ou seja os jogadores não modificavam o

comportamento ou execução da ação técnico-tática, apesar da informação emitida pelo treinador.

2.3. A função e perfil do treinador no contexto do setor de formação

Tendo em conta o que foi referido no ponto anterior o processo de comunicação na relação treinador-atleta, estabelecida em competição, deve ter em conta o contexto em que este ocorre. Desta forma neste ponto será abordado não só a definição de treinador, como também verificado com base em autores o que é exigido a um treinador que exerce a sua função no contexto de formação.

O treinador é um técnico especializado na modalidade desportiva em que exerce a sua atividade (Castelo & Barreto, 1996) e que tem por missão preparar e formar jogadores (Terroso & Pinheiro, 2010). É um profissional que tem como função conduzir o processo de treino/competição desportivo, tendo por base um conjunto de competências que influenciam a capacidade de desempenho profissional (Rosado & Mesquita, 2007). Hodges e Franks (2002) defendem que um dos papéis do treinador é de instrutor, sendo responsável por ensinar o atleta "o que fazer" e "como fazer bem".

Os treinadores são considerados como um fator fortemente relacionado com a eficácia dos atletas. Esta ação dos treinadores em competição é de grande importância tendo em conta o seu papel relacionado à organização, gestão de *stress* dos atletas, e nos desportos coletivos, de implementar estratégias que levem a equipa a atingir os seus objetivos (Cloe set al., 2001).

O estatuto de autoridade do treinador é consubstanciado por uma autoridade superior (dirigente do clube/administrador da Sociedade Anónima Desportiva) e pelo exercício da sua atividade. É através da atividade em treino e competição que o treinador reforça a sua liderança através do conhecimento técnico especializado, da

qualidade intervenção pedagógica, da racionalização de comportamentos e ações dos jogadores que se quer ver na competição e da organização e planificação do treino e competição (Castelo & Barreto, 1996). Potrac, Jones e Armour (2002) efetuaram um estudo com um treinador *expert* inglês, e este refere na sua entrevista a necessidade de provar junto dos seus jogadores os seus conhecimentos e experiência, a fim de ganhar o respeito dos jogadores, reforçando o poder legítimo inerente à função social que exerce.

O treinador para poder desempenhar a sua atividade deverá possuir um determinado perfil. O perfil do treinador, para além do estilo de liderança, pode definir-se dentro dos seguintes parâmetros: como um técnico, um organizador e um condutor de praticantes (Curado, 1991). Segundo Bell (1997) o papel do treinador é de grande responsabilidade e vai muito para além de ganhar os jogos, pois pode estimular ou destruir o potencial humano de um atleta.

O treinador no desenvolvimento da sua função deve ter em conta um aspeto fundamental, o contexto em que a exerce. Treinar jovens é diferente de treinar adultos e estes dois contextos exigem do treinador que exerça a sua função de forma adequada. Côté, Young, North e Duffy (2007) referem que o treinador excelente é aquele que desenvolve as suas competências tendo em conta o contexto em que trabalha. As diversas etapas de desenvolvimento do atleta exigem do treinador uma intervenção diferenciada.

Segundo Gomes, Pereira e Pinheiro (2008) as ações dos treinadores têm um impacto significativo na experiência desportiva dos atletas, logo é muito importante que haja a necessidade de uma adaptação dos seus comportamentos, tendo em conta a idade, tipo de atletas a fim de haver uma maior eficácia na relação treinador-atleta.

É neste sentido que Serpa (2003) refere que as tarefas do treinador da formação são caracterizadas da seguinte forma:

- Complexas, devido aos múltiplos fatores e variáveis a considerar;
- Exigentes ao nível das competências técnicas, pedagógicas e científicas;
- Responsabilidade, pois o comportamento do treinador tem reflexo na formação desportiva e pessoal do atleta.

I. Mesquita (2005) acrescenta que existem princípios fundamentais que devem nortear a execução das tarefas por parte do treinador:

- Considerar a prática desportiva como um elemento importante para a formação integral do praticante;
- Fomentar a prática de atitudes corretas, sendo desta forma um modelo a seguir pelo jovem praticante;
- Ter consciência que o período de formação do praticante é fundamental para o seu percurso desportivo, devendo nesta fase os objetivos da formação não se sobreporem aos do rendimento.

Desta forma, o treinador no setor de formação não se deve restringir somente ao ensino dos aspetos técnicos, táticos e físicos, mas deve também assumir um verdadeiro compromisso de como exerce a sua atividade, a fim de ser um exemplo para os seus atletas (Pinheiro, Costa, Batista, & Sequeira, 2012).

Serpa (2003) defende que o treinador de jovens deve ter como função motivar os jovens para a prática: adesão à prática, continuidade na prática, empenhamento na prática e finalidade da prática. Se por vezes o treinador não é o responsável pelo início dos jovens na prática desportiva, a continuidade está muitas vezes associada ao seu estilo e métodos. O treinador tem um papel importante para que os jovens encontrem a finalidade e significado pessoal da prática desportiva influenciando um envolvimento empenhado e continuado.

I. Mesquita (2005) reforça esta ideia referindo que apesar da formação do atleta ser influenciada por diversos agentes (pais, árbitros, dirigentes, etc.), ela é da responsabilidade do treinador, tendo em conta que este é que orienta e prepara o treino e a competição. Segundo a autora o treinador é responsável pela evolução dos atletas nas suas diferentes fases – iniciação, orientação e especialização, devendo desta forma ter um comportamento correto em treino e em competição, contribuindo desta forma para uma intervenção de qualidade.

Pinheiro et al. (2012) referem a importância do processo de comunicação no setor de formação ser assente em elogios, encorajamentos e incentivos, a fim de serem criadas melhores condições para a aprendizagem, para ter um clima motivacional positivo e uma maior confiança entre treinador-atleta.

De acordo com o já referido, os treinadores no exercício da sua função devem ter em conta se exercem a sua atividade no setor de formação, com seniores ou até no alto rendimento. Todos estes contextos exigem dos treinadores abordagens diferentes no treino e na competição. F. Santos et al. (2012) verificou essas mesmas diferenças no comportamento de instrução dos treinadores durante a direção de equipas jovens e de seniores. No contexto onde a nossa investigação é realizada, os treinadores devem respeitar as diferentes etapas de desenvolvimento dos jovens atletas, ter um comportamento correto e adequado à idade dos atletas, a fim de conseguirem realizar intervenções de qualidade e proporcionar um clima positivo na relação entre treinador e atleta.

2.4. A Importância da Comunicação em Competição

Na sequência do referido anteriormente já pudemos verificar que o processo de comunicação durante a competição é importante para o reforço de liderança do treinador

e fundamental para o sucesso da relação treinador-atleta. Treinador (*Coaching*) é uma profissão complexa e exigente que inclui muito mais do que apenas treinar atletas para competir (Vallé & Bloom, 2005).

O desenvolvimento da atividade do treinador (*Coaching*) é uma área que se preocupa com diversos aspetos ligados ao treino e à competição desportiva. Nesta área encaixa a problemática relacionada com a eficácia da intervenção pedagógica em competição, ou seja com o conjunto de decisões e comportamentos interativos que o treinador estabelece na direção da equipa.

Greenleaf, Gould e Difeffenbach (2001) realizaram um estudo que pretendia verificar quais os fatores que influenciaram positiva e negativamente a performance olímpica dos atletas dos Estados Unidos da América. Para esse objetivo foram entrevistados 8 atletas que participaram nos jogos de Atlanta e 7 atletas que participaram nos jogos de Nagano. Os atletas entrevistados atingiram nos jogos referidos diferentes níveis de performance, tendo alguns atingido e até superado o desempenho expectado e outros falharam as expectativas que tinham relativamente ao seu desempenho. Os atletas referiram que as questões relacionadas com o *coaching* foram um fator importante para o desempenho alcançado. Foi referido como fator positivo que influenciou a performance dos atletas, a receção de feedback e como fator negativo as informações técnicas imprecisas emitidas pelo treinador. Uma das conclusões deste estudo foi que a comunicação fraca entre treinador-atleta teve um impacto negativo no desempenho olímpico dos atletas.

Num estudo realizado por Jones, Armour e Potrac (2003) foram realizadas entrevistas a um treinador de profissional de futebol, que referiu a importância de um conhecimento profundo sobre o jogo e a capacidade desse conhecimento ser transmitido aos jogadores. O mesmo treinador referiu a importância da forma e do timing da

emissão da informação, bem como a criação de um ambiente positivo na interação entre treinador-atleta.

Robert , Gyöngyvér e Attila (2013) realizaram um estudo com o objetivo de verificar quais são os fatores que levam a um maior sucesso das equipas de Andebol da Sérvia. Foram comparadas duas equipas de jovens masculinos (14-18 anos) de dois países que se encontram próximos no ranking da Federação Internacional de Andebol (Sérvia, 4º e Hungria, 5º). Foi verificado que não existem diferenças consideráveis no desempenho físico e parâmetros antropométricos entre as duas equipas comparadas. Os resultados do estudo demonstram que os jovens jogadores Sérvios têm uma melhor relação com o seu treinador e uma melhor atitude para o treino. Estes dois fatores são apontados como explicação para o motivo dos atletas sérvios serem mais abertos, confiantes nos seus treinadores, permitindo que sejam muito mais eficazes. De acordo com os resultados, os autores afirmam que é muito importante os treinadores conhecerem o poder construtivo e destrutivo da sua comunicação, sendo que as estratégias adotadas podem influenciar num melhor ou num pior desempenho por parte dos atletas.

Segundo Brandão (2010) o comportamento e a capacidade de comunicação do treinador são fundamentais para uma liderança efetiva. De acordo com esta afirmação os mesmos autores referem que existem alguns aspetos que os treinadores devem ter atenção na interação com os atletas, pois podem influenciar positiva e negativamente o rendimento dos jogadores em competição: tom de voz, quantidade e qualidade da informação emitida, momento das intervenções, momentos em que o treinador tem um comportamento mais opressivo ou um comportamento direcionado para a instrução ou reforço. Estas variáveis são importantes para o treinador ter em conta no processo de

comunicação, devendo estar de acordo com o contexto das situações de jogo, bem como as características dos atletas.

Segundo Terroso e Pinheiro (2010), o treinador atual tem de possuir um conjunto de conhecimentos e capacidades superiores às que eram exigidas aos treinadores do passado.

Nos dias de hoje, na nossa opinião, o sucesso da atividade de treinador não está só dependente de saber muito de metodologia do treino, da análise tática do jogo, etc., mas também da forma como comunica com os atletas. Davies, Bloom e Salmela (2005) entrevistaram 6 treinadores masculinos de Basquetebol que trabalham no contexto do desporto universitário canadiano com o objetivo de examinar a sua satisfação no trabalho. Os treinadores enfatizaram a importância das suas interações interpessoais, realçando as relações positivas e construtivas com os atletas para fortalecer as tomadas de decisão.

Numa entrevista a um treinador *expert* é referido que o poder legítimo ganho pelo treinador é influenciado pela capacidade de emitir informação lógica, que pretende influenciar uma mudança de comportamento. O mesmo treinador na entrevista que lhe foi feita refere que acredita que existem critérios que têm de ser cumpridos tendo em vista um processo de comunicação com sucesso e que seja uma experiência interessante para os jogadores. O primeiro critério é que o treinador não deve somente ter um amplo conhecimento, mas tem de o demonstrar durante a interação com os jogadores. A incapacidade de demonstrar o conhecimento é referida com um pecado capital do treinador de futebol (Potrac et al., 2002).

Bloom e Salmela (2000) entrevistaram 16 especialistas, treinadores de desportos coletivos (Basquetebol, Hóquei no Gelo, Hóquei no Campo e Voleibol) para saber quais as características do treinador *expert*. Os resultados demonstram que uma das

características individuais bastante valorizadas pelos treinadores foi a comunicação efetiva, tendo sido considerada um valioso atributo. Na área da comunicação com atletas, os treinadores entrevistados referiram que é importante compreender o que os seus jogadores sentem, a fim de promover uma melhor interação.

Côté e Sedgwick (2003) efetuaram uma entrevista com questões baseadas no *Coaching Model* (Côté, 1998) a dez treinadores *experts* e a dez atletas de elite de remo, com o objetivo de verificar a sua perceção relativa à eficácia do comportamento no processo de *coaching* em treino, competição e organização, concluíram que o conhecimento específico da modalidade e as técnicas de comunicação são muito importantes.

Saiz, Ruano, Luján e Calvo (2007) efetuaram um estudo qualitativo com o objetivo de analisar as características dos treinadores *experts*. Foram entrevistados 8 treinadores *experts* de Basquetebol, que valorizaram muito a forma de interação e comunicação com a equipa, em treino e competição, sendo referido por um dos entrevistados que o trabalho do treinador profissional pode-se definir com 25% de conhecimento do jogo e 75% de capacidade de liderar, de comunicação e gestão.

Com o objetivo de avaliar a perceção que os atletas de Voleibol têm sobre o comportamento do seu treinador em competição, Brandão e Carchan (2010), realizaram um estudo com 12 jogadores de uma equipa masculina de alto rendimento brasileira. Os resultados mostram que 75% dos atletas tendem a perceber o comportamento do treinador e a sua influência no rendimento, 17% referem que o comportamento do treinador e sua influência no rendimento nos jogos depende das circunstâncias e 8% afirmam que o comportamento do treinador não influencia a sua atuação em competição. Neste estudo também se verificou que os jogadores percecionam a influência do comportamento do treinador no seu rendimento, de uma forma negativa.

De acordo com os mesmos autores esses resultados podem dever-se ao treinador estar muitas vezes focado nos aspetos negativos da performance dos jogadores durante a competição.

Tendo em conta os diversos estudos apresentados, podemos verificar a grande importância dada por técnicos e atletas às decisões e comportamentos dos treinadores durante o treino e a competição.

Segundo Côté et al. (2007) a aplicação das habilidades de *coaching* está dependente do contexto em que os treinadores exercem a sua atividade. Os mesmos autores referem que os treinadores excelentes têm conhecimento e estão constantemente a delinear estratégias para satisfazer as necessidades dos seus atletas e para gerir eficazmente as funções relativas ao *coaching* – organização, treino e competição.

De acordo com Moen e Garland (2012) um aspeto vital no *coaching*, na relação treinador atleta e no reforço da liderança do treinador é a comunicação, pois pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento e desempenho dos atletas em competição.

É através da comunicação que os treinadores emitem instruções técnicas, táticas e que fazem a gestão da sua equipa (Culver & Trudel, 2000), sendo esta a forma que o treinador utiliza para transmitir os seus conhecimentos, tornando a sua competência técnico-desportiva acessível a todos os jogadores (Castelo, 2002).

Segundo Laios, Theodorakis e Gargalianos (2003) o processo de comunicação de orientações efetivas relativas ao jogo, entre treinadores e atletas, é um fator importante para alcançar os objetivos definidos.

Os treinadores de sucesso destacam-se pela capacidade de comunicar (Hotz, 1999), pois pode ter influência no rendimento do atleta de forma positiva ou negativa

(Richheimer & Rodrigues, 2000). A boa comunicação entre treinador e jogador é vital para o êxito da equipa (Cook, 2001).

A comunicação é desta forma uma das competências mais importantes dos treinadores, visto que pode ser crucial para o desfecho do jogo (Dias, Sarmento, & Rodrigues, 1994). É neste sentido que Lima (2000) e Pacheco (2005) referem que a competência de saber emitir informação passa pelo conhecimento concreto e objetivo do jogo e pela capacidade do treinador comunicar com os jogadores.

A relação treinador-atleta envolve uma grande dose de confiança e comunicação. O conhecimento individual dos atletas é crucial para a tomada de decisão por parte do treinador relativamente ao tipo de feedback a ser emitido (Giacobbi, Whitney, Roper, & Butryn, 2002).

De acordo com o anteriormente referido o processo de comunicação ganha importância na formação de treinadores, bem como o aperfeiçoamento de técnicas de comunicação. Lima (2000) reforça esta ideia ao referir que o treinador pode saber tudo sobre a modalidade em que exerce a sua função, compreender as necessidades físicas e psicológicas dos seus jogadores, mas o sucesso e insucesso da sua atuação e dos jogadores, depende da comunicação entre treinador e atletas e atletas/treinador. I. Mesquita (2005) acrescenta que o êxito da forma como treinador comunica está dependente do domínio de técnicas de comunicação, já que estas envolvem não só a capacidade de falar mas também de saber ouvir. A comunicação verbal efetiva envolve o saber fazer perguntas, saber estimular a comunicação e saber ouvir. Desta forma, e de acordo com a mesma autora, o treinador deve desenvolver a capacidade de saber ouvir os seus jogadores. Esta estratégia irá permitir que os jogadores assumam uma atitude responsável e comprometida com o que estão envolvidos (Pereira, Mesquita, & Graça,

2010). Na comunicação verbal com os atletas, os treinadores devem preparar o que pretende dizer de forma clara, concisa e precisa (I. Mesquita, 2005).

Segundo R. Mesquita (1997) e I. Mesquita (2005) outra das estratégias a desenvolver é a comunicação não-verbal, através da utilização de gestos, expressões faciais, olhares, ações, posturas ou adoção determinadas atitudes.

A comunicação não-verbal assume relevância em profissões com as do treinador, na medida que contribui para uma maior perceção por parte do recetor da informação (R. Mesquita, 1997). No entanto, Silva (2004) alerta para a necessidade da linguagem não-verbal ser bem compreendida, uma vez que o sucesso ou o insucesso da comunicação pode influenciar a eficácia da atividade do treinador. Nos estudos efetuados na modalidade de futebol, com treinadores do setor de formação e de seniores, tem-se verificado uma reduzida utilização da comunicação gestual, sendo que as formas preferenciais de comunicação da instrução aos atletas são a verbal e mista (gestual e verbal) (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

R. Mesquita (1997) refere que a comunicação verbal e gestual, podem se complementar apresentando-se ao mesmo tempo na interação com os atletas. Segundo Capitanio (2003) quando a existe congruência entre a comunicação verbal e não-verbal o impacto da mensagem é mais forte e melhor rececionada.

O "The official US Youth Soccer Coaching Manual" (Fleck, Quinn, Carr, Buren, & Stringfield, 2002) salienta que para um processo de comunicação adequado é importante que a informação verbal e não-verbal (linguagem corporal e gestos) seja apropriada. A linguagem utilizada pelos treinadores deve ser apropriada relativamente às palavras utilizadas, tom de voz, volume, ritmo e articulação.

O processo de comunicação entre o treinador e atleta deve ser claro (Lima, 2000), coerente, com correta entoação e dicção (Castelo, 2002), recorrendo a

informações individuais adequadas, de maneira convincente, no momento oportuno e com o doseamento certo (Hotz, 1999). Mesmo as ideias mais complexas necessitam de ser transmitidas de uma forma inequívoca (Bolchover & Brady, 2008). A comunicação deve promover uma relação treinador-atleta positiva, a coesão da equipa, reduzir a ansiedade competitiva e o medo de falhar (Cruz, Dias, Gomes, Alves, Sá, Viveiros, Almeida & Pinto, 2001; R. Smith & Smoll, 1997).

Castañer, Miguel e Anguera (2009) enfatizam a importância da eficácia da comunicação em competição, para que o treinador reforce a liderança perante o grupo, para que os jogadores atinjam níveis ótimos de motivação, autoconfiança e autoestima necessárias a um rendimento de acordo com os objetivos definidos.

Pelo referido anteriormente, pensamos que no desporto atual é importante que o treinador tenha competência não só nas áreas relativas à metodologia do treino, observação do jogo, mas também ao nível da comunicação. A comunicação é uma das competências bastante valorizadas por treinadores e atletas, sendo referida como um aspeto que pode influenciar o rendimento dos atletas e da equipa. Desta forma, é fundamental que o treinador de hoje domine técnicas de comunicação, com o objetivo de conseguir passar a sua mensagem, para que os atletas atinjam níveis ótimos de autoestima, autoconfiança e motivação fundamentais para que se consiga atingir as metas pretendidos. Uma eficaz comunicação é também importante na gestão do grupo e correspondente reforço da liderança junto dos jogadores e da equipa.

2.5. A Receção da Informação no Processo de Comunicação

No processo de comunicação que se estabelece em contexto competitivo, a receção da mensagem é ponto fundamental para verificar a eficácia da instrução emitida pelo treinador. Diversos fatores podem influenciar a receção ótima da informação. Lima

(2000) refere que os problemas tipo que ocorrem na comunicação estão relacionados, com a objetividade da intervenção do treinador; com a perceção que os jogadores fazem da informação transmitida e com a capacidade do treinador fornecer informação aos jogadores e equipa, tendo em vista o ótimo rendimento, compatibilizando objetivos individuais e coletivos.

De acordo com Cunha (1998) um jogador pode esquecer a informação recebida devido à perturbação da concentração, da atenção e à elevada exigência de processamento de informação proveniente do próprio jogo.

A eficácia das instruções emitidas pelo treinador, durante a competição, depende se os atletas conseguem reter e perceber a informação, o que levará a um melhor nível de performance. A capacidade de processar a informação por parte dos atletas pode ser afetada pelos seguintes fatores: nervosismo e ansiedade experimentada em competição, quantidade e natureza da informação transmitida pelo treinador (I. Mesquita et al., 2008).

De acordo com o referido, Hotz (1999) defende que o treinador deve verificar se cada intervenção é realmente necessária, procurando analisar se é apenas apropriada ou se é também importante para o atleta que a recebe, se é percetível a fim de ser colocada em prática num determinado contexto e se deverá ser feita alguma correção de acordo com o rendimento alcançado.

A comunicação eficaz é fundamental para o êxito da equipa e para que a relação treinador-atleta não seja confusa e conflituosa. É neste sentido que no processo de comunicação deve ter em conta que cada jogador é distinto, logo a forma de emitir a informação deve ser diferenciada (Cook, 2001).

O trabalho com atletas com diferentes níveis de habilitações académicas, deve ter em conta o tipo de instrução, as estratégias de instrução utilizadas, a fim de ser mais

fácil perceber e reter a informação emitida (Rosado et al., 2008). Os mesmos autores efetuaram um estudo sobre a instrução no treino de Ginástica Acrobática e verificaram que no feedback não se verificou diferenças na retenção da informação, tendo em conta o nível académico. No entanto, na apresentação de tarefas, os atletas com nível académico elementar obtiveram baixos valores de retenção.

No futebol, é de todo pertinente ser objeto de reflexão por parte do treinador a questão estudada na investigação acima referida, uma vez que durante a competição o treinador emite instrução para dezoito jogadores (jogadores titulares e suplentes) e todos eles com diferentes níveis de escolaridade. Desta forma, pensamos que é fundamental os treinadores de futebol terem em conta mais esta questão no processo de comunicação, reconhecerem as diferenças individuais, tendo em vista o sucesso da intervenção pedagógica.

I. Mesquita et al. (2008) efetuaram um estudo com o objetivo de analisar a instrução antes da competição, com 11 treinadores e 58 atletas de Judo e verificaram que uma parte substancial da informação emitida não é retida por parte dos atletas. Registaram também que não existe coerência entre o número de ideias relatadas pelos atletas e as transmitidas pelo treinador. De acordo com estes resultados os autores propõem a adoção das seguintes estratégias de instrução por parte dos treinadores de Judo: a informação deve ser concisa, específica, prescritiva e precisa, pois é mais fácil os atletas reterem informação com poucas palavras.

Januário, Rosado e Mesquita (2006) efetuaram um estudo para analisar a retenção e a perceção da justiça dos alunos em relação aos comportamentos regulação e controlo disciplinar e verificaram que 56,5% dos alunos apresentaram um valor de coerência com as reações dos professores aos comportamentos de indisciplina, enquanto que 43,5% dos alunos apresentaram dificuldades em reproduzir, em parte ou na

totalidade, a informação emitida. O valor médio de coerência (razão entre o número de ideias concordantes entre o professor e o aluno) registado neste estudo é de 68,4%. O mesmo estudo registou que a coerência da informação está inversamente relacionada com a extensão da informação e com o número de ideias transmitidas, o que reforça a importância da informação transmitida ser concisa e focada sobre as componentes críticas dos conteúdos de aprendizagem. A informação sobre a forma mista apresentou valores mais baixos de retenção. No que respeita à perceção dos alunos acerca da justiça das reações de controlo disciplinar, 90,4% foram avaliadas de justas e 9,6% percebidas como injustas.

Rosado et al. (2008) efetuaram um estudo em sessões de treino de Ginástica Acrobática, onde pretendiam analisar a instrução na apresentação de tarefas e feedback, bem como a retenção por parte dos atletas. Verificaram nos dois tipos de instrução estudados que se registou o mesmo nível de retenção por parte dos atletas. Os valores de coerência registados para a apresentação de tarefas foram de 60,8% e para o feedback de 61,8%, desta forma cerca de 40% da informação emitida por parte do treinador não é retida. Este estudo sugere que os atletas revelam maior dificuldade na retenção da informação quanto esta é longa, pouco contextualizada e não se refere especificamente a qualquer tarefa motora específica.

No que concerne à avaliação da eficácia da intervenção pedagógica do treinador em competição, a metodologia não é muito fácil aplicar a fim de averiguar a retenção da informação por parte dos atletas. Os estudos por nós apresentados são efetuados em contexto de aulas de Educação Física, treino e antes da competição. Já foi desenvolvido por F. Santos et al. (2012) um estudo com treinadores de futebol, durante a competição, que procura averiguar a atenção e o comportamento motor reativo à instrução emitida. Tanto com treinadores de jovens como com treinadores de seniores os atletas

demonstram estar atentos (98,6% - 97,6%) e modificam o comportamento positivamente (75,9% - 74,8%). Verificamos também somente 62,9% - 56,9% da informação emitida tem repercussões no comportamento imediatamente observável dos jogadores e equipa.

Rodrigues (1995) refere que a reação do aluno ao feedback pode ser um indicador fundamental da sua eficácia. Cunha (1998) acrescenta, que a instrução efetiva é aquela que coloca os jogadores a fazer aquilo o que se lhes pediu. Alguns estudos já foram efetuados com a mesma metodologia, mas em contexto de aulas de Educação Física e sessões de treino.

Piéron (1980) verificou que existem modificações apropriadas do comportamento dos alunos, resultante da reação a feedbacks verbais acompanhados de informação visual e de informação prescritiva, num estudo efetuado durante as aulas de Educação Física.

Piéron e Delmelle (1982) num estudo efetuado nas aulas de Educação Física, com 10 professores do sexo masculino, verificaram que existe mudança da performance motora em resposta aos feedbacks emitidos, nas classes júnior (71,3%) e sénior (72,5%). O feedback prescritivo é aparentemente mais efetivo nas classes júnior (75%), enquanto que na classe sénior o feedback descritivo promoveu mais modificações da performance motora (75,3%).

Rodrigues (1995) realizou um estudo com professores estagiários e profissionalizados de Educação Física e verificou que em ambos os casos os alunos parecem estar atentos à informação emitida e modificam o comportamento positivamente.

Ried, Fugita, Freudenhein, Basso e Corrêa (2012) efetuaram um estudo com 43 universitários de ambos os sexos e idades compreendidas entre os 17 e 46 anos, com o

objetivo de verificar o efeito da instrução com e sem redundância na adoção do foco de atenção externo, o efeito do foco de atenção externo no desempenho do nado de crawl e o efeito da redundância do enunciado da instrução na adoção do foco e no desempenho. Para cumprir esses objetivos foi realizado 25 metros de nado de crawl em velocidade máxima. Foi executada a tarefa uma vez em três condições diferentes relativas à instrução – sem foco; com foco e com foco e redundância. Os resultados registados demonstram que nas condições com foco e com foco e redundância, 23% e 42% dos sujeitos não adotaram o foco solicitado e que não houve diferenças significativas nas três condições estudadas relativamente ao desempenho.

Richheimer e Rodrigues (2000) num estudo com treinadores do sector de formação – 4 com formação em Educação Física e 4 sem formação em Educação Física – em contexto de treino, verificaram que os jogadores demonstram estar quase sempre atentos (96,70% - 92,20%) e modificam positivamente o comportamento em resposta ao feedback emitido (82,70% - 80,60%).

No processo de comunicação a receção da mensagem é de vital importância na interação treinador-atleta. Diversos fatores relacionados com a capacidade do treinador emitir informação, a ansiedade o nervosismo dos atletas, a quantidade de informação a ser processada proveniente do próprio jogo, podem ser responsáveis pelas dificuldades que são criadas na receção ótima da informação emitida.

Os estudos apresentados anteriormente demonstram essas dificuldades sentidas no processo de comunicação, visto que os resultados apontam para uma parte substancial da informação não ser retida pelos atletas. Também estudos feitos em contexto competitivo registaram valores mais baixos para a mudança de comportamento de acordo com a instrução emitida pelo treinador relativamente ao contexto de treino. Estes resultados devem ser pontos de reflexão para os treinadores a fim de

aperfeiçoarem suas estratégias de comunicação, tendo em conta o contexto em que exercem a sua atividade, para que consigam uma eficaz interação com os seus atletas e equipa.

2.6. Relação entre as Decisões Pré e Pós Interativas e o Comportamento do Treinador

O treinador tem como umas das suas missões dirigir a equipa em competição. De acordo com o referido nos pontos anteriores a comunicação é uma das competências fundamentais do treinador, estabelecendo por vezes a diferença entre o sucesso e o fracasso. A orientação da equipa na competição acontece em diferentes momentos (preleção antes da competição, durante a competição, nas substituições, no intervalo dos jogos e no fim do jogo), onde ação do treinador é importante, por vezes fundamental para que sejam atingidos os objetivos pretendidos. Desta forma toda esta atividade do treinador deve ser objeto de tomada de decisões prévias e de reflexões após a competição por parte do treinador.

Segundo Brito (2002) a atividade pedagógica do treinador é o resultado das decisões pré interativas (planeamento) e das decisões interativas.

Segundo Moreno e Alvarez (2004), os comportamentos colocados em prática na sessão de treino ou competição resultam de decisões tomadas previamente.

Alguns estudos têm sido feitos para analisar as decisões pré-interativas e comportamentos interativos, bem como verificar se existe relação entre os processos cognitivos e os processos comportamentais.

R. Santos e Rodrigues (2002), realizaram um estudo com treinadores e professores, na modalidade de Ténis e verificaram que as suas decisões de planeamento (pré-interativas) se centram nos conteúdos do treino.

Brito e Rodrigues (2002) estudaram treinadores de Ginástica Artística com o objetivo de verificar se existe relação entre o comportamento pedagógico e o pensamento pré-interativo. Os resultados demonstraram a existência de somente uma correlação negativa na categoria instrução no grupo de professores, no treino antes da competição, e na categoria interação no grupo treinadores, no treino após a competição. Estes resultados demonstram duas coisas: professores e treinadores tomam uma determinada decisão e depois não o fazem, ou, nas decisões pré-interativas não tomam em conta determinado comportamento e no treino esse comportamento tem muitas ocorrências.

A. Santos e Rodrigues (2006) no seu estudo com treinadores de Futebol da II Divisão Nacional B verificou que as suas expectativas relativamente ao comportamento de instrução durante a competição incidiram fundamentalmente na informação de carácter afetivo positivo e descritivo, na forma auditiva, com direção ao atleta e com conteúdo claramente psicológico e tático. Quando o autor efetuou a correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução verificou que existe correlação na dimensão objetivo para as categorias prescritivo e afetivo positivo. Estes resultados demonstram que os treinadores que têm mais expectativa de instruir prescritiva e afetiva positivamente, são aqueles que realmente o fazem na competição. Foram também encontradas relações significativas nas dimensões direção (subcategoria grupo atletas suplentes), na dimensão conteúdo (categoria técnica; subcategoria sistema de jogo). O autor refere que no seu estudo apesar de não se verificarem muitas relações significativas dentro da mesma categoria, existe em termos gerais um perfil de instrução idêntico entre as expectativas e o comportamento de instrução, pois na maioria das categorias em que é dada mais ou menos importância e em que ocorrem com mais ou menos frequência, são as mesmas.

As decisões pós interativas são o conjunto de reflexões realizadas após o treino ou a competição (Sequeira, 2008).

Apesar dos estudos efetuados parecerem demonstrar que existe uma tendencial incoerência entre a auto perceção dos treinadores/professores/instrutores e o comportamento pedagógico observado, existe a necessidade de efetuar mais investigações relativas à relação entre o comportamento interativo e as decisões pós-interativas (Franco, Simões, Castañer, Rodrigues, & Anguera, 2013).

Cloes et al. (2001) efetuaram um estudo sobre as decisões táticas do treinador durante a competição, tendo por base o modelo de três etapas: decisões pré interativas, interativas e pós interativas. Foram observados quatro jogos e entrevistado um treinador de Basquetebol e um treinador de Voleibol da 2ª Divisão Nacional. O estudo pretendia verificar se no final do jogo o treinador conseguia dizer quais as suas decisões durante a competição e analisar os objetivos e fatores que influenciam as decisões interativas. Depois do jogo os treinadores foram a capazes de recordar algumas decisões interativas relacionadas com aspetos táticos. Estes resultados mostram que os treinadores devem ser treinados para analisar mais frequentemente as suas decisões interativas, levando-os a perceber melhor o que se passou durante a competição. Este estudo suporta a existência de ligações entre as três etapas do Modelo de Decisão dos Treinadores relacionadas às táticas (decisões pré interativas, interativas e pós interativas), sendo, no entanto referido pelos autores a necessidade de pesquisas adicionais para uma melhor compreensão dos mecanismos utilizados pelos treinadores na gestão das suas equipas.

Sequeira et al. (2013) realizaram um estudo com 6 treinadores de Andebol, com o objetivo de verificar a existência de relação entre as decisões pré e pós interativas e o comportamento dos treinadores. Foram observados 6 treinadores, em três jogos e realizada na totalidade 36 entrevistas. Os autores concluíram que o comportamento dos

treinadores apresenta algumas incoerências na relação entre as decisões pré e pós interativas. Utilizando o princípio da regularidade (Todorov & Moreira, 2009), os investigadores verificaram que em somente 1 treinador existe grande homogeneidade entre as decisões pré e pós interativas e o seu comportamento.

Em suma, na nossa perspetiva o estudo das variáveis cognitivas e o seu relacionamento com o comportamento do treinador ainda necessita mais estudos a fim de serem verificados os resultados obtidos. Têm sido registadas nos estudos efetuados poucas relações entre as decisões pré e pós interativas e o comportamento do treinador. A nossa investigação pretende não só verificar os resultados já obtidos, como também contribuir para uma melhor formação dos treinadores.

2.7. O Comportamento do Treinador na Direção da Equipa em Competição

A competição é o momento final do processo de preparação e é onde os jogadores e equipa expressam o seu rendimento desportivo, sendo fundamental o papel do treinador na direção e orientação da equipa (A. Santos & Rodrigues, 2008). Dentro deste quadro, em que vão ser medidas forças e capacidades entre duas equipas (Ferreira, 1994), o treinador vai ter de tomar decisões para interagir com os atletas e os seus comportamentos têm o objetivo de dirigir a equipa através da utilização de diversas técnicas de instrução, gestão, clima relacional e controlo disciplinar (Sarmento, Leça-Veiga, Rosado, Rodrigues, & Ferreira, 1993).

Segundo Lima (2000), a direção da equipa é um processo psicopedagógico de liderança e condução dos jogadores, tendo em conta as características, os regulamentos da modalidade e a personalidade dos jogadores visando obter os objetivos definidos.

De acordo com Cunha (1998), Lima (2000) e Castelo (2009) a direção da equipa em competição tem os seguintes objetivos:

- Estabilizar ou modificar o comportamento dos jogadores e equipa tendo em conta a planificação tática estabelecida para o jogo;
- Adequar os processos táticos e estratégicos em função da oposição oferecida pela equipa adversária, no ataque e na defesa;
- Tomar decisões que possam surpreender os adversários com ações táticas executadas no momento certo;
- Estimular a superação dos jogadores;
- Dar valor às ações coletivas dos jogadores e
- Motivar os jogadores para o alcance dos objetivos pré-estabelecidos.

Neste sentido é importante o treinador ter capacidade de observar as duas equipas em confronto, para que possa não só analisar a prestação da sua própria equipa e valorizar o rendimento dos seus jogadores, bem como responder às soluções colocadas em prática pela equipa adversária. Segundo Piltz (2003) a atividade do treinador durante o jogo é uma tarefa difícil e complexa que requer competências específicas em matéria de observação e análise. Desta forma, e tendo em conta que o treinador tem de observar uma grande quantidade de fatores durante a competição é importante estabelecer um guia que lhe permita tirar um conjunto de informações pertinentes afim de puder tomar decisões rápidas e seguras (Castelo, 2009).

Lima (2000) refere que é importante o treinador conseguir organizar a observação do jogo para ter eficácia na direção da equipa em competição.

A rápida e eficaz observação por parte do treinador é de extrema importância para resolução dos problemas colocados pelo jogo e pela equipa adversária (Piltz, 2003). O mesmo autor refere que o conhecimento do jogo e a capacidade de recolher informações pertinentes resultantes da observação são fatores importantes para a emissão de feedbacks relevantes para modificar as condições do jogo.

Launder e Piltz (1999) referem que o treinador pode influenciar alguns jogos com alterações táticas ou nos jogadores. A análise do jogo das duas equipas é de extrema importância, para que o treinador possa verificar o sistema de jogo, métodos de jogo, missões táticas dos jogadores, ver se a sua equipa está a cumprir a planificação estratégica e tirar partido das substituições. Para isso o treinador deverá se manter calmo a fim de poder tomar as decisões mais eficazes.

Cloes et al. (2001) no estudo realizado com um treinador de basquetebol e um treinador de voleibol verificaram que os principais fatores que levaram os técnicos a tomar decisões interativas em competição relativamente à estratégia de jogo foram o desempenho dos jogadores em campo (27%/26,1%); performance da equipa (14,9%/9,9%) e desempenho da equipa adversária (9,9%/20,5%).

No entanto, Castelo (2009) refere que existem alguns aspetos a ter em conta na direção da equipa em competição:

- Predisposição dos jogadores para se deixarem dirigir;
- Utilização de medidas diretivas apropriadas acompanhadas por meios apropriados;
- Ter em atenção as necessidades individuais, mas procurando que elas não se sobreponham às necessidades do grupo;
- Ouvir e observar são condições fundamentais para a direção eficaz da equipa em competição. Ambas pressupõem da parte do treinador predisposição e conhecimentos.

Moreno (2004) refere também que a direção da equipa em competição está dependente do regulamento da competição e características da modalidade. No futebol o treinador dirige a equipa em competição no banco de suplentes ou junto a este, não podendo sair da área técnica.

A direção da equipa em competição é uma das tarefas mais difíceis, dentro daquelas que fazem parte da função do treinador, mas ao mesmo tempo das mais valorizadas por dirigentes, sócios, jogadores, meios de comunicação social, etc. (Castelo, 2009), sendo manifestada através da instrução emitida aos jogadores e equipa (A. Santos & Rodrigues, 2008).

Instrução é a técnica de intervenção pedagógica que os treinadores utilizam durante a competição, com o objetivo de comunicar informação com um determinado conteúdo, avaliar a prestação dos jogadores e equipa, bem como questionar sobre algum aspeto. Deve contribuir para um clima positivo, para haja um maior empenho por parte dos jogadores e melhor interação treinador-atleta (Cunha, 1998).

Baker et al. (2003) num estudo efetuado com 198 atletas de 14 desportos (desportos coletivos – Basquetebol, Hóquei, Râguebi, Futebol e Voleibol e desportos individuais – Natação, Atletismo, Ginástica, Hipismo, Wrestling, Golf, Triatlo, Badminton e Squash) referem que os treinadores que estão preocupados com o grau de satisfação dos seus atletas devem ter mais frequentemente comportamentos positivos e manter baixos níveis de comportamentos negativos de relacionamento pessoal. Foi também verificado neste estudo que nas relações de interação que se estabelecem entre treinador e atleta, os jogadores dos desportos coletivos preferem comportamentos positivos do treinador em detrimento dos comportamentos negativos, devido às exigências específicas da competição dos desportos de equipa.

Smith e Smoll (1997) defendem no programa de formação para a eficácia dos treinadores que a sua intervenção deve estar centrada no reforço pelo esforço e pelo bom desempenho, encorajamento após erro, instruções corretivas dadas de forma encorajadora e instruções técnicas relativas a aspetos técnicos e estratégicos da modalidade desportiva. Gomes, Dias e Cruz (1997) aplicaram este programa durante

uma época desportiva a um treinador de Andebol do setor de formação e verificaram uma melhoria clara nos padrões de comportamento e na eficácia da comunicação entre treinador e atletas. Registou-se um aumento dos comportamentos de encorajamento, reforço, encorajamento após erro e diminuição de comportamentos punitivos e instrução técnica punitiva.

Côté e Sedgwick (2003) efetuaram um estudo com treinadores e atletas canadianos de remo. Ambos referiram que a eficácia pedagógica dos treinadores deve-se a darem prioridade a instrução técnica específica, comunicarem informação recorrendo a analogias que ilustram o que se pretende. Foi também valorizado por treinadores e atletas o feedback imediato, honesto e construtivo. Concluíram também que é importante reconhecer as diferenças individuais e estabelecer um relacionamento positivo com os atletas, pois permite estabelecer uma melhor interação treinador-atleta.

Bennie (2009) efetuou um estudo com treinadores profissionais australianos e atletas de Cricket e Râguebi, com o objetivo de estudar o *coaching* efetivo. Os resultados demonstram que é importante haver uma comunicação honesta, que o treinador escute as ideias dos jogadores, para que haja troca de ideias para uma melhor interação treinador-atleta. Treinadores eficazes não emitem somente mensagem, utilizam questionamento para ouvir os atletas, orientar as aprendizagens e garantir que entendem as mensagens. Treinadores e jogadores valorizaram uma consistente comunicação verbal e não-verbal, de conteúdo tático, a observação seguida de feedback honesto, uma relação equilibrada entre o feedback positivo e negativo. Foi também enfatizado que treinadores eficazes são sinceros na comunicação, para que os jogadores entendam que o papel do treinador é ajudar e não de ataque no momento da emissão de feedback.

Gomes e Cruz (2006) efetuaram quatro entrevistas a treinadores de alta competição portugueses e os resultados mostraram uma valorização da comunicação positiva com os atletas privilegiando o reforço, os incentivos e o reconhecimento dos contributos dados pelos atletas, a fim de promover a melhoria do rendimento dos jogadores e equipa.

Hotz (1999) refere que os incitamentos orientados para a realização da tarefa durante a competição têm efeitos mais construtivos, devendo os treinadores ser mais tolerantes com os erros dos atletas.

Os treinadores devem ser claros, positivos, nunca desmoralizadores, derrotistas e imprecisos nas suas intervenções (Cook, 2001), aceitar as decisões dos árbitros, concentrar-se no jogo para que possam fornecer instruções pertinentes de carácter formativo e positivo, centrando-se mais na prestação do atleta do que no resultado final (I. Mesquita, 2005). Castelo (2009) acrescenta que a informação deve ser concisa e objetiva, a sua emissão não deve ser constante pois os jogadores deixam de ouvir.

Numa entrevista efetuada a um treinador de futebol profissional inglês, foi referido por este a importância da instrução ser concisa, especifica, objetiva, mantida simples e emitida no momento certo. Foi também referido que a instrução deve ser adaptada à situação e ao individuo, a fim de ser eficaz (Jones et al., 2003).

Durante a competição o treinador pode intervir nos seguintes momentos:

- Antes da competição – 2 a 3 minutos que antecedem a competição;
- Durante a competição;
- Substituições;
- Intervalo;
- Depois do jogo.

O nosso estudo só se irá debruçar sobre os seguintes momentos: substituições e durante a competição.

2.7.1. A intervenção do treinador durante as substituições

Castelo (2009) considera as substituições como meio tático operacional e objetivo que o treinador tem para intervir durante a competição, dando a possibilidade de modificar e corrigir alguns aspetos do plano de jogo.

Segundo Lima (2000) a substituição quando utilizada de forma eficaz pode ser encarada como uma medida estratégica.

Durante a competição, as substituições dão a oportunidade aos treinadores de fornecer instrução ao jogador que vai entrar, ao jogador que sai e uma vez que o jogo tem de parar, aos restantes jogadores, grupo de jogadores ou equipa que se encontram em campo. Como estratégia o treinador também pode utilizar o jogador que entra para levar informação para os restantes jogadores.

Cloes et al. (2001) no estudo efetuado nas modalidades de basquetebol e voleibol procuraram analisar os fatores que induziram as tomadas de decisão durante a competição. Um dos aspetos estudados diz respeito às substituições, tendo sido referido pelo treinador de basquetebol que os principais fatores que induziram as decisões interativas dizem respeito à performance dos jogadores em campo (14,2%); tempo dos jogadores em campo (6,4%); os regulamentos (3,5%) e atributos físicos (2,8%). O treinador de voleibol referiu que as suas decisões foram influenciadas pela performance dos jogadores em campo (6,8%), o resultado do jogo (3,7%) e nível técnico (2,5%).

Moreno e Campo (2004) ao aplicarem o seu programa de formação a treinadores de Voleibol, registaram uma tendência para o incremento de informação tática e prescritiva.

2.7.2. A intervenção do treinador durante a competição

O comportamento do treinador em competição é preferencialmente de instrução – feedback (M. Nunes, 1998), de observação silenciosa e emissão de informação de carácter afetivo positivo (Lombardo et al., 1983; M. Nunes, 1998). No entanto, Smith e Cushion (2006) num estudo com 6 treinadores profissionais de top do futebol jovem, em competição, verificaram que 40,38% do tempo é passado na observação do jogo em silêncio, realizando uma série de processos cognitivos, que incluiu a análise individual de um jogador, bem como análise tática da equipa. De acordo com os treinadores deste estudo o silêncio é usado para os jogadores aprenderem por si mesmos, usando os seus próprios feedbacks sensoriais. A partir de uma posição sobre a linha lateral, os treinadores intercalam os períodos de silêncio/observação, com emissão de informações verbais, lembretes curtos e específicos, comandos ou correções. Os resultados do estudo mostram que 27,13% dos comportamentos observados correspondem a instrução, sendo que 12,78% são sugestões ou avisos emitidos durante a execução de ações (instrução simultânea), 8,54% é relativa a informação inicial dada ao(s) jogador(es) antes da ação que se pretende ver executada (pré-instrução) e 2,94% corresponde a correção, reexplicação ou feedback dado após a execução da habilidade ou jogada (pós-instrução). O rácio do elogio/repreensão registado foi 16:1.

No mesmo sentido, também Nunes et al. (2011) verificaram em treinadores licenciados em Educação Física e em treinadores não licenciados que o comportamento mais observado em competição foi: observação silenciosa (52,14% - 56,47%), seguido da instrução emitida aos atletas (29,51% - 25,35%). Nos dois grupos de treinadores observados registou-se a preocupação de emitir informação de caracter predominantemente positivo (avaliação positiva e afetividade positiva).

Lombardo et al. (1983) observaram o comportamento de 38 treinadores do sector de formação de várias modalidades desportivos e verificaram que 49,28% dos comportamentos são de observação, estar sentado e atitude passiva, 34% das interações com os atletas são positivas, 6,78% são interações negativas e 30,04% da informação é direcionada ao atleta.

Cloes et al. (1993) registaram no seu estudo sobre a conduta verbal de treinadores de voleibol em competição, que mais de um terço da intervenção do treinador é dedicada ao apoio psicológico com elevado carácter positivo. A informação é preferencialmente direcionada para o indivíduo (50,3%), para a equipa ou grupo (28,4%) e para suplentes (13,7%), tendo como objetivo incentivar (27,2%), elogiar (24,6%), organizar (10,1%), dar suporte psicológico (8,9%), criticar (7,6%), conselhos táticos (7,5%), conselhos técnicos (2,1%). Quanto à origem da informação é fundamentalmente relacionada com as ações a realizar (29,1%), seguindo-se as ações favoráveis (25,6%), ações desfavoráveis (15,1%) e ações e táticas do adversário (13,9%).

De acordo com este estudo está Hotz (1999) que defende que a emissão da informação na competição deve ser de carácter afetivo e motivacional. No entanto, pesquisas efetuadas relativamente ao conteúdo das informações emitidas pelo treinador durante a competição, apontam para a importância da informação tática (Moreno, Moreno et al., 2007).

Moreno e Campo (2004) defendem que o treinador em competição deve emitir instrução preferencialmente tática, individual, de carácter fortemente positivo, centrada na própria equipa e equipa adversária. A informação de conteúdo tático individual deve ser emitida quando os jogadores não estão no centro do jogo e instrução de carácter tático direcionada ao coletivo durante as paragens do jogo.

Com o objetivo de estudar as decisões interativas, Cloes et al. (2001) verificaram que o treinador de basquetebol interveio principalmente para realizar adaptações táticas (31,1%) e para fornecer informações e feedbacks (23,5%). Foi referido que estes resultados são devido às características de confronto entre das duas equipas, onde as estratégias são flexíveis e mudam com frequência, levando os treinadores em tempo real a fazer ajustamentos estratégicos para potenciar os pontos fortes da sua equipa e explorar os pontos fracos da equipa adversária. No que concerne ao voleibol, foi verificado que o treinador emitiu informações e comentários (31,8%) e realizou adaptações táticas (19,4%). Os autores referem que os valores obtidos no voleibol resultam das características da modalidade, em que as duas equipas estão separadas por uma rede, e desta forma o treinador utilizou duas abordagens para fornecer decisões táticas interativas: 1) prescrever medidas específicas; 2) fornecer informações sobre o desempenho da equipa adversária para chamar à atenção do jogador tendo em vista uma melhor eficácia de jogo.

Num estudo com treinadores de seniores da 2º divisão nacional B de futebol, A. Santos e Rodrigues (2008), verificou que a instrução predominante é de conteúdo tático (45,1%), seguindo-se o conteúdo psicológico (33,2%), dirigida ao atleta (72,5%) e com o objetivo prescritivo (84,1%).

Ramirez e Diaz (2004) realizaram um estudo com treinadores de futebol do sector de formação, tendo registado uma média de quantidade de informação emitida de 4,2 UI/Min., com conteúdo tático (36,27%), dedicada à motivação (30,69%), relacionada com o esforço físico (12,77%), às questões técnicas (7,36%) e arbitragem (5,15%).

Botelho et al. (2005), efetuaram um estudo no Voleibol com 10 treinadores (5 masculinos e 5 femininos), em 30 sets. Foi observado que em treinadores de jovens

masculinos 99,4% da informação emitida é relativa à própria equipa, direcionada ao indivíduo (72,39%) e coletivo (23,28%).

Moreno, Santos, Ramos, Cervelló, Iglesias e Villar (2005) efetuaram um estudo centrado na análise da eficácia do comportamento verbal dos treinadores e tinha como objetivo definir um protocolo de intervenção dos treinadores de Voleibol em Competição. Utilizaram para o efeito um questionário, que foi aplicado a 25 *experts* em Voleibol (professores de Voleibol na universidade e treinadores de Voleibol com experiência em alto nível nacional). Os *experts* em Voleibol referiram a importância de ser emitida durante a competição informação relativa à própria equipa equipa (49%) e sobre equipa adversária (51%), com conteúdo preferencialmente táctico-estratégico. Foi verificado também que a informação deve ser direcionada preferencialmente ao atleta (63,10%) e com um carácter predominantemente positivo (76,67%).

Foi realizado um estudo por Hagemann et al. (2008) com 14 treinadores de liga de top e 13 treinadores de competições locais, tendo sido observados jogos das modalidades de Andebol e Basquetebol. Os resultados obtidos demonstram que os treinadores dos campeonatos locais emitem mais informação que os treinadores das ligas de top. Na comparação entre os treinadores dos campeonatos locais e os treinadores das ligas de top, as diferenças mais significativas registam-se na informação direcionada aos árbitros e ao painel de juízes. Os treinadores de top emitiram instrução mais concreta, motivaram mais vezes os seus jogadores, criticaram com mais frequência, reagiram mais vezes com raiva e frustração, elogiaram menos vezes e emitiram menos informação sobre os pontos fortes e fracos dos adversários. Os treinadores observados (liga top e competição local) no estudo direcionaram a sua informação preferencialmente ao jogador (32,8% - 33,1%), equipa (28,4% - 29,4%) e jogador suplente (15,3% - 15,1%). Também foi verificado que os treinadores emitiram

mais instrução (43,5% - 41,5%), seguindo-se informação relativa ao adversário (18,9% - 22,2%, elogio (8,6% - 11,3%), critica (9,8% - 6,5%) e motivação (8,1% - 6,6%).

F. Santos et al. (2012) realizaram um estudo com 5 treinadores de seniores e 5 treinadores de jovens, na modalidade de futebol, com o objetivo de analisar o comportamento de instrução em competição. Os treinadores de seniores emitiram um valor médio de instrução de 4,25 UI/Min, com o objetivo prescritivo (80,17%), sob a forma auditiva (69,14%), direcionada ao atleta (75,17%) e com conteúdo tático (49,32%). Os treinadores de jovens emitiram uma quantidade média de informação de 6,30 UI/Min. A informação emitida foi preferencialmente prescritiva (80,52%), sob a forma auditiva (73,40%), direcionada ao atleta (81,95%) e com conteúdo predominantemente tático (50.90%).

A tendência dos estudos apresentados parece indicar que os treinadores na direção da equipa em competição emitem preferencialmente informação com o objetivo de prescrever soluções táticas mais eficazes para a resolução das diferentes situações de jogo. Quanto à forma de comunicação mais utilizada é a auditiva e os treinadores direcionam a informação predominantemente ao atleta. Os resultados verificados também nos demonstram que numa grande parte do tempo de jogo, o treinador aproveita para fazer somente observação. Diversos autores referem a importância da observação e análise, da própria equipa e equipa da adversária, na direção da equipa em competição, a fim de emitirem posteriormente informação pertinente e de qualidade.

2.8. Referências Bibliográficas

Baker, J., Yardley, J., & Côté, J. (2003). Coach Behaviors and Athlete Satisfaction in Team and Individual Sports. *International Journal Sport Psychology*, 34, 226-239.

Bell, C. C. (1997). Promotion of Mental Health through Coaching Competitive Sports. *Journal of the National Medical Association*, 89(8), 517-520.

Bennie, A. (2009). *Effective Coaching in Cricket, Rugby League and Rugby Union: A Qualitative Investigation Involving Professional Coaches and Players from Australia.* Tese Doutoramento, The University of Sydney, Sydney.

Bloom, G., & Salmela, J. (2000). Personal Characteristics of Expert Team Sport Coaches. *Journal of Sport Pedagogy*, 6(2), 56-76.

Bolchover, D., & Brady, C. (2008). *O Gestor de 90 minutos. As lições de gestão dos melhores treinadores do mundo.* Lisboa: Lua de Papel.

Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. . *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5(2), 174-183.

Brandão, M., & Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade*, 6(1), 53-69.

Brito, A., & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. *Desporto, Investigação & Ciência*, 1, 21-39.

Capitanio, A. (2003). Relacionamento não verbal na Educação Física. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric*, 9 (64). Retrieved from http://www.efdeportes.com

Castañer, M., Miguel, C., & Anguera, M. T. (2009). SOCOP_COACH: An Instrument to Observe Coach's Paraverbal Communication into Match Competitions Situations. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 2 (2). Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Castelo, J. (2002). *O Exercício de Treino Desportivo. A unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo.* Lisboa: FMH-UTL.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Castelo, J., & Barreto, H. (1996). O Treinador Desportivo. Perfil e Competências. In J. Castelo, H. Barreto, F. Alves, P. M.-H. Santos, J. Carvalho & J. Vieira (Eds.), *Metodologia do Treino Desportivo*

(pp. 609-647). Lisboa: FMH.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective.*

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Cloes, M., Delhaes, J., & Pieron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraineurs de voley-ball pedant des rencontres officielles. *Sport*, 141, 16-25.

Cook, M. (2001). *Dirección y Entrenamiento de Equipos de Fútbol*. Barcelona Editorial Paidotribo.

Côté, J. (1998). Coaching Research and Intervention: An Introduction to Special Issue. *AVANTE*, 4(3), 1-15.

Côté, J., & Sedgwick, W. (2003). Effective Behaviors of Expert Rowing Coaches: A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. I*nternational Sports Journal*, 7(1), 62-77.

Coté, J., Young, B., North, J., & Duffy, P. (2007). Towards a definition of excellence in sport coaching. *International Journal of Coaching Science*, 1 (1), 3-16.

Cruz, J., Dias, C., Gomes, R., Alves, A., Sá, S., Viveiros, I., et al. (2001). Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica*, 1, 171-182.

Culver, D., & Trudel, P. (2000). Coach-Athlete Communication Within an Elite Alpine Ski Team. *Journal of Excellence* (3), 28-54.

Cunha, P. (1998). A Intervenção do Treinador durante o Tempo Morto. *Treino Desportivo*, 2, 33-38.

Curado, J. (1991). *Planeamento do Treino e Preparação do Treinador*. (2º ed.). Lisboa: Editorial Caminho.

Cushion, C., & Jones, R. (2001). A Systematic Observation of Professional Top-level Youth Soccer Coaches. *Journal of Sport Behavior*. 24(4), 354-376.

Davies, M., Bloom, G., & Salmela, J. (2005). Job satisfaction of accomplished male university Basketball coaches: The Canadian context. International. *Journal Sport Psychology*, 36, 173-192.

Dias, J., Sarmento, P., & Rodrigues, J. (1994). Análise do comportamento do treinador de râguebi em competição, no inicio (cabine) e no intervalo (campo). *Ludens*, 14, 43-46.

Dosil. (2004). *Psicología de la Actividad Física y del Deporte*. Madrid: McGraw-Hill

Ferreira, A. (1994). O comportamento do treinador no treino e na competição. *Horizonte*, 11, 61-65.

Fleck, T., Quinn, R., Carr, D., Buren, W., & Stringfield, V. (2002). *The official US youth soccer coaching manual.*

Franco, S., Simões, V., Castañer, M., Rodrigues, J., & Anguera, M. T. (2013). La conducta de los instructores de Fitness: triangulación entre la percepción de los

participantes, auto-percepción de los instructores y conducta observada. . *Revista de Psicología del Deporte*, 22(2), 321-329.

Giacobbi, P., Whitney, J., Roper, E., & Butryn, T. (2002). College Coaches' views about the development of successful athletes: a descriptive exploratory investigation. . *Journal of Sport Behavior*, 25(2), 164-180.

Gomes, A., & Cruz, J. (2006). Relação treinador-atleta e exercício da liderança no desporto: a perceção de treinadores de alta competição. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 5-15.

Gomes, A., Dias, C., & Cruz, J. (1997). Avaliação da eficácia de uma intervenção cognitiva-comportamental no desporto: estudo caso de um treinador. *Avaliação Psicológica*, 5, 581-589.

Gomes, A. R., Pereira, A., & Pinheiro, A. (2008). Liderança, Coesão e Satisfação em Equipas Desportivas: Um Estudo com Atletas Portugueses de Futebol e Futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 482-491.

Greenleaf, C., Gould, D., & Dieffenbach, K. (2001). Factors Influencing Olympic Performance: Interviews with Atlanta and Nagano US Olympians. *Journal of Applied Sport Psychology*, 13, 154-184.

Hagemann, N., Strauss, B., & Busch, D. (2008). The complex problem-solving competence of team coaches. *Psychology of Sport and Exercise*, 9, 301-317.

Hodges, N., & Franks, I. (2002). Modeling coaching practice: the role of instruction and demonstration. *Journal of Sports Science*, 20(10), 793-811.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo*, 6, 22-36.

Januário, N., Rosado, A., & Mesquita, I. (2006). Retenção da informação e perceção da justiça por parte dos alunos em relação ao controlo disciplinar em aulas de educação física. *Revista Portuguesa Ciências do Desporto*, 6(3), 294-304.

Jones, R., Amour, K., & Potrac, P. (2003). Constructing Expert Knowledge: A Case Study of a Top-level Professional Soccer Coach. *Sport, Education and Society*, 8(2), 213-229.

Laios, A., Theodorakis, N., & Gargalianos, D. (2003). Leadership and Power: Two Important Factors for Effective Coaching. *International Sports Journal*, 4, 150-154.

Launder, A., & Piltz, W. (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. *Treino Desportivo*, 7, 24-29.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se.* Lisboa: CEFD.

Lombardo, B., Faraone, N., & Pothier, D. (1983). *The coach in action: a descriptive analysis.* Paper presented at the Convention of the Eastern District Association of the American alliance for health, physical education, recreation and dance.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I., Rosado, A., Januário, N., & Barroja, E. (2008). Athlete's Retention of a Coach´s Instruction a Judo Competition. *Journal os Sports Science and Medicine*, 7, 1-7.

Mesquita, I., Sobrinho, A., Rosado, A., Pereira, F., & Milistetd, M. (2008). A Systematic Observation os Youth Amateur Volleyball Coaches Behaviors. *International Journal of Applied Sports Sciences*, 20(2), 37-58.

Mesquita, R. M. (1997). Comunicação Não-Verbal: Relevância na atuação profissional. *Revista Paulista de Educação Física*, 11(2), 155-163.

Moen, F., & Garland, K. (2012). Subjective Beliefs Among Sport Coaches About Communication During Practice. *Scandinavian Sport Studies Forum*, 3, 121-142. Retrieved from: www.sportstudies.org

Moreno, P. (2001). *Análisis y optimización de la conducta verbal del entrenador de voleibol durante la dirección de equipo en competición.* Tesis Doctoral, Universidad de Extremadura, Cáceres.

Moreno, P. (2004). Características de eficacia del entrenador deportivo. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación. (pp. 19-74). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., & Alvarez, F. (2004). El pensamiento del entrenador. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 75-95). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., Moreno, A., Iglesias, D., Garcia, L., & Álvarez, F. d. V. (2007). Effect of a mentoring through reflection program on the verbal behavior of beginner Volleyball coaches: a case study. *International Journal of Sport Science*, 3(8), 12-24.

Moreno, P., Santos, J., Ramos, L., Cervelló, E., Iglesias, D., & Villar, F. D. (2005). The Efficacy of the Verbal Behavior of Volleyball Coaches During Competition. *European Journal of Human Movement*, 13, 55-69.

Nguyen, N. (2005). Behavior signatures in youth sport coaches. *Mcnair Scholars Journal*, 5, 81-90.

Nunes, J., Pinheiro, V., Costa, A., Alves, R., Cipriano, M., & Sequeira, P. (2011). Diferença de comportamento, em competição, dos Treinadores Licenciados e Não Licenciados em Educação Física: Um estudo no escalão de juvenis de Futebol. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 4(1). Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Nunes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. *Horizonte*, 15, 31-39.

Pacheco, R. (2005). *Segredos de balneário. A palestra dos treinadores de futebol antes do jogo.* Lisboa: Prime Books.

Pereira, F., Mesquita, I., & Graça, A. (2010). A Investigação sobre a Eficácia Pedagógica no Ensino do Desporto. *Revista de Educação Físiva/UEM*, 21(1), 147-160.

Piéron, M. (1980). Feedback (rétroaction) et modification du comportement des apprenants. Analyze en situation d'enseignement. *Psychology of motor behavior and sport*, 1, 526-534.

Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching physical education. *AIESEP*, 141-150.

Piltz, W. (2003). *Reading the Game: A key component of effective instruction in teaching and coaching.* Paper presented at the Teaching Sport and Physical Education for understanding., Universidade de Melbourne, Austrália.

Pinheiro, V., Costa, A., Batista, B., & Sequeira, P. (2012). 10 Mandamentos do Treino com Jovens Futebolistas. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 5(1), 1-12. Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Potrac, P., Jones, R., & Armour, K. (2002). It's All About Getting Respect: The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. *Sport, Education and Society*, 7(2), 183-202.

Potrac, P., Jones, R., & Cushion, C. (2007). Understanding Power and the Coach's Role in Professional English Soccer: A Preliminary Investigation of Coach Behavior. *Soccer & Society*, 8(1), 33-49.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación*, 335, 163-187.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo*, 12, 36-46.

Ried, B., Fugita, M., Freudenheim, A. M., Basso, L., & Corrêa, U. C. (2012). Instrução Verbal: solicitar foco de atenção não garante sua adoção e melhor desempenho. *Motriz. Revista de Educação Física*, 18(3), 449-455.

Robert, P., Gyöngyvér, P., & Attila, K. (2013). Factors of success. Attitude differences of one Hungarian and one Serbian team's youth handball players. *Applied Studies in Agribusiness and Commerce - APSTRACT*, 7(1), 113-116.

Rodrigues, J. (1995). A análise da função de feedback em professores profissionalizados e estagiários, no ensino da Educação Física e Desporto. *Pedagogia do desporto, Estudos N.º3*, 21-36.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objetivos dos treinos e do nível de prática dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Rodrigues, J., Sarmento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V., & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. *Pedagogia do Desporto, Estudos 6*, 101-117.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2007). A formação para ser treinador. In: Atas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos - Olhares e contextos da performance ao rendimento: Secção Conferências.

Rosado, A., Mesquita, I., Breia, E., & Januário, N. (2008). Athlete's Retention of Coach's Instruction on Task Presentation an Feedback. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 8(1), 19-30.

Saiz, S., Ruano, M., Luján, P., & Calvo, A. (2007). Factores que favorecen el desarrollo de la pericia en Entrenadores expertos en Baloncesto. *Cultura, Ciencia Y Deporte*, 2(6), 145-149.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2006). Análise relacional entre as expectativas e comportamento de instrução do treinador de futebol, na preleção de preparação e na competição. *Desporto. Investigação & Ciência*, 5, 83-100.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal*, 7(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto*, 1(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física*, 18(2), 262-272.

Santos, R., & Rodrigues, J. (2002). A Atividade do Treinador de Jovens em Ténis. *Desporto, Investigação & Ciência*, 0, 11-20.

Sarmento, P., Leça-Veiga, A., Rosado, A., Rodrigues, J., & Ferreira, V. (1993). *Pedagogia do Desporto: instrumentos de observação sistemática da Educação física e Desporto.* (2º ed.). Lisboa: FMH-UTL.

Sequeira, P. (2008). O comportamento e as decisões do treinador em treino e em competição. *Revista de Desporto e Atividade Física*, 1(1), 30-55. Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Sequeira, P., Hanke, U., & Rodrigues, J. (2013). O comportamento e as decisões pré e pós interativas do treinador de Andebol de topo durante a competição. *Revista da UIIPS*, 1(1), 156-173. Retrieved from http://www.ipsantarem.pt/arquivo/5004

Silva, I. (2004). Perceção da linguagem não verbal ou corporal como meio de se interpretar o moral ou o estado de ânimo de atletas submetidos a um treinamento de alto nível de performance. *Fitness & Performance Journal*, 3(6), 351-357.

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science*, 24(4), 355-366.

Smith, R., & Smoll, F. (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Current Directions in Psychological Science*, 6(1), 16-21.

Smith, R. E., & Smoll, F. L. (2011). Cognitive-Behavioral Coach Training: A Translational Approach to Theory, Research, and Intervention. In J. K. Luiselli & D. D. Reed (Eds.), *Behavioral Sport Psychology*.

Evidence-Based Approaches to Performance Enhancement. (pp. 227-248). New York: Springer.

Terroso, H., & Pinheiro, V. (2010). Ser Treinador. *Revista da Sociedade Cientifica de Pedagogia do Desporto*, 1(1), 68-81.

Todorov, J., & Moreira, M. (2009). Psicologia, Comportamento, Processos e Interações. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22(3), 404-412.

Trudel, P., Cote, J., & Bernard, D. (1996). Systematic observation of youth ice hockey coaches during games. *Journal of Sport Behavior*, 19(1), 50-65.

Vallé, C. N., & Bloom, G. A. (2005). Building a Successful University Program: Key and Common Elements of Experts Coaches. *Journal of Applied Sport Psichology*, 17(3), 179-196.

Capítulo III

Neste capítulo iremos descrever todos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da nossa investigação. Começaremos por definir a variáveis do estudo e caracterizar os participantes na investigação. Faremos uma referência à metodologia observacional e de seguida descreveremos os procedimentos prévios e metodológicos tidos em conta na recolha dos dados. Também serão apresentados os instrumentos utilizados na recolha de dados, bem como a metodologia utilizada para a sua validação e verificar a sua fidelidade. Por último serão apresentadas as técnicas de tratamento estatístico dos dados recolhidos.

3. Metodologia

3.1. Variáveis do Estudo

Na definição das variáveis do nosso estudo tivemos em consideração o Modelo de Análise da Relação Pedagógica em Competição (Rodrigues et al., 1999). Este paradigma define um conjunto de variáveis que devem ser tidas em conta na investigação das inter-relações que se podem estabelecer durante a competição envolvendo diversos intervenientes (treinadores, atletas, adversários, árbitros, pais, dirigentes, massagistas, médicos, comunicação social, público). A nossa investigação centrou-se no estudo da interação entre treinador e atleta durante a competição e teve em conta as variáveis de presságio, processo, contexto, programa e produto do referido modelo de análise.

No que concerne às variáveis de presságio (experiência profissional, formação inicial, e nível de conhecimento) a constituição da nossa amostra foi realizada tendo em conta as seguintes características dos treinadores participantes: mais de cinco anos de

experiência no treino de jovens, curso na modalidade e formação académica em Educação Física e Desporto.

Relativamente às variáveis de processo do nosso estudo, foi estudado o comportamento de instrução durante a competição. Os jogos observados foram na condição de visitado, em que a expectativa do treinador era a vitória (variáveis de programa). As equipas observadas pertencem aos escalões de formação (juvenis e juniores – 15-18 anos), que competiram nos campeonatos nacionais de Portugal nas épocas 2011-12 e 2012-13.

No que diz respeito ao comportamento de instrução em competição foi analisado pelo Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008). O comportamento dos atletas em competição foi analisado pelo Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (SOCAC) nas dimensões atenção/desatenção e Comportamento motor reativo relativo aos atletas (F. Santos et al., 2012). O nosso estudo também pretendeu averiguar qual a relação entre as variáveis cognitivas e as variáveis comportamentais. Para recolher os dados relativos às expectativas, Auto Perceção e perceção foram utilizados dois questionários aplicados antes e depois da competição. Estes questionários foram construídos tendo por base as dimensões e categorias dos sistemas de análise acima referidos.

Apesar de termos tido em conta vários aspetos que podem influenciar a relação entre a variável independente e as variáveis dependentes, e tendo em conta o caracter ecológico do nosso estudo, a variável independente pode ter uma pluralidade de dimensões (variável componente). Desta forma é importante esclarecer que na nossa investigação, as hipóteses definidas constituem afirmações que têm por base resultados de estudos realizados e que o objetivo fundamental é verificar, não só, a tendência dos resultados, com também orientar a discussão e as conclusões a tirar.

Nas hipóteses 1, 2 e 3 as variáveis dependentes são o objetivo, forma, direção, conteúdo do comportamento de instrução, a atenção e comportamento motor reativo, respetivamente. Relativamente às hipóteses 4 a), 5 a) e 6 a) as variáveis dependentes a expectativas e Auto Perceção sobre a instrução. Nas hipóteses 4 b), 5 b) e 6 b) as variáveis dependentes a expectativa e a perceção sobre o comportamento dos atletas.

3.2. Perfil dos Participantes no Estudo

Estudos efetuados com treinadores *experts* definiram os seguintes critérios de seleção da sua amostra: i) no mínimo 10 anos de experiência como treinador (Côté & Salmela, 1996; Potrac et al., 2002; Smith & Cushion, 2006; Potrac, Jones, & Cushion, 2007; Debanne & Fontayne, 2009; Cushion & Jones, 2001); ii) experiência no desenvolvimento de atletas de elite (Côté & Salmela, 1996; Potrac et al., 2002; Smith & Cushion, 2006; Debanne & Fontayne, 2009); iii) habilitações reconhecidas nacionalmente (Côté & Salmela, 1996; Potrac et al., 2002; Smith & Cushion, 2006; Cushion & Jones, 2001 e iv) experiência como atleta (Potrac et al., 2002; Debanne & Fontayne, 2009). Relativamente à experiência como treinador, alguns estudos apontam para o intervalo mínimo entre os 5 e os 10 anos (Smith & Cushion, 2006; Potrac et al., 2007; I. Mesquita et al., 2008).

De acordo com o referido a nossa amostra foi constituída por treinadores de jovens (juvenis e juniores) com mais de 5 anos de experiência no sector de formação (Smith & Cushion, 2006; Potrac et al., 2007; I. Mesquita et al., 2008), a competir nos campeonatos nacionais, com curso de treinador da modalidade - futebol (Côté & Salmela, 1996; Smith & Cushion, 2006) e formação académica superior em Educação Física e Desporto (Potrac et al., 2002).

No que concerne à definição do número de treinadores a observar, tentámos ter dados concretos relativamente ao número de treinadores a exercer a sua atividade, com as características definidas para o nosso estudo, em Portugal continental. Este objetivo pretendia garantir uma amostra representativa para a nossa investigação. Para isso, contatamos via correio eletrónico todos os Diretores Técnicos das diferentes Associações de Futebol distritais para que nos pudessem dizer quantos e em que clubes havia treinadores com licenciatura em Educação Física e Desporto a dirigir equipas dos escalões de formação nos campeonatos nacionais. A maioria das Associações não nos respondeu, outras remeteram-nos para a Associação Nacional de Treinadores de Futebol e muito poucas nos enviaram as informações pretendidas. Desta forma, a nossa amostra foi definida tendo em conta a bibliografia relativa ao estudo dos comportamentos do treinador e a disponibilidade demostrada pelos clubes e seus treinadores em participar na nossa investigação. Os treinadores observados treinavam clubes que competiam nos campeonatos nacionais de juniores e juvenis e pertenciam às Associações de Futebol de Leiria, Lisboa e Santarém. A amostra conseguida para o nosso estudo tem algum significado, tendo em conta o número de treinadores que dirigiam equipas nos campeonatos nacionais do setor de formação com as características da nossa investigação nas zonas a que pertencem as referidas Associações distritais.

O número de treinadores observados no nosso estudo (4 treinadores) está de acordo com investigações efetuadas com o objetivo de analisar o comportamento do treinador (More & Franks, 1996; Potrac et al., 2002).

Tabela 1

Caracterização do Perfil dos Participantes no Estudo

Setor	Idade (Média)	Anos Experiência (Média)	Formação Académica	Curso da Modalidade
Treinadores de Jovens (15-18 anos)	42,5	14,5	Licenciatura em Ed. Física e Desporto	II e IV Nível

A nossa amostra teve em conta o número de treinadores observados e o número de observações efetuadas (Cushion & Jones, 2001; Potrac et al., 2002; Potrac et al., 2007; Botelho et al., 2005; Smith & Cushion, 2006; A. Santos & Rodrigues, 2008). De acordo com o referido foram observados 2 jogos na totalidade do tempo de jogo. Os jogos marcados tiveram em conta a disponibilidade dos treinadores, a condição de visitado e com a expectativa de vitória. Foram analisados 4151 comportamentos de instrução dos treinadores e relativamente aos comportamentos dos atletas, 4151 respeitantes à atenção/desatenção e 1829 ao comportamento motor reativo. Aplicamos dois questionários aos treinadores relativos à expectativa sobre a instrução e o comportamento dos atletas, Auto Perceção sobre a instrução e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição. O questionário sobre as expectativas, antes da competição e o questionário da Auto Perceção/perceção, depois da competição. Desta forma foram aplicados 16 questionários.

3.3. Metodologia e Desenho Observacional

Anguera, Blanco, Hernández e Losada (2011) referem que diversos estudos observacionais têm sido realizados no âmbito do desporto e da atividade física, principalmente nas últimas duas décadas. Os estudos referidos estão de acordo com a estrutura básica característica do método científico, mas também têm um número de

características especificas da metodologia observacional: percetividade do comportamento, regularidade no contexto, espontaneidade do comportamento observado e desenvolvimento de instrumentos de observação.

A utilização da metodologia observacional foi tida em conta na nossa investigação, no estudo comportamento de instrução dos treinadores de futebol jovem e do comportamento dos atletas em competição. Para isso tivemos em conta os seguintes requisitos definidos por Anguera, Blanco, Losada e Hernández (2000):

- A espontaneidade do comportamento. Os comportamentos observados resultam da competição de um jogo, o que demonstra que não houve nenhuma preparação da situação, nem foram colocados por parte do investigador qualquer tipo de restrição aos comportamentos dos treinadores e atletas;
- Contexto Natural. Os comportamentos aconteceram no contexto natural – campo de futebol, não tendo sido provocadas nenhumas alterações relativamente a este requisito;
- Elaboração de instrumentos *ad hoc*. Os sistemas de observação utilizados no nosso estudo foram o Sistema de Análise da Instrução em Competição (A. Santos & Rodrigues, 2008) e Sistema de Observação do Comportamentos dos Atletas em Competição (F. Santos et al., 2012). Estes dois sistemas de observação foram construídos tendo em conta a bibliografia e a realidade;
- Continuidade temporal. Apesar de no nosso estudo não termos observado os comportamentos num longo período de tempo, observamos 2 jogos por treinador e seus respetivos atletas, fazendo na totalidade 8 jogos observados.

Relativamente à taxonomia da metodologia observacional definida por Anguera et al. (2000) podemos classificar o nosso estudo da seguinte forma:

- Grau de cientificidade – observação ativa, tendo em conta que é um estudo com um problema e hipóteses definidas e com um elevado controlo externo;
- Grau de participação do observador – observador não participante, dado que o observador teve uma atuação claramente neutra;
- Grau de percetividade – observação direta, tendo em conta que implica a codificação do que foi observado na realidade, cumprindo o objetivo de descrever a situação e contexto. O objeto de observação é constituído por comportamentos suscetíveis de serem percebidos pelos órgãos sensoriais do observador, para serem registados com garantia.

O desenho observacional da nossa investigação está de acordo com os critérios definidos por Anguera, Blanco e Losada (2001) – temporalidade, unidades observadas e nível de resposta.

Apesar de não ter havido uma sequência temporal pré definida na recolha de dados, não observamos somente um jogo, tendo sido feita a observação de dois jogos por treinador.

No nosso estudo foi observado comportamento de instrução do treinador e o comportamento dos atletas em competição. Foi observado o comportamento do treinador na direção da equipa em competição e o comportamento dos atletas resultante da atividade do treinador.

O comportamento de instrução dos treinadores (objetivo, forma, direção e conteúdo) e do comportamento dos atletas atletas (atenção/desatenção e comportamento motor reativo) foram analisados segundo os vários níveis de resposta dos sistemas de categorias utilizados.

De acordo com o referido, podemos enquadrar o desenho observacional do nosso estudo como pontual/nomotético/multidimensional (P/N/M).

3.4. Procedimentos

3.4.1. Procedimentos prévios

Numa primeira fase, para que o nosso estudo pudesse ser feito, foi necessário obter autorização dos clubes e treinadores para a participação na nossa investigação. Foi feita uma reunião com os treinadores onde explicamos o objeto de estudo e todos procedimentos metodológicos. Ficou bem explícito que os dados recolhidos são confidenciais, sendo mantido o anonimato e serviram unicamente para tratamento estatístico. Após estas etapas foi preenchida uma ficha para caracterização da amostra, marcados os dois jogos e entregue o formulário de consentimento informado. Os treinadores foram também informados sobre os questionários a preencher antes (expectativas) e depois (Auto Perceção/perceção) da competição.

3.4.2. Procedimentos Metodológicos para a Recolha de Dados

Para recolha áudio da instrução emitida, colocamos um microfone na lapela do casaco do treinador, com um recetor de som ligado a uma câmara de vídeo. O treinador também foi filmado através de uma câmara colocada distante e no lado oposto do banco de suplentes, para que houvesse uma maior validade dos dados, através da redução do efeito de reatividade. Utilizamos uma segunda câmara para filmar o jogo, para que houvesse uma melhor interpretação das instruções fornecidas pelo treinador e verificar a atenção e comportamento motor reativo ao aporte de informação durante o jogo.

Com o objetivo de recolher a informação relativa às expectativas sobre a instrução e comportamento dos atletas, auto perceção sobre a instrução e a perceção sobre os comportamentos dos atletas em competição foram aplicados aos treinadores dois questionários. Antes da competição, um questionário sobre as expectativas e depois da competição, um questionário sobre a auto perceção e perceção. A aplicação dos

questionários foi realizada numa sala com condições de conforto disponibilizada pelo clube, onde os treinadores puderam responder às questões num ambiente de tranquilidade e silêncio.

3.5. Instrumentos

Na realização do nosso estudo utilizamos quatro instrumentos:

- Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008);
- Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (F. Santos et al., 2012);
- Questionário sobre as expectativas dos treinadores relativamente à instrução e comportamento dos atletas em competição (F. Santos et al., 2013);
- Questionário sobre a Auto Perceção dos treinadores relativamente à instrução e perceção sobre o comportamento dos atletas em competição (F. Santos et al., 2013).

3.5.1. Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC)

A atividade pedagógica do treinador em competição é consubstanciada na emissão de instrução aos jogadores e equipa com o objetivo de corrigir, avaliar, demonstrar e questionar, através de uma comunicação verbal e não-verbal. As instruções emitidas resultam de decisões/comportamentos interativos registadas durante a competição. Para a categorizar a instrução emitida utilizámos o Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008), aplicado na totalidade do tempo de jogo.

3.5.1.1. Protocolo

O sistema de categorias é composto pelas seguintes dimensões: objetivo, forma, direção e conteúdo. Estas dimensões são subdivididas em categorias e subcategorias.

Tabela 2

Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008)

OBJETIVO	FORMA	DIREÇÃO
Avaliativo + (AV+) **Avaliativo – (AV-)** **Descritivo (DES)** **Prescritivo (PRE)** **Interrogação (INT)** **Afetividade + (AF+)** **Afetividade – (AF-)**	**Auditiva (AU)** **Visual (VIS)** **Auditiva-visual (AU-VIS)**	**Atleta (ATL)** **Atleta Suplente (AS)** **Grupo (GRU):** Grupo dos defesas (GD) Grupo dos médios (GM) Grupo dos avançados (GA) Grupo de suplentes (GS) Equipa (EQ)
CONTEÚDO		
Técnica (TEC): Técnicas Ofensivas (TEOF) Técnicas Defensivas (TEDEF) **Tática (TAT):** Sistema de Jogo (TASJ) Métodos de Jogo (TAMJ) Esquemas Táticos (TAET) Princípios de Jogo (TAPJ) Funções/Missões (TAFUNC) Combinações (TACOMB) Eficácia Geral (TAEG)	**Psicológico (PSI):** Ritmo de jogo (PRI) Confiança (PC) Pressão eficácia (PPE) Atenção (PAT) Concentração (PCO) Pressão combatividade (PPC) Resistências às adversidades (PRA) Responsabilidade (PRE)	**Físico (FIS):** Resistência (FRES) Velocidade de execução (FVEX) Velocidade de deslocamento (FVDES) Velocidade de reação (FVREA) Força (FFO) Aquecimento (FAQ) **Equipa Adversária (EQ ADV)** **Equipa de Arbitragem (EQARB)** **Sem conteúdo (S/C)** **Indeterminado (IND)**

3.5.2. Sistema de Observação do Comportamento do Atleta em Competição (SOCAC)

Com o objetivo de analisar a atenção e o comportamento motor reativo dos atletas em competição, utilizámos o Sistema de Observação do Comportamento do Atleta em Competição (SOCAC) (F. Santos et al., 2012).

3.5.2.1. Protocolo

O sistema de categorias é composto pelas dimensões - atenção e comportamento motor reativo. Estas dimensões são subdivididas em categorias e subcategorias.

Tabela 3

Sistema de Observação do Comportamento do Atleta em Competição (F. Santos et al., 2012)

ATENÇÃO	COMPORTAMENTO MOTOR REATIVO
Atento (AT) Atenção Atleta (ATATL) Atenção Atleta Suplente (ATAS) Atenção Grupo (ATGR) Atenção Equipa (ATEQ) **Desatento (DAT)** Desatenção Atleta (DATATL) Desatenção Atleta Suplente (DATAS) Desatenção Grupo (DATGR) Desatenção Equipa (DATEQ) **Indeterminado (IND)**	**Modifica o comportamento positivamente (MC+)** **Modifica o comportamento negativamente (MC-)** **Não modifica o comportamento (NMC)** **Reforço positivo (RF+)** **Reforço negativo (RF-)** **Indeterminado (IND)**

3.5.3. Registo das Observações

O registo das observações foi feito através do método de registo de ocorrências. Tendo por base as categorias e subcategorias do sistema de observação, os comportamentos de instrução dos treinadores e os comportamentos dos atletas observados em competição foram registados, produzindo-se um valor absoluto que posteriormente passou para um valor de frequência (%). Relativamente à dimensão comportamento motor reativo, só foram registados os comportamentos imediatamente observáveis após instrução. O registo foi feito no programa *Lince*® (Gabín, Camerino, Anguera, & Castañer, 2012).

3.5.4. Validade dos Sistemas

O Sistema de análise da Instrução em Competição (SAIC) para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008) foi submetido a quatro tipos de validade: validade aparente, validade concorrente, validade de construção e validade de conteúdo. De acordo com o citado por A. Santos (2003) este sistema foi construído a partir de sistemas já validados e utilizados em estudos no âmbito da Pedagogia do Desporto: Coaches Observation System of Games (Trudel et al., 1996); Computerized Coaching Analysis System (Franks, Jonhson & Sinclair, 1988); Lombardo Coaching Behavior Analysis System (Lombarbo, Faraone & Pothier, 1982); Arizona State University Observation Instrument (Lacy & Darst, 1984). O SAIC para o futebol teve por base o Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Voleibol utilizado por Pina e Rodrigues (1994).

O Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (SOCAC) (F. Santos et al., 2012), é constituído pelas categorias das dimensões atenção e comportamento motor reativo, foi elaborado a partir de outros sistemas já validados e utilizados em outros estudos (Piéron, 1980; Piéron & Devillers, 1980; Piéron & Delmelle, 1982). A categorização passou por um processo de validação de conteúdo feita por *experts*, investigadores doutorados em Pedagogia do Desporto. O processo de validação referido teve início com a definição das dimensões, categorias e subcategorias do sistema, seguindo-se a análise dos especialistas, para posteriormente proceder-se às devidas correções. Por fim, e de acordo com os experts, o conteúdo da categorização reflete o que realmente o que pretende observar.

3.5.5. Fidelidade do Sistema

Os observadores que realizaram os testes de fidelidade são professores de Educação Física, treinadores de futebol, com curso da modalidade de futebol e Mestres em Treino Desportivo, tendo desenvolvido as suas investigações no âmbito da atividade do treinador em competição e no treino.

O treino dos referidos observadores foi efetuado de acordo com o sugerido por Rodrigues (1997):

1ª Fase – Identificação das categorias do sistema

Foram apresentadas imagens e fichas aos observadores, a fim de serem definidas as categorias e esclarecidas duvidas na interpretação relativa à definição dos comportamentos.

2ª Fase – Discussão do protocolo de observação

Os observadores discutiram a codificação dos diferentes comportamentos observados, estabelecendo os limites das diferentes categorias do sistema de observação.

3ª Fase – Avaliação da aprendizagem das categorias

Nesta fase foi realizado uma prova oral com o objetivo de verificar se os observadores conheciam a definição das categorias.

4ª Fase – Prática e aplicação do sistema de observação

Os observadores realizaram um período de prática e aplicação do sistema de observação. As dúvidas levantadas foram posteriormente esclarecidas.

5ª Fase – Testes de Fidelidade

Segundo Losada e Arnau (2000) uma característica importante que deve cumprir os instrumentos criados para o estudo do comportamento é ter alta-fidelidade.

De acordo com o referido e após termos realizado o treino dos observadores, foi testada a fidelidade inter observadores – entre observadores e fidelidade intra observador – o mesmo observador em diferentes momentos, com o objetivo de verificar a consistência, estabilidade e acordo da observação, relativamente ao comportamento de instrução e comportamento dos atletas, nas diversas categorias das dimensões do Sistema de Análise da Instrução em competição (SAIC) e do Sistema de Observação dos Atletas em Competição (SOCAC). Com esse objetivo, inicialmente foi visionado um vídeo e feita a codificação, utilizando o método de registo de ocorrências, por ambos os observadores. Os observadores estiveram devidamente separados, para que não tivessem acesso oral ou visual aos registos do outro.

Com o objetivo de verificar a existência de acordos nas observações (intra observador e inter observadores) foi utilizada a medida de concordância Kappa de Cohen (1960), para valores acima dos 75%.

3.5.5.1. Fidelidade Inter Observador

Os valores obtidos para a fidelidade inter observadores estão expressos na tabela n.º 4. De acordo com os valores obtidos, existe uma excelente concordância entre observadores, pois os valores estão cima dos 80%.

Tabela 4

Fidelidade Inter Observadores

Dimensões	Categorias	Observador 1	Observador 2	Valor de Kappa	P
	AV+	21	20	0,972	0,000
	AV-	2	2	1,000	0,000
	DES	6	5	0,906	0,000
Objetivo (+)	PRE	111	112	0,981	0,000
	Int	2	2	1,000	0,000
	AF+	4	5	0,885	0,000
	AF-	0	0	+++	
	AU	104	103	0,967	0,000
Forma (+)	VIS	0	0	+++	
	AUVIS	42	43	0,967	0,000
	ATL	118	118	1,000	0,000
	AS	1	1	1,000	0,000
	GD	2	2	1,000	0,000
Direção (+)	GM	2	2	1,000	0,000
	GA	0	0	+++	
	GS	4	4	1,000	0,000
	EQ	19	19	1,000	0,000
	TEOF	6	6	1,000	0,000
	TEDEF	0	0	+++	
	TASJ	0	0	+++	
	TAMJ	25	25	0,952	0,000
	TAET	32	33	0,942	0,000
	TAPJ	3	3	1,000	0,000
	TAFUN	3	3	1,000	0,000
	TACOM	0	0	+++	
	TAEG	3	3	1,000	0,000
	PRI	2	2	1,000	0,000
	PC	0	0	+++	
	PPE	27	26	0,931	0,000
	PAT	10	10	1,000	0,000
Conteúdo (+)	PCO	0	0	+++	
	PPC	0	0	+++	
	PRA	0	0	+++	
	PRESP	0	0	+++	
	FRES	0	0	+++	
	FVEX	0	0	+++	
	FVDES	0	0	+++	
	FVREA	0	0	+++	
	FFO	1	1	1,000	0,000
	FAQ	0	0	+++	
	EQADV	1	1	1,000	0,000
	EQARB	2	2	1,000	0,000
	S/C	31	31	1,000	0,000
	IND	0	0	+++	
	ATATL	114	114	1,000	0,000
	ATAS	1	1	1,000	0,000
	ATGR	8	8	1,000	0,000
	ATEQ	17	17	1,000	0,000
Atenção (+)	DATATL	3	3	1,000	0,000
	DATAS	0	0	+++	
	DATGR	0	0	+++	
	DATEQ	2	2	1,000	0,000
	IND	1	1	1,000	0,000
	MC+	53	53	1,000	0,000
	MC-	6	6	0,817	0,000
Comportamento Motor	NMC	6	6	0,817	0,000
Recativo (++)	RF+	2	2	1,000	0,000
	RF-	0	0	+++	
	IND	1	1	1,000	0,000

Nota. + N.º de casos = 146; ++ N.º de casos = 68; +++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

3.5.5.2 Fidelidade Intra Observador

Foi também testada a fidelidade intra observador, em cada um dos observadores, para verificar se existia acordo nas observações entre o próprio observador em diferentes ocasiões. O mesmo observador visionou o mesmo vídeo em dois momentos diferentes separados por uma semana.

Os valores para a fidelidade intra observador estão expressos nas tabelas n.º 5 e 6. Os valores obtidos mostram uma excelente concordância na codificação dos comportamentos dos observadores em momentos distintos (> 80%).

Tabela 5

Fidelidade Intra Observador 1

Dimensões	Categorias	1ª Observação	2ª Observação	Valor de Kappa	P
	AV+	21	21	1,000	0,000
	AV-	2	2	1,000	0,000
	DES	6	6	1,000	0,000
Objetivo (+)	PRE	111	111	1,000	0,000
	Int	2	2	1,000	0,000
	AF+	4	4	1,000	0,000
	AF-	0	0	+++	
	AU	104	106	0,934	0,000
Forma (+)	VIS	0	0	+++	
	AUVIS	42	40	0,934	0,000
	ATL	118	118	0,978	0,000
	AS	1	1	1,000	0,000
	GD	2	2	1,000	0,000
Direção (+)	GM	2	2	1,000	0,000
	GA	0	0	+++	
	GS	4	4	1,000	0,000
	EQ	19	19	0,970	0,000
	TEOF	6	6	1,000	0,000
	TEDEF	0	0	+++	
	TASJ	0	0	+++	
	TAMJ	25	25	0,975	0,000
	TAET	32	33	0,941	0,000
	TAPJ	3	3	1,000	0,000
	TAFUN	3	3	1,000	0,000
	TACOM	0	0	+++	
	TAEG	3	3	1,000	0,000
	PRI	2	2	1,000	0,000
	PC	0	0	+++	
	PPE	27	26	0,912	0,000
	PAT	10	10	1,000	0,000
Conteúdo (+)	PCO	0	0	+++	
	PPC	0	0	+++	
	PRA	0	0	+++	
	PRESP	0	0	+++	
	FRES	0	0	+++	
	FVEX	0	0	+++	
	FVDES	0	0	+++	
	FVREA	0	0	+++	
	FFO	1	1	1,000	0,000
	FAQ	0	0	+++	
	EQADV	1	1	1,000	0,000
	EQARB	2	2	1,000	0,000
	S/C	31	31	1,000	0,000
	IND	0	0	+++	
	ATATL	114	113	0,980	0,000
	ATAS	1	1	1,000	0,000
	ATGR	8	8	1,000	0,000
	ATEQ	17	18	0,968	0,000
Atenção (+)	DATATL	3	3	1,000	0,000
	DATAS	0	0	+++	
	DATGR	0	0	+++	
	DATEQ	2	2	1,000	0,000
	IND	1	1	1,000	0,000
	MC+	53	52	0,960	0,000
	MC-	6	6	1,000	0,000
Comportamento Motor	NMC	6	7	0,901	0,000
Recativo (++)	RF+	2	2	1,000	0,000
	RF-	0	0	+++	
	IND	1	1	1,000	0,000

Nota. + N.º de casos = 146; ++ N.º de casos = 68; +++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

Tabela 6

Fidelidade Intra Observador 2

Dimensões	Categorias	1ª Observação	2ª Observação	Valor de Kappa	P
	AV+	20	21	0,972	0,000
	AV-	2	2	1,000	0,000
	DES	5	7	0,826	0,000
Objetivo (+)	PRE	112	110	0,984	0,000
	INT	2	2	1,000	0,000
	AF+	5	4	0,885	0,000
	AF-	0	0	+++	
	AU	103	103	0,967	0,000
Forma (+)	VIS	0	0	+++	
	AUVIS	43	43	0,967	0,000
	ATL	118	119	0,978	0,000
	AS	1	1	1,000	0,000
	GD	2	2	1,000	0,000
Direção (+)	GM	2	2	1,000	0,000
	GA	0	0	+++	
	GS	4	4	1,000	0,000
	EQ	19	18	0,969	0,000
	TEOF	6	6	1,000	0,000
	TEDEF	0	0	+++	
	TASJ	0	0	+++	
	TAMJ	25	26	0,929	0,000
	TAET	33	32	0,941	0,000
	TAPJ	3	3	1,000	0,000
	TAFUN	3	3	1,000	0,000
	TACOM	0	0	+++	
	TAEG	3	3	1,000	0,000
	PRI	2	2	1,000	0,000
	PC	0	0	+++	
	PPE	26	26	0,906	0,000
	PAT	10	10	1,000	0,000
Conteúdo (+)	PCO	0	0	+++	
	PPC	0	0	+++	
	PRA	0	0	+++	
	PRESP	0	0	+++	
	FRES	0	0	+++	
	FVEX	0	0	+++	
	FVDES	0	0	+++	
	FVREA	0	0	+++	
	FFO	1	1	1,000	0.000
	FAQ	0	0	+++	
	EQADV	1	1	1,000	0,000
	EQARB	2	2	1,000	0,000
	S/C	31	31	1,000	0,000
	IND	0	0	+++	
	ATATL	114	115	0,980	0,000
	ATAS	1	1	1,000	0,000
	ATGR	8	8	1,000	0,000
	ATEQ	17	16	0,966	0,000
Atenção (+)	DATATL	3	3	1,000	0,000
	DATAS	0	0	+++	
	DATGR	0	0	+++	
	DATEQ	2	2	1,000	0,000
	IND	1	1	1,000	0,000
	MC+	53	52	0,958	0,000
	MC-	6	5	0,901	0,000
Comportamento Motor	NMC	6	8	0,841	0,000
Recativo (++)	RF+	2	2	1,000	0,000
	RF-	0	0	+++	
	IND	1	1	1,000	0,000

Nota. + N.º de casos = 146; ++ N.º de casos = 68; +++ As categorias sem valores, não foram codificadas pelos observadores, havendo concordância e o valor é constante.

3.5.6. Questionários de Expectativas, Auto Perceção/Perceção do Treinador

Com o objetivo de estudar as variáveis cognitivas foi necessário construir dois questionários, um relativo às expectativas e outro relativo à Auto Perceção/perceção do comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição. Pretendemos com a construção dos referidos instrumentos estudar as decisões pré interativas e pós interativas relativamente às dimensões objetivo, forma, direção, conteúdo da instrução e atenção e comportamento motor reativo dos atletas e posteriormente verificar a existência de correlação com o comportamento observado na competição.

Na construção dos referidos questionários adotámos os procedimentos sugeridos por Tuckman (2002) e Hill e Hill (2009):

- Estudo preliminar para a criação da 1ª versão dos questionários;
- Criação da 1ª versão dos questionários;
- Validação dos questionários por especialistas;
- Aplicação piloto dos questionários;
- Fidelidade dos questionários;
- Versão final dos questionários.

3.5.6.1. Estudo preliminar para a criação da 1ª versão dos questionários

As construções da primeira versão dos nossos questionários tiveram em conta o seguinte:

1. Os questionários de expectativas e Auto Perceção a utilizar na nossa investigação com treinadores do setor de formação, tiveram como ponto de partida, um questionário já existente – Questionário sobre as Expectativas da Instrução do Treinador durante a Preleção e a Competição (A. Santos, 2003)

utilizado num estudo efetuado com treinadores de seniores. De referir que as variáveis a testar deste questionário tiveram em conta as dimensões, categorias e subcategorias do Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008);

2. As questões relativas às expectativas e perceção do treinador sobre o comportamento dos atletas em competição tiveram por base o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (F. Santos et al., 2012). Desta forma as variáveis que o questionário pretende investigar estão relacionadas com as dimensões e categorias do sistema de observação.

De acordo com Tuckman (2002) as questões de um questionário devem ir ao encontro dos objetivos e hipóteses a testar numa investigação, devendo-se para isso listar todas as variáveis a estudar. No nosso estudo, as variáveis a testar são as correspondentes às dimensões, categorias e subcategorias dos sistemas de observação referidos.

Outros dos aspetos a ter em conta na elaboração de questionários é o tipo de resposta que se pretende. Tuckman (2002) refere que a decisão tomada relativa ao tipo de resposta deve fundamentar-se na forma como irão ser tratados os dados, ou seja, o investigador deve certificar-se que os dados respondem aos objetivos e hipóteses definidas.

No que diz respeito à primeira parte do questionário relativo às expectativas e Auto Perceção sobre o comportamento de instrução em competição mantivemos a mesma escala de quantidade (1 – nada; 2 – pouco; 3 – médio, 4 – muito; 5 – bastante) utilizada por A. Santos (2003) na sua investigação. Relativamente às expectativas e perceção do treinador sobre o comportamento dos atletas em competição, relativa à segunda parte do questionário, utilizamos a escala de resposta sobre frequência (1-

nunca ocorreu; 2 - ocorreu raramente; 3 – ocorreu às vezes; 4 – ocorreu muitas vezes; 5 – ocorreu sempre).

3.5.6.2. Criação da 1ª versão dos questionários

Segundo Hill e Hill (2009) quando um questionário já existente é aplicado num universo novo, o investigador deve mostrá-lo a alguém que tenha conhecimento do contexto onde vai ser realizado o estudo. Também, segundo os mesmos autores quando o investigador pretende estender os estudos já apresentados na literatura, deve numa primeira fase listar todas as variáveis importantes a estudar na investigação principal. Tendo em conta que a listagem das variáveis e correspondentes questões respeitantes ao estudo do comportamento dos atletas em competição foi feita a partir do Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (F. Santos et al., 2012), optámos nesta fase por aplicar e testar todos os procedimentos da nossa investigação a um treinador (Anexo 6).

Numa primeira fase tivemos de conseguir a autorização por parte de um clube e de um treinador para participar nesta etapa da nossa investigação. Para tal efetuámos uma reunião para explicar a nossa investigação e todos os procedimentos a utilizar na recolha dos dados.

A escolha do treinador teve em conta as características definidas para a amostra da nossa investigação. O treinador tinha mais de cinco anos de experiência a treinar no setor de formação, licenciatura em Educação Física e Desporto e curso de treinador da modalidade.

A criação da primeira versão dos questionários do nosso estudo teve em conta as sugestões fornecidas pelo treinador observado no estudo preliminar. Após a recolha dos dados – questionário de expectativas – antes do jogo; filmagem da totalidade do jogo e

comportamento de instrução do treinador; questionário da Auto Perceção/perceção – depois do jogo, fizemos uma reunião com o treinador observado para que apresentasse sugestões e colocasse as dúvidas/problemas tidos durante a aplicação de todos os procedimentos. O treinador referiu que as questões estavam colocadas de forma clara. Referiu também que os exemplos colocados em cada questão ajudavam a tornar mais percetível os objetivos da pergunta. No entanto, um aspeto negativo referido pelo treinador prendeu-se com a extensão dos questionários.

3.5.6.3. Validação dos questionários por especialistas

Segundo Hill e Hill (2009) um questionário tem validade se medir efetivamente o que o investigador pretende medir.

Os questionários da nossa investigação foram submetidos a um processo de validação por 10 *experts*, sendo 6 investigadores na área da Pedagogia do Desporto e 4 treinadores de futebol.

Tabela 7

Caracterização dos Experts que realizaram a validação dos Questionários

Experts	**Caracterização**
ExpInv1	Mestrado em Alto Rendimento - Futebol Treinador de Futebol
ExpInv2	Doutoramento em Ciências do Desporto
ExpInv3	Doutoramento em Ciências do Desporto
ExpInv4	Doutoramento em Ciências do Desporto
ExpInv5	Doutoramento em Ciências do Desporto
ExpInv6	Doutoramento em Ciências do Desporto
ExpT1	Mestrado em Treino de Jovens Treinador de Futebol
ExpT2	Mestrado em Desporto – Treino Desportivo Treinador de Futebol
ExpT3	Licenciatura em Ciências do Desporto Treinador de Futebol
ExpT4	Metrado em Desporto – Treino Desportivo Treinador de Futebol

Foi entregue a cada *expert* um resumo da nossa investigação, bem como os sistemas de categorias a utilizar. Os questionários foram submetidos à validação de construção e de conteúdo (Tuckman, 2002). Na validade de construção foi verificado se o questionário avaliava efetivamente as dimensões, categorias e subcategorias retiradas dos sistemas de observação. Na validade de conteúdo os *experts* verificaram se os questionários mediam efetivamente o que pretendiam medir. Solicitámos também aos *experts* que dessem a sua opinião relativamente à organização do questionário, clareza e objetividade das perguntas. As opiniões emitidas centraram-se nos seguintes aspetos:

- Melhorar a informação dada na introdução dos questionários;
- Modificar alguns termos para que as perguntas fossem mais claras e objetivas;
- Tornar as perguntas mais claras relativas à dimensão atenção;
- Introdução de exemplos práticos em todas as questões;
- Utilizar só a escala de quantidade nas respostas às questões;
- Alterar a formatação e apresentação dos questionários de forma a torná-lo mais acessível;
- Os *experts* referiram que as questões avaliavam efetivamente as dimensões, categorias e subcategorias dos sistemas de observação e que os questionários avaliavam efetivamente o que pretendiam medir.

3.5.6.4. Aplicação piloto dos questionários

Depois de fazermos as alterações sugeridas pelos *experts* na etapa anterior, fomos novamente aplicar todos os procedimentos da nossa investigação.

A metodologia, resultados, discussão e conclusões deste estudo piloto estão apresentados no estudo 1 (capitulo IV, ponto 4) da nossa investigação.

No final da recolha de dados para este estudo piloto, reunimos com o treinador e solicitamos a sua opinião sobre os questionários. O treinador referiu que não teve qualquer problema e dúvida em responder ao questionário, referindo que as perguntas estavam colocadas de forma clara. De acordo com o referido realizámos a versão final dos dois questionários da nossa investigação.

3.5.6.5. Fidelidade dos Questionários

Ao testarmos a fidelidade do questionário pretendemos verificar a consistência do instrumento de recolha de dados. Segundo Hill e Hill (2009) a fidelidade " *de uma pergunta refere-se à consistência das respostas dadas à pergunta"* (p.155).

A fidelidade pode ser dividida em consistência interna e externa (Hill & Hill, 2009; Tuckman, 2002).

Em relação à consistência externa, podemos referir que os questionários de expectativas e auto perceção/perceção foram construídos tendo por base o Sistema de Análise da Instrução em Competição para o futebol – SAIC (A. Santos & Rodrigues, 2008) e o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição – SOCAC (F. Santos et al., 2012). De salientar que estes sistemas já foram utlizados nos estudos realizados por estes autores, o que dá garantia que os dados recolhidos nos questionários terão fidelidade.

Quanto à fidelidade interna, Hill e Hill (2009) referem que essa consistência pode ser verificada através da fidelidade do tipo estabilidade temporal. Para cumprir esse objetivo era necessário aplicar os questionários duas vezes à mesma amostra, com diferença de pelo menos uma semana, para posteriormente calcular a correlação entre os dois conjuntos de perguntas.

Tendo em conta o objeto de estudo da nossa investigação verificámos a impossibilidade de aplicar os questionários duas vezes à mesma amostra, sem que as características da sua realização se mantivessem inalteráveis, visto que o momento da competição é sempre diferente.

Hill e Hill (2009) referem que a consistência também pode ser verificada através da equivalência das respostas dadas a duas versões da pergunta. A estimativa do coeficiente de fidelidade é conseguida através da correlação entre as respostas dadas às duas versões da pergunta incluídas no questionário.

Desta forma construímos um questionário com perguntas que tinham duas versões sobre o mesmo conteúdo, para verificar se o treinador responde da mesma forma em dois momentos distintos dentro do mesmo questionário. Para cumprir esse objetivo aplicámos os questionários da nossa investigação a 5 treinadores. Estes treinadores não participaram nas fases anteriores da elaboração dos questionários, nem pertencem à amostra do estudo. Os 5 treinadores responderam aos questionários dentro do contexto em que se realiza a nossa investigação. No início do jogo responderam ao questionário sobre as expectativas da instrução e do comportamento dos atletas em competição e no final do jogo ao questionário da Auto Perceção relativa ao comportamento de instrução e perceção do comportamento dos atletas em competição.

Para verificar a existência de correlação entre as respostas dadas às duas versões da pergunta, foi necessário primeiro testar a normalidade das distribuições. Tendo em conta que a amostra é menor que 50, o teste de normalidade utilizado foi o de *Shapiro-Wilk* (Hill & Hill, 2009). Uma vez que registamos distribuições de dados normal e não-normal (anexo 6), utilizamos os coeficientes de correlação de *Pearson* e de *Spearman*, respetivamente.

Tabela 8

Fidelidade do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição

	Exp3 - Exp26	**Exp6 - Exp22e**	**Exp13 - Exp22b**	**Exp14 - Exp21c**	**Exp24 - Exp20**	**Exp25 - Exp8**	**Exp28 - Exp5**	**Exp29 - Exp12**
Coeficiente de Correlação	0,825(s)	0,968**(s)	0,896* (p)	0,896*(p)	0,976**(p)	0,913*(s)	0,968**(p)	1,000**(s)
Sig.	0,086	0,007	0,039	0,039	0,004	0,030	0,007	0,000

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman*; (p) – Correlação de *Pearson*

Tabela 9

Fidelidade do Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição

	AutPerc3 - AutPerc26	**AutPerc6 - AutPerc22e**	**AutPerc13 - AutPerc22b**	**AutPerc14 - AutPerc21c**	**AutPerc24 - AutPerc20**	**AutPerc25 - AutPerc8**	**AutPerc28 - AutPerc5**	**AutPerc29 - AutPerc12**
Coeficiente de Correlação	0,923*(p)	1,000**(s)	0,913*(s)	0,943*(p)	0,976**(p)	1,000**(s)	0,976**(p)	0,884*(s)
Sig.	0,025	0,000	0,030	0,016	0,004	0,000	0,004	0,047

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman*; (p) – Correlação de *Pearson*

Segundo Hill e Hill (2009) pode-se avaliar o valor da medida de fidelidade tendo em conta a seguinte escala:

- >0,9 – Excelente;
- 0,8 – 0,9 – Bom;
- 0,7 – 0,8 – Razoável;
- 0,6 – 0,7 – Fraco
- <0,6 - Inaceitável

Como podemos observar nas tabelas 8 e 9 os coeficientes de fidelidade obtidos pela correlação entre as respostas às duas versões da pergunta, centram-se entre o bom e o excelente.

3.5.6.6. Versão Final dos Questionários

Depois de se ter realizado os procedimentos descritos nas fases anteriores para a construção do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição, do Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do comportamento dos atletas em competição, chegou-se à versão final dos referidos questionários que foram utilizados neste estudo (Anexo 5).

3.6. Análise Estatística

O tratamento estatístico foi efetuado através do programa de estatística informática para Análise de Dados em Ciências Sociais – *IBM SPSS Statistics20*®.

3.6.1. Análise Descritiva dos Dados

Na análise descritiva dos dados foram utilizados parâmetros de tendência central – média, parâmetros de dispersão – desvio padrão, limites de variação, percentagem e *outliers*. Relativamente à estatística gráfica foram utilizados os gráficos de barras e bigodes (*outliers*).

3.6.2. Análise da Correlação de Dados

Para verificar a normalidade das distribuições utilizamos o teste *Shapiro-Wilk*. Segundo Hill e Hill (2009), este teste é aconselhável quando a amostra é pequena ($n<50$).

Desta forma, foi realizada numa primeira fase o teste de normalidade das distribuições de todas as variáveis relativas ao comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição; expectativas da instrução e comportamento dos atletas em competição; auto perceção da instrução e perceção do comportamento dos atletas em competição.

Tabela 10

Teste de Normalidade (Shapiro -wilk) aos resultados obtidos através do SAIC e SOCAC

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	**df**	**Sig.**
Avaliação Positiva	,894	8	,253
Avaliação Negativo	,925	8	,470
Descrição	,859	8	,118
Prescrição	,941	8	,620
Interrogação	,846	8	,087
Afetividade Positiva	,872	8	,159
Afetividade Negativa	,917	8	,410
Auditivo	,902	8	,299
Visual	,809	8	,036
Auditivo-Visual	,945	8	,665
Atleta	,914	8	,383
Atleta Suplente	,833	8	,063
Grupo de Defesas	,830	8	,059
Grupo de Médios	,738	8	,006
Grupo de Avançados	,934	8	,557
Grupo de Suplentes	,741	8	,007
Grupo	,916	8	,400
Equipa	,870	8	,151
Técnicas Ofensivas	,842	8	,080
Técnicas Defensivas	,741	8	,006
Técnica	,857	8	,111
Tática de Sistema de Jogo	,919	8	,419
Tática de Método de Jogo	,946	8	,674
Tática dos Esquemas Táticos	,854	8	,105
Tática dos Princípios de Jogo	,838	8	,071
Tática de Funções/Missões especificas do jogo	,976	8	,939
Tática das Combinações	,839	8	,073
Tática Eficácia Geral	,954	8	,748
Tática	,921	8	,438
Psicológico Ritmo de Jogo	,949	8	,700
Psicológico Confiança	,825	8	,052
Psicológico Pressão Eficácia	,878	8	,181
Psicológico Atenção	,845	8	,084
Psicológico Concentração	,805	8	,032
Psicológico Pressão Combatividade	,911	8	,360
Psicológico Resistência às Adversidades	,852	8	,100
Psicológico Responsabilidade	,810	8	,037
Psicológico	,924	8	,466
Físico Resistência	,601	8	,000
Físico Velocidade de Execução	,854	8	,104
Físico Velocidade de Deslocamento	,810	8	,037
Físico Velocidade de Reação	,628	8	,000
Físico Força	,724	8	,004
Físico Aquecimento	,921	8	,435
Físico	,913	8	,378
Equipa Adversária	,879	8	,183
Equipa de Arbitragem	,938	8	,593
Sem Conteúdo	,871	8	,155
Atenção Atleta	,921	8	,436
Atenção Atleta Suplente	,856	8	,109
Atenção Grupo	,905	8	,321
Atenção Equipa	,889	8	,230
Desatenção Atleta	,955	8	,765
Desatenção Grupo	,418	8	,000
Desatenção Equipa	,724	8	,004
Modifica o Comportamento Positivamente	,912	8	,371
Modifica o Comportamento Negativamente	,950	8	,709
Não Modifica o Comportamento	,897	8	,272
Reforço Positivo	,900	8	,288

Nota. Desatenção Atleta Suplente e Reforço Negativo são constantes.

Tabela 11

Teste de Normalidade (Shapiro-wilk) aos resultados obtidos através do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	**df**	**Sig.**
Expectativa Avaliação Positiva	,877	8	,178
Expectativa Avaliação Negativa	,849	8	,093
Expectativa Descrição	,810	8	,037
Expectativa Prescrição	,958	8	,792
Expectativa Interrogação	,827	8	,056
Expectativa Afetividade Positiva	,693	8	,002
Expectativa Afetividade Negativa	,566	8	,000
Expectativa Auditivo	,872	8	,156
Expectativa Visual	,798	8	,027
Expectativa Auditivo-Visual	,736	8	,006
Expectativa Atleta	,872	8	,156
Expectativa Atleta Suplente	,798	8	,027
Expectativa Grupo	,418	8	,000
Expectativa Grupo de Defesas	,418	8	,000
Expectativa Grupo de Médios	,418	8	,000
Expectativa Grupo de Avançados	,418	8	,000
Expectativa Grupo de Suplentes	,931	8	,522
Expectativa Equipa	,827	8	,056
Expectativa Técnica	,798	8	,027
Expectativa Técnicas Ofensivas	,917	8	,408
Expectativa Técnicas Defensivas	,917	8	,408
Expectativa Tática	,641	8	,000
Expectativa Tática de Sistema de Jogo	,827	8	,056
Expectativa Tática de Método de Jogo	,566	8	,000
Expectativa Tática dos Esquemas Táticos	,875	8	,168
Expectativa Tática dos Princípios de Jogo	,693	8	,002
Expectativa Tática de Funções/Missões específicas do jogo	,798	8	,027
Expectativa Tática das Combinações	,802	8	,030
Expectativa Tática Eficácia Geral	,724	8	,004
Expectativa Psicológico	,917	8	,408
Expectativa Psicológico Ritmo de Jogo	,798	8	,027
Expectativa Psicológico Confiança	,872	8	,156
Expectativa Psicológico Pressão Eficácia	,810	8	,037
Expectativa Psicológico Atenção	,849	8	,093
Expectativa Psicológico Concentração	,849	8	,093
Expectativa Psicológico Pressão Combatividade	,798	8	,027
Expectativa Psicológico Resistência às Adversidades	,835	8	,067
Expectativa Psicológico Responsabilidade	,826	8	,054
Expectativa Físico	,849	8	,093
Expectativa Físico Resistência	,931	8	,522
Expectativa Físico Velocidade de Execução	,641	8	,000
Expectativa Físico Velocidade de Deslocamento	,917	8	,408
Expectativa Físico Velocidade de Reação	,802	8	,030
Expectativa Físico Força	,693	8	,002
Expectativa Físico Aquecimento	,810	8	,037
Expectativa Equipa Adversária	,798	8	,027
Expectativa Equipa de Arbitragem	,810	8	,037
Expectativa Atenção Atleta	,641	8	,000
Expectativa Atenção Atleta Suplente	,676	8	,001
Expectativa Atenção Grupo	,566	8	,000
Expectativa Atenção Equipa	,835	8	,067
Expectativa Desatenção Atleta	,810	8	,037
Expectativa Desatenção Atleta Suplente	,849	8	,093
Expectativa Desatenção Grupo	,849	8	,093
Expectativa Desatenção Equipa	,782	8	,018
Expectativa Modifica o Comportamento Positivamente	,827	8	,056
Expectativa Modifica Comportamento Negativamente	,566	8	,000
Expectativa Não Modifica o Comportamento	,827	8	,056
Expectativa Reforço Positivo	,827	8	,056
Expectativa Reforço Negativo	,798	8	,027

Tabela 12

Teste de Normalidade (Shapiro-Wilk) aos resultados obtidos através do Questionário de Auto Perceção da Instrução e Perceção do comportamento dos Atletas em Competição

	Shapiro-Wilk		
	Statistic	**df**	**Sig.**
Auto Perceção Avaliação Positiva	,835	8	,067
Auto Perceção Avaliação Negativa	,724	8	,004
Auto Perceção Descrição	,798	8	,027
Auto Perceção Prescrição	,912	8	,366
Auto Perceção Interrogação	,641	8	,000
Auto Perceção Afetividade Positiva	,849	8	,093
Auto Perceção Afetividade Negativa	,566	8	,000
Auto Perceção Auditiva	,782	8	,018
Auto Perceção Visual	,732	8	,005
Auto Perceção Auditivo-Visual	,849	8	,093
Auto Perceção Atleta	,798	8	,027
Auto Perceção Atleta Suplente	,724	8	,004
Auto Perceção Grupo	,641	8	,000
Auto Perceção Grupo de Defesas	,566	8	,000
Auto Perceção Grupo de Médios	,810	8	,037
Auto Perceção Grupo de Avançados	,676	8	,001
Auto Perceção Grupo de Suplentes	,566	8	,000
Auto Perceção Equipa	,826	8	,054
Auto Perceção Técnica	,906	8	,324
Auto Perceção Técnicas Ofensivas	,931	8	,522
Auto Perceção Técnicas Defensivas	,566	8	,000
Auto Perceção Tática	,732	8	,005
Auto Perceção Tática de Sistema de Jogo	,418	8	,000
Auto Perceção Tática de Método de Jogo	,810	8	,037
Auto Perceção Tática dos Esquemas Táticos	,757	8	,010
Auto Perceção Tática dos Princípios de Jogo	,641	8	,000
Auto Perceção Tática de Funções/Missões específicas de jogo	,732	8	,005
Auto Perceção Tática das Combinações	,827	8	,056
Auto Perceção Tática Eficácia Geral	,849	8	,093
Auto Perceção Psicológico	,804	8	,032
Auto Perceção Psicológico Ritmo de Jogo	,906	8	,324
Auto Perceção Psicológico Confiança	,892	8	,245
Auto Perceção Psicológico Pressão Eficácia	,641	8	,000
Auto Perceção Psicológico Atenção	,931	8	,522
Auto Perceção Psicológico Concentração	,897	8	,274
Auto Perceção Psicológico Pressão Combatividade	,931	8	,522
Auto Perceção Psicológico Resistência às Adversidades	,782	8	,018
Auto Perceção Psicológico Responsabilidade	,847	8	,088
Auto Perceção Físico	,798	8	,027
Auto Perceção Físico Resistência	,849	8	,093
Auto Perceção Físico Velocidade de Execução	,912	8	,366
Auto Perceção Físico Velocidade de Deslocamento	,761	8	,011
Auto Perceção Físico Velocidade de Reação	,835	8	,067
Auto Perceção Físico Força	,782	8	,018
Auto Perceção Físico Aquecimento	,665	8	,001
Auto Perceção Equipa Adversária	,798	8	,027
Auto Perceção Equipa de Arbitragem	,566	8	,000
Perceção Atleta	,810	8	,037
Perceção Atleta Suplente	,906	8	,324
Perceção Atleta Grupo	,827	8	,056
Perceção Equipa	,724	8	,004
Perceção Desatenção Atleta	,849	8	,093
Perceção Desatenção Atleta Suplente	,732	8	,005
Perc Desatenção Grupo	,906	8	,324
Perc Desatenção Equipa	,810	8	,037
Perceção Modifica o Comportamento Positivamente	,641	8	,000
Perceção Modifica Comportamento Negativamente	,827	8	,056
Perceção Não Modifica o Comportamento	,641	8	,000
Perceção Reforço Positivo	,641	8	,000
Perceção Reforço Negativo	,827	8	,056

De acordo com os resultados obtidos nos testes de normalidade, utilizámos as seguintes técnicas estatísticas para verificar a natureza da relação entre os valores de duas variáveis:

- Correlação Paramétrica – coeficiente de correlação de *Pearson*, quando correlacionamos duas variáveis com valores que apresentam uma distribuição normal;
- Correlação Não-Paramétrica – coeficiente de correlação de *Spearman*, quando correlacionamos variáveis com valores em que pelo menos uma apresenta uma distribuição não-normal.

Como tem sido habitual em estudos desenvolvidos no âmbito do Desporto, o intervalo de significância foi de <0.05.

3.6.3. Análise dos Padrões Temporais de Comportamento

A análise dos padrões temporais de comportamento foi feita através do programa informático *THEME* 5.0, que utiliza um algoritmo único para deteção de padrões-T (Magnusson, 2000).

A análise dos padrões-T permite detetar a estrutura temporal e sequencial de uma série de dados. O método tem sido desenvolvido fora do desporto, no entanto a sua utilização assenta no pressuposto que os fluxos complexos do comportamento humano, tais como o desempenho desportivo, têm uma estrutura temporal e sequencial que não podem ser totalmente detetadas por observação a "olho nu" ou com a ajuda da norma estatística e de métodos de análise do comportamento (Jonsson, Anguera, Sanchez-Algarra, Oliveira, Campaniço, Castañer, Torrents, Dinisová, Chaverri, Camerino & Magnusson, 2010). O estudo do comportamento dos treinadores em competição, incluindo a análise dos padrões-T, é um assunto relevante para a metodologia de

observação no desporto (Castañer et al., 2010). Segundo Castañer et al. (2009) o estudo dos padrões-T permite obter informações valiosas sobre as habilidades de comunicação dos treinadores.

De acordo com Magnusson (2000) a deteção dos padrões-T ocorre em duas etapas:

1º. Análise do intervalo crítico de relação temporal entre os comportamentos;

2º. Análise da competição entre os padrões-T mais completos.

Na primeira etapa são detetados os comportamentos que acontecem na mesma ordem e com distância temporal relativamente invariável.

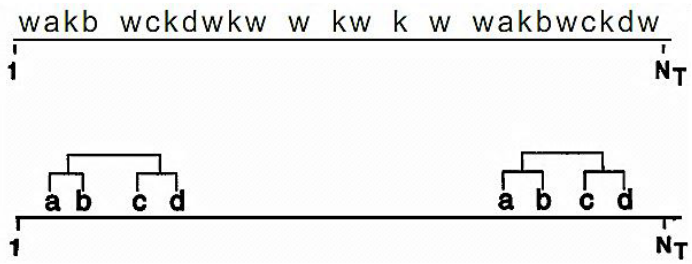

***Figura 2*. Representação Esquemática de um Padrão-T (Magnusson, 2000)**

A Figura 2 representa um padrão-T dentro de uma sequência normal de dados. A relação temporal entre (a) e (b) é definido como intervalo crítico. De acordo Jonsson et al. (2010) o conceito de intervalo crítico está no centro do algoritmo que deteta os padrões temporais de comportamento. Quando ocorre um comportamento (a) seguido de um comportamento (b) e mais tarde volta a ocorrer a mesma sequência num intervalo de tempo relativamente invariável, apesar dos comportamentos estarem distribuídos aleatoriamente ao longo do tempo, estamos perante um padrão de comportamento (Magnusson, 2000). Dentro deste processo de análise, para além da identificação dos padrões-T pelas suas características temporais, o programa verifica também a existência de relações hierárquicas entre padrões-T (Jonsson et al., 2010). O padrão-T na figura 2

mostra dois padrões menores (ab e cd) que combinam para produzir um padrão mais complexo (abcd). Desta forma é assumido um complexo padrão de comportamento hierarquicamente organizado, constituído por padrões-t com estruturas semelhantes.

Na segunda etapa é verificada a existência de padrões de comportamento que são versões parciais ou redundantes de outros padrões-T detetados. De acordo com Magnusson (2000) os padrões parciais (x=abc) de outros padrões-T encontrados (y=abcd) são eliminados. O padrão (x) é considerado incompleto de (y), sendo eliminado automaticamente pelo programa *THEME*.

3.7. Referências Bibliográficas

Anguera, M. T., Blanco, A., Hernández, A., & Losada, J. L. (2011). Diseños Observacionales: Ajuste y Aplicación en Psicología del Deporte. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, *11*(2), 63-76.

Anguera, M. T., Blanco, Á., & Losada, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el proceso de la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento, 3*(2), 135-160.

Anguera, M. T., Blanco, Á., Losada, J. L., & Hernandez, A. (2000). La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric, 5*(24). Retrieved from http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm

Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 5*(2), 174-183.

Castañer, M., Anguera, M. T., Miguel, C., & Jonsson, G. K. (2010). Observing the Paraverbal Communication of Coaches in Competitive Match Situations. In E. Barakova, B. d. Ruyter & A. Spink (Eds.), *Proceedings fo Measuring Behavior 2010* (pp. 24-27). Netherlands: ACM New York, NY, USA ©2010.

Castañer, M., Miguel, C., & Anguera, M. T. (2009). SOCOP_COACH: An Instrument to Observer Coach's Paraverbal Communication into Match Competitions Situations. *Revista de Desporto e Atividade Física, 2*(2). Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Cohen, J. (1960). A Coefficient of Agreement for Nominal Scales. *Educational and Psychological Measurement, 20*(1), 37-46.

Côté, J., & Salmela, J. (1996). The Organizational Tasks of High-Performance Gymnastic Coaches. *The Sport Psychologist, 10*(3), 247-260.

Cushion, C., & Jones, R. (2001). A Systematic Observation of Professional Top-level Youth Soccer Coaches. *Journal of Sport Behavior 24*(4), 354-376.

Debanne, T., & Fontayne, P. (2009). A Study of Successful Experienced Elite Handeball Coach's Cognitive Process in Competition Situations. *International Sports Science & Coaching, 4*(1), 1-16.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Jonsson, G. K., Anguera, M. T., Sanchez-Algarra, P., Oliveira, C., Campamiço, J., Castañer, M., et al. (2010). Application of T-Pattern Detection and Analysis in Sport Research. *The Open Sports Sciences Journal, 3*, 95-104.

Losada, J., & Arnau, J. (2000). Fiabilidad entre observadores con datos categóricos mediante el Anova. *Psicothema, 12*(2), 335-339.

Magnusson, M. S. (2000). Discovering hidden time patterns in behavior: T-patterns and their detection. *Behavior Research Method, Instruments & Computers 32*(1), 93-110.

Mesquita, I., Sobrinho, A., Rosado, A., Pereira, F., & Milistetd, M. (2008). A Systematic Observation os Youth Amateur Volleyball Coaches Behaviors. *International Journal of Applied Sports Sciences, 20*(2), 37-58.

More, K., & Franks, I. (1996). Analysis and modification of verbal coaching behavior: The usefulness os data-driven intervention strategy. *Journal of Sports Science, 14*(6), 523-543.

Piéron, M. (1980). Feedback (rétroaction) et modification du comportement des apprenants. Analyse en situation d'enseignement. *Psychology of motor behavior and sport, 1,* 526-534.

Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching physical education. *AISEP,* 141-150.

Piéron, M., & Devillers, C. (1980). Multidimensional analysis of informative feedback in teaching physical activities. In *Audiovisuelle Medien in Sport* (pp. 277-284). Basel, Birkhauser, Verlag: Schilling & Baur.

Pina, R., & Rodrigues, J. (1994). Os episódios de informação do treinador e a reação dos atletas numa situação de competição em Voleibol. *Ludens, 14,* 47-49.

Potrac, P., Jones, R., & Armour, K. (2002). It's All About Getting Respect: The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. *Sport, Education and Society, 7*(2), 183-202.

Potrac, P., Jones, R., & Cushion, C. (2007). Understanding Power and the Coach's Role in Professional English Soccer: A Preliminary Investigation of Coach Behavior. *Soccer & Society, 8*(1), 33-49.

Rodrigues, J., Sarmento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V., & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. *Pedagogia do Desporto, Estudos 6,* 101-117.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física, 18*(2), 262-272.

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science, 24*(4), 355-366.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Capítulo IV

No presente capítulo iremos apresentar os sete estudos realizados no âmbito da nossa investigação.

4. A Instrução dos Treinadores e o Comportamento dos Atletas em Competição. Estudo preliminar das Expectativas, Comportamentos e Perceção no futebol jovem.

Resumo

Este estudo preliminar tem por objetivo estudar as expectativas, auto perceção/perceção dos treinadores de futebol relativamente ao comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição, bem como estudar o comportamento do treinador e atletas em competição. O treinador estudado respondeu ao questionário das expectativas antes de cada competição, foram filmados dois jogos e no final de cada competição o treinador respondeu ao questionário relativo à auto perceção/perceção. Os sistemas de observação utilizados para categorizar o comportamento dos treinadores e atletas em competição foram o Sistema de Análise da Instrução em Competição e o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição. Os resultados demonstram que a instrução emitida é preferencialmente prescritiva e de caracter positivo, direcionada ao atleta, sob a forma auditiva e com conteúdo predominantemente tático. Em relação ao comportamento dos atletas em competição os resultados demonstram que os atletas estão atentos e modificam o comportamento positivamente. Foram também verificadas algumas relações entre as variáveis comportamentais e cognitivas.

Palavras-chave: Perceção, Observação, Comportamento, Futebol

Abstract

This preliminary study aims to study the expectations, self-perception / perception of the football coaches on the behavior of instruction and behavior of athletes in competition, as well as studying the behavior of the coach and athletes in competition. The coach studied responded to the questionnaire expectations before each competition, and two games were filmed at the end of each competition the coach responded to the questionnaire on self-perception / perception. The observation used to categorize the behavior of coaches and athletes in competition were the Analysis System of Instruction in Competition and Behavior Observation System of Athletes in Competition. The results show that the instruction is emitted preferentially prescriptive and positive character, directed to the athlete, the form and content hearing predominantly tactical. Regarding the behavior of athletes in competition results show that athletes are aware and modify the behavior positively. We also observed some relationships between behavioral and cognitive variables.

Keywords: Perceived, Observation, Behavior, Football

4.1. Introdução

Pretendemos com este estudo caracterizar o comportamento de instrução, a atenção e o comportamento motor reativo, como também perceber quais as expectativas e auto perceção/perceção dos treinadores relativamente à instrução emitida e comportamento dos atletas em competição. Este trabalho pretende ser um contributo para o estudo do comportamento de instrução do treinador, comportamento dos atletas em competição e das decisões pré e pós interativas, tendo em vista um melhor conhecimento da atividade do treinador na modalidade de futebol.

Segundo Brandão e Carchan (2010) o comportamento do treinador e a sua capacidade de comunicação são importantes para uma liderança efetiva. Outro dos aspetos importantes na interação entre o treinador e atleta num momento de especial dificuldade, como o da competição, é o contexto em que o treinador exerce a sua atividade, visto que o trabalho com seniores é diferente do trabalho feito nos escalões de formação. Segundo Côté et al. (2007), o treinador excelente é aquele que desenvolve as suas competências tendo em conta o contexto em que trabalha, pois as diversas etapas de desenvolvimento exigem uma intervenção diferenciada.

O sucesso da atividade do treinador vai muito para além do seu conhecimento sobre o jogo, saber muito de metodologia do treino e capacidade de observação. O treinador de hoje deve investir na capacidade de comunicação com os seus atletas, quer em treino, quer em competição. A incapacidade do treinador de futebol demonstrar o seu conhecimento através da emissão de informação é um pecado capital (Potrac et al., 2002). Diversos estudos efetuados, em diferentes modalidades, onde foram entrevistados treinadores, foi sempre dado enfase à necessidade do treinador dominar as técnicas comunicação para que a interação entre treinador e atleta, em treino e competição seja de sucesso (Côté & Sedgwick, 2003; Davies, Bloom, & Salmela, 2005;

Saiz et al., 2007). Desta forma, para que o processo de comunicação seja eficaz, este deve ser claro (Lima, 2000), coerente, com correta entoação e dicção (Castelo, 2002), recorrer a informações individuais adequadas, de maneira convincente, no momento oportuno e com o doseamento certo (Hotz, 1999). A comunicação deve promover uma relação treinador-atleta positiva, a coesão da equipa, reduzir a ansiedade competitiva e o medo de falhar (Cruz et al., 2001; R. Smith & Smoll, 1997).

Outros dos aspetos que o nosso estudo se preocupa está relacionado com a receção da mensagem emitida. Sendo a competição o momento em que os jogadores e equipa necessitam de ter um bom rendimento, expressando todo o trabalho feito durante o processo de treino, em que a interação com os atletas é influenciada por diversos fatores – público, ruido, distancia dos jogadores, localização da área técnica, etc., é de todo pertinente analisar o momento da receção da mensagem a fim de verificar a eficácia da instrução emitida. Alguns autores apontam para fatores que podem dificultar a receção da mensagem por parte dos atletas. A objetividade da intervenção do treinador, a perceção que os jogadores fazem da informação transmitida, a capacidade do treinador fornecer informação aos jogadores e equipa (Lima, 2000), a perturbação da concentração, da atenção, a elevada exigência de processamento de informação proveniente do próprio jogo (Cunha, 1998), o nervosismo, a ansiedade experimentada em competição, a quantidade e natureza da informação transmitida pelo treinador (I. Mesquita, et al., 2008).

Este nosso estudo preliminar pretende também aplicar questionários com o objetivo de analisar as expectativas, auto perceção/perceção dos treinadores relativamente ao comportamento de instrução e comportamento dos atletas. Cloes et al. (2001) efetuaram um estudo, com um treinador de Basquetebol e um de Voleibol, em quatro jogos, sobre as decisões táticas do treinador durante a competição. O estudo tinha

como objetivo verificar se no final do jogo o treinador conseguia dizer quais as suas decisões durante a competição e analisar os objetivos e fatores que influenciam as decisões interativas. Depois do jogo os treinadores foram capazes de recordar algumas decisões interativas relacionadas com aspetos táticos. A. Santos (2006) num estudo com treinadores de seniores de futebol relacionou as expectativas dos treinadores sobre a instrução com o comportamento de instrução em competição. O referido autor registou correlações na dimensão objetivo (prescritivo e afetivo positivo), dimensão direção (grupo de atletas suplentes) e na dimensão conteúdo (técnica e sistema de jogo).

4.2. Metodologia

4.2.1. Participantes no Estudo

Este estudo preliminar pretende analisar as variáveis cognitivas – expectativas e auto perceção/perceção e as variáveis comportamentais – comportamento de instrução do treinador e comportamento dos atletas em competição. De acordo com o referido, a nossa amostra é constituída por um treinador, dois jogos de futebol, 1680 unidades de informação. O treinador da nossa amostra tem 42 anos é licenciado em Educação Física e Desporto, possui curso nível II da modalidade, tem 18 anos de experiencia como treinador, sendo oito a treinar no setor de formação. A equipa observada pertence à Associação de Futebol de Santarém, disputa o campeonato distrital de juniores e no momento das observações estava a disputar a subida de divisão.

4.2.2. Instrumentos

Para a análise do comportamento de instrução do treinador foi utlizado o Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (SAIC) (A. Santos & Rodrigues, 2008) e para análise do comportamento dos atletas foi utilizado o Sistema de

Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (SOCAC) (F. Santos et al., 2012). Estes sistemas de observação já foram validados e utilizados em investigações feitas no âmbito do futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2012).

Com o objetivo de recolher os dados respeitantes às variáveis cognitivas foram utilizados o Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição e o Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição.

4.2.3. Procedimentos Prévios

Para a realização deste estudo foi necessário inicialmente obter a autorização por parte do clube e do treinador para podermos fazer a recolha dos dados. Com o intuito de cumprir esse objetivo marcamos uma reunião inicial onde apresentámos a nossa investigação e o seu objetivo, tendo sido referido e garantido a total confidencialidade dos dados recolhidos, servindo somente os resultados para tratamento estatístico por parte do investigador. Após o treinador ter aceite participar no nosso estudo, foi entregue o consentimento informado, preenchido a ficha de caraterização da amostra e foram marcados os jogos para recolha dos dados.

4.2.4. Procedimentos Metodológicos

No início de cada jogo observado estivemos no estádio 1h30 minutos antes da hora marcada para a competição, para que o treinador respondesse ao questionário das expectativas sobre o comportamento de instrução e comportamento dos atletas. Durante o jogo colocámos uma camara que filmava somente o treinador. Esta camara tinha um recetor de som que estava conectado ao microfone *wireless* que o treinador tinha colocado na lapela do casaco de fato de treino. Utilizámos uma segunda camara que

filmava o jogo, permitindo uma melhor interpretação da instrução emitida pelo treinador e categorizar o comportamento dos atletas em competição. No final da competição o treinador realizou o questionário relativo à auto perceção do comportamento de instrução e perceção relativo ao comportamento dos atletas em competição.

As gravações efetuadas foram posteriormente observadas e realizado o registo de ocorrências utilizando o programa *LINCE*® (Gabín et al., 2012). Na dimensão Comportamento Motor Reativo só foram registados os comportamentos imediatamente observáveis após instrução.

4.2.5. Fidelidade

Após se ter realizado o treino de observadores de acordo com o recomendado por Rodrigues (1997), efetuamos a fidelidade intra observador e inter observadores. Para verificar a existência de acordos nas observações (fidelidade intra observador e inter observador) foi utilizada a medida de concordância Kappa de Cohen, para valores acima dos 75%. Os resultados registados para a fidelidade mostram valores acima dos 80%.

4.2.6. Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico foi efetuado através do programa de estatística informática para Análise de Dados em Ciências Sociais – *IBM SPSS Statistics20*®. Utilizamos a estatística descritiva e estatística gráfica – gráfico de barras.

4.3. Resultados

Na dimensão objetivo o treinador observado prefere emitir informação que procure prescrever ações e comportamentos que os atletas ou equipa deverão respeitar

em futuras execuções/situações (78,39%). Existe uma preocupação por parte do treinador em emitir informação com caracter predominantemente positivo – avaliativo positivo (10,04%) e afetivo positivo (3,40%).

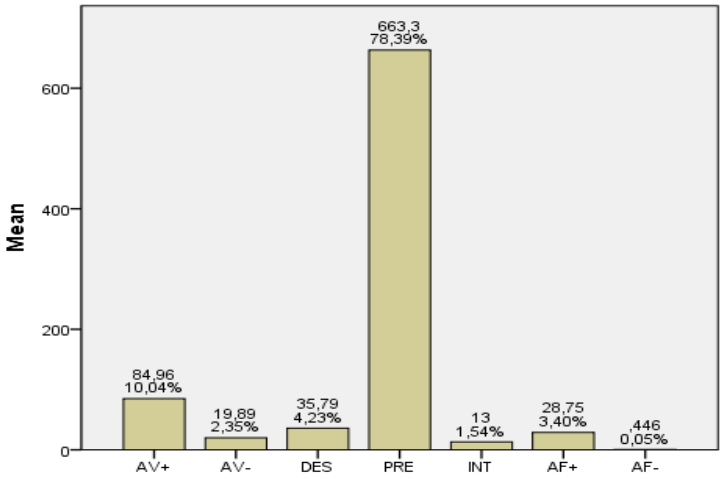

***Figura 3*. Dimensão Objetivo da Instrução.** Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-)

Em relação à dimensão forma, o treinador emitiu mais informação auditiva (58,09%). No entanto existe também a preocupação de emitir informação verbal acompanhada por gestos (41,56%).

O treinador nas competições observadas emitiu informação preferencialmente direcionada ao individuo (82,85%), seguindo-se à equipa (9,37%) e grupo de atletas (4,37%). No que diz respeito à informação direcionada ao grupo de atletas é ao grupo de médios que o treinador emite mais informação.

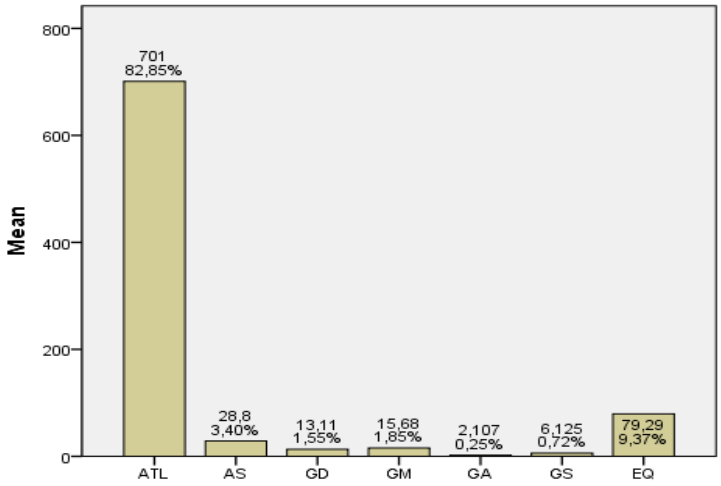

***Figura 4*. Dimensão Direção da Instrução.** Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU)

Em relação ao conteúdo da instrução, o treinador emite mais informação sobre os aspetos táticos do jogo (45,13%), seguindo-se os psicológicos (27,33%). O valor alto de instrução sem conteúdo deve-se à informação com objetivo avaliativo e afetivo que é desprovida de conteúdo específico. Quando analisamos as subcategorias do conteúdo da instrução, verificamos que a informação mais emitida foi relativa aos esquemas táticos (19,68%), com o objetivo de pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo – psicológico pressão eficácia (15,32%) e tático método de jogo (13,91%).

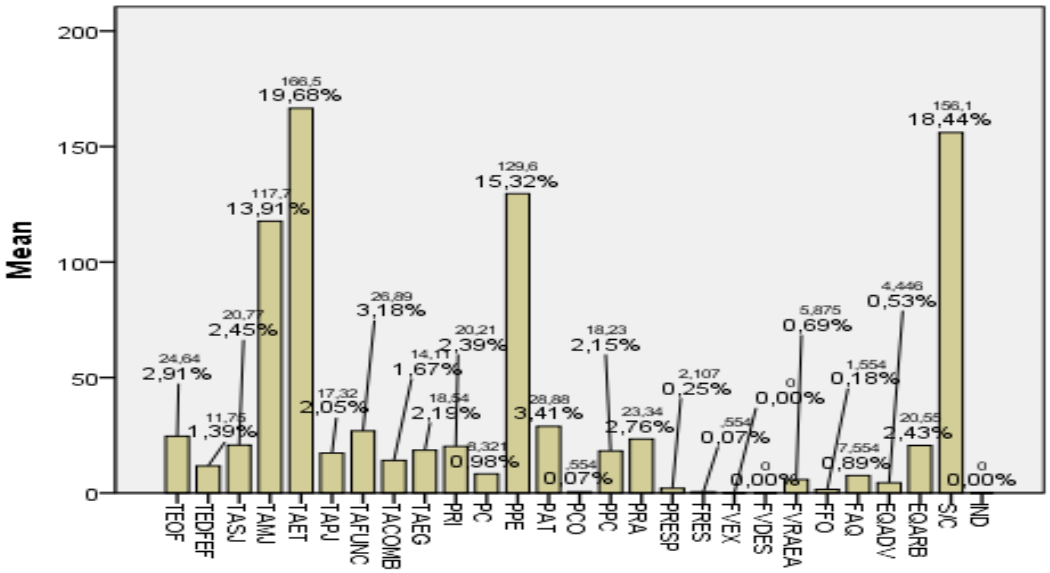

Figura 5. **Dimensão Conteúdo da Instrução.** Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB); Sem Conteúdo (S/C); Indeterminado (IND)

No que diz respeito à análise do comportamento dos atletas em competição, verificamos que os atletas (80,81%), atleta suplente (3,30%), grupo de atletas (4,31%) e equipa (9,13%) demonstram estar atentos ao treinador ou ao jogo.

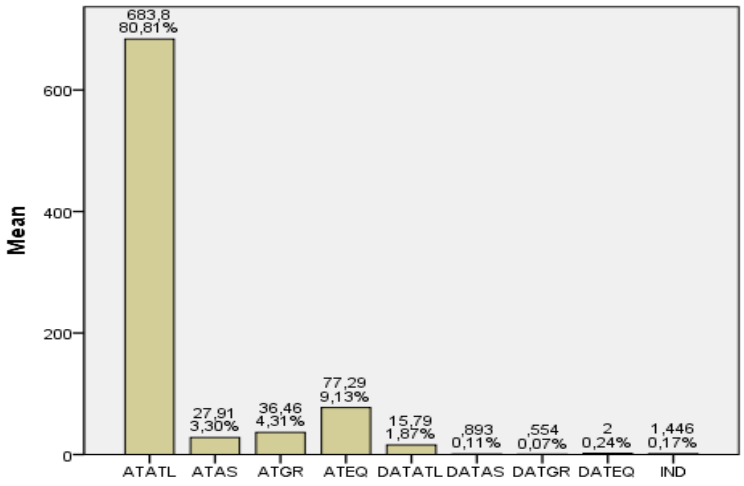

Figura 6. **Dimensão Atenção.** Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Equipa (DATEQ); Indeterminado (IND)

Em relação à dimensão Comportamento Motor Reativo, verificamos que os atletas e equipa, na maioria das ocorrências, modificam o comportamento positivamente (78,76%). Tendo em conta os valores avaliativo/afetivo positivo, quando comparados com os valores de reforço positivo (4,09%), verificamos que o treinador observado prefere avaliar/elogiar as ações e comportamentos dos jogadores depois da sua execução.

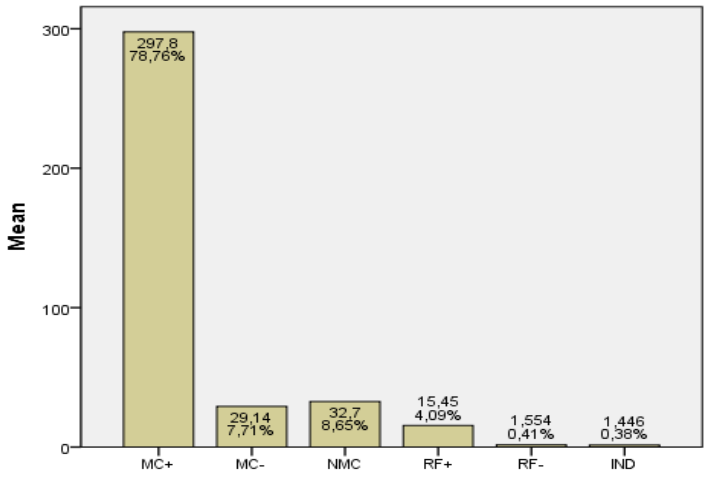

Figura 7. **Dimensão Comportamento Motor Reativo.** Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica o Comportamento negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-), Indeterminado (IND)

Na dimensão objetivo o treinador observado tem a expetativa e auto perceção que o seu comportamento foi preferencialmente avaliativo e afetivo positivo, o que não se verificou em competição. O comportamento mais observado nesta dimensão foi prescrever ações e comportamentos mais eficazes para resolver situações futuras. No que concerne aos comportamentos de instrução avaliativos, afetivos negativos e interrogativos o treinador tem poucas expectativas de emitir informação com esse objetivo, o que acontece também no comportamento em competição. Tal situação também se verifica na reflexão feita pelo treinador após a competição.

Relativamente à dimensão forma, tanto nas expectativas como na auto perceção do treinador apontam para bastante informação auditiva-visual, verificando-se na competição que a instrução é emitida predominantemente sob a forma auditiva.

A direção da instrução em competição é preferencialmente ao individuo, correspondendo às expectativas e auto perceção do comportamento do treinador em competição. No entanto apesar de o treinador ter expectativas de emitir muita informação ao grupo de jogadores (defesas, médios ou avançados), tal não se verifica em competição. Também a auto perceção do treinador do seu comportamento em competição indica que emitiu muita informação (3,5) direcionada ao grupo de atletas, tal fato não se verificou em competição. Os valores de expectativas (3,5) e auto perceção (4) da informação direcionada à equipa não correspondem ao que efetivamente foi observado em competição. Apesar de na dimensão direção, a categoria equipa ser a segunda com mais ocorrências, o valor é baixo (9,37%), o que não corresponde aos valores obtidos para as variáveis cognitivas.

Na dimensão conteúdo verificam-se valores baixos para instrução relativa à técnica (4,30%) o que corresponde aos valores apontados pelo treinador nas expectativas (2) e auto perceção (2,5). No entanto, valores nas expectativas (3) e auto perceção (3,5) apontam para uma quantidade média de instrução relativa ao conteúdo técnica defensiva, o que não se verifica em competição (1,39%). O treinador do nosso estudo refere quer nas expectativas, quer na auto perceção valores para a quantidade de instrução médios para o conteúdo tático, e muita informação relativa ao conteúdo psicológico o que não se verifica durante a competição. Na competição o conteúdo da instrução é predominantemente tático (45,13%) seguido de psicológico (27,33%). De salientar a relação entre as variáveis cognitivas e comportamentais relativas às subcategorias esquemas táticos e psicológico pressão para a eficácia. Na subcategoria tático método de jogo existe relação entre a expectativa do treinador e o comportamento em competição, o que não acontece ao nível da análise que o treinador faz da sua intervenção pedagógica em competição.

O treinador, quer ao nível das expectativas, quer ao nível da perceção sobre o comportamento dos atletas em competição regista valores de muita ocorrência - atletas atentos, o que se verifica em competição (80,81%). No entanto, tanto nas expectativas, como na perceção apresentam valores mais altos relativos à desatenção do que realmente se verifica em competição.

No que diz respeito à dimensão comportamento motor reativo, os atletas modificam o comportamento positivamente (78,76%), o que corresponde ao apontado ao nível das expectativas (4) e perceção (3,5) do comportamento dos atletas em competição.

Tabela 13

Expectativas – Comportamento de Instrução/Atleta – AutoPerceção/Perceção

Categorias		**Expectativas**	**Comportamento Observado**		**Auto Perceção/Perceção**
			Média	**%**	
Objetivo	AV+	4	84,96	10,04%	3,5
	AV-	2	19,89	2,35%	1,5
	PRE	3	663,27	78,39%	3,5
	INT	2	13,00	1,54%	2
Forma	AF+	4,5	28,75	3,40%	4,5
	AF-	1	,45	0,05%	1
	AU	4	491,50	58,09%	4,5
	AU-VIS	5	351,61	41,56%	5
Direção	ATL	4	701,00	82,85%	4
	Grupo	4	37,02	4,37%	3,5
	EQ	3,5	79,29	9,37%	4
Conteúdo	Técnico	2	36,79	4,30%	2,5
	Táctico	3,5	381,88	45,13%	3
	TAMJ	3,5	117,71	18,91%	2,5
	TAET	4	166,54	19,68%	4,5
	Psicológico	5	231,25	27,33%	4
Atenção	PPE	5	129,61	15,32%	4,5
	ATATL	4	683,77	80,81%	4
Desatenção	DATATL	2,5	15,79	1,07%	3
	DATAS	3,5	0,89	0,11%	2
	DATGR	2,5	0,55	0,07%	2,5
	DATEQ	2,5	2,00	0,24%	2
Comportamento Motor Reativo	MC+	4	297,79	78,76%	3,5

Nota. Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (Av-); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT), Afetividade Positiva (AF+); Afetividade Negativa (AF-); Auditiva (AU), Auditivo- Visual (AU-VIS); Atleta (ATL); Equipa (EQ); Tático de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticos (TAET); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Atenção Atleta (ATATL); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Equipa (DATEQ); Modifica o Comportamento Positivamente (MC+).

4.4. Discussão dos Resultados

O treinador observado emite informação predominantemente prescritiva (78,39%) e com objetivo de avaliar/elogiar (13,44%) positivamente, o que corresponde a 91,83% da instrução emitida. Tal facto, demonstra uma grande preocupação por parte do treinador em prescrever ações e comportamentos mais eficazes para a resolução das situações de jogo e de avaliar/elogiar positivamente, procurando manter níveis altos de motivação, autoestima e autoconfiança. Segundo I. Mesquita (2005) o treinador em competição deve ser positivo, concentrar-se no jogo para que possa fornecer informações pertinentes de carácter formativo e positivo. Os valores encontrados no nosso estudo vão claramente no sentido do defendido pela autora, bem como na direção de valores encontrados em outros estudos – (Moreno & Campo, 2004; A. Santos, 2003; F. Santos et al., 2012).

Smith e Cushion (2006) no seu estudo com treinadores profissionais do futebol jovem registaram uma relação entre louvor e repreensão de 16:1. Estes valores relativos ao louvor (17,66%) foram considerados necessários pelos treinadores para aumentar a confiança nos jogadores.

Segundo Moreno (2004) a direção da equipa em competição é influenciada pelas características da modalidade e pelos seus regulamentos. De facto no futebol a área de jogo é bastante grande e se existem jogadores perto do banco de suplentes existem outros que estão bastante distantes. O treinador no futebol dirige a sua equipa junto ao banco de suplentes não podendo sair da área técnica e é daí que comunica com os seus jogadores, podendo esse processo de interação treinador-atleta ser influenciado pelo ruído do público, condições climatéricas (vento, chuva), etc.. Assim, a forma como treinador comunica com os seus jogadores e equipa é fundamental para fazer chegar a mensagem com eficácia. O treinador observado emite informação preferencialmente

auditiva (58,09%), estando de acordo com o registado por A. Santos (2003) e F. Santos, et al. (2012), sendo no entanto um valor mais baixo do que o verificado nestes estudos realizados também no futebol. De registar que o treinador observado apresenta valores mais altos para a categoria auditivo-visual, do que os apresentados nos estudos referidos, demonstrando a sua preocupação em acompanhar a informação verbal com gestos para que os jogadores entendam melhor a sua instrução.

Relativamente à direção da instrução os resultados encontrados neste trabalho vão ao encontro dos registados por F. Santos et al. (2012) em treinadores de futebol do setor de formação. Hagemann et al. (2008) com treinadores de ligas de top e treinadores de competições locais, também verificaram esta tendência de emitir informação ao atleta (32,8% - 33,1%) e à equipa (28,4% - 29,4%).

Os resultados registados nas categorias Atleta (82,85%), Equipa (9,37%), Grupo (4,37%) e Atleta Suplente (3,40%) são muito próximos dos encontrados por F. Santos et al. (2012) também num estudo realizado com treinadores do setor de formação. A tendência de emitir instrução preferencialmente ao atleta também foi registada com treinadores de jovens por Ramirez e Diaz (2004). Os resultados do nosso estudo, em nossa opinião, vão ao encontro defendido por Moreno (2004). Este autor refere que a instrução emitida durante a competição deve ser preferencialmente direcionada ao atleta e somente nas paragens do jogo ao coletivo.

O conteúdo da instrução do treinador da nossa amostra é predominantemente tático, seguido do conteúdo psicológico. Foram registados valores altos para a categoria sem conteúdo, devido à instrução com o objetivo de avaliar e elogiar que é desprovida de conteúdo específico. A tendência destes resultados está de acordo com outros estudos realizados no âmbito do futebol (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos, 2003; F. Santos et al., 2012).

Quando fazemos uma análise mais cuidada das subcategorias da dimensão conteúdo verificamos que registamos mais ocorrências relativas aos esquemas táticos (19,68%), seguindo-se psicológico pressão para a eficácia (15,32%) e tática método de jogo (13,91%). Estes resultados demonstram a preocupação do treinador com as situações de bola parada nos momentos ofensivo e defensivo, em pressionar os jogadores para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo e com a organização dinâmica da equipa tendo em vista a criação de condições vantajosas para a concretização dos objetivos do ataque e da defesa. No estudo realizado por F. Santos et al. (2012) com treinadores de jovens, na modalidade de futebol, também foi registado grande prevalência nas categorias psicológico pressão para a eficácia e tático método de jogo. De salientar também a baixa frequência da instrução relativa à equipa adversária, o que demonstra que o treinador se centra fundamentalmente em estabilizar ou modificar as ações e comportamentos da sua equipa no plano tático e psicológico.

Na dimensão atenção relativa ao comportamento dos atletas em competição, verificamos que os atletas demonstram estar atentos à instrução emitida pelo treinador e ao jogo. Resultados similares foram obtidos em contexto de treino por Richheimer e Rodrigues (2000) e por F. Santos et al. (2012) em competição na modalidade de futebol.

Em relação à dimensão comportamento motor reativo verificamos que os atletas e equipa modificam o comportamento positivamente, ou seja, modificam o seu comportamento de acordo com a instrução emitida pelo treinador. Os resultados obtidos nesta dimensão confirmam os valores obtidos no estudo efetuado por F. Santos et al. (2012) também no setor de formação, na modalidade de futebol. No entanto, apesar de na categoria modifica o comportamento positivamente os valores estarem de acordo com Richheimer e Rodrigues (2000), o nosso estudo apresenta valores mais altos na categoria modifica o comportamento negativamente (7,71% - 0,26%) e não modifica o

comportamento (8,65% - 2,68%). Tal fato pode dever-se aos estudos serem realizados em contextos diferentes (competição/treino), o que demonstra que as características da competição trouxeram dificuldades no processo de comunicação.

Alguns estudos têm sido feitos com o objetivo de relacionar as variáveis comportamentais e as variáveis cognitivas. Sequeira (1998) num estudo com 8 treinadores de Andebol, 2 sessões de treino por treinador, verificou que existe relação entre as decisões pré-interativas e o comportamento interativo do treinador na categoria objetivo do Feedback. Brito e Rodrigues (2002) efetuaram um estudo na modalidade de Ginástica Artística e verificaram poucas relações entre as decisões pré interativas e interativas, referindo que estes resultados demonstram que os treinadores tomam uma determinada decisão e depois não a implementam, ou, ao nível das decisões pré interativas não ponderam determinado comportamento e na competição esse comportamento tem muitas ocorrências. A. Santos e Rodrigues (2006) em treinadores de seniores de futebol verificaram correlações entre as expectativas e comportamento do treinador em competição na dimensão objetivo – prescritivo e afetivo positivo, na dimensão direção – atletas suplentes e na dimensão conteúdo – técnica e tático sistema de jogo. Costa (2000) na modalidade de judo verificou baixa relação entre a auto perceção do comportamento dos treinadores e o comportamento observado. Azevedo (2002) verificou na modalidade de andebol que não existe qualquer relação do comportamento observado em treino e as decisões pré interativas e a auto perceção do treinador. Tendo em conta estes estudos muito há a fazer para compreender a relação entre estas variáveis. Os resultados obtidos, neste trabalho, ao nível das expectativas, auto perceção e comportamento do treinador e atletas permitem verificar algumas relações ao nível da dimensão objetivo – avaliativo negativo, interrogativo e afetivo negativo, da dimensão direção – atleta, na dimensão conteúdo – técnico, tático

esquemas táticos, psicológica pressão para a eficácia, na dimensão atenção – atenção atleta e na dimensão comportamento motor reativo – modifica o comportamento positivamente. Este estudo preliminar é um pequeno contributo para o estudo destas variáveis, sendo que a investigação que estamos a desenvolver nesta área, onde este trabalho se enquadra, com uma amostra maior permitirá verificar a existência ou não de correlações entre decisões pré interativas, comportamento observado e decisões pós interativas.

4.5. Conclusões

O treinador da nossa amostra emite informação direcionada ao atleta, com o objetivo prescritivo e de carater positivo, sob a forma auditiva e com conteúdo predominantemente tático, resultados estes que estão de acordo com estudos desenvolvidos também na modalidade de futebol (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos, 2003; F. Santos et al., 2012). Os atletas demonstram estar atentos e modificam o comportamento positivamente. No entanto, os valores verificados nas categorias não modifica o comportamento e modifica o comportamento negativamente, quando comparados com os registados por Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino, demonstram que as características da competição trazem problemas ao processo de comunicação. Existem algumas relações entre as variáveis comportamentais e cognitivas, tendência também verificada em alguns estudos efetuados, onde se registaram também algumas relações entre as decisões pré interativas, interativas e pós interativas (Brito & Rodrigues, 2002; A. Santos & Rodrigues, 2006; Sequeira, 1998).

4.6. Referências Bibliográficas

Azevedo, P. (2002). *A Intervenção Pedagógica dos Treinadores de Andebol. Estudo comparativo dos treinadores dos diferentes escalões de formação na modalidade de Andebol no sistema federado.* Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Brandão, M., & Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade, 6*(1), 53-69.

Brito, A., & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. *Desporto, Investigação & Ciência, 1*, 21-39.

Castelo, J. (2002). *O Exercício de Treino Desportivo. A unidade lógica de programação e estruturação do treino desportivo.* Lisboa: FMH-UTL.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective.*

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Costa, L. (2000). *A Modificação de Comportamentos no Treinador como Determinante nas Expectativas de Continuidade dos Jovens Atletas de Judo.* Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Côté, J., & Sedgwick, W. (2003). Effective Behaviors of Expert Rowing Coaches: A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. *International Sports Journal, 7*(1), 62-77.

Coté, J., Young, B., North, J., & Duffy, P. (2007). Towards a definition of excellence in sport coaching. *International Journal of Coaching Science, 1*(1), 3-16.

Cruz, J., Dias, C., Gomes, R., Alves, A., Sá, S., Viveiros, I., et al. (2001). Um programa de formação para a eficácia dos treinadores da iniciação e formação desportiva. *Análise Psicológica, 1,* 171-182.

Cunha, P. (1998). A Intervenção do Treinador durante o Tempo Morto. *Treino Desportivo, 2,* 33-38.

Davies, M., Bloom, G., & Salmela, J. (2005). Job satisfaction of accomplished male university Basketball coaches: The Canadian context. *International Journal Sport Psychology, 36,* 173-192.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Hagemann, N., Strauss, B., & Busch, D. (2008). The complex problem-solving competence of team coaches. *Psychology of Sport and Exercise, 9,* 301-317.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo, 6,* 22-36.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I., Rosado, A., Januário, N., & Barroja, E. (2008). Athlete's Retetion of a Coach´s Instruction a Judo Competition. *Journal os Sports Science and Medicine, 7,* 1-7.

Moreno, P. (2004). Características de eficacia del entrenador deportivo. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 19-74). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Potrac, P., Jones, R., & Armour, K. (2002). It's All About Getting Respect: The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. *Sport, Education and Society, 7*(2), 183-202.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidadde los entrenadores desportivos. Una investigacion sobre la instrucciones a escolares en fútbol de cpmpéticion. *Revista de Educacion, 335,* 163-187.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo, 12,* 36-46.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objectivos dos treinos e do nível de pratica dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Saiz, S., Ruano, M., Luján, P., & Calvo, A. (2007). Factores que favorecen el desarrollo de la pericia en Entrenadores expertos en Baloncesto. *Cultura, Ciencia Y Deporte, 2*(6), 145-149.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2ª Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2006). Análise relacional entre as expectativas e comportamento de instrução do treinador de futebol, na preleção de preparação e na competição. *Desporto. Investigação & Ciência*, *5,* 83-100.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a prelecção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Sequeira, P. (1998). *Análise do pensamento, da ação e de reação no feedback nos treinadores de Andebol dos escalões de formação.* Tese de Mestrado, UTL - FMH, Lisboa.

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science, 24*(4), 355-366.

Smith, R., & Smoll, F. (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Current Directions in Psychological Science, 6*(1), 16-21.

5. Estudo do Comportamento de Instrução dos Treinadores Jovens de Futebol em Competição

Resumo

O objetivo deste estudo centra-se na análise do comportamento de instrução dos treinadores de jovens em competição. Para isso foram filmados 2 jogos de futebol de 4 treinadores de equipas que jogam nos campeonatos nacionais de Portugal de juvenis e juniores. Para a codificação dos comportamentos de instrução utilizamos o sistema de categorias SAIC. Os resultados obtidos mostram que os treinadores emitem informação com o objetivo preferencialmente prescritivo, direcionado ao atleta, sob a forma auditiva e com conteúdo predominantemente tático.

Palavras-chave: Observação, Comportamento, Futebol, Instrução

Abstract

This study focuses on the behavior analysis of instructional coaches in youth competition. For that were filmed 2 football games of 4 coaches of teams playing in the national championship of juveniles and juniors in Portugal. For coding of instructional behaviors used the system of categories SAIC. The results show that coaches emit information aimed preferably prescriptive, directed to the athlete, the form hearing and content predominantly tactical.

Keywords: Observation, Behavior, Football, Instruction

5.1. Introdução

A forma como o treinador dirige a sua equipa em competição é uma tarefa de especial relevância, pois pode não só influenciar o rendimento dos seus jogadores com também ajudar a alterar o rumo do jogo. A importância da atividade do treinador em competição é reforçada por Launder e Piltz (1999) ao referirem que a condução eficaz da equipa pode ter impacto para além do jogo. O objetivo do presente estudo é analisar o comportamento de instrução nos treinadores de futebol do setor de formação.

A comunicação é a forma que o treinador utiliza para instruir (Cluver & Trudel, 2000), ou seja para transmitir informação que procura prescrever, descrever, interrogar ou avaliar, sobre aspetos técnicos, táticos, psicológicos, físicos ou equipa adversária. Hotz (1999) defende que os treinadores de sucesso destacam-se pela sua capacidade de comunicar.

É através da comunicação que o treinador transmite informação que procura alertar os jogadores para os aspetos da planificação tático estratégica, fazer alterações táticas resultantes da observação do adversário, corrigir aspetos técnicos, manter níveis ótimos de motivação, autoconfiança e autoestima necessários para um ótimo rendimento. Também nas substituições o treinador tem a oportunidade de emitir informação ao jogador que vai entrar, como também aos restantes jogadores, tendo em conta que é um momento em que o jogo está parado. As substituições são o meio tático operacional de intervenção do treinador no jogo (Castelo, 2009), é uma oportunidade para emitir informação de qualidade (A. Santos, 2003) e pode ser uma medida estratégica quando utilizada de forma eficaz (Lima, 2000).

É neste sentido que o treinador quando está na sua área técnica deve ter a capacidade de observar não só a sua equipa como também a equipa adversária. Segundo Piltz (2003) a atividade do treinador durante a competição requer competências ao nível

da observação e análise. Castelo (2009) defende a importância do treinador definir um guião que lhe permita extrair do jogo um conjunto de informações para poder tomar decisões rápidas e seguras.

Outro aspeto importante a ter em conta na atividade do treinador é o contexto em que este exerce a sua função. Dirigir uma equipa de seniores não é igual a dirigir equipas do setor de formação. Gomes et al. (2008) alertam para a importância do treinador adaptar os seus comportamentos à idade e tipo de atletas, tendo em vista uma maior eficácia na relação treinador-atleta. Coté et al. (2007) referem que o treinador excelente desenvolve as suas competências tendo em conta o contexto, respeitando desta forma as etapas de desenvolvimento dos atletas.

F. Santos et al. (2012) desenvolveram um estudo na modalidade de futebol e procuraram verificar a existência de diferenças no comportamento de instrução entre os treinadores do setor de formação e os treinadores de seniores. Foram registadas diferenças significativas em quase todas as categorias das dimensões do sistema de observação utilizado, exceto nas categorias avaliativo negativo (dimensão objetivo), grupo de atacantes, grupo de suplentes, equipa (dimensão direção), técnica (dimensão conteúdo), nas subcategorias tática método de jogo (categoria tático – dimensão conteúdo), físico velocidade de execução (categoria físico – dimensão conteúdo) e sem conteúdo. No entanto gostaríamos de referir alguns aspetos relativamente ao conteúdo da intervenção que pensamos ser importantes. Apesar de nos treinadores dos dois contextos o conteúdo da instrução ser preferencialmente tática, quando analisamos as subcategorias, verificamos que os treinadores de jovens têm a preocupação de emitir informação que procura pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo – dimensão psicológica, seguindo-se a informação relacionada com o método de jogo da equipa e com as combinações táticas. A informação relativa à equipa adversária tem um

valor residual. Os treinadores de seniores emitem mais instrução relativa ao método de jogo da equipa, seguindo-se psicológico pressão eficácia e informação relativa aos esquemas táticos. Apesar de não ser em valores muito altos os treinadores de seniores emitem mais informação sobre a equipa adversária, e tendo em conta os valores relativos informação sobre o método de jogo ofensivo e defensivo da equipa, fica patente a preocupação destes treinadores com vertente táctico-estratégico do jogo.

5.2. Metodologia

O estudo do comportamento de instrução dos treinadores de futebol em competição teve em conta os requisitos da metodologia observacional (Anguera et al., 2000). A observação do comportamento de instrução em competição foi realizada sem que tenha havido qualquer tipo de condicionalismo por parte do investigador, sem alteração do contexto natural onde acontece a competição de um jogo de futebol e foi utilizado um sistema de observação - SAIC, que foi construído tendo conta a realidade e o enquadramento teórico sobre a modalidade. No que diz respeito à necessidade de continuidade temporal das observações, apesar de não terem sido observados os treinadores ao longo de um período de tempo, na nossa investigação cada treinador foi observado em dois jogos.

No que concerne ao desenho observacional o nosso estudo teve em conta os critérios definidos como referência por Anguera et al. (2001). O presente estudo é uma parte da investigação onde é observado comportamento dos treinadores e o comportamento dos atletas. Tendo em conta que a investigação referida procura analisar os comportamentos dos treinadores em interação com os atletas no contexto competitivo, assumimos que o nosso estudo quanto às unidades observadas é nomotético. Relativamente ao critério temporalidade o estudo é pontual, uma vez que

apesar de serem observarmos 2 jogos por treinador, não existe uma sequencia temporal pré definida para a recolha de dados. Em relação ao nível de resposta consideramos o estudo como multidimensional, porque o comportamento de instrução dos treinadores foi analisado segundo vários níveis de resposta.

5.2.1. Participantes no Estudo

Os participantes no nosso estudo foram 4 treinadores de futebol que orientavam equipas do setor de formação – juvenis e juniores, que competiam nos campeonatos nacionais de Portugal. Foram observados 2 jogos na totalidade por treinador, tendo sido analisados 4151 comportamentos de instrução dos treinadores.

Os jogos observados foram marcados tendo em conta alguns aspetos: condição de visitado, disponibilidade do treinador e expectativa de vitória.

Os treinadores observados tinham uma média idade de 42,5 anos de idade e uma média de anos de experiência a treinar jovens de 14,5 anos. Todos os treinadores possuíam licenciatura na área da Educação Física e Desporto e tinham curso da modalidade de II e IV nível.

5.2.2. Instrumento

O instrumento utilizado para a codificação dos comportamentos de instrução dos treinadores observados em competição foi Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC), validado por A. Santos e Rodrigues (2008).

5.2.3. Procedimentos Prévios

Para a realização do nosso estudo foi necessário, numa primeira fase, garantir a autorização dos clubes e treinadores. Desta forma, realizamos uma reunião com os

treinadores onde foram explicados os objetivos e procedimentos metodológicos da investigação. Os treinadores foram informados que todos os dados recolhidos seriam confidenciais e mantidos no anonimato, servindo somente para tratamento estatístico. Depois da confirmação de autorização dos clubes e treinadores foi preenchida a ficha de caracterização da amostra, marcados os dois jogos e entregue o consentimento informado.

5.2.4. Procedimentos Metodológicos

A recolha dos dados foi realizada através da utilização de uma camara de filmar colocada no lado oposto ao banco de suplentes, local onde o treinador se encontrava para dirigir a sua equipa em competição. Esta mesma camara tinha acoplado um recetor *wireless* que recebia o som do microfone que estava colocado na lapela do casaco do treinador. Ainda utilizámos uma segunda camara que filmou o jogo para que houvesse uma melhor interpretação das instruções emitidas pelo treinador.

As gravações efetuadas foram posteriormente passadas para o disco rígido do computador para serem observadas e feitos os registos das ocorrências utilizando o programa *LINCE*® (Gabín et al., 2012).

5.2.5. Fidelidade

Após o treino dos observadores de acordo com o definido por Rodrigues (1997), realizámos a fidelidade intra observador e inter observadores. Para cumprir esse objetivo utilizámos a medida de concordância Kappa de Cohen, tendo sido obtidos valores para a fidelidade intra observador e inter observadores acima dos 80%.

5.2.6. Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico foi efetuado recorrendo ao programa de estatística informática para a Análise de Dados em Ciências Sociais – *IBM SPSS Statistics20*®. A análise descritiva dos dados foi realizada através dos parâmetros de tendência central – média e parâmetros de dispersão – desvio padrão, limites de variação, percentagem e *outliers*. Os resultados também foram apresentados através de gráficos de barras e bigodes (*outliers*).

5.3. Resultados

5.3.1. Durante a Competição

O valor médio registado para a quantidade de instrução emitida pelos treinadores observados é de 518,88 UI (5,56 UI/Min).

Tabela 14

Quantidade de Instrução emitida durante a Competição

	Mínimo	**Máximo**	**Média**	**Desvio Padrão**
Total Instrução (UI)	104	863	518,88	283,37
Unidade de Informação por minuto (UI/Min.)	1,10	8,79	5,56	2,90

Nota. Unidades de Informação(UI); Unidades de Informação por minuto (UI/Min.)

Nos valores registados para a quantidade de instrução emitida existe uma grande dispersão nos resultados, o que se pode verificar no valor do desvio padrão (283,37UI - 2,90UI/Min.). O valor mínimo é de 104 UI - 1,10 UI/Min. e o máximo é de 863 UI – 8,79 UI/min., o que demostra a não existência de uma tendência muito clara relativamente à quantidade de instrução emitida pelos treinadores de jovens da nossa amostra.

Tabela 15

Dimensão Objetivo da Instrução em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
AV+	18	113	55,38	33,945
AV-	0	7	3,75	1,982
DES	10	88	34,62	28,400
PRE	60	721	387,88	238,977
INT	1	56	18,88	19,149
AF+	1	44	16,62	13,255
AF-	0	5	2,37	1,923

Nota. Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-)

De acordo com a tabela 15 e a figura 8, os treinadores emitiram informação com o objetivo prescritivo (74,66%); Avaliativo Positivo (10,66%); Descritivo (6,67%); Interrogativo (3,63%); Afetividade Positiva (3,20%); Avaliativo Negativo (0,72%) e Afetividade Negativa (0,46%).

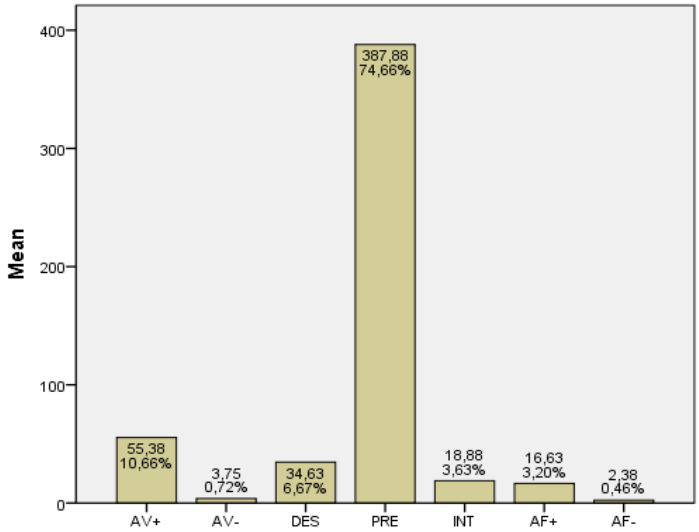

Figura 8. **Valores Médios e em % da Dimensão Objetivo da Instrução em Competição.**
Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+); Afetividade Negativa (AF-).

Os treinadores demonstraram uma grande preocupação em fornecer informação com o objetivo de propor comportamentos mais eficazes na resolução das situações de jogo, bem como de avaliar/elogiar positivamente as ações técnico-táticas e comportamentos dos atletas e equipa durante a competição. Estes objetivos do

comportamento de instrução representam 88,52% da informação emitida pelos treinadores.

De salientar também são os valores residuais registados para as categorias avaliativo negativo (0,72%) e afetivo negativo (0,46%), o que demonstra que os treinadores de jovens observados procuraram manter uma interação treinador-atleta bastante positiva em contexto competitivo.

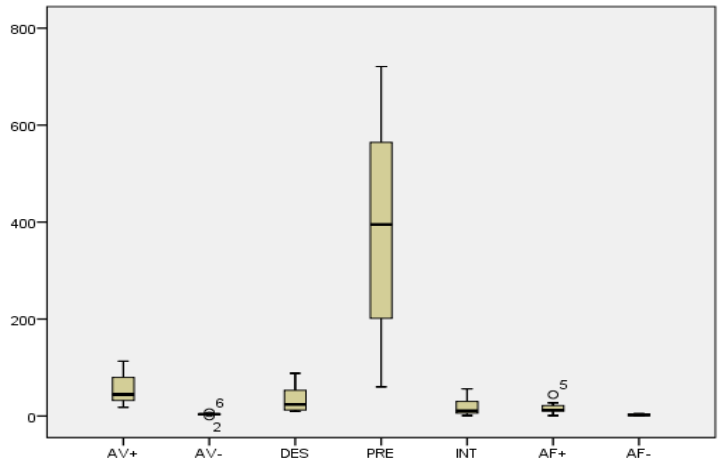

***Figura 9. Outliers* referentes à Dimensão Objetivo da Instrução em Competição.** Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+); Afetividade Negativa (AF-).

Na categoria avaliativo negativo encontramos dois jogos em que os valores estão distantes da média registada nas restantes competições observadas. No jogo 2 o treinador 1 não emitiu nenhuma instrução com o objetivo de avaliar negativamente o comportamento ou ação técnico-tática. O treinador referido apresentou sempre nos dois jogos os valores mais baixos, comparativamente com os registados nos restantes jogos observados.

No jogo 5 o treinador 3 emitiu mais instrução afetiva positiva do que os registados em média nos restantes jogos. Tal facto pode-se explicar por ter sido um jogo difícil para a equipa e em que resultado não estava a ser de acordo com os objetivos. O treinador emitiu mais instrução claramente positiva que teve como objetivo informar os

jogadores sobre a sua prestação ou futuras prestações, incentivando-os desta forma a manterem níveis competitivos que permitisse "lutar" até ao fim do jogo, apesar do resultado pouco favorável.

Os treinadores de jovens da nossa amostra emitiram instrução preferencialmente sob a forma auditiva (64,37%). No entanto pelos resultados apresentados na tabela 16 podemos verificar que existiu também uma grande preocupação por parte dos treinadores em acompanhar a comunicação verbal com a comunicação gestual.

Tabela 16

Dimensão Forma da Instrução em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
AU	56	717	334,00	236,103
VIS	1	5	2,13	1,356
AUVIS	42	323	182,75	101,322

Nota. Auditivo (AU); Visual (VIS) e Auditivo-Visual (AUVIS)

A comunicação da instrução sob a forma visual apresenta valores muito baixos (0,41%), o que demonstra que a estratégia de emitir instrução gestualmente foi pouco utilizada pelos treinadores que observamos.

Relativamente à direção da instrução, os treinadores emitiram informação preferencialmente direcionada ao atleta (77,33%), seguindo-se à equipa (11,15%), Grupo (6,53%) e Atleta Suplente (4,99%).

Tabela 17

Dimensão Direção da Instrução em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
ATL	61	687	401,25	235,464
AS	12	50	25,88	15,217
GD	2	12	4,88	3,563
GM	2	46	12,88	14,427
GA	0	4	2,38	1,408
GS	0	58	13,75	19,440
EQ	26	94	57,87	27,767
GRU	5	76	33,88	24,897

Nota. Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU)

O setor da equipa para qual os treinadores emitiram mais instrução foi o de médios (2,48%), seguindo-se os defesas (0,94%) e os avançados (0,46%).

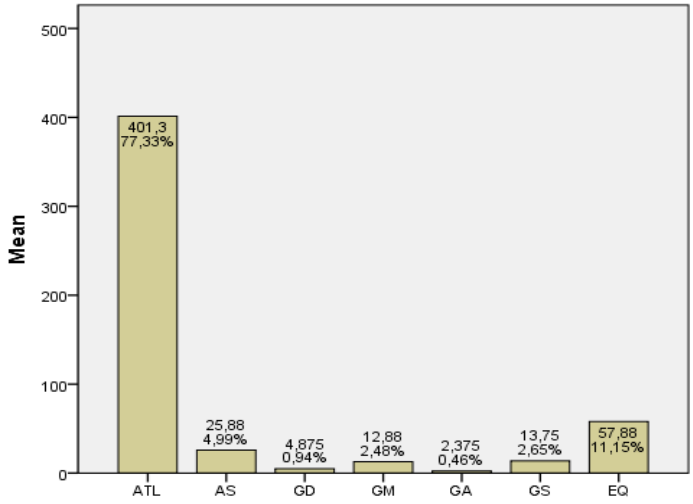

Figura 10. **Valores Médios e em % da Dimensão Direção da Instrução em Competição.**
Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU)

Os valores apresentados da instrução direcionada aos atletas suplentes (4,99%) dizem respeito a alguma informação emitida relativamente à observação do jogo ou aos momentos das substituições. As substituições são momentos utilizados pelos treinadores para substituir um atleta lesionado ou cansado, mas também como meio tático operacional de intervenção no jogo. Neste estudo, num ponto mais à frente, iremos nos debruçar sobre o conteúdo da instrução emitida durante as substituições.

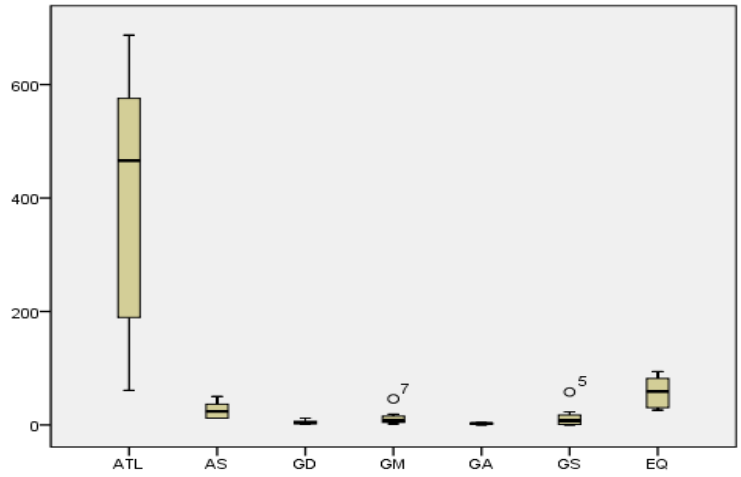

***Figura 11. Outliers* referentes à Dimensão Direção da Instrução em Competição.** Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU)

De acordo com a figura 11, verificou-se que o treinador 4 no jogo 7 emitiu mais instrução direcionada aos médios do que registado nos restantes jogos, que pode dever-se ao fato de na segunda parte ter havido mais dificuldade de articulação das funções táticas dos diferentes jogadores que compõem o setor de meio campo, no processo defensivo e ofensivo, o que levou o adversário a superiorizar-se nesta fase do jogo.

Relativamente à categoria grupo suplentes todos os treinadores de jovens observados manteiem-se dentro dos valores médios registados, à exceção do treinador 3 (jogo5). Tendo em conta o que já foi acima referido para o objetivo da instrução, este jogo foi bastante difícil para a equipa e o resultado não estava a ir ao encontro das expetativas iniciais, levando o treinador a emitir instrução ao grupo de suplentes relativamente ao erros que os colegas cometiam em campo e à forma que gostaria que fossem resolvidas as situações de jogo. No entanto este treinador, apesar de não atingir os valores verificados neste jogo, apresenta na outra observação realizada valores altos comparativamente com os resultados dos restantes treinadores na categoria grupo de suplentes, o que nos leva a concluir que é uma estratégia utilizada com os atletas que

estão no banco de suplentes para sinalizar os erros cometidos e a forma de resolver as situações de jogo.

No que diz respeito ao conteúdo da instrução emitida pelos treinadores foi preferencialmente tática (46,30%), seguindo-se as dimensões Psicológica (25,75%), Sem Conteúdo (16,82%), Técnica (4,84%), Físico (2,63%), Equipa Adversária (2,07%) e Equipa de Arbitragem (1,59%).

De acordo com os resultados, podemos verificar que os treinadores na direção da equipa em competição tiveram uma grande preocupação de comunicar instrução relativa aos elementos táticos individuais e coletivos. A dimensão psicológica também registou um valor significativo, o que demonstra que os treinadores observados durante a competição procuraram emitir informação referente a medidas gerais e especificas que têm como objetivo desenvolver aspetos psico emocionais dos jogadores e da equipa.

De salientar também é valor da categoria sem conteúdo. Esta categoria apresenta um valor alto comparativamente com as restantes categorias e subcategorias, sendo mesmo a segunda com mais ocorrências (figura 12), devido à informação com o objetivo avaliativo e afetivo ser muitas vezes desprovida de qualquer conteúdo.

Tabela 18

Dimensão Conteúdo da Instrução em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
TEOF	6	37	18,13	12,677
TEDFEF	1	25	7,00	8,401
Técnica	8	61	25,12	19,475
TASJ	3	37	18,25	12,338
TAMJ	17	181	89,50	57,545
TAET	5	93	52,50	30,237
TAPJ	0	54	16,75	18,638
TAFUNC	1	19	11,00	5,581
TACOMB	0	94	27,63	30,701
TAEG	2	48	24,63	16,775
Tática	32	408	240,25	141,702
PRI	3	26	14,25	8,137
PC	0	14	4,00	4,870
PPE	12	138	63,75	46,067
PAT	0	95	29,88	30,861
PCO	0	4	1,13	1,458
PPC	1	17	9,25	5,970
PRA	2	17	10,25	6,159
PRESP	0	2	1,13	,641
Psicológico	21	285	133,63	92,383
FRES	0	2	,38	,744
FVEX	0	9	3,88	3,834
FVDES	0	2	1,13	,641
FVRAEA	0	4	,75	1,389
FFO	0	3	,75	1,165
FAQ	3	12	6,75	2,712
Físico	6	27	13,63	7,308
EQADV	1	24	10,75	8,714
EQARB	2	16	8,25	4,950
S/C	30	131	87,25	39,666
IND	0	0	,00	,000

Nota. Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB); Sem Conteúdo (S/C); Indeterminado (IND)

Quando analisamos a figura 12, referente aos valores das categorias/subcategorias da dimensão conteúdo da instrução, verificamos que as grandes preocupações dos treinadores de jovens observados na direção da equipa em competição se centram:

1º. Na organização e dinâmica da equipa, tendo em vista a criação de condições vantajosas para a concretização dos objetivos do ataque e da defesa – tática de método de jogo (17,25%);

2º. Em procurar pressionar os jogadores e equipa para uma maior eficácia de jogo – psicológica pressão eficácia (12,29%);

3º. Nos aspetos relativos aos esquemas táticos ofensivos e defensivos – tática dos esquemas táticos (10,12%).

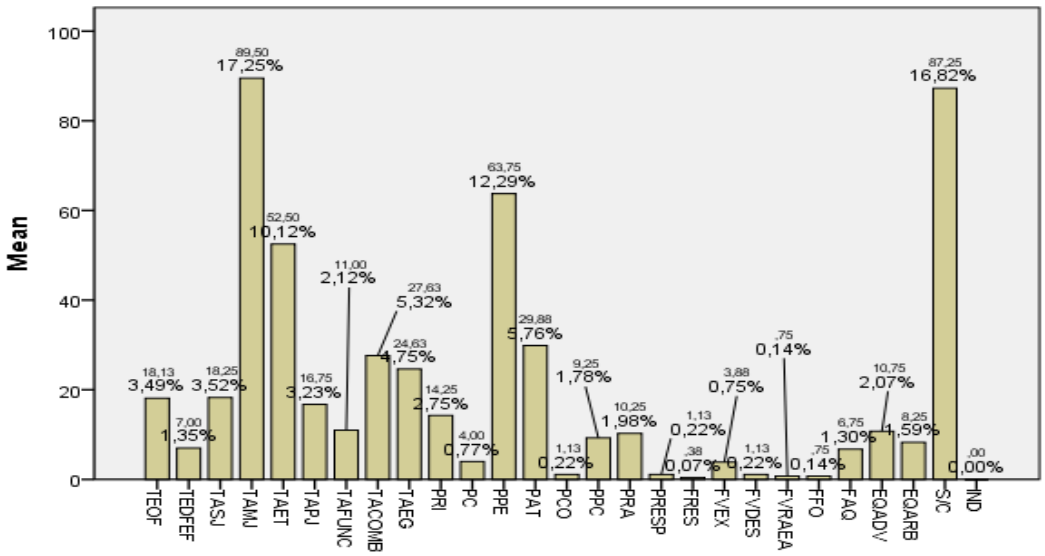

Figura 12. **Valores Médios e em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo da Instrução em Competição.** Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB); Sem Conteúdo (S/C); Indeterminado (IND)

Na figura 13 podemos verificar diversos valores das categorias e subcategorias da dimensão conteúdo da instrução fora dos valores médios registados nos outros jogos observados. Todos os *outliers* verificados, estão relacionados com as circunstâncias do

jogo que levam os treinadores a emitir mais instrução relativa a determinado conteúdo. Iremos dar especial atenção a três valores (TEDEF, PAT e TACOMB), devido à sua especial relevância.

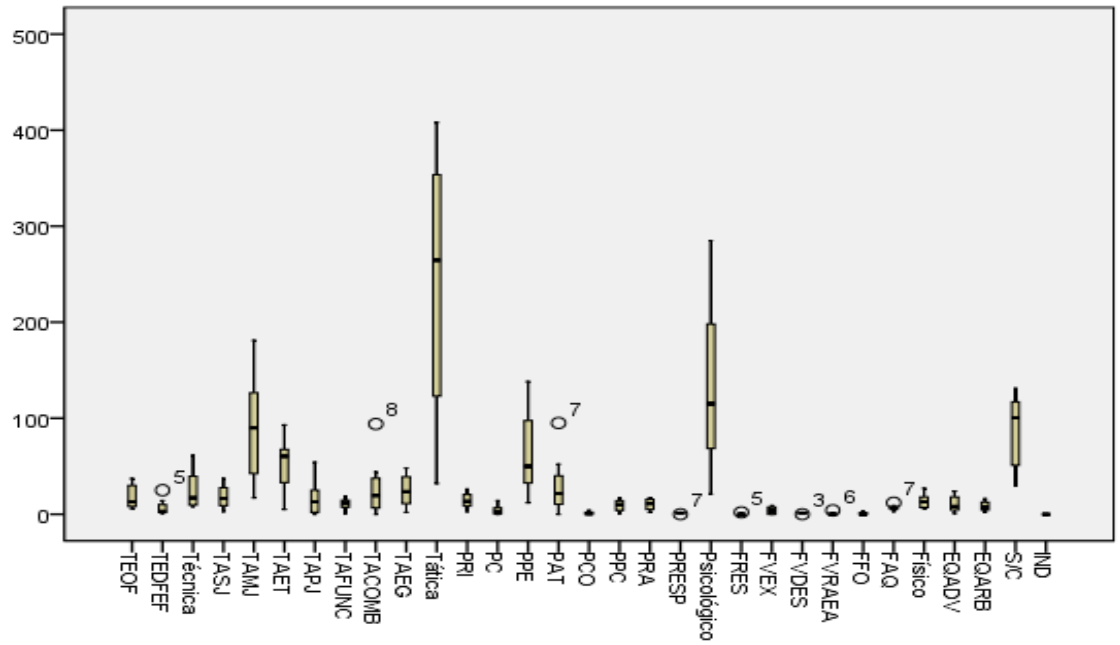

***Figura 13. Outliers* referentes às Categorias/Subcategorias da Dimensão Direção da Instrução em Competição.** Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB); Sem Conteúdo (S/C); Indeterminado (IND)

No jogo 5, o treinador 3 deu especial atenção à forma mais correta de executar ações técnicas defensivas, especialmente no desarme afim de não serem cometidas tantas faltas.

O jogo 7 jogo já foi referido por nós anteriormente. Foi um jogo em que a equipa dirigida pelo treinador 4 foi perdendo o controlo do jogo, tendo o treinador emitido mais

informação, do que o registado em média nos jogos anteriores, com o objetivo de solicitar aos jogadores e equipa atenção para determinados aspetos do jogo.

No jogo 8, o treinador 4 deu especial atenção às combinações simples, diretas e indiretas. Tal fato deve-se ao treinador pretender, de acordo com a análise do jogo, a resolução tática das diversas situações momentâneas, através da criação de condições favoráveis em termos numéricos, espaciais e temporais, tendo em vista a persecução dos objetivos do processo ofensivo.

5.3.2. Durante as Substituições

Neste estudo pretendemos também verificar qual o comportamento de instrução do treinador no momento em que fornece informação ao atleta suplente.

De acordo com a figura 14, os treinadores emitem instrução ao atleta suplente que vai entrar em jogo com o objetivo predominantemente prescritivo (83,47%). Neste momento os treinadores também recorrem à descrição (4,96%) de comportamentos individuais e coletivos, de situações de jogo e de características do adversário, para poder posteriormente prescrever qual a sua função tática no jogo.

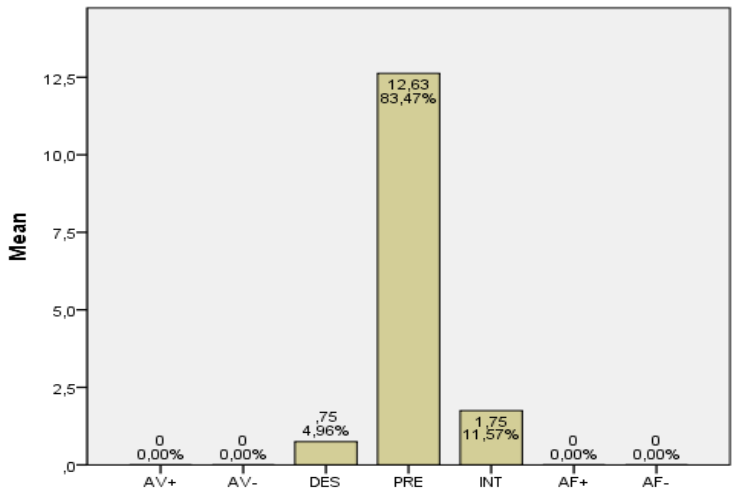

Figura 14. **Valores Médios e em % da Dimensão Objetivo da Instrução durante a Substituição.** Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU)

De salientar também é o valor registado na categoria interrogação (11,57%). Este valor deve-se ao facto dos treinadores procurarem certificar-se que os atletas estão e entender a instrução que lhes está a ser fornecida (ex.: *"Percebeste?"*; *"Miguel, está a entender"*; etc.).

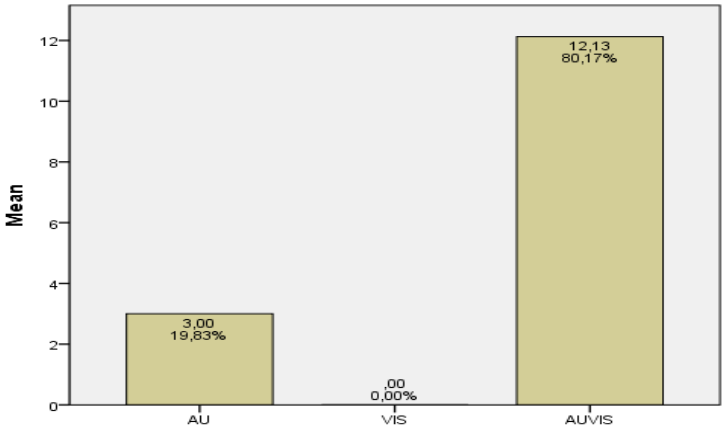

Figura 15. **Valores Médios e em % da Dimensão Forma da Instrução durante a Substituição.** Auditivo (AU); Visual (VIS) e Auditivo-Visual (AUVIS)

Ao contrário do registado durante a competição, os treinadores quando emitem informação ao atleta suplente que vai entrar no jogo utilizam mais a forma auditiva-visual, ou seja, preferem utilizar a comunicação verbal em conjunto com a comunicação gestual.

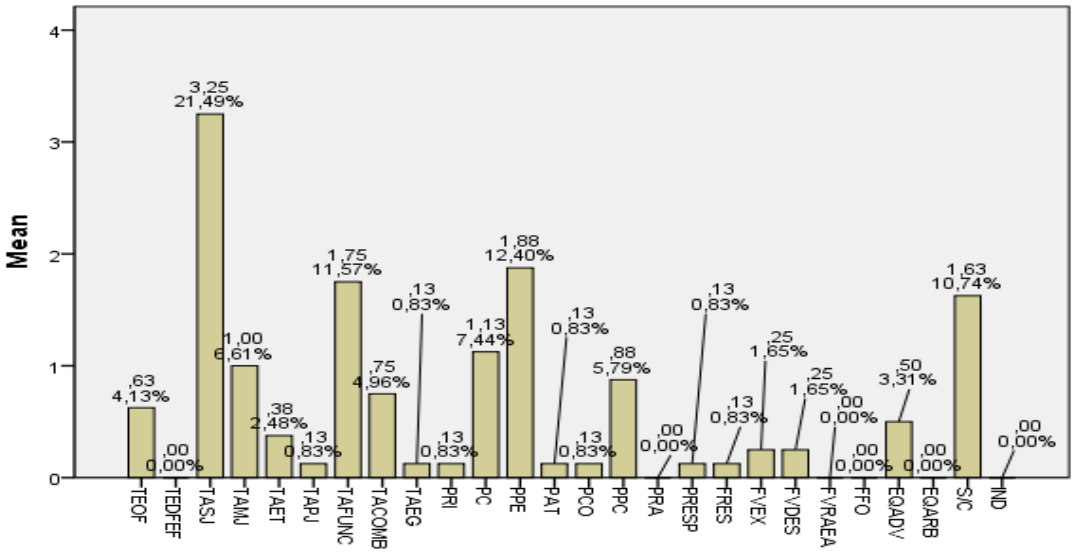

Figura 16. **Valores Médios e em % das Categorias/Subcategorias da Dimensão Conteúdo da Instrução durante a Substituição.** Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB); Sem Conteúdo (S/C); Indeterminado (IND)

O conteúdo da instrução emitida ao atleta suplente que vai entrar em jogo é predominantemente tática (48,76%) e psicológica (28,93%). Tendo em conta o gráfico 16 verificamos que as grandes preocupações dos treinadores de jovens observados, num momento especial de intervenção no jogo, como é o das substituições são:

1º. O modo de colocação do jogador no sistema de jogo da equipa, ou seja, o posicionamento no terreno de jogo em termos ofensivos e defensivos – tático de sistema de jogo (21,49%);

2º. Motivar e incentivar os jogadores para a eficácia no jogo – psicológica pressão eficácia (12,40%);

3º. Conjunto de comportamentos técnico-táticos gerais e específicos do jogador, de acordo com posicionamento dentro do sistema de jogo da equipa – tática de funções/missões específicas do jogo (11,57%).

Os valores relativos à categoria sem conteúdo deveram-se à instrução emitida pelos treinadores com o objetivo interrogativo. No momento em que o treinador emite informação ao atleta que vai entrar em jogo, muitas vezes questionam se o jogador entendeu e se ouviu o que lhe foi transmitido, para que possa certificar-se da receção da mensagem.

5.4. Discussão dos Resultados

O estudo desenvolvido pretendeu analisar o comportamento de instrução nos treinadores do setor de formação. Um dos aspetos por nós analisado diz respeito à quantidade de instrução emitida. Tendo em conta os resultados, verificamos que não existe uma tendência muito clara relativamente à quantidade de instrução emitida (mínimo - 104 UI - 1,10 UI/Min. e máximo - 863 UI – 8,79 UI/min.), visto que existe uma grande dispersão de resultados (desvio padrão - 283,37UI - 2,90UI/Min.).

Tal facto também já tinha sido verificado por F. Santos (2010) com treinadores do setor de formação, (desvio padrão – 2,85 UI/Min.), registando valores de pouca instrução emitida (2,04 UI/Min.) e de muita instrução emitida (9,32 UI/Min.).

Alguns estudos efetuados no contexto do setor de formação encontraram os seguintes valores médios relativamente à instrução emitida por minuto: 4,2 UI/Min. (Ramirez & Diaz, 2004); 6,63 UI/Min. (Quintal, 2000) e 6,30 UI/Min. (F. Santos et al., 2012). O valor registado no nosso estudo é de 5,56 UI/Min., estando próximo dos valores verificados nos estudos referidos.

A. Santos (2003) no seu estudo efetuado com treinadores de seniores realizou uma escala para enquadrar a quantidade de informação emitida pelos técnicos – pouca instrução (1 a 3 UI/Min.); média instrução (3 a 5 UI/Min.) e muita instrução (5 a 10 UI/Min.). Apesar de esta escala ter sido feita no contexto diferente ao do nosso estudo, iremos utiliza-la para enquadrar o valor registado por nós (5,56 UI/Min.). Desta forma podemos afirmar que os treinadores de jovens da nossa amostra emitiram em média muita instrução. Pelas observações realizadas pode-se explicar os referidos resultados, devido aos treinadores no setor de formação sentirem a necessidade de durante a competição prescreverem sistematicamente ações e comportamentos que querem ver efetuadas pelos jogadores e de procurarem frequentemente corrigir ou reforçar as ações e comportamentos realizados.

Relativamente ao objetivo da instrução verificamos que os treinadores de jovens da nossa amostra emitem instrução predominantemente prescritiva (74,66%) e de avaliação/afetividade positiva (13,86%). Estes resultados estão em concordância com o registado em outros estudos realizados no futebol, quer no contexto sénior (A. Santos & Rodrigues, 2008), quer no contexto do setor de formação (F. Santos et al., 2012; F. Santos et al., 2013). A importância da informação com um caracter positivo, tal como acontece no registado com os treinadores do nosso estudo, é reforçada pelos valores verificados numa investigação com treinadores profissionais de jovens (Smith & Cushion, 2006) relativos ao louvor (17,66%). Estes valores foram considerados pelos treinadores do estudo como importantes para aumentar a confiança dos atletas.

Verificamos que uma grande parte do objetivo da instrução emitida (88,52%) reside em prescrever ações técnico-táticas e comportamentos mais eficazes para a resolução das situações de jogo e em avaliar/elogiar positivamente a ação dos jogadores,

a fim de manter níveis ótimos de motivação, autoestima e autoconfiança, aspetos fundamentais para atingir a performance pretendida.

O valor registado está muito próximo do verificado por F. Santos et al. (2012) (93, 83%) e por F. Santos et al. (2013) (91,83%) em estudos realizados também no setor de formação. Esta tendência está linha com o referido por I. Mesquita (2005) que defende que os treinadores em competição devem concentrar a sua atenção no jogo para que possam emitir instruções válidas de caracter formativo e positivo aos seus atletas e por Moreno e Campo (2004) que referem que os treinadores em competição devem emitir informação de caracter fortemente positivo.

De salientar é o valor encontrado para a categoria descritivo (6,67%), mais alto do que o registado nos diversos estudos realizados no futebol com treinadores do setor de formação (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012) e com treinadores de seniores (A. Santos & Rodrigues, 2008). Este resultado mostra que os treinadores de jovens que participaram no nosso estudo tiveram também a preocupação de descrever comportamentos individuais e coletivos, situações de jogo e características do adversário.

A forma preferencial que os treinadores da nossa investigação emitem informação é auditiva (64,37%), no entanto existe a preocupação de recorrer a instrução sob a forma auditiva-visual (35,22%). A comunicação gestual apresenta valores residuais (0,41%). A tendência destes resultados é também verificada nos diversos estudos realizados no âmbito do futebol (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos, 2003; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Os treinadores de jovens da nossa investigação emitem instrução preferencialmente direcionada ao atleta (77,33%) e equipa (11,15%). Esta estratégia utilizada pelos treinadores observados vai ao encontro das recomendações de Moreno e

Campo (2004). Os referidos autores defendem que os treinadores devem emitir informação direcionada ao individuo quando os jogadores estão no centro do jogo e direcionada ao coletivo nas paragens do jogo. Os resultados por nós apurados estão de acordo com diversos estudos realizados no âmbito da análise do comportamento do treinador em competição (Botelho et al., 2005; Cloes et al., 1993; Gonçalves, 2009; Ramirez & Diaz, 2004; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

O setor da equipa que os treinadores emitem mais instrução é o do meio campo. Esta preocupação com este setor da equipa também foi registada em outros estudos realizados também no setor de formação (F. Santos et al., 2012; F. Santos et al., 2013). Tal fato pode ser explicado, porque o setor do meio campo é importante dentro da organização da equipa. Segundo Castelo (2009) os jogadores do meio campo são responsáveis por manter equilibrado o sistema de jogo da equipa através da ajuda ao setor defensivo, marcação de jogadores adversários e permutas das suas missões táticas dentro da organização da equipa. Em termos ofensivos desenvolvem a coordenação da equipa, criam condições favoráveis para a finalização do ataque e procuram criar, ocupar e explorar espaços vitais proporcionados pelos jogadores do setor avançado.

Outro aspeto importante na direção da instrução é a informação emitida pelos treinadores aos atletas suplentes (4,99%). Este valor representa na sua maioria o comportamento de instrução dos treinadores no momento das substituições. A substituição é o meio tático operacional e objetivo que o treinador tem para intervir durante a competição (Castelo, 2009), é uma medida estratégica quando utilizada de forma eficaz (Lima, 2000) e uma oportunidade ótima de fornecer informação de qualidade (A. Santos, 2003).

No nosso estudo verificamos que quando o treinador está a fornecer instrução ao jogador que vai entrar em campo, utiliza informação predominantemente prescritiva

(83,47%), sob a forma auditiva-visual (80,17%) e de conteúdo tático (48,76%). Estes resultados estão de acordo com o registado por Moreno e Campo (2004) após a aplicação do seu programa de formação com treinadores de Voleibol. Estes autores verificaram o incremento por parte dos treinadores, no momento das substituições, de informação tática e prescritiva. Salientamos ainda a utilização preferencial da comunicação mista (verbal e gestual) ao contrário do que acontece na direção da equipa durante o jogo.

Em relação ao conteúdo da instrução emitida durante a competição registamos valores que estão de acordo com outros estudos já efetuados no âmbito do futebol (Gonçalves, 2009; Quintal, 2000; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). O conteúdo da instrução é predominantemente tático (46,30%), seguindo-se a informação relativa aos aspetos psicológicos (25,75%). Moreno e Campo (2004) defendem que a instrução do treinador em competição deve ser fundamentalmente tática. Moreno et al. (2005) aplicaram um questionário a 25 *experts* em voleibol, tendo sido referido por estes a importância da emissão de informação tática-estratégica durante a competição. No entanto, Hotz (1999) defende uma ideia contrária ao referir a importância da emissão de instrução em competição com carater afetivo e motivacional.

Quando analisamos as subcategorias da dimensão conteúdo da instrução verificamos que existe uma preocupação dos treinadores de jovens observados com os aspetos táticos e psicológicos. As subcategorias com mais registo de frequência são relativas ao método de jogo da equipa (17,25%), à motivação e incentivo dos jogadores para uma maior eficácia no jogo (12,29%) e aos esquemas táticos (10;12%).

No estudo realizado no setor de formação por F. Santos et al. (2012) registou-se os seguintes resultados para as subcategorias da dimensão conteúdo com mais registo de

frequência: psicológica pressão eficácia (16,18%); tática de método de jogo (14,89%) e tática das combinações (10,32%). F. Santos et al. (2013), também com um treinador de jovens verificaram os seguintes resultados: tática dos esquemas táticos (19,68%); psicológica pressão eficácia (15,32%) e tática método de jogo (13,91%).

De acordo com os resultados da presente investigação e com os dois estudos mencionados, podemos referir que os treinadores de jovens têm preocupação na direção da equipa em competição de emitir informação relativa à organização dinâmica da equipa, tendo em vista à criação de condições vantajosas para a concretização dos objetivos do ataque e da defesa e em procurar pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo. Nos três estudos referidos, somente em dois, a instrução relativa aos esquemas táticos ofensivos e defensivos são objeto de maior atenção, ficando no entanto demonstrado também ser um dos aspetos que os treinadores de jovens dão especial relevo na direção da equipa em competição.

5.5. Referências Bibliográficas

Anguera, M. T., Blanco, Á., & Losada, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el proceso de la Metodología Observacional. *Metodologia de las Ciencias del Comportamento*, *3*(2), 135-160.

Anguera, M. T., Blanco, Á., Losada, J. L., & Hernandez, A. (2000). La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric*, *5*(24). Retrieved from http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm

Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e

femininas dos escalões de formação. . *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 5*(2), 174-183.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cloes, M., Delhaes, J., & Pieron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraineurs de voley-ball pedant des rencontres officielles. *Sport, 141*, 16-25.

Culver, D., & Trudel, P. (2000). Coach-Athlete Communication Within an Elite Alpine Ski Team. Journal of Excellence(3), 28-54.

Coté, J., Young, B., North, J., & Duffy, P. (2007). Towards a definition of excellence in sport coaching. *International Journal of Coaching Science, 1*(1), 3-16.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Gomes, A. R., Pereira, A., & Pinheiro, A. (2008). Liderança, Coesão e Satisfação em Equipas Desportivas: Um Estudo com Atletas Portugueses de Futebol e Futsal. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 21*(3), 482-491.

Gonçalves, R. (2009). *Análise do comportamento de instrução do treinador durante a competição, em escalões de Futebol 7 e de Futebol 11*. Tese de Mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Desporto, Porto.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo, 6,* 22-36.

Launder, A., & Piltz, W. (1999). Como dirigir melhor a equipa durante as competições. *Treino Desportivo, 7,* 24-29.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., Santos, J., Ramos, L., Cervelló, E., Iglesias, D., & Villar, F. D. (2005). The Efficacy of the Verbal Behaviour of Volleyball Coaches During Competition. *European Journal of Human Movement, 13*, 55-69.

Piltz, W. (2003). *Reading the Game: A key component of effective instruction in teaching and coaching.* Paper presented at the Teaching Sport and Physical Education for understanding., Universidade de Melbourne, Austrália.

Quintal, J. (2000). *O Treinador do Sector de Formação em Futebol. Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição.* Tese de Mestrado, Universidade da Madeira, Funchal.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidadde los entrenadores desportivos. Una investigacion sobre la instrucciones a escolares en fútbol de cpmpéticion. *Revista de Educacion, 335,* 163-187.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objectivos dos treinos e do nível de pratica dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a prelecção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F. (2010). *A Comunicação do Treinador de Futebol em Competição. Análise comparativa do Comportamento de Instrução em Treinadores de Jovens e Treinadores de Seniores.* Tese de Mestrado, ESDRM, Rio Maior.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviours of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science, 24*(4), 355-366.

6. Estudo do Comportamento Atletas de Futebol do Setor de Formação em Competição

Resumo

Este estudo pretende analisar o comportamento dos atletas jovens de futebol em resultado da instrução emitida pelos treinadores na direção da equipa em competição. Para cumprir esse objetivo observámos 8 jogos de futebol das competições nacionais de Portugal de juvenis e juniores. O instrumento utilizado para codificar os comportamentos dos atletas observados em competição foi o sistema de categorias SOCAC. Verificamos que os atletas demonstram estar atentos relativamente ao jogo e ao treinador e modificam o comportamento de acordo com a instrução fornecida pelo treinador.

Palavras-chave: Atenção, Comportamento Motor Reativo, Futebol

Abstract

This study aims to analyze the behavior of young football athletes as a result of the instruction issued by the coaches in the direction of the team in competition. To accomplish this goal we observed 8 football matches of the national competitions in Portugal juveniles and juniors. The instrument used to encode the observed behavior of athletes in competition was the system of categories SOCAC. We found that athletes demonstrate to attentive out for the game and the coach and modify the behavior according to the instruction provided by the coach.

Keywords: Attention, Motor Reactive Behavior, Football

6.1. Introdução

A direção da equipa em competição só é efetiva se no processo de comunicação os jogadores conseguirem rececionar as informações emitidas pelo treinador. É neste sentido que é de todo pertinente estudar a capacidade de receção da informação por parte dos jogadores e que impacto tem no seu comportamento. Diversos estudos têm sido desenvolvidos no contexto das aulas de educação física, do treino e da competição para estudar esta problemática. O estudo desenvolvido pretendeu analisar o comportamento dos atletas de futebol do setor de formação em competição.

Os problemas no processo de comunicação entre treinador e atleta podem ser resultantes de vários fatores: da perturbação da concentração e atenção, da elevada exigência de processamento de informação proveniente do jogo (Cunha, 1998), da capacidade dos atletas reterem e perceberem a informação, do nervosismo e ansiedade própria da competição, da quantidade e natureza da instrução transmitida (I. Mesquita, et al., 2008).

I. Mesquita et al. (2008) num estudo na modalidade de judo pretenderam analisar a instrução antes da competição e verificaram que uma parte substancial da informação não é retida por parte dos atletas.

Rosado et al. (2008) num estudo efetuado em sessões de treino de ginástica acrobática verificaram que cerca de 40% da informação emitida não é retida. Os atletas revelaram maior dificuldade na retenção da informação quando é mais longa, pouco contextualizada e não é especifica relativamente a uma tarefa motora.

De acordo com os estudos referidos anteriormente, quer antes da competição, quer no contexto de treino, podemos verificar que no processo de comunicação muita da informação emitida não é retida por parte dos atletas. No âmbito da competição, utilizando uma metodologia diferente, também se tem procurado desenvolver

investigação para verificar qual a repercussão da instrução emitida pelos treinadores na direção da equipa. Um desses estudos foi realizado por F. Santos et al. (2012) com equipas do setor de formação e verificaram que somente 62,94% da informação emitida é que tem repercussões no comportamento imediatamente observável dos jogadores. Verificaram também que os atletas demostraram estar atentos (98,69%) e modificaram o comportamento positivamente (75,99%).

F. Santos et al. (2013) realizaram um estudo com uma equipa de juniores, na modalidade de futebol, e verificaram que 45,23% da instrução emitida pelo treinador tem repercussões no comportamento dos jogadores em competição. Foi também registado que os atletas estão atentos (97,55%) e modificam o comportamento de acordo com a instrução do treinador (78,76%).

6.2. Metodologia

O estudo do comportamento dos atletas do futebol jovem em competição foi realizado tendo em conta as premissas da metodologia observacional (Anguera et al., 2000). A observação e recolha dos dados relativos ao comportamento dos atletas foram realizadas durante a competição, sem alteração do contexto natural em que ocorre o jogo de futebol. A interação treinador-atleta observada é resultante da direção da equipa em competição, não havendo qualquer tipo de interferência por parte do investigador. Os comportamentos dos atletas foram codificados a partir do Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição - SOCAC (F. Santos et al., 2012). O referido sistema foi construído tendo por base a realidade da modalidade e o enquadramento teórico. O SOCAC foi feito partindo de sistemas de categorias já validados e utilizados por outros autores em diversas investigações (Piéron, 1980; Piéron & Delmelle, 1982; Piéron & Devillers, 1980), sendo posteriormente submetido a

processo de validação por um conjunto de *experts* investigadores doutorados na área da Pedagogia do Desporto. O comportamento dos atletas de futebol em competição foi observado em dois jogos por equipa, totalizando oito jogos.

Os resultados que nos propomos apresentar neste estudo procedem da análise da interação treinador-atleta estabelecida no processo de comunicação de direção da equipa em competição. Desta forma os resultados referidos são uma parte da investigação efetuada que pretende não só observar o comportamento de instrução do treinador como também o comportamento dos atletas. Assim, consideramos que o nosso estudo quanto às unidades observadas é nomotético. Relativamente à temporalidade o nosso estudo é pontual, porque apesar de não ter sido observado uma única competição, os 2 jogos observados não surgem numa sequência temporal pré-definida. Quanto ao nível de resposta, a nossa investigação é multidimensional, pois o comportamento dos atletas é analisado segundo vários níveis de resposta. Resumindo, o desenho observacional do nosso estudo é pontual/nomotético/multidimensional (P/N/M) (Anguera et al., 2001).

6.2.1. Participantes no Estudo

A amostra para o estudo do comportamento dos atletas em competição foi constituída por 8 jogos do campeonato nacional de Portugal de juvenis e juniores. Os atletas observados tinham idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

De acordo com o referido anteriormente, este estudo analisa a interação treinador-atleta, ou seja estuda o comportamento dos atletas em resultado do comportamento de instrução dos treinadores na direção da equipa em competição. Os treinadores que dirigem as equipas observadas tinham uma média idade de 42,5 anos de idade e uma média de anos de experiência a treinar no setor de formação de 14,5 anos.

Todos os treinadores possuíam licenciatura em Educação Física e Desporto e tinham curso da modalidade de II e IV nível.

Os jogos observados foram marcados na condição de visitado, tendo em conta a disponibilidade do treinador e expectativa de vitória.

6.2.2. Instrumento

O instrumento utilizado para codificar o comportamento dos atletas foi o Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição (SOCAC). Este sistema de categorias foi validado por F. Santos et al. (2012).

6.2.3. Procedimentos Prévios

Para realizar esta investigação foi necessário solicitar autorização por parte dos clubes e treinadores a observar. Efetuamos uma reunião com os treinadores das equipas, onde explicámos os objetivos do estudo, bem como todos os procedimentos metodológicos para a recolha dos dados. Esclarecemos que todos os dados recolhidos serviam para tratamento estatístico, sendo mantido o anonimato e confidencialidade.

Depois de os clubes e treinadores terem confirmado a autorização para a realização do estudo, foi preenchida a ficha de caracterização da amostra, entregue o consentimento informado e foram marcados os dois jogos a observar.

6.2.4. Procedimentos Metodológicos

Para efetuar a recolha de dados foram utilizadas duas camaras de filmar. Uma das camaras foi colocada do lado oposto ao banco de suplentes para filmar o treinador na direção da equipa em competição. Essa mesma camara tinha um recetor de som ligado para a recolha áudio da instrução emitida através do microfone que estava preso

na lapela do casaco do treinador. A outra camara foi utilizada para filmar o jogo, tendo sido fundamental para uma melhor interpretação da instrução emitida e para verificar o comportamento dos atletas em competição.

Posteriormente as gravações efetuadas foram passadas para o disco rígido de um computador para serem observadas e codificados os comportamentos utilizando para o efeito o programa *LINCE*® (Gabín et al., 2012).

6.2.5. Fidelidade

Antes de proceder à análise da fidelidade foi necessário fazer o treino dos observadores, tendo em conta as etapas definidas por Rodrigues (1997).

Após esta fase efetuamos a fidelidade intra observador e inter observadores, através da medida de concordância Kappa de Cohen. Foram obtidos valores de fidelidade acima dos 80%.

6.2.6. Tratamento Estatístico

A análise descritiva dos dados foi efetuada utilizando os parâmetros de tendência central – média, parâmetros de dispersão – desvio padrão, limites de variação e percentagem. Na estatística gráfica utilizamos os gráficos de barras. Para o tratamento de dados foi utilizado o programa de computador *IBM SPSS Statistics20*®.

6.3. Resultados

Nas categorias da dimensão atenção verificamos os seguintes resultados: atenção atleta (75,84%); atenção equipa (10,99%); atenção grupo (10,99%); atenção atleta suplente (4,94%); desatenção atleta (1,42%); desatenção equipa (0,14%) e desatenção grupo (0,02%).

Tabela 19

Dimensão Atenção do Comportamento dos Atletas em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
ATATL	59	680	393,50	231,770
ATAS	10	50	25,63	15,259
ATGR	5	75	33,63	24,980
ATEQ	25	94	57,00	27,329
DATATL	1	16	7,37	4,984
DATAS	0	0	,00	,000
DATGR	0	1	,13	,354
DATEQ	0	3	,75	1,165
IND	0	3	,88	1,126

Nota. Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Grupo (DATEQ); Indeterminado (IND)

De acordo com os resultados que constam na tabela 19 e figura 17, em 98,25% das ocorrências os atletas, atleta suplente, grupo de atletas e equipa demostram estar atentos ao jogo ou ao treinador.

A instrução que é emitida ao atleta suplente está relacionada, preferencialmente com o momento em que treinador fornece informação ao jogador que vai entrar em campo. Este é um momento que o treinador pode transmitir informação ao jogador suplente relativa aos aspetos táticos, psicológicos, físicos e equipa adversária. Desta forma, e tendo em conta a importância do momento da substituição, os valores registados nas categorias atenção (4,94%) e desatenção (0,00%) são de especial relevância. Nos 8 jogos observados, quando o treinador se dirigiu aos atletas suplentes obteve sempre por parte destes atenção para ver e ouvir a informação transmitida, nunca tendo sido demostrada desatenção.

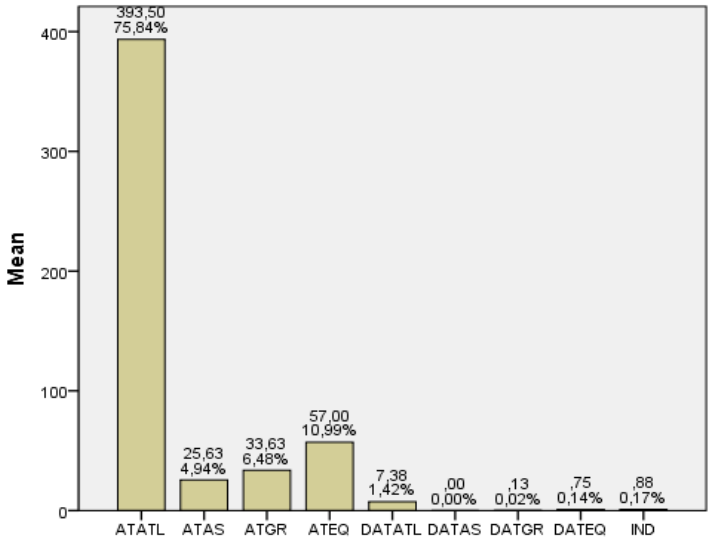

Figura 17. **Valores Médios e em % da Dimensão Atenção.** Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Grupo (DATEQ); Indeterminado (IND)

De registar são os valores baixos obtidos na soma de todas as subcategorias relativas à desatenção (1,58%). A subcategoria que apresenta o valor mais alto diz respeito à desatenção atleta (1,42%).

Relativamente à dimensão comportamento motor reativo, os valores registados dizem respeito aos comportamentos imediatamente observáveis após a emissão da instrução por parte do treinador. Somente 44,06% da instrução emitida tem repercussões imediatas no comportamento dos atletas e equipa.

Tabela 20

Dimensão Comportamento Motor Reativo do Comportamento dos Atletas em Competição

Categorias	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
MC+	23	348	176,75	122,231
MC-	2	53	24,38	18,134
NMC	0	31	13,88	11,382
RF+	0	34	12,75	10,873
RF-	0	0	,00	,000
IND	0	3	,88	1,126

Nota. Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica Comportamento Negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-); Indeterminado (IND)

De acordo com a tabela 20 e figura 18 podemos verificar que os atletas modificam o comportamento positivamente (77,31%), ou seja os jogadores realizam comportamentos e ações técnico-táticas de acordo com a instrução emitida pelo treinador. Nas restantes categorias obtivemos os seguintes resultados: modifica o comportamento negativamente (10,66%); não modifica o comportamento (6,07%) e reforço positivo (5,58%).

Quando analisamos os valores em conjunto das categorias, modifica o comportamento negativamente e não modifica o comportamento (16,73%), verificamos que existe uma parte considerável da informação emitida pelo treinador que não tem resposta positiva por parte dos atletas. Uma parte da instrução que o treinador emite na direção da equipa em competição obteve resposta por parte dos atletas e equipa de forma diferente à informação dada ou não alteram o comportamento/ação técnico-tática que estavam a executar.

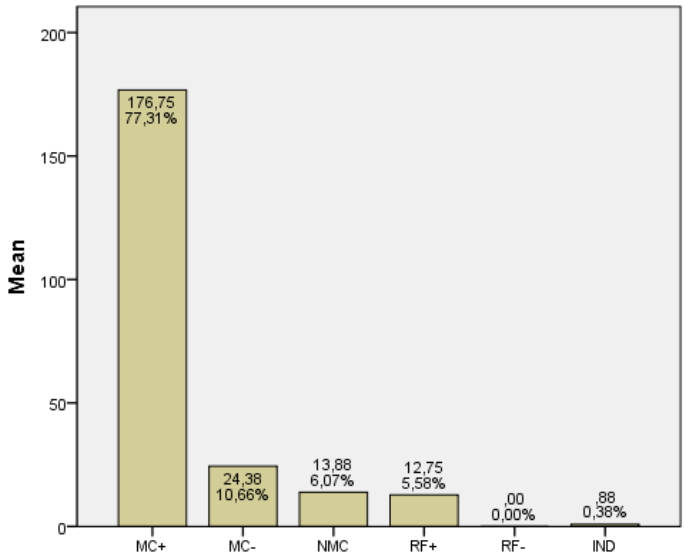

Figura 18. Valores Médios e em % da Dimensão Comportamento Motor Reativo. Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica Comportamento Negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-); Indeterminado (IND)

Outro aspeto que ressalta dos dados apresentados está relacionado com a categoria reforço positivo (5,58%). Este resultado mostra-nos que poucas são as ocorrências em o treinador valoriza o comportamento ou ação técnico-tática tida pelos atletas ou equipa, levando-os a manter essas ações.

6.4. Discussão dos Resultados

Na introdução deste estudo já referimos que alguma investigação tem sido elaborada para verificar a retenção da informação por parte dos atletas. No entanto estas investigações têm sido desenvolvidas no contexto das aulas de educação física, treino e preleção antes da competição. No que respeita ao estudo desta problemática em contexto competitivo, utilizando uma metodologia diferente, alguns trabalhos têm sido desenvolvidos para verificar a capacidade de receção da informação por parte dos jogadores e que impacto tem no seu comportamento.

Na nossa investigação verificamos que o atleta, atleta suplente, grupo de atletas e equipa demonstram estar atentos ao jogo ou ao treinador (98,25%), ou seja têm comportamentos e/ou executam ações técnico-táticas individuais e coletivas que procuram resolver as diferentes situações de jogo, estão a ver e/ou ouvir as instruções emitidas pelo treinador. Estes valores são muito similares aos resultados registados por Richheimer e Rodrigues (2000) na categoria atenção, num estudo realizado na modalidade de Andebol em contexto de treino, com treinadores de jovens licenciados em Educação Física (96,70%). Estudos realizados em contexto competitivo, na modalidade de futebol, com atletas jovens (F. Santos et al., 2012; F. Santos et al., 2013) também registaram valores muito próximos (98,69% - 97,55%) aos registados no nosso estudo.

Ao analisarmos os valores relativos à atenção do atleta suplente (4,94%), verificamos que não há nenhuma ocorrência para a categoria desatenção (0,00%). Tendo em conta que estes valores de atenção atleta suplente, dizem respeito predominantemente ao momento das substituições, pensamos que este momento pode ser de facto encarado como uma oportunidade ótima para emitir informação de qualidade (A. Santos, 2003) e utilizado como meio tático operacional e objetivo de intervenção do treinador no jogo (Castelo, 2009).

Em relação à análise dos resultados da dimensão comportamento motor reativo, verificamos que somente 44,06% da instrução emitida tem repercussões no comportamento imediatamente observável após o aporte de informação. F. Santos et al. (2012) registaram um valor de 62,94% em contexto competitivo com equipas de iniciados e juvenis e F. Santos et al. (2013) obtiveram um valor de 45,23% também em contexto competitivo, mas com uma equipa de juniores.

Os atletas e equipa modificam o comportamento positivamente (77,31%), ou seja realizam a ação técnico-tática/comportamento de acordo com a instrução emitida pelo treinador. Este valor está de acordo com os registados por Piéron (1980), Piéron e Delmelle (1982), Rodrigues (1995) em contexto escolar, Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino e F. Santos et al. (2012), F. Santos et al. (2013) em contexto competitivo na modalidade de futebol.

Os valores registados no nosso estudo nas categorias modifica o comportamento negativamente (10,66%) e não modifica o comportamento (6,07%), são mais altos dos encontrados por Richheimer e Rodrigues (2000) num estudo realizado em contexto de treino, na modalidade de andebol e com treinadores licenciados em Educação Física (0,26% - 2,68%). Estudos realizados em contexto competitivo, com equipas do setor de formação, na modalidade de futebol, também verificaram resultados muito próximos dos nossos. F. Santos et al. (2012) registaram valores para as categorias modifica o comportamento negativamente e não modifica o comportamento de 12,59% - 6,83%, respetivamente. F. Santos et al. (2013) registaram os seguintes valores para as categorias modifica comportamento negativamente e não modifica o comportamento: 7,71% e 8,65%.

Todos estes estudos realizados em competição, têm em comum apresentarem valores mais altos nas categorias referidas, comparando com os resultados apresentados por Richheimer e Rodrigues (2000) em contexto de treino, o que nos leva a concluir que as características da competição trazem dificuldades ao processo de comunicação. Cunha (1998) refere que um jogador pode esquecer a informação emitida pelo treinador devido à perturbação da atenção e concentração, bem como devido à elevada exigência de processamento de informação proveniente do próprio jogo. Segundo I. Mesquita et al. (2008) referem que a eficácia do processo de comunicação está dependente da

capacidade dos atletas perceberem e reterem a informação. Os mesmos autores acrescentam que a quantidade de informação emitida, o nervosismo e a ansiedade experimentada em competição podem influenciar a capacidade de processar a informação. Cook (2001) menciona que no processo de comunicação o treinador deve ter em conta que cada jogador é distinto, devendo desta forma utilizar formas de emissão de informação diferenciada.

Em relação à categoria reforço positivo registamos na nossa investigação o valor de 5,58%. F. Santos et al. (2012) obtiveram um valor de 3,74%, enquanto que F. Santos et al. (2013) registaram um valor de 4,09%. Apesar de termos obtidos valores mais altos na investigação que agora apresentamos, consideramos que estes valores demostram que os treinadores optam poucas vezes por valorizar positivamente o comportamento ou ação técnico-tática do jogo, levando-os a continuar essas ações. Desta forma, verificamos que os treinadores preferem avaliar e elogiar as ações e comportamentos dos atletas depois delas aconteceram.

O estudo que apresentámos pretendeu analisar o comportamento dos atletas em competição e procurou ser mais um contributo para na investigação relativa à capacidade de receção da informação por parte dos jogadores e que impacto tem no seu comportamento. Pensamos que estes estudos podem ser fundamentais na formação de treinadores, pois permitem perceber como funciona o processo de comunicação na direção da equipa em competição. Desta forma, os treinadores podem definir as melhores estratégias de comunicação para que instrução emitida seja eficaz.

Os resultados da presente investigação levantam questões que devem ser refletidas ao nível da formação e pelos treinadores na sua atividade. Uma parte substancial da informação emitida na direção da equipa em competição não tem repercussões imediatas no comportamento dos atletas. Deve também ser objeto de

reflexão as estratégias utilizadas na interação treinador-atleta, uma vez que como ficou demonstrado nos resultados obtidos, que as características da competição dificultam o processo de comunicação.

Em nossa opinião será importante continuar a desenvolver trabalhos neste âmbito de investigação, a fim de se poder confirmar os resultados obtidos e verificar a existência de eventuais diferenças com outros contextos (seniores, futebol 7 e futebol feminino).

6.5. Referências Bibliográficas

Anguera, M. T., Blanco, Á., & Losada, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el proceso de la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento, 3*(2), 135-160.

Anguera, M. T., Blanco, Á., Losada, J. L., & Hernandez, A. (2000). La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric, 5*(24). Retrieved from http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cook, M. (2001). *Dirección y Entrenamiento de Equipos de Fútbol.* Barcelona Editorial Paidotribo.

Cunha, P. (1998). A Intervenção do Treinador durante o Tempo Morto. *Treino Desportivo, 2,* 33-38.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Mesquita, I., Rosado, A., Januário, N., & Barroja, E. (2008). Athlete's Retention of a Coach´s Instruction a Judo Competition. *Journal os Sports Science and Medicine, 7*, 1-7.

Piéron, M. (1980). Feedback (rétroaction) et modification du comportement des apprenants. Analyse en situation d'enseignement. *Psychology of motor behavior and sport, 1,* 526-534.

Piéron, M., & Delmelle, R. (1982). Augmented feedback in teaching physical education. *AIESEP,* 141-150.

Piéron, M., & Devillers, C. (1980). Multidimensional analysis of informative feedback in teaching physical activities. In *Audiovisuelle Medien in Sport* (pp. 277-284). Basel, Birkhauser, Verlag: Schilling & Baur.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo, 12,* 36-46.

Rodrigues, J. (1995). A análise da função de feedback em professores profissionalizados e estagiários, no ensino da Educação Física e Desporto. *Pedagogia do desporto, Estudos N.º3,* 21-36.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objetivos dos treinos e do nível de prática dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Rosado, A., Mesquita, I., Breia, E., & Januário, N. (2008). Athlete's Retention of Coach's Instruction on Task Presentation an Feedback. *International Journal of Performance Analysis in Sport, 8*(1), 19-30.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na*

Preleção de Preparação e na Competição. Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

7. Estudo dos Padrões de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens de Futebol em Competição.

Resumo

A presente investigação foi realizada tendo por base a metodologia observacional e pretende utilizar uma nova abordagem no estudo do comportamento de instrução dos treinadores de jovens de futebol na direção da equipa em competição. Para cumprir esse objetivo propomos a deteção de padrões temporais de comportamento de instrução, utilizando o programa informático *THEME*. Foram filmados 8 jogos de futebol de 4 treinadores que dirigem equipas que competem nos campeonatos nacionais de Portugal e codificados os seus comportamentos de instrução através do sistema de categorias SAIC. Os resultados obtidos revelaram a existência de padrões temporais de comportamento de instrução, quer na análise feita aos treinadores individualmente, quer na análise feita no conjunto dos treinadores.

Palavras-chave: Metodologia Observacional, Comportamento, Instrução, Padrões-T, Futebol

Abstract

This research was carried out based on the observational method and want to use a new approach in studying the behavior of instructional coaches youth soccer in the direction of the team in competition. To achieve this goal we propose the detection of temporal patterns of behavior of instruction using the computer program *THEME*. Were filmed 8 football matches of 4 coaches who lead teams that compete in national championships in Portugal and coded their behaviors of instruction through system categories SAIC. The results revealed the existence of temporal patterns of behavior of instruction, both in the analysis the coaches individually or in the analysis on all the coaches.

Keywords: Observational Methodology, Behavior, Instruction, T-Patterns, Football

7.1. Introdução

Na atualidade o treinador não tem somente de dominar os conteúdos relativos à metodologia de treino, saber tudo sobre a modalidade em que exerce a sua atividade, ser um exímio observador, tem também de ser um excelente comunicador. Segundo Vallé e Bloom (2005) a atividade do treinador é extremamente complexa e exigente, não se esgotando somente em treinar atletas para competir.

Hotz (1999) refere que os treinadores de sucesso destacam-se pela capacidade de comunicação. A liderança efetiva do treinador é influenciada pelo seu comportamento e pela sua capacidade de comunicação (Brandão & Carchan, 2010). Um treinador profissional foi entrevistado no âmbito de um estudo realizado por Jones et al. (2003), tendo o técnico dado enfase ao conhecimento profundo sobre o jogo e à capacidade de transmitir esse conhecimento aos jogadores.

De acordo com o referido, é importante que o processo de comunicação, num momento de especial dificuldade como o da competição, seja eficaz. A comunicação é forma que o treinador utiliza para emitir instruções técnicas, táticas e gerem as suas equipas (Cluver & Trudel, 2000). É através de um conjunto de estratégias de comunicação que o treinador emite informação pertinente aos atletas e equipa com o objetivo de estabilizar ou modificar o cumprimento da planificação tática, adequar os processos táticos e estratégicos tendo em conta a oposição do adversário; prescrever ações táticas que possam surpreender os adversários, estimular a superação dos jogadores, dar valor às ações coletivas e motivar os jogadores para o alcance dos objetivos pré-estabelecidos (Cunha, 1998; Lima, 2000; Castelo, 2009).

É neste sentido que o comportamento do treinador de futebol em competição tem sido objeto de estudo de diversas investigações, utilizando diversos sistemas de observação, realizadas com equipas seniores e do setor de formação, baseando as suas

análises no tratamento estatístico e representação gráfica, com o intuito de perceber melhor como os treinadores dirigem as suas equipas em competição (Nunes, 1998; Quintal, 2000; Ramirez & Diaz, 2004; Smith & Cushion, 2006; A. Santos & Rodrigues, 2008; Gonçalves, 2009; F. Santos et al., 2012; F. Santos et al., 2013). No entanto, segundo Jonsson, Anguera, Blanco, Losada, Hernandez, Ardá, Camerino e Castellano (2006) os métodos tradicionais de análise são limitados na sua capacidade de descrever as interações complexas de eventos que ocorrem ao longo de um período de tempo.

Atualmente uma nova abordagem está a ser desenvolvida nos estudos efetuados no âmbito do desporto, em diferentes modalidades com o objetivo de detetar padrões temporais (padrões-T) (Argilaga, 2004; Jonsson et al., 2006; Jonsson et al., 2010; Lapresa, Arana, Anguera, & Garzón, 2013; Louro et al., 2010; Sarmento, Anguera, Campaniço, & Leitão, 2010).

O estudo da comunicação dos treinadores em competição começa a dar passos na deteção de padrões-T de comportamento (Castañer, Anguera, Miguel, & Jonsson, 2010). Neste estudo foram observados dois treinadores de seniores femininos e três competições. O objetivo da investigação era analisar a comunicação dos treinadores de futsal em contexto competitivo. Os padrões-T encontrados permitem caracterizar as estratégias de comunicação utilizadas pelos treinadores na direção da equipa em competição.

Esta forma de análise baseia-se no conhecimento de padrões-T, através da deteção da estrutura temporal e sequencial de uma série de dados (Jonsson et al., 2010). Segundo Castañer et al. (2009) o estudo dos padrões-T permite obter informações valiosas sobre as habilidades de comunicação dos treinadores.

De acordo com o referido, o que propomos neste estudo é verificar a existência de padrões-T de comportamento de instrução durante a competição, com treinadores de

futebol do setor de formação, através da utilização do programa informático *THEME 5.0* (Magnusson, 2000).

7.2. Metodologia

A realização da nossa investigação teve em conta os requisitos definidos para a metodologia observacional (Anguera et al., 2000). Os comportamentos dos treinadores resultam da observação da competição, não tendo havido qualquer restrição por parte do investigador. Também não houve qualquer alteração do contexto natural onde acontece o jogo de futebol. O sistema de observação utilizado para codificar o comportamento do treinador em competição foi o Sistema de Análise da Instrução em Competição (A. Santos & Rodrigues, 2008), que foi construído tendo em conta a bibliografia e a realidade. No que concerne à continuidade temporal, o nosso estudo não se desenvolveu ao longo de um período de tempo, no entanto foram observados os comportamentos dos treinadores em dois jogos.

No que diz respeito ao desenho observacional da nossa investigação, e tendo em conta os critérios definidos por Anguera et al. (2001), consideramos que o nosso estudo é pontual/nomotético/multidimensional (P/N/M). No que se refere à temporalidade consideramos pontual, uma vez que foram observados dois jogos por treinador, sem que houvesse uma sequência temporal pré definida. Relativamente às unidades observadas o estudo é nomotético, visto que pertence a uma investigação onde são analisados os comportamentos do treinador e os comportamentos dos atletas em competição. No que respeita ao nível de resposta o nosso estudo é multidimensional, porque o comportamento de instrução dos treinadores foi analisado segundo vários níveis de resposta.

7.2.1. Participantes no Estudo

Participaram no nosso estudo 4 treinadores de futebol que dirigiam equipas do setor de formação – juvenis e juniores. Estas equipas competiam nos campeonatos nacionais de Portugal. Os treinadores observados eram licenciados em Educação Física e Desporto, possuíam curso da modalidade de II e IV nível. Tinham uma média de idade de 42,5 anos e uma média de anos de experiência a trabalhar no setor de formação de 14,5 anos.

A nossa amostra não foi só constituída pelo número de treinadores, mas também pelo número de jogos observados. De acordo com o referido foram observados 2 jogos na totalidade do tempo de jogo. Os jogos agendados tiveram em conta a disponibilidade dos treinadores, a condição de visitado e a expetativa de vitória. Na totalidade dos jogos observados foram analisados 4151 comportamento de instrução dos treinadores.

7.2.2. Instrumento

O instrumento utilizado para codificar os comportamentos de instrução dos treinadores em competição foi o Sistema de Análise da Instrução em Competição para o futebol. Este sistema de categorias foi validado por A. Santos e Rodrigues (A. Santos & Rodrigues, 2008).

7.2.3. Procedimentos Prévios

Para que esta investigação se realizasse foi necessário primeiro que tudo garantir a autorização por parte dos clubes e dos treinadores que tinham as características definidas para a nossa amostra. Foi realizada uma reunião para explicar os objetivos do estudo, referidos todos os procedimentos metodológicos e garantido que todos os dados

recolhidos seriam confidenciais, sendo mantido o anonimato e serviam unicamente para tratamento estatístico.

Após termos recebido autorização por parte dos clubes e treinadores, preenchemos a ficha de caraterização da amostra, marcados os dois jogos e entregue o consentimento informado.

7.2.4. Procedimentos Metodológicos

O treinador observado foi filmado por uma camara colocada no lado oposto ao banco de suplentes da equipa que dirigia. A referida camara tinha acoplado um sistema *wireless* que recebia o som proveniente do microfone que estava preso no casaco do treinador. Utilizámos ainda uma segunda camara que filmou o jogo, para que haja uma melhor interpretação da instrução emitida pelo treinador no momento da codificação dos comportamentos.

Posteriormente as gravações efetuadas foram observadas e codificados os comportamentos do treinador, utilizando para o efeito o programa *LINCE*® (Gabín et al., 2012). Após a codificação dos comportamentos de instrução e através do programa *LINCE*® efetuou-se a exportação dos resultados para um ficheiro de valores separados por vírgulas da *Microsoft Excel*®. Este ficheiro foi depois utilizado para a deteção de padrões-T de comportamento no programa informático *THEME 5,0*.

7.2.5. Fidelidade

O treino dos observadores foi realizado de acordo com o definido por Rodrigues (1997). Após esta fase foi testada a fidelidade intra observador e inter observadores, com o objetivo de verificar a consistência, estabilidade e acordo da observação. Para

isso foi utilizado a medida de concordância Kappa de Cohen, tendo sido registados valores acima dos 80%

7.2.6. Tratamento Estatístico

A análise dos padrões-T de comportamento foi feita através da utilização do programa informático *THEME 5.0* (Magnusson, 2000). A referida análise permite detetar a estrutura temporal e sequencial de uma série de dados (Jonsson et al., 2010). Segundo Louro et al. (2010) a principal vantagem do programa informático *THEME* reside na identificação de padrões ocultos, permitindo uma abordagem diferente das complexas relações estabelecidas continuamente durante uma sequência de dados.

Outro fator tido em conta para a utilização do programa informático *THEME* está relacionado com a capacidade de detetar um maior número de padrões-T, com mais relações hierárquicas, envolvendo múltiplas configurações (Lapresa et al., 2013).

De acordo com Magnusson (2000) a deteção dos padrões-T ocorre numa primeira fase através da análise do intervalo crítico de relação temporal entre os comportamentos e, em seguida, através da análise da competição entre padrões-T mais completos. Na primeira etapa são detetados os comportamentos que acontecem na mesma ordem e com distância temporal relativamente invariável, bem como a relação hierárquica entre padrões-T. A segunda etapa está relacionada com o conceito de competição entre os padrões-T de comportamentos mais completos, ou seja, os padrões-T parciais (x=abc) de outros padrões-T mais completos encontrados (y=abcd), são automaticamente eliminados pelo programa *THEME*.

O programa *THEME* permite ainda efetuar uma operação de seleção dos padrões de comportamento que serão mais relevantes de acordo com o estabelecimento de

critérios quantitativos e qualitativos e em função dos objetivos pretendidos em cada estudo (Argilaga, 2004; Sarmento et al., 2010).

Relativamente à deteção dos padrões-T de comportamento de instrução dos diferentes treinadores observados em competição tivemos em conta os seguintes critérios: número mínimo de repetições de 3 e nível de significância de 0,001. Para detetar os padrões de comportamento de instrução na totalidade dos 4 treinadores observados, os critérios de deteção dos padrões-T foram: número mínimo de repetições de 5 e nível de significância de 0,001.

7.3. Resultados

As observações realizadas aos 4 treinadores de jovens de futebol permitiram registar 4151 comportamentos de instrução na direção da equipa em competição. Cada comportamento de instrução registado representa uma configuração de códigos relativos à dimensão objetivo, forma, direção e conteúdo da instrução emitida. Através da utilização do programa informático *THEME 5.0* (Magnusson, 2000) foi possível detetar padrões-T de comportamento de instrução na direção de equipas do setor de formação em competição. A deteção dos padrões-T foi feita primeiro em cada treinador e depois na totalidade dos treinadores.

Tendo em conta que nas análises de padrões obtivemos muitos resultados, existe a necessidade de estabelecer alguns critérios para apresentação dos padrões-T. Desta forma, definimos os seguintes critérios para a seleção do padrão-T a apresentar: 1) maior número de configurações de comportamento de instrução encontradas num padrão-T com pelo menos dois níveis de relação hierárquica; 2) maior número de ocorrências registadas do padrão-T com pelo menos dois níveis de relação hierárquica; 3) existência de explicação lógica para a sequência temporal de configurações de

comportamento de instrução; 4) outro padrão-T característico do comportamento de instrução do treinador em competição (ex.: momento da substituições).

O treinador de jovens 1 observado apresenta 16 padrões-T de comportamento de instrução na direção da equipa em competição, com o máximo de dois níveis de relação hierárquica entre configurações.

Tabela 21

Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 1 em Competição

Configurações de Comportamento de Instrução	N.º de ocorrências
AVP,AUVIS,ATL,SC	20
PRE,AU,ATL,TEOF	9
PRE,AUVIS,EQ,PPE	9
AVP,AU,ATL,SC	9
PRE,AU,ATL,PRI	8
PRE,AUVIS,ATL,PPE	8
PRE,AUVIS,ATL,TASJ	8

Nota. Avaliativo Positivo (AVP); Prescrição (PRE); Auditivo-Visual (AUVIS); Auditivo (AU); Atleta (ATL); Equipa (EQ); Técnicas Ofensivas (TEOF), Tática de Sistema de Jogo (TASJ), Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Pressão para a eficácia (PPE), Sem Conteúdo (SC)

O padrão-T de comportamento representado na figura 19 é constituído por três configurações de comportamento de instrução e é o que mais ocorrências registaram nos jogos observados do treinador de jovens 1. O padrão inicia-se com a configuração (01) onde o treinador emite instrução com o objetivo de avaliar positivamente a execução e/ou comportamento, sob a forma auditiva-visual, direcionada ao atleta e sem conteúdo. A instrução é sem conteúdo, porque a informação com o objetivo de avaliar é muitas vezes desprovida de qualquer conteúdo (ex.: *"Isso mesmo"*; *"Bom"*). Na configuração (02) a instrução tem a forma auditiva e visual e tem como objetivo fornecer indicações que vão no sentido de motivar e de incentivar o atleta para uma maior eficácia no jogo. A última configuração (03) do padrão representado é semelhante à primeira, diferindo somente no recurso à comunicação verbal.

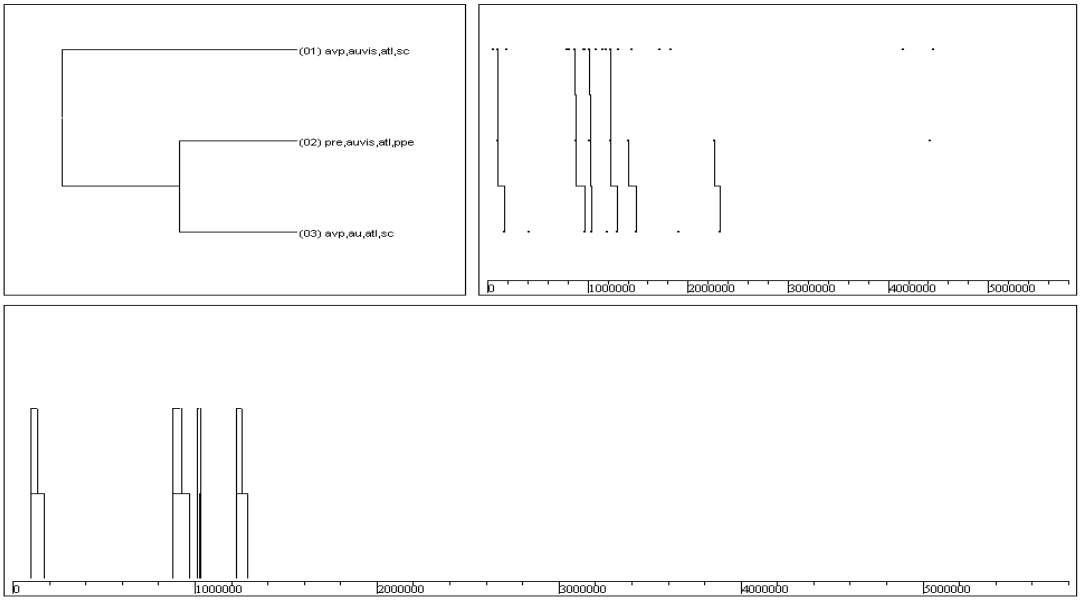

***Figura 19*. Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 1 na Direção da Equipa em Competição.** Avaliativo Positivo (avp); Prescrição (pre); Auditivo (au); Auditivo-Visual (auvis); Atleta (atl); Psicológico Pressão Eficácia (ppe); Sem Conteúdo (sc).

Relativamente ao treinador 2 registamos 26 padrões-T de comportamento de instrução na direção da equipa em competição. Os padrões referidos têm um máximo de três níveis hierárquicos de relação entre comportamentos.

Tabela 22

Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 2 em Competição

Configurações de Comportamento de Instrução	N.º de ocorrências
AVP,AU,ATL,SC	99
PRE,AUVIS,ATL,TAET	79
PRE,AU,ATL,TAMJ	65
AVP,AUVIS,ATL,SC	55
PRE,AU,ATL,TAET	50
PRE,AUVIS,ATL,TAMJ	46
PRE,AU,ATL,PPE	37

Nota. Avaliativo Positivo (AVP); Prescrição (PRE); Auditivo (AU); Auditivo-Visual (AUVIS); Atleta (ATL); Tática de Método de Jogo; Tática dos Esquemas Táticos (TAET); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Sem Conteúdo (SC)

O padrão-T de comportamento da figura 20 é a sequência temporal de dados com mais configurações dos encontrados para o treinador 2 e que ocorre num maior número de vezes (3). O padrão inicia com a prescrição ao atleta de informação sob a forma verbal e com conteúdo relativo aos princípios específicos de futebol, sendo solicitado de seguida à equipa uma maior eficácia na resolução das situações de jogo. Na configuração (03) o treinador emite informação relacionada com a modificação do ritmo de jogo, seguindo-se a prescrição de instrução relativa aos esquemas táticos. De salientar que a sequência temporal das duas ultimas configurações (03 e 04) ocorrem isoladamente em mais quatro situações que a totalidade do padrão-T (01, 02, 03 e 04). Tal fato deve-se ao treinador, em alguns momentos dos jogos observados, ter solicitado a rápida marcação dos lançamentos de linha lateral para poder aproveitar a momentânea desorganização defensiva do adversário.

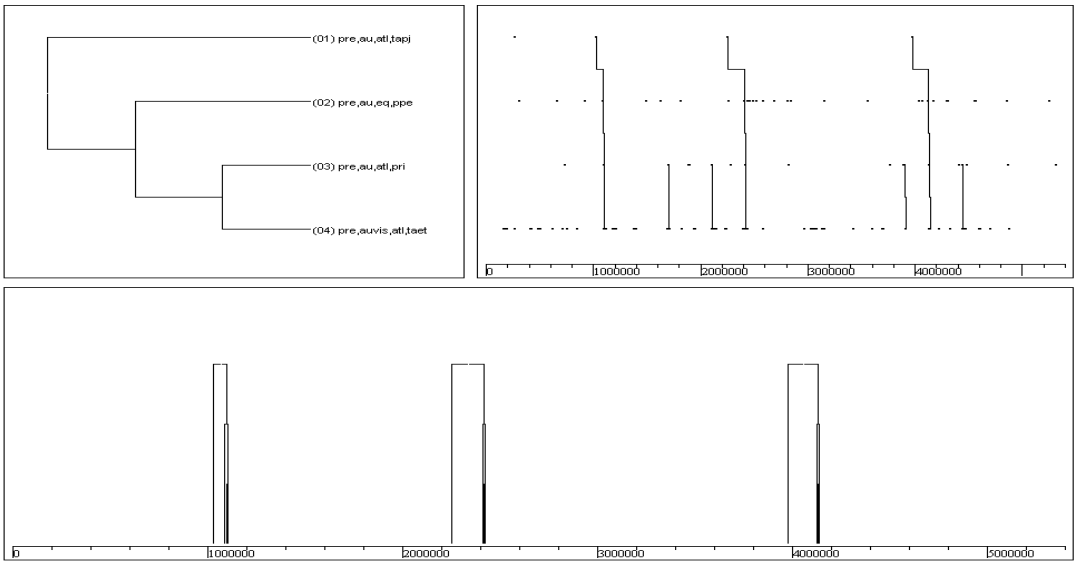

Figura 20 **. Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 2 na Direção da Equipa em Competição.** Prescrição (pre); Auditivo (au); Auditivo-Visual (auvis); Atleta (atl); Equipa (eq), Tátca dos Esquemas Táticos (taet); Tática de Principios de Jogo (tapj); Psicológico Ritmo de Jogo (pri); Psicológico Pressão Eficácia (PPE).

O padrão-T representado na figura 21 é o que ocorre num maior de número de vezes (5) comparativamente aos restantes padrões-T de comportamento de instrução

registados para o treinador 2 na condução da equipa em competição. É um padrão onde o treinador solicita eficácia tática ao atleta (01) e posteriormente avalia positivamente o comportamento/execução do atleta (02 e 03).

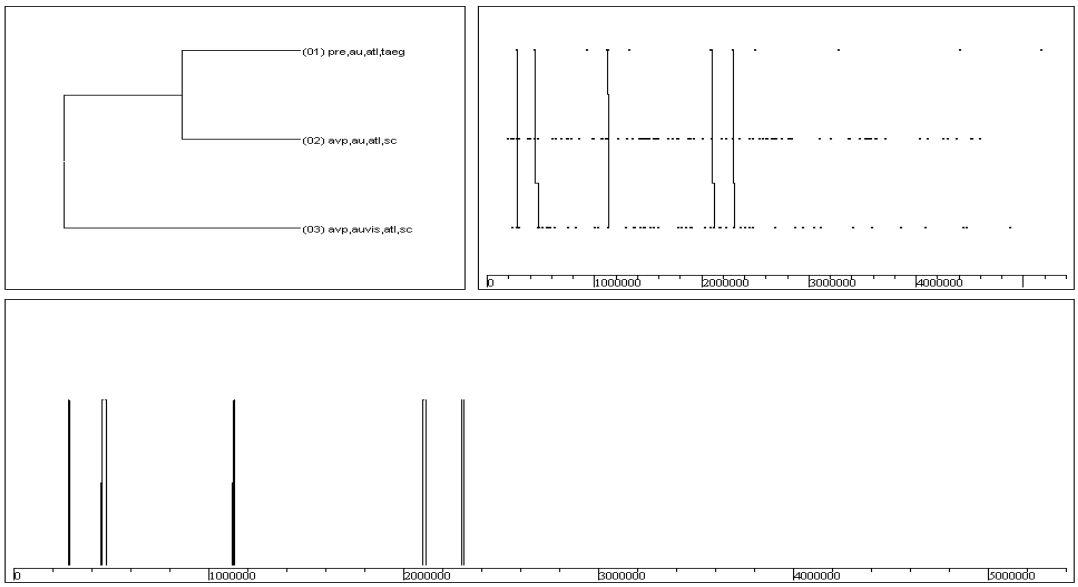

Figura 21. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 2 na Direção da Equipa em Competição.** Avaliativo Positivo (avp); Prescrição (pre); Auditivo (au); Auditivo-Visual (auvis), Atleta (atl); Tática Eficácia Geral (taeg); Sem Conteúdo (sc).

Registamos com o treinador de jovens 3, 86 padrões-T de comportamento de instrução na direção da equipa em competição. Os padrões-T encontrados têm um máximo de seis configurações e três níveis de ralação hierárquica.

Tabela 23

Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 3 em Competição

Configurações de Comportamento de Instrução	N.º de ocorrências
PRE,AU,ATL,TAMJ	91
PRE,AUVIS,ATL,TAMJ	74
PRE,AU,ATL,PPE	63
PRE,AUVIS,ATL,TAET	57
AVP,AU,ATL,SC	46
AFP,AU,ATL,SC	45

Nota. Avaliativo Positivo (AVP); Prescrição (PRE); Afetividade Positiva (AFP); Auditivo (AU); Auditivo- Visual (AUVIS), Atleta (ATL), Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticos (TAET); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Sem Conteúdo (SC).

Apesar do padrão-T representado na figura 22 ser constituído por muitas configurações, de fato só acontece por 3 vezes na sua totalidade. A configuração (01) é relativa a um comportamento de instrução que tem como objetivo descrever ao atleta aspetos importantes sobre a equipa adversária, seguindo-se informação com o objetivo interrogativo. A ocorrência destas duas configurações isoladamente é registada por mais duas vezes. Tal fato deve-se ao treinador 3 utilizar muitas vezes a estratégia de interrogar os atletas para verificar se estes tinham rececionado e percebido a instrução emitida anteriormente. A configuração (03) diz respeito a informação emitida com o objetivo de prescrever instrução que procura pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo. Na configuração (04), a instrução emitida pelo treinador pretende avaliar positivamente o comportamento/execução técnico-tática do atleta. De salientar que estas configurações (03 e 04) acontecem isoladamente em mais seis ocorrências. Por último a configuração (06) é relativa ao comportamento de instrução do treinador que tem o objetivo de descrever informação com conteúdo centrada na equipa arbitragem.

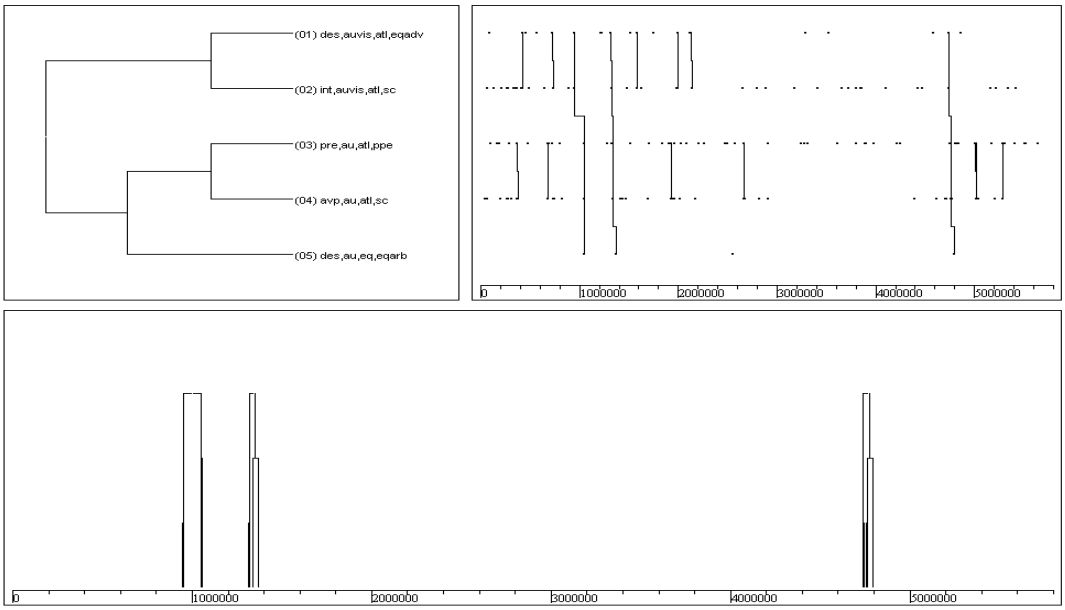

Figura 22. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 3 na Direção da Equipa em Competição**. Avaliativo Positivo (avp); Descrição (des); Prescrição (pre) Interregativo (int); Auditivo (au); Auditivo- Visual (auvis); Atelta (atl); Equipa (eq); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Equipa Adversária (eqadv); Equipa de Arbitragem (eqarb); Sem Conteúdo (sc).

O padrão-T de comportamento de instrução da figura 23 é o que tem maior número de ocorrências nos jogos observados do treinador 3. O treinador fornece indicações ao atleta sobre aspetos relativos à organização dinâmica da equipa, tendo em vista à criação de situações favoráveis para a concretização dos objetivos do ataque e defesa (01). O comportamento da configuração (02) é relativo à prescrição de indicações com conteúdo sobre os princípios específicos de ataque e defesa. A configuração (03) vem reforçar a utilização do questionamento para confirmar a receção e o entendimento das instruções anteriormente emitidas. Em nossa opinião este padrão-T de comportamento de instrução tem bastante relevância, pois acontece diversas vezes ao longo do período de tempo dos jogos observados.

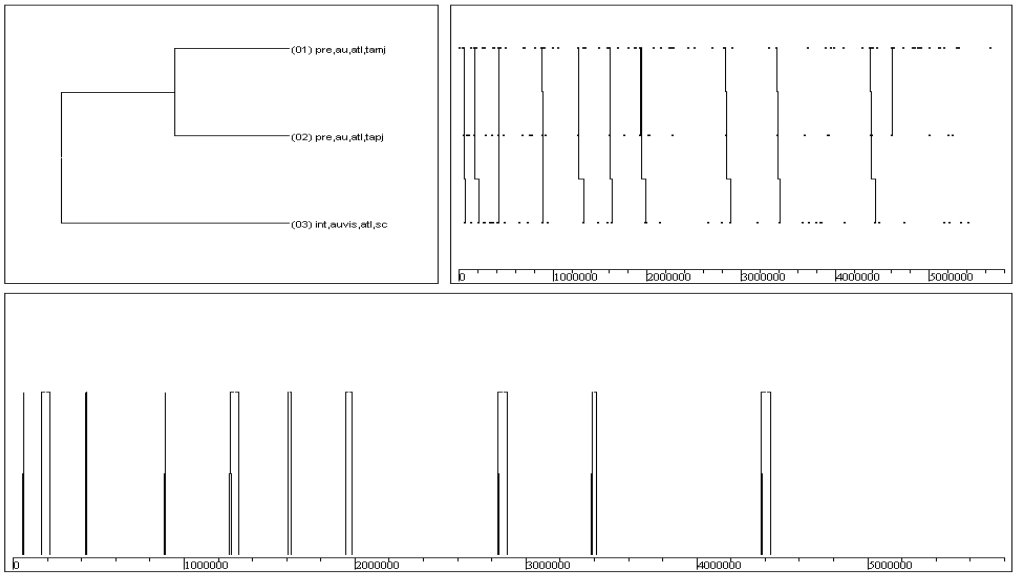

Figura 23. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 3 na Direção da Equipa em Competição.** Prescrição (pre); Interrogação (int); Auditivo (au); Auditivo-Visual (auvis); Atleta (atl); Tática de Método de Jogo (tamj); Tática dos Principios de Jogo (tapj); Sem Conteúdo (sc).

Registamos com o treinador 4 o número de ocorrências mais elevado de padrões-T de comportamento de instrução na direção da equipa em competição – 105. Os padrões referidos têm um máximo de seis configurações e 4 níveis de relação hierárquica.

Tabela 24

Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução do Treinador 4 em Competição

Configurações de Comportamento de Instrução	N.º de ocorrências
PRE,AU,ATL,PPE	210
PRE,AU,ATL,TAMJ	190
AVP,AU,ATL,SC	109
PRE,AU,ATL,TACOMB	102
PRE,AU,ATL,PAT	95
PRE,AU,ATL,TAET	62

Nota. Avaliativo Positivo (AVP); Prescrição (PRE); Auditivo (AU); Atleta (ATL); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticos (TAET); Tática das Combinações (TACOMB); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológico Atenção (PAT); Sem Conteúdo (SC)

Verificamos na análise efetuada ao padrões-T do treinador 4, a existência de uma estrutura sequencial e temporal de comportamentos relativa a um momento de especial importância na direção das equipas de futebol em competição – a substituição (Figura 24). Podemos, então verificar, que o treinador emite em primeiro lugar indicações relativas ao aquecimento que o atleta suplente está a realizar (ex.: "*Emanuel, vem."*). De seguida, o treinador fornece indicações relativas ao sistema de jogo (02), às funções/missões táticas especificas defensivas e ofensivas (03) e incentiva/motiva o atleta para a sua ação ser eficaz no jogo (04). A configuração (05) é relativa à emissão de instrução claramente positiva sobre a prestação do atleta. Este comportamento surgiu sempre que o atleta que esteve em campo passa junto ao treinador no banco de suplentes. Tal como podemos ver pela configuração (06) o treinador aproveita ainda este momento de paragem no jogo para emitir informação a toda a equipa com o intuito de incentivar a uma maior eficácia no jogo.

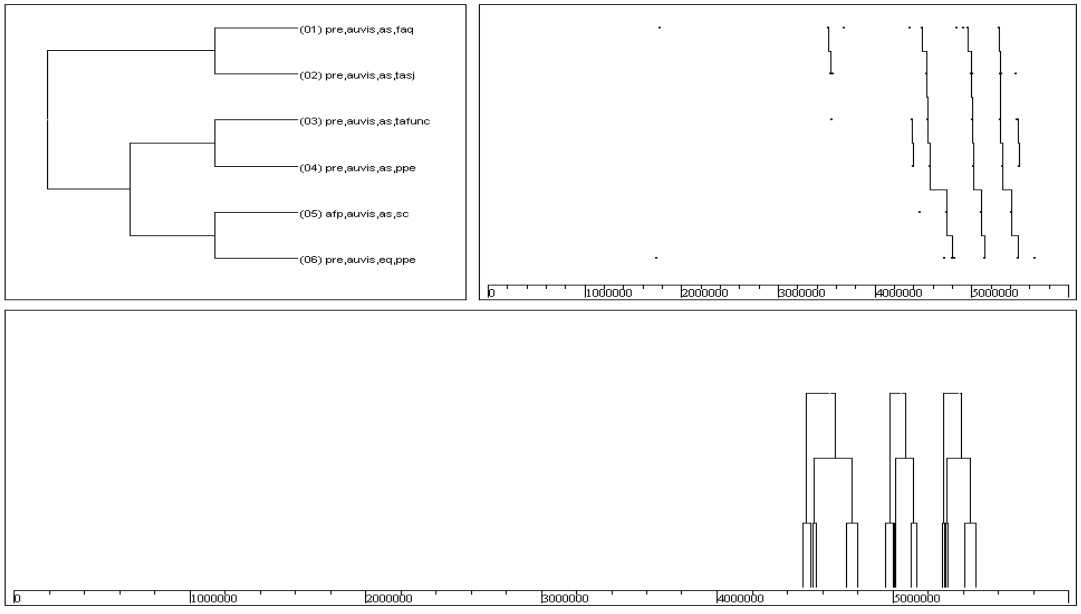

Figura 24. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 4 na Direção da Equipa em Competição.** Prescrição (pre); Afetividade Positiva (afp); Auditivo-Visual (auvis); Equipa (eq); Atleta Suplente (as); Tática de Sistema de Jogo (tasj); Tática de Funções/Missões específicas de jogo (tafunc); Psicológico Pressão Eficácia (ppe); Físico Aquecimento (faq); Sem Contéudo (sc).

De acordo com a figura 25, o padrão-T inicia-se com o treinador a solicitar à equipa resistência às adversidades que ocorrem no jogo, prescrevendo de seguida um conjunto de orientações ao atleta relativas ao método de jogo da equipa (02) e às combinações táticas a executar (03). Na configuração (04) o treinador avalia positivamente a execução do atleta. De salientar que a sequência de comportamentos descritos nas configurações (02, 03 e 04) ocorrem isoladamente mais três vezes e que as configurações relativas à prescrição de orientações sobre as combinações táticas (03) e avaliação positiva da execução do atleta (04) ocorrem várias vezes durante o período dos jogos observados (n=8). O padrão representado termina com a configuração (05) relativa ao comportamento de instrução do treinador que procura incentivar o atleta para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo.

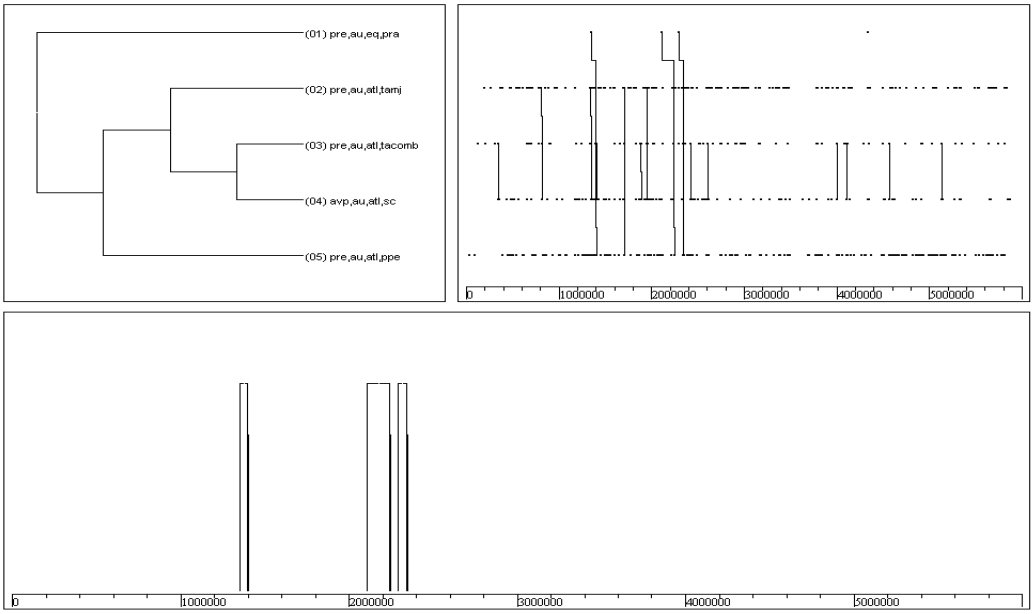

Figura 25. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução do Treinador 4 na Direção da Equipa em Competição.** Avaliativo Positivo (avp); Prescrição (pre); Auditivo (au), Atleta (atl); Equipa (eq); Tática de Metodo de Jogo (tamj); Tática das Combinações (tamcomb); Psicológico Pressão Eficácia (ppe); Psicológico Resistência às Adversidades (pra), Sem Conteúdo (sc)

Tal como referimos anteriormente realizamos também o estudo dos padrões-T de comportamento de instrução na direção da equipa em competição da totalidade dos treinadores.

Tabela 25

Ocorrências mais frequentes das configurações de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens Observados

Configurações de Comportamento de Instrução	N.º de ocorrências
PRE,AU,ATL,TAMJ	348
PRE,AU,ATL,PPE	316
AVP,AU,ATL,SC	263
PRE,AUVIS,ATL,TAET	183
PRE,AUVIS,ATL,TAMJ	175
PRE,AU,ATL,TAET	160

Nota. Avaliativo Positivo (AVP); Prescrição (PRE); Auditivo (AU); Auditivo- Visual (AUVIS); Atleta (ATL); Tática de Método de Jogo (tamj); Tática dos Esquemas Táticos (TAET); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Sem Conteúdo (SC)

Os padrões-T encontrados têm no máximo quatro configurações e três níveis de relação hierárquica. Tendo em conta os critérios definidos foram detetados 57 padrões-T de comportamento de instrução.

De acordo com a figura 26, podemos verificar um padrão-T de comportamento de instrução no momento em que os treinadores operam as substituições. Na configuração (01) podemos ver que os treinadores emitiram instrução relativa ao aquecimento do atleta, dando ordem para ele o terminar e dirigir-se para junto do banco para receber as indicações. Essas indicações são numa primeira fase dedicada ao modo de colocação do jogador no sistema de jogo da equipa (02) e de seguida dar indicações relativas à sua função/missão tática especifica no processo ofensivo e defensivo (02). De salientar que a forma de comunicação utilizada no momento das substituições é a verbal e gestual.

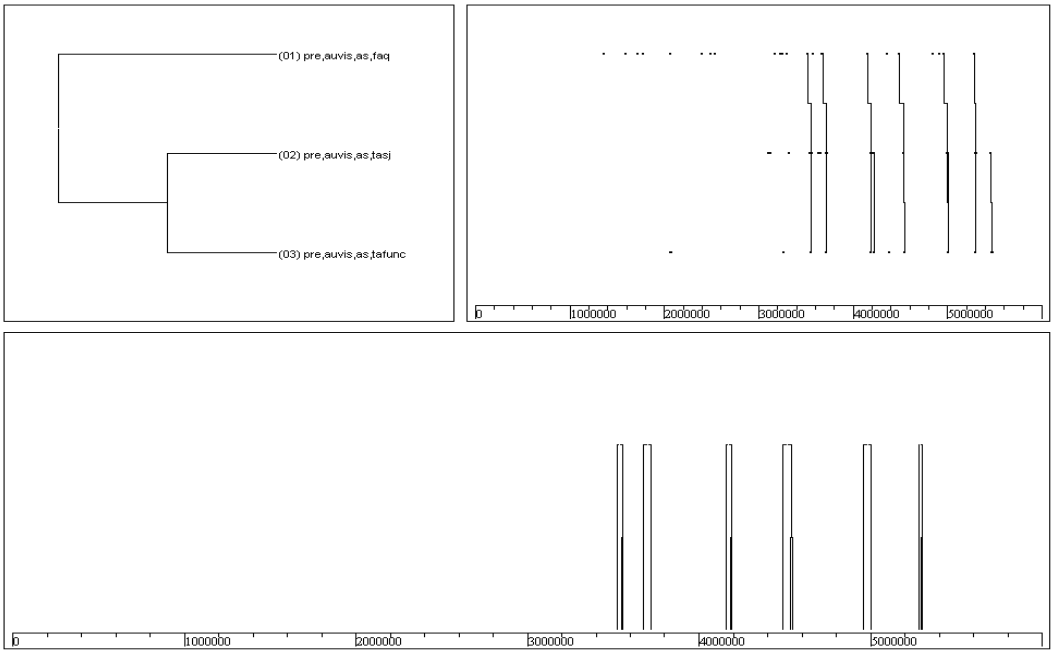

Figura 26. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens na Direção da Equipa em Competição.** Prescrição (pre); Auditivo-Visual (auvis); Atleta Suplente (as); Tática de Sistema de Jogo (tasj); Tática de Funções/Missões especificas de jogo (tafunc); Físico Aquecimento (faq).

Na figura 27 podemos verificar um padrão com várias ocorrências nos oito jogos observados (n=17). Na configuração (01) os treinadores de jovens emitem instrução prescritiva, sob a forma auditiva, direcionada à equipa e que procura incentivar/motivar a equipa para a eficácia no jogo. As configurações (02 e 03) são direcionadas ao atleta e em que o treinador emite instruções relativas ao método de jogo e avalia positivamente ação do jogador em jogo. Salientamos também que a sequência destas duas últimas configurações ocorre mais vezes que o padrão na sua totalidade durante os jogos observados.

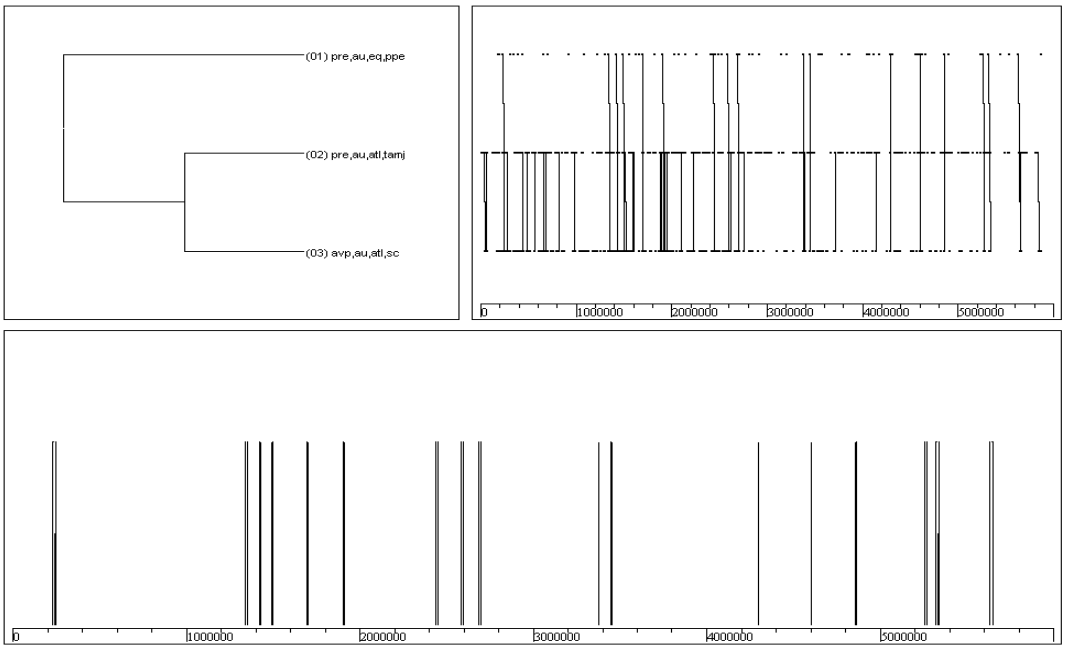

Figura 27. **Representação do padrão-T de Comportamento de Instrução dos Treinadores de Jovens na Direção da Equipa em Competição.** Avaliativo Positivo (avp); Prescrição (pre); Auditivo (au); Atleta (atl); Equipa (eq); Táica de Método de Jogo (tamj); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Sem Conteúdo (SC)

7.4. Discussão dos Resultados

O objetivo deste estudo centrou-se na análise dos padrões-T de comportamento de instrução, de treinadores do setor de formação na direção da equipa em competição. A concretização deste objetivo permitiu-nos realizar uma análise mais profunda dos resultados obtidos (Castañer et al., 2010) e desta forma obter informações valiosas sobre as habilidades de comunicação do treinador (Castañer et al., 2009), que podem ser importantes para um maior conhecimento da atividade pedagógica do treinador de jovens de futebol em competição.

De acordo com a frequência de ocorrências das configurações e dos padrões-T de comportamento de instrução encontrados, podemos verificar a grande utilização por parte dos treinadores de informação com objetivo de prescrever comportamentos mais eficazes para a resolução das situações de jogo e de avaliar positivamente os comportamentos/execuções técnico-táticas dos atletas e equipa. Tal fato vai ao encontro

do defendido por I. Mesquita (2005) que refere que o treinador deve fornecer instruções de caracter formativo e positivo. Moreno e Campo (2004) reforçam a importância da utilização de informação de carater positivo na condução da equipa em competição. Num estudo realizado por Smith e Cushion (2006) os treinadores profissionais do setor de formação justificaram os resultados obtidos para o louvor (17,66%), como sendo importantes para aumentar a confiança dos atletas.

Verificamos que os treinadores observados utilizam informação com o objetivo descritivo, principalmente quando o conteúdo é relativo à equipa de arbitragem e equipa adversária. De salientar, também, é a utilização da interrogação, principalmente pelo treinador 3, para verificar se a instrução é bem percebida e rececionada.

Outro aspeto que nos parece relevante nas configurações dos padrões-T encontrados é a forma que a instrução é emitida pelos treinadores na direção da equipa em competição. Os treinadores utilizam preferencialmente a comunicação verbal, no entanto verifica-se a preocupação de acompanhar muitas vezes essa forma de instrução recorrendo à comunicação gestual para emitir de forma mais eficaz a instrução.

Quando analisamos os padrões-T de comportamento podemos ver que a direção da instrução é preferencialmente direcionada ao atleta. Esta estratégia de comunicação seguida pelos treinadores de jovens observados está de acordo com o defendido por treinadores *experts* de voleibol (Moreno et al., 2005). Neste estudo os treinadores referidos foram questionados sobre a intervenção dos treinadores de voleibol em competição, tendo sido verificado que a informação deve ser preferencialmente direcionada ao atleta.

Os padrões-T encontrados mostram-nos a preocupação dos treinadores em emitir informação relativa aos aspetos táticos e psicológicos. Os treinadores observados centraram a informação nos aspetos relativos ao método de jogo, princípios específicos

do jogo, combinações táticas, eficácia tática, alteração do ritmo/intensidade de jogo, incentivo e motivação dos jogadores para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo e resistência às adversidades.

De acordo com os padrões-T encontrados, podemos verificar sequências temporais de comportamentos de instrução em que os treinadores de jovens têm como principais preocupações os aspetos táticos e psicológicos, seguindo-se informação com o objetivo de avaliar positivamente os comportamentos e execuções técnico-táticas dos atletas. Estes comportamentos observados vão ao encontro com o defendido por Cunha (1998), Lima (2000) e Castelo (2009) para os objetivos da direção da equipa em competição. Segundo os referidos autores, os treinadores na direção da equipa em competição devem procurar estabilizar e modificar a prestação dos jogadores e equipa, adequar os processos táticos ofensivos e defensivos, surpreender os adversários com decisões de ordem tática, estimular à superação, dar valor às ações coletivas e motivar os atletas para alcançar os dos objetivos.

Na presente investigação foram ainda registados padrões-T de comportamento relativos ao momento das substituições. As substituições são o meio tático operacional e objetivo que o treinador tem para intervir durante a competição (Castelo, 2009), com informação de qualidade (A. Santos, 2003) e que quando utlizada de forma eficaz pode ser encarada como uma medida estratégica (Lima, 2000). No decorrer das substituições há oportunidade para o treinador fornecer indicações ao jogador que vai entrar em campo, ao jogador que sai e porque existe paragem do jogo aos restantes jogadores e equipa. Nos padrões-T encontrados, verificamos que os treinadores emitem informação primeiro relativa ao aquecimento do jogador que vai entrar, para posteriormente lhe fornecer indicações sobre o seu posicionando no sistema de jogo da equipa e quais as suas funções/missões táticas especificas a desempenhar. Os treinadores procuram

também, nesse momento, incentivar e motivar o jogador para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo. Em relação ao jogador que saiu de campo os treinadores tiveram como principal preocupação emitir instrução claramente positiva, com objetivo de informar o jogador relativamente à sua prestação. Durante as substituições os treinadores utilizaram instrução com o objetivo prescritivo e a forma de comunicação verificada foi gestual e verbal.

A observação do comportamento de instrução dos treinadores do setor de formação e a sua análise através do programa *THEME*® permitiu-nos encontrar alguns padrões-T de comportamento de instrução e desta forma saber um pouco mais sobre as habilidades de comunicação na direção da equipa em comunicação.

7.5. Referências Bibliográficas

Anguera, M. T., Blanco, Á., & Losada, J. L. (2001). Diseños observacionales, cuestión clave en el proceso de la Metodología Observacional. *Metodología de las Ciencias del Comportamiento, 3*(2), 135-160.

Anguera, M. T., Blanco, Á., Losada, J. L., & Hernandez, A. (2000). La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric, 5*(24). Retrieved from http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm

Argilaga, M. T. A. (2004). Hacia la búsqueda de estructuras regulares en la observación del fútbol: detección de patrones temporales. *Cultura, Ciencia y Desporte, 1*(1), 15-20.

Brandão, M., & Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade, 6*(1), 53-69.

Castañer, M., Anguera, M. T., Miguel, C., & Jonsson, G. K. (2010). Observing the Paraverbal Communication of Coaches in Competitive Match Situations. In E. Barakova, B. d. Ruyter & A. Spink (Eds.), *Proceedings fo Measuring Behavior 2010* (pp. 24-27). Netherlands: ACM New York, NY, USA ©2010.

Castañer, M., Miguel, C., & Anguera, M. T. (2009). SOCOP_COACH: An Instrument to Observe Coach's Paraverbal Communication into Match Competitions Situations. *Revista de Desporto e Atividade Física, 2*(2). Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Culver, D., & Trudel, P. (2000). Coach-Athlete Communication Within an Elite Alpine Ski Team. *Journal of Excellence* (3), 28-54.

Cunha, P. (1998). A Intervenção do Treinador durante o Tempo Morto. *Treino Desportivo, 2,* 33-38.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Gonçalves, R. (2009). *Análise do comportamento de instrução do treinador durante a competição, em escalões de Futebol 7 e de Futebol 11.* Tese de Mestrado, Universidade do Porto - Faculdade de Desporto, Porto.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo, 6,* 22-36.

Jones, R., Amour, K., & Potrac, P. (2003). Constructing Expert Knowledge: A Case Study of a Top-level Professional Soccer Coach. *Sport, Education and Society, 8*(2), 213-229.

Jonsson, G. K., Anguera, M. T., Blanco-Villaseñor, Á., Losada, J. L., Hernandez-Mendo, A., Ardá, T., et al. (2006). Hidden patterns of play interaction in soccer using SOF-CODER. *Behavior Research Method, 38*(3), 372-381.

Jonsson, G. K., Anguera, M. T., Sanchez-Algarra, P., Oliveira, C., Campamiço, J., Castañer, M., et al. (2010). Application of T-Pattern Detection and Analysis in Sport Research. *The Open Sports Sciences Journal, 3*, 95-104.

Lapresa, D., Arana, J., Anguera, T., & Garzón, B. (2013). Comparative analysis of sequentiality using SDIS-GSEQ and THEME: A concrete example in soccer. *Journal of Sports Sciences*, 1-9.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.

Louro, H., Silva, A., Anguera, T., Marinho, D., Oliveira, C., Conceição, A., et al. (2010). Stability of patterns os behavior in the butterfly technique os the elite swimmers. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 36-50.

Magnusson, M. S. (2000). Discovering hidden time patterns in behavior: T-patterns and their detection. *Behavior Research Method, Instruments & Computers, 32*(1), 93-110.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., Santos, J., Ramos, L., Cervelló, E., Iglesias, D., & Villar, F. D. (2005). The Efficacy of the Verbal Behavior of Volleyball Coaches During Competition. *European Journal of Human Movement, 13*, 55-69.

Nunes, M. (1998). Observação e análise do comportamento do treinador em futebol. *Horizonte, 15,* 31-39.

Quintal, J. (2000). *O Treinador do Sector de Formação em Futebol. Estudo das atitudes e comportamentos durante a competição.* Tese de Mestrado, Universidade da Madeira, Funchal.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación, 335,* 163-187.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objetivos dos treinos e do nível de pratica dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Sarmento, H., Anguera, T., Campaniço, J., & Leitão, J. (2010). Development and validation of a national system to study the offensive process in football. Medicina (Kaunas), 46(6), 401-407.

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science*, *24*(4), 355-366.

Vallé, C. N., & Bloom, G. A. (2005). Building a Successful University Program: Key and Common Elements of Experts Coaches. *Journal of Applied Sport Psichology*, *17*(3), 179-196.

8. As Expetativas dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas e a sua relação com o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição.

Resumo

O presente estudo pretende estudar as expectativas dos treinadores relativamente à instrução e comportamento dos atletas em competição. Pretende também correlacionar as variáveis cognitivas referidas com os comportamentos de instrução do treinador e dos atletas tidos durante a competição. Tendo em vista o cumprimento desses objetivos foram estudados 4 treinadores de futebol do setor de formação de equipas que competiam nos campeonatos nacionais de Portugal. Utilizamos os sistemas de categorias SAIC e SOCAC para codificar os comportamentos de instrução do treinador e o comportamento dos atletas em competição, respetivamente. Para recolher os dados relativos às expectativas os treinadores responderam ao Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição. Os resultados obtidos demonstram que existe pouca relação entre as expectativas do treinador e o que efetivamente acontece em competição relativamente ao comportamento de instrução e ao comportamento dos atletas.

Palavras-chave: Expectativas, Observação, Instrução, Competição, Futebol

Abstract

This study aims to identify the expectations of the coaches on the instruction and behavior of athletes in competition. Intends to correlate with cognitive variables such behaviors instructional coach and behaviors of athletes had during the competition. In view of these objectives were studied 4 coaches youth soccer teams that competed in the national championships in Portugal. We use the systems category SAIC and SOCAC to

encode behaviors of coach's instruction and behavior of athletes in competition, respectively. To collect data on expectations the coaches responded to the Questionnaire about Expectations of Instruction and Behavior of Athletes in Competition. The results show that there is little relationship between the coach's expectations and what actually happens in competition for the instruction behavior and the behavior of athletes.

Keywords: Expectations, Observation, Instruction, Compétition, Football

8.1. Introdução

O presente estudo pretende estudar as expectativas dos treinadores sobre a instrução a emitir na direção da equipa e o comportamento dos atletas em competição. Outro dos objetivos desta investigação é relacionar as variáveis cognitivas referidas com o comportamento de instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas tido durante a competição.

Alguns estudos têm sido realizados, em contexto de treino e da competição, com o objetivo de relacionar as variáveis cognitivas e as variáveis comportamentais, no entanto poucas correlações entre as varáveis referidas têm sido verificadas. Segundo Sequeira (2008), nos últimos anos têm aumentado as investigações que procuram analisar o pensamento, as decisões, e a forma como o treinador seleciona as estratégias a adotar nas diferentes situações que ocorrem durante o treino e a competição.

Brito e Rodrigues (2002) referem que a atividade pedagógica do treinador é resultado das decisões pré-interativas e interativas. Moreno e Alvarez (2004) defendem que o comportamento do treinador em treino e em competição é resultante de decisões tomadas anteriormente.

Segundo Cloes et al. (2001) os treinadores tomam decisões táticas antes da competição – decisões pré-interativas (informações antes do jogo, seleção da equipa, plano tático) e durante o jogo – decisões interativas (feedback sobre decisões táticas, estratégia definida, adaptação da estratégia definida, equipa adversária, substituições e recolha de informação).

Debanne e Fontayne (2009) realizaram um estudo caso com o objetivo de descrever a gestão cognitiva de uma experiencia bem-sucedida de um treinador de elite de andebol durante a competição. Os resultados do estudo mostram que o plano tático pretendido para a competição foi resultado de decisões previamente tomadas e

anteriormente aplicadas no processo de treino. Ficou demonstrado neste estudo a existência de uma forte interação entre o treino e a competição.

R. Santos e Rodrigues (2002) verificaram com treinadores e professores de ténis, que as suas decisões de planeamento se centram nos conteúdos de treino.

Sequeira (1998) realizou um estudo com 8 treinadores de andebol, com o objetivo de verificar a existência de relação entre as decisões pré-interativas e comportamento interativo do treinador em treino. O autor verificou a existência de relação entre as variáveis cognitivas e comportamentais na categoria objetivo do feedback.

Na modalidade de ginástica artística realizou-se um estudo que pretendia comparar o comportamento pedagógico de professores do desporto escolar e de treinadores do sistema federado (Brito & Rodrigues, 2002). O referido estudo procurou também verificar se existe relação entre o comportamento pedagógico e o pensamento pré-interativo. Foram verificadas algumas correlações entre as variáveis cognitivas e comportamentais, mas que demonstram que os professores e treinadores tomam uma determinada decisão o que depois não se reflete no seu comportamento, ou, quando tomam as suas decisões pré-interativas não têm em conta determinado comportamento, que depois tem muitas ocorrências no decorrer do treino.

Num estudo efetuado por Pina e Rodrigues (2006) com o selecionador nacional de voleibol, foram observados os comportamentos do treinador nos tempos de repouso e nos intervalos de set, em quatro jogos relativos ao apuramento para o campeonato de europa. Os autores encontraram correlações entre a expetativa relativa às categorias tática (tática de serviço e tática de bloco) e o comportamento relativo às categorias da dimensão psicológica (psicológico-pressão-agressividade). O treinador estudado tem a

expetativa de atuar a nível tático, mas na realidade o comportamento centra-se fundamentalmente a nível psicológico pela pressão colocada nos jogadores.

A. Santos e Rodrigues (2006) efetuaram um estudo com 6 treinadores de futebol sénior, que dirigiam equipas a competir na II Divisão Nacional B de Portugal, com o objetivo de relacionar as expectativas relativas à instrução com o comportamento de instrução em competição. Os autores verificaram correlações na dimensão objetivo – prescritivo e afetivo positivo; dimensão direção – grupo de atletas suplentes e na dimensão conteúdo – técnica e sistema de jogo.

Sequeira et al. (2013) efetuaram um estudo com 6 treinadores de andebol e verificaram somente em um treinador grande homogeneidade entre as decisões pré interativas e o seu comportamento. Em quatros treinadores foi registada alguma homogeneidade e em um treinador grande heterogeneidade entre as decisões pré interativas e o comportamento na direção da equipa em competição.

De acordo com o que podemos verificar pelas diversas investigações efetuadas no âmbito do estudo das expectativas dos treinadores relativamente à instrução a emitir na direção da equipa e do comportamento de instrução em competição, verificam-se algumas correlações entre as variáveis cognitivas e comportamentais. É neste sentido que esta nossa investigação pretende dar um contributo dentro deste objeto de estudo na modalidade de futebol e no âmbito do setor de formação.

8.2. Metodologia

8.2.1. Participantes no Estudo

No nosso estudo foram observados 4 treinadores de futebol do setor de formação, que orientavam equipas a disputar os campeonatos nacionais de Portugal. Os treinadores que constituem a nossa amostra eram licenciados em Educação Física e

Desporto, possuíam curso da modalidade de II e IV nível e tinham em média 42,5 anos. A média de anos de experiencia a treinar jovens dos técnicos observados é de 14,5.

Foram observados por treinador 2 jogos na totalidade do tempo, tendo sido analisados 4151 comportamentos de instrução e relativamente aos comportamentos dos atletas, 4151 respeitantes à atenção e 1829 ao comportamento motor reativo. Para recolher os dados relativos às expectativas dos treinadores sobre a instrução e o comportamento dos atletas em competição foram aplicados 8 questionários.

8.2.2. Instrumentos

Para codificar os comportamentos de instrução dos treinadores na direção da equipa em competição utilizámos o Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC), instrumento que já foi validado e utilizado por A. Santos e Rodrigues (2008). A codificação dos comportamentos dos atletas em competição foi realizada através do Sistema de Observação do Comportamentos dos Atletas em Competição (SOCAC), sistema de categorias que foi validado por F. Santos et al. (2012).

A recolha dos dados relativos às variáveis cognitivas foi realizada através do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamentos dos Atletas em Competição. Este questionário foi validado tendo em conta os procedimentos definidos por Tuckman (2002) e Hill e Hill (2009) e utilizado numa investigação realizada por F. Santos et al. (2013).

8.2.3. Procedimentos Prévios

A realização desta investigação estava numa primeira fase dependente da aceitação por parte dos clubes e treinadores em participarem no estudo. Para que isso fosse possível fizemos contatos com os clubes e treinadores e marcamos reuniões com o

intuito de esclarecer os objetivos e procedimentos metodológicos a desenvolver para a recolha dos dados. Foi também garantido a confidencialidade dos dados recolhidos, servindo os mesmos somente para tratamento estatístico. Despois de termos a garantia de aceitação de participação na investigação, entregamos o consentimento informado, preenchemos a ficha de caracterização da amostra e foram marcados os dois jogos a observar, bem como o horário antes do jogo de preenchimento do questionário de expetativas.

8.2.4. Procedimentos Metodológicos

De acordo com o que foi combinado com todos os treinadores estivemos no estádio 1h30minutos antes da hora marcada para o jogo, para que fosse respondido o questionário relativo às expectativas sobre o comportamento de instrução e do comportamento dos atletas em competição. O treinador respondeu ao questionário confortavelmente numa sala cedida pelo clube e num ambiente de tranquilidade e silêncio.

Durante o jogo colocamos uma camara que filmava somente o treinador. Esta camara tinha um recetor de som que estava conectado ao microfone *wireless* que o treinador tinha colocado na lapela do casaco de fato de treino. Utilizamos uma segunda camara que filmava o jogo, permitindo uma melhor interpretação da instrução emitida pelo treinador e categorizar o comportamento dos atletas em competição.

A codificação dos comportamentos de instrução dos treinadores e do comportamento dos atletas foi realizada através do programa *LINCE*® (Gabín et al., 2012).

8.2.5. Fidelidade

O treino dos observadores foi realizado tendo por base as fases definidas por Rodrigues (1997). Após esta fase foi realizada a fidelidade intra observador e inter observadores e para verificar a existência de acordos nas observações foi utilizada a medida de concordância Kappa de Cohen. Os valores registados para a fidelidade foram acima dos 80%.

Para verificar a consistência do questionário de expectativas realizamos a fidelidade externa e interna (Hill & Hill, 2009; Tuckman, 2002). Tendo em conta que o questionário foi realizado a partir do Sistema de Análise da Instrução em Competição e do Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição, instrumentos já utilizados em algumas investigações (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2012) e uma vez ter sido testada a fidelidade dos mesmos, temos a garantia que os dados recolhidos terão consistência. Quanto à fidelidade interna do questionário, verificámos através da equivalência de respostas dadas a duas versões da pergunta (Hill & Hill, 2009). Desta forma, aplicámos o questionário a 5 treinadores, antes da competição e posteriormente verificámos o coeficiente de fidelidade através da correlação entre as duas respostas dadas às duas versões da pergunta. Foram obtidas correlações fortes entre as respostas às versões da mesma pergunta, o que de acordo com a escala definida por Hill e Hill (2009), corresponde a um coeficiente de fidelidade centrado entre o bom e o excelente (>0,8 e <1,0).

8.2.6. Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico foi realizado recorrendo ao programa *IBM SPSS Statistics®.*

Em relação ao estudo das expectativas dos treinadores sobre a instrução e o comportamento dos atletas em competição foi realizada a análise descritiva dos dados através dos parâmetros de tendência central – média e parâmetros de dispersão – desvio padrão e limites de variação.

Para fazer a correlação entre as expectativas e os comportamentos ocorridos em competição, foi necessário primeiro verificar a normalidade das distribuições. Utilizámos para o efeito o teste *Shapiro-wilk*, que de acordo com Hill e Hill (2009) é o aconselhável quando a amostra tem um n <50. Tendo em conta que registamos variáveis com distribuição normal e não-normal, utilizamos as técnicas estatísticas paramétricas – coeficiente de correlação de *Pearson* e não-paramétricas – coeficiente de correlação de *Spearman*.

8.3. Resultados

De acordo com os que podemos ver na tabela 26 os treinadores têm as expectativas de emitir muita instrução claramente positiva, com o objetivo de informar os atletas sobre a sua prestação, recorrendo à comunicação gestual e verbal (mista), direcionada preferencialmente à equipa. Os treinadores têm também as expectativas de emitir muita instrução com conteúdo que procura pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo.

Como podemos verificar na tabela 26 não existe muita diferença entre as expetativas da instrução com conteúdo tático e psicológico. No entanto as expectativas dos treinadores centram-se mais na componente relativa aos aspetos psico-emocionais dos atletas.

Tabela 26

Expectativas dos Treinadores sobre a Instrução e o Comportamento dos Atletas em Competição

Dimensões	Expectativas	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Dimensão Objetivo	AV+	1	5	3,62	1,302
	AV-	1	3	2,00	,756
	DES	2	4	3,13	,641
	PRE	1	5	3,13	1,246
	INT	1	3	2,25	,707
Dimensão Forma	AF+	3	5	4,38	,916
	AF-	1	2	1,25	,463
	AU	1	4	2,88	,991
	VIS	1	3	2,38	,744
	AU-VIS	3	5	4,13	,991
Dimensão Direção	ATL	1	4	2,87	,991
	AS	1	3	2,38	,744
	Grupo	2	3	2,87	,354
	GD	2	3	2,87	,354
	GM	2	3	2,87	,354
	GA	2	3	2,87	,354
	GS	1	4	2,50	,926
Dimensão Conteúdo	EQ	3	5	3,75	,707
	TEC	2	4	2,63	,744
	TEOF	2	5	3,25	1,035
	TEDEF	2	5	3,25	1,035
	TAT	3	4	3,63	,518
	TASJ	2	4	3,25	,707
	TAMJ	3	4	3,25	,463
	TAET	2	5	3,63	1,188
	TAPJ	3	5	3,63	,916
	TAFUN	3	5	3,63	,744
	TACOM	2	4	3,00	,926
	TAEG	3	5	3,50	,756
	PSI	2	5	3,75	1,035
	PRI	2	4	3,38	,744
	PC	2	5	3,88	,991
	PPE	3	5	4,13	,641
	PAT	3	5	4,00	,756
	PCO	3	5	4,00	,756
	PPC	3	5	3,63	,744
	PRA	3	5	3,88	,835
	PRESP	1	4	2,75	,886
	FIS	2	4	3,00	,756
	PRES	1	4	2,50	,926
	FVEX	3	4	3,63	,518
	FVDES	1	4	2,75	1,035
	FVREA	2	4	3,00	,926
	FFO	2	4	2,63	,916
	FAQ	2	4	2,88	,641
	EQADV	2	4	3,38	,744
	EQARB	1	3	1,88	,641
Dimensão Atenção	ATATL	4	5	4,38	,518
	ATAS	1	4	3,38	1,061
	ATGR	4	5	4,25	,463
	ATEQ	3	5	4,13	,835
	DATATL	1	3	1,88	,641
	DATAS	1	3	2,00	,756
	DATGR	1	3	2,00	,756
	DATEQ	1	3	2,25	,886
Dimensão Comportamento Motor Reativo	MC+	3	5	3,75	,707
	MC-	2	3	2,25	,463
	NMC	1	3	2,25	,707
	RF+	3	5	4,25	,707
	RF-	1	3	1,63	,744

Em relação às expectativas sobre o comportamento dos atletas em competição foi registado que os treinadores esperam que os atletas e equipa estejam atentos. No que concerne aos comportamentos imediatamente observáveis após o aporte de informação, os treinadores esperam que os jogadores modifiquem o comportamento de acordo com as indicações emitidas e que continuem a executar a ação que foi anteriormente valorizada.

Tabela 27

Dimensão Objetivo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução						
		AV+	AV-	DES	PRE	INT	AF+	AF-
Expectativas	AV+					(s) -,741*	(s) -,814*	
	AV-						(s) -,737*	
	DES							
	PRE							
	INT							
	AF+				(s) -,866**			
	AF-							

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman*. Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-).

Na tabela 27 podemos verificar uma correlação significativa inversa (-0,866; p≤0,01) entre a categoria afetivo positivo e a prescritivo. Os treinadores de jovens da nossa amostra tinham a expectativa de emitir muita instrução afetiva positiva, tendo-se verificado na direção da equipa em competição a emissão de instrução com o objetivo predominantemente prescritivo.

Salientamos também relações significativas inversas entre as expectativas – avaliativo positivo (-0,814; p≤0,05), avaliativo negativo (-0,737; p≤0,05) e o comportamento de instrução em competição – afetivo positivo. Os treinadores em competição utilizam preferencialmente a informação com o objetivo de avaliar

positivamente o comportamento e execução técnico-tática dos atletas em detrimento da instrução afetiva positiva. Relativamente à pouca expectativa de avaliar negativamente a prestação dos atletas, esta é contrária ao que se verifica na direção da equipa em competição, pois o treinadores para além de avaliar positivamente o rendimento dos atletas, também elogiam a sua prestação, incentivando-os.

Quando os treinadores têm a expetativa de avaliar positivamente o comportamento ou execução técnico-tática dos atletas, em competição o seu comportamento de instrução regista a pouca utilização da estratégia de questionar os atletas e equipa sobre a sua execução, situação de jogo ou informação emitida anteriormente (-0,741; p≤0,05).

No que diz respeito à dimensão forma da instrução não registamos nenhuma correlação entre as expectativas e o comportamento do treinador em competição.

Tabela 28

Dimensão Direção – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução							
		ATL	AS	GD	GM	GA	GS	GRU	EQ
Expectativas	ATL								
	AS								
	Grupo								
	GD								
	GM								
	GA								
	GS								(s) -,751*
	EQ				(s) -,822*				

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman*. Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU).

Na dimensão direção da instrução (tabela 28) encontramos duas correlações significativas inversas. Os treinadores que esperam emitir muita instrução à equipa, na competição direcionam pouca informação ao setor do meio campo (-0,822; p≤0,05).

Verificamos também que quando as expectativas apontam para o valor médio de instrução direcionada ao grupo de suplentes, na competição o comportamento de instrução dos treinadores é direcionado à equipa (-0,751; p≤0,05).

Tabela 29

Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução			
		Técnico	Tático	Psicológico	Físico
Expectativas	Técnico	TEDEF (s) 0,748*			
	Tático		Tático (s) – 0,732*	PPE (s) -0,845**; PAT (s) -0,845**; Psicológico (s) -0,845**	FVDES (s) -0,716*; FVREA (s) -0,976**; Físico (s) -0,850**
	TASJ			PC (s) -0,719*; PPE (s) -0,730*	
	TAMJ			PC (s) -0,765*	
	TAET			PAT (p) -0,754*; Psicológico (p) -0,794*	FVDES (s) -0,856**; FVREA (s) -0,813*; Físico (p) -0,808*
	TAFUNC				FVDES (s) -0,738*; FVREA (s) -0,723*
	Psicológico				FVDES -0,806*; FVREA (s) -0,835**
	PRI				FVDES (s) -0,708*
	PC	TEOF (s) -0,728*	TASJ (s) -0,779*; TAMJ (s) -0,932**; TACOM (s) -0,907**; TAEG (s) -0,728*; Tática (s) -0,907**		Físico (s) -0,719*
	PPE				FVDES (s) -0,730*
	PAT				FVDES (s) -0,891**
	PCO		TAFUN (s) -0,772*		
	PPC				FVDES (s) -0,738*; FVREA (s) -0,723*
	PRA		TASJ (s) -0,756*; TAMJ (s) -0,819*; TACOM (s) -0,882**; Tática (s) -0,743*	PPE (s) -0,819*	FVDES (s) -0,771*; FVREA (s) -0,873**; Físico (p) -0,735*
	PRESP		TASJ (s)-0,709	PRESP (s) 0,772*	FVDES (s) -0,709*
	Físico		TAFUNC (s) -0,772*		
	FRES				FVDES (s) -0,809*
	FVDES	TEDEF (s) -0,734*; Técnica (s) -0,721*	TAPJ (s) -0,752*	PPC (s) -0,721*	
	EQARB		TAMJ (s) 0,866**; TAFUNC (s) 0,784*; TACOM (s) 0,784*; Tática (s) 0,784*	PPE (s) 0,866**; PAT (s) 0,866; Psicológico (s) 0,866**	

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman*; (p) – Correlação de *Pearson.* Técnica (TEC); Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática (TAT); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico (PSI); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB).

Na dimensão conteúdo da instrução registamos duas correlações entre expectativas e o comportamento em competição na categoria tático (-0,732; p≤0,05) e na subcategoria psicológico responsabilidade (0,772; p≤0,05). Os treinadores tinham expectativas de emitir uma quantidade média de instrução de conteúdo tático, verificando-se na competição que a informação emitida é predominantemente relacionada com aspetos táticos individuais e coletivos. Na direção da equipa em competição a categoria do conteúdo tático é a que regista mais ocorrências. Relativamente à subcategoria psicológico responsabilidade, a expectativa dos treinadores era emitir pouca instrução, o que se verificou no comportamento durante a competição (0,772; p≤0,05).

Os treinadores têm a expectativa de emitir pouca informação relativa aos elementos técnicos realizados pelos jogadores, o que é verificado na direção da equipa em competição, nomeadamente com os aspetos relativos à forma mais correta de executar ações técnicas defensivas (0,748; p≤0,05). Os treinadores emitem informação com este conteúdo principalmente quando os treinadores durante a competição solicitam aos jogadores para efetuarem a técnica de desarme sem falta.

Também registamos correlações significativas entre as expectativas – categoria equipa de arbitragem e o comportamento de instrução – categoria tática (0,784; p≤0,05), psicológica (0,866; p≤0,01) e subcategorias tática método de jogo (0,866; p≤0,01), tática de funções/missões específicas de jogo (0,784; p≤0,05), tática das combinações (0,784; p≤0,05), psicológica pressão eficácia (0,866; p≤0,01), psicológica atenção (0,866; p≤0,01). A expetativa dos treinadores do setor de formação de emitir pouca informação relativa à equipa de arbitragem é refletida na direção da equipa em competição, tendo em conta que as suas principais preocupações estão relacionadas com os aspetos táticos e psicológicos.

Em relação às expectativas sobre a instrução com conteúdo relativo a diversas subcategorias da categoria tática e restantes dimensões da dimensão conteúdo verificámos correlações inversas, comprovando-se que os treinadores observados na direção da equipa privilegiam os aspetos táticos aos aspetos psicológicos e físicos. No entanto, tal fato não se verifica na subcategoria psicológica pressão eficácia. Os treinadores esperam emitir muita informação relativa aos diversos aspetos táticos, no entanto emitem mais informação que procura pressionar os atletas e equipa, incentivando-os, para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo. Esta subcategoria da categoria psicológica é a segunda com mais ocorrência na direção da equipa em competição.

As correlações significativas inversas registadas entre as expectativas de emitir informação com conteúdo psicológico e o comportamento de instrução demonstram que em competição os treinadores preocupam-se principalmente com os aspetos táticos. Também verificamos que os treinadores que têm expectativas de emitir instrução com conteúdo psicológico, são aqueles que emitem menos informação em competição com conteúdo relativos aos aspetos físicos.

Relativamente às correlações verificadas entre as expectativas – categoria físico, físico resistência e físico velocidade de deslocamento e o comportamento de instrução, vêm comprovar o já referido anteriormente que vai no sentido de que as principais preocupações dos treinadores de jovens observados centram-se nos aspetos táticos seguindo-se os psicológicos.

Tabela 30

Dimensão Atenção – Correlação entre as expectativas e o comportamento dos atletas em competição

		Comportamento dos Atletas							
		ATATL	ATAS	ATGR	ATEQ	DATATL	DATAS	DATGR	DATEQ
Expectativas	ATATL	(s) -,845**	(s) -,850**			(s) -,850**			
	ATAS								
	ATGR								
	ATEQ	(s) -,945**	(s) -,951**			(s) -,729*			
	DATATL			(s) ,770*		(s) ,871**			
	DATAS								
	DATGR			(s) ,772*					
	DATEQ		(s) ,750*	(s) ,874**		(s) ,737*			

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman.* Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Equipa (DATEQ).

Apesar de na competição termos verificado que os atletas na grande maioria das ocorrências demonstram estar atentos, as expectativas dos treinadores são superiores ao registado (-0,845; p≤0,01). A correlação significativa inversa registada entre as expectativas sobre o comportamento dos atletas e o número de ocorrências de desatenção registadas durante a competição (-0,850; p≤0,01) demonstra-nos que de facto os atletas estão atentos. Desta forma, os treinadores quando têm expectativas de que os atletas estão atentos à emissão de informação, em competição os jogadores demonstram estar poucas vezes desatentos.

Na categoria desatenção atleta existe uma correlação significativa entre as expectativas e o comportamento dos atletas (0,871 p≤0,01), ou seja, os treinadores esperam que os atletas estejam poucas vezes desatentos, o que se verifica em competição.

Os treinadores de jovens da nossa amostra têm poucas expectativas relativamente à desatenção dos atletas e grupo de atletas (defesas, médios, avançados e suplentes) e na competição verifica-se também valores baixos para a categoria atenção

grupo (0,770; p≤0,05/0,772; p≤0,005). Os valores baixos para a categoria atenção grupo, deve-se à pouca instrução direcionada aos setores da equipa e grupo de suplentes. Esta situação também se verifica nas correlações significativas entre a pouca expectativa sobre a desatenção equipa e o comportamento dos atletas verificado na competição nas categorias atenção atleta suplente (0,750; p≤0,05), atenção grupo de jogadores (0,874, p≤0,01) e desatenção atleta (0,737, p≤0,05).

As restantes correlações negativas verificadas devem-se aos treinadores terem muitas expectativas sobre a atenção dos atletas, equipa e aos baixos valores registados para as categorias atenção atleta suplente (-0,850; p≤0,01/-0,951; p≤0,01) e desatenção atleta (-0,729; p≤0,01). A correlação inversa verificada entre as expectativas sobre a atenção da equipa e o comportamento dos atletas (-0,945; p≤0,01) deve-se aos valores altos registados na categoria atenção atleta durante a competição.

Tabela 31

Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre as expectativas e o comportamento dos atletas em competição

		Comportamento dos Atletas				
		MC+	MC-	NMC	RF+	RF-
Expectativas	MC+	(s) -,782*				
	MC-					
	NMC					
	RF+					
	RF-					

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman.* Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica Comportamento Negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-).

No que respeita à observação do comportamento dos atletas imediatamente após o aporte de informação, verificámos que os jogadores, na grande maioria das ocorrências, modificam o comportamento de acordo com as instruções emitidas pelos treinadores. A expectativa dos treinadores da nossa investigação relativamente à categoria modifica o comportamento positivamente situa-se entre a média e a muita

expetativa (3,75). Durante a competição verificamos mais ocorrências da categoria referida, comparativamente ao esperado pelos treinadores (-0,782; $p \leq 0,05$).

8.4. Discussão dos Resultados

Nas diversas correlações encontradas, entre as expectativas e o comportamento de instrução/atletas, somente em duas acontecem dentro da mesma categoria/subcategoria, confirmando-se a relação entre o que os treinadores esperam e o que realmente acontece durante a competição. Tal facto verifica-se na dimensão conteúdo (subcategoria psicológico responsabilidade) e na dimensão atenção (categoria desatenção atleta). Os treinadores têm expectativas baixas relativamente a estes comportamentos, verificando-se também valores baixos na competição.

O número de correlações dentro das mesmas categorias registado por nós fica um pouco distante dos resultados obtidos por A. Santos e Rodrigues (2006) num estudo efetuado também na modalidade de futebol mas com treinadores de seniores. Os referidos autores encontraram correlações na dimensão objetivo (categoria prescritivo e afetivo positivo), na dimensão direção (subcategoria atletas suplentes) e na dimensão conteúdo (categoria técnica e subcategoria tática sistema de jogo).

Pensamos que a referida situação pode dever-se aos fatores que estão inerentes ao próprio jogo, verificando-se na competição o que não estava inicialmente previsto, ou que treinadores devem dar mais atenção à preparação cognitiva para que a sua intervenção seja cada vez mais eficaz.

Na dimensão objetivo verificamos que os treinadores de jovens da nossa amostra esperavam emitir informação preferencialmente afetiva positiva, o que não se verificou em competição. Na direção da equipa os treinadores emitiram instrução predominantemente prescritiva. Será no entanto importante salientar, que tanto nas

expectativas, como no comportamento de instrução em competição os treinadores demonstraram ter preocupação em emitir informação com o objetivo prescritivo, de avaliar/elogiar positivamente e descritivo, sendo que os valores mais baixos são relativos à informação de caracter negativo. As preocupações demonstradas pelos treinadores relativamente ao objetivo da instrução, estão de acordo com o defendido por Moreno e Campo (2004) e I. Mesquita (2005). No que concerne à expectativa dos treinadores avaliarem e elogiarem positivamente os seus atletas na competição, está de acordo com a explicação avançada pelos treinadores participantes no estudo realizado por Smith e Cushion (2006) relativamente ao rácio elogio/repreensão (16:1). Os treinadores do referido estudo afirmaram a importância do elogia para aumentar a confiança dos atletas.

Quanto à dimensão forma da instrução, não verificámos nenhuma correlação entre as expectativas e comportamento de instrução, facto também verificado no estudo efetuado por A. Santos e Rodrigues (2006). Os treinadores esperam utilizar como forma preferencial de emitir instrução a comunicação mista – verbal e gestual, fato que não se verifica no comportamento dos treinadores em competição e nos diversos estudos desenvolvidos no futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2012; F. Santos et al., 2013), tendo em conta que a forma mais utilizada é a auditiva.

No que diz respeito à direção da instrução encontramos duas correlações significativas inversas. Esta situação é verificada porque quando os treinadores têm expectativas de emitir uma quantidade média de instrução ao grupo de suplentes e muita instrução à equipa, na competição verificou-se que a informação é direcionada à equipa e grupo de médios, respetivamente.

Os treinadores de jovens questionados referiram que antes da competição esperam emitir muita informação à equipa (3,75), o que se não verifica em competição.

Durante o jogo os treinadores observados emitiram instrução predominantemente direcionada ao atleta, tendo a informação direcionada à equipa obtido valores relativamente baixos. A preferência por emitir instrução direcionada aos atletas na direção da equipa em competição tem sido registada em diversas investigações desenvolvidas na modalidade de futebol (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012) e vai também ao encontro do referido por Moreno e Campo (2004). Estes autores defendem que a informação de conteúdo tático, preferencialmente utilizada pelos treinadores da nossa amostra, e direcionada aos atletas deve ser emitida quando os jogadores estão no centro do jogo e ao coletivo durante as paragens de jogo.

Diversas correlações entre as expectativas e comportamento de instrução foram registadas, no entanto a sua grande maioria demonstram que o que os treinadores esperam não se verifica na competição. Somente na categoria tática e na subcategoria psicológico responsabilidade existiu correlação entre as expectativas e o comportamento de instrução em competição. No entanto, em relação à categoria tática os treinadores tinham expectativas de emitir menos instrução relativa aos aspetos táticos individuais e coletivos e na competição a informação relativa a este conteúdo foi predominantemente utilizada. Nos estudos realizados na modalidade de futebol tem-se verificado a utilização predominante da instrução de conteúdo tático (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

As expectativas de emitir informação com conteúdo técnico são consubstanciadas durante a competição especialmente com a emissão de instrução com o conteúdo relativo à técnica defensiva. Os treinadores em competição alertam algumas vezes os seus jogadores para que no momento do desarme não façam faltas.

Piltz (2003) refere que o treinador deve ser capaz de realizar uma eficaz observação para conseguir responder aos problemas colocados pelo jogo e pela equipa adversária. Tendo em conta os objetivos da direção da equipa em competição, T. Lima (2000) e Castelo (2009) defendem a capacidade de observar não só a própria equipa como também a equipa adversária. I. Mesquita (2005) refere também que é importante o treinador aceitar as decisões da equipa de arbitragem e concentrar-se no jogo para que possa fornecer instruções pertinentes. Na nossa perspetiva os resultados que obtivemos nas correlações entre as expectativas relativas à equipa de arbitragem e as categorias tática, psicológica, as subcategorias tática método de jogo, tática funções/missões específicas do jogo, táticas das combinações, psicológica pressão eficácia, psicológica psicológica atenção psicológica concentração, vão ao encontro do defendido pelos referidos autores. Os treinadores têm baixas expectativas de emitir instrução relativa à equipa de arbitragem o que se reflete na direção da equipa em competição, tendo em conta que as principais preocupações se centram nos aspetos táticos e psicológicos.

Em relação à dimensão atenção, verificámos que as expectativas dos treinadores se confirmam no decorrer da competição, tendo em conta que os atletas e equipa demonstraram estar atentos aos treinador e ao jogo. Apesar de na categoria atenção termos verificado uma correlação significativa inversa, tal facto deve-se às expectativas dos treinadores serem mais baixas do que efetivamente se verifica em competição. No entanto quando analisamos a correlação significativa inversa entre as expectativas sobre a atenção e comportamento do atleta – desatenção atleta, verificámos que quando os treinadores esperam que o jogador esteja atento, na competição registamos valores baixos de desatenção.

Será também importante salientar que as baixas expectativas dos treinadores relativamente à desatenção atleta se confirmam em competição. Em estudos realizados

por F. Santos et al. (2012) e por F. Santos et al. (2013) na modalidade de futebol, com atletas do setor de formação, também foram registados valores baixos para as diversas categorias de desatenção, verificando-se que os atletas estão na maioria das ocorrências atentos ao treinador e ao jogo.

Quando ao comportamento motor reativo dos atletas as expectativas dos treinadores vão no sentido de que os jogadores modificam o comportamento de acordo com a informação emitida e que continuam a realizar o comportamento e ação técnico-tática anteriormente valorizada positivamente. De facto em competição o comportamento dos atletas observados demonstra que estes modificam o comportamento positivamente, no entanto também verificamos que o valor de expectativa para categoria reforço positivo não está de acordo com o verificado no jogo. Estudos realizados na modalidade de futebol e com atletas jovens também verificaram que os jogadores na maioria das ocorrências modificam o comportamento positivamente (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Apesar do que referimos anteriormente verificámos só uma correlação entre as expectativas e o comportamento dos atletas em competição – categoria modifica comportamento positivamente. Os treinadores têm mais baixas expectativas relativamente a este comportamento do que efetivamente se confirma em competição.

8.5. Conclusões

Um dos objetivos deste estudo passava pela análise das expectativas dos treinadores sobre o comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição. As expectativas dos treinadores do setor de formação da nossa amostra apontam para instrução preferencialmente afetiva positiva, sob a forma auditiva-visual, direcionada à equipa e com conteúdo que procura pressionar os atletas para uma maior

eficácia na resolução das situações de jogo – psicológico pressão eficácia. Quando às expectativas sobre o comportamento dos atletas apontam para atletas e equipa atentos, bem como para que os atletas continuem a realizar os comportamentos e ações técnico-táticas valorizadas anteriormente.

O segundo objetivo da investigação pretendia verificar a existência de relações entre as expectativas dos treinadores sobre a instrução e o comportamento dos atletas e o que parcialmente foi observado em competição. Verificamos duas correlações positivas significativas, entre o que os treinadores esperam e o que efetivamente acontece durante a competição, na dimensão conteúdo (subcategoria psicológico responsabilidade) e na dimensão atenção (categoria desatenção atleta).

Registamos diversas correlações negativas significativas, que indicam que muitas vezes o que os treinadores esperam não se verifica em competição, ou têm determinadas expectativas sobre determinado comportamento que na competição acaba por acontecer com uma frequência diferente.

Os resultados deste estudo demonstram-nos a necessidade dos treinadores realizarem uma melhor preparação ao nível das decisões tomadas antes da competição a fim de poderem tornar a sua intervenção mais eficaz. Pensamos também que será importante realizar mais estudos que visam perceber processos cognitivos dos treinadores de futebol e também utilizar metodologias que permitem acompanhar os treinadores ao longo do tempo a fim de aperfeiçoarem as decisões tomadas antes da competição e posteriormente verificar as relações com os comportamentos verificados no jogo.

8.6. Referências Bibliográficas

Brito, A., & Rodrigues, J. (2002). As Decisões e os Comportamentos do Treinador de Ginástica Artística. *Desporto, Investigação & Ciência, 1,* 21-39.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective.*

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Debanne, T., & Fontayne, P. (2009). A Study of Successful Experienced Elite Handeball Coach's Cognitive Process in Competition Situations. *International Journal of Sports Science & Coaching, 4*(1), 1-16.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P., & Alvarez, F. (2004). El pensamiento del entrenador. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 75-95). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Piltz, W. (2003). *Reading the Game: A key component of effective instruction in teaching and coaching.* Paper presented at the Teaching Sport and Physical Education for understanding., Universidade de Melbourne, Austrália.

Pina, R., & Rodrigues, J. (2006). Estudo da relação entre a perceção, o objetivo, a expectativa e o comportamento de instrução de um treinador top de Voleibol. *Desporto. Investigação & Ciência, 5,* 15-34.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación, 335,* 163-187.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objetivos dos treinos e do nível de prática dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2006). Análise relacional entre as expectativas e comportamento de instrução do treinador de futebol, na preleção de preparação e na competição. *Desporto. Investigação & Ciência, 5,* 83-100.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas,

comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Santos, R., & Rodrigues, J. (2002). A Atividade do Treinador de Jovens em Ténis. *Desporto, Investigação & Ciência, 0*, 11-20.

Sequeira, P. (1998). Análise do pensamento, da ação e de reação no feedback nos treinadores de Andebol dos escalões de formação. Tese de Mestrado, UTL - FMH, Lisboa.

Sequeira, P. (2008). O comportamento e as decisões do treinador em treino e em competição. *Revista de Desporto e Atividade Física, 1*(1), 30-55. Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Sequeira, P., Hanke, U., & Rodrigues, J. (2013). O comportamento e as decisões pré e pós interativas do treinador de Andebol de topo durante a competição. *Revista da UIIPS, 1*(1), 156-173. Retrieved from http://www.ipsantarem.pt/arquivo/5004

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science, 24*(4), 355-366.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

9. A Auto Perceção e Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e Comportamentos dos Atletas e a sua relação com o Comportamento de Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição.

Resumo

O presente estudo pretende analisar a auto perceção dos treinadores relativamente à instrução e a sua perceção sobre o comportamento dos atletas em competição. Pretende também relacionar as variáveis cognitivas referidas com os comportamentos de instrução do treinador e o comportamento dos atletas tido durante a competição. Tendo em vista o cumprimento desses objetivos foram estudados 4 treinadores de futebol do setor de formação de equipas que competiam nos campeonatos nacionais de Portugal. Utilizamos os sistemas de categorias SAIC e SOCAC para codificar os comportamentos de instrução do treinador e o comportamento dos atletas em competição, respetivamente. Para recolher os dados relativos à auto perceção e perceção os treinadores responderam ao Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição. Foram registadas algumas correlações entre as variáveis cognitivas e comportamentais estudadas, no entanto os resultados demonstram que existe pouca relação entre o comportamento de instrução e comportamento dos atletas e a reflexão feita pelo treinador no final da competição.

Palavras-chave: Auto Perceção/Perceção, Observação, Instrução, Competição, Futebol

Abstract

The present study aims to analyze the self-perception of coaches on the instruction and their perceptions about the behavior of athletes in competition. It also seeks to relate cognitive variables referred to the coach's instruction behavior and the behavior of athletes had during the competition. In view of these objectives were studied four

coaches of youth teams that competed in the national championships in Portugal. We use the systems category SAIC and SOCAC to encode behaviors of coach's instruction and behavior of athletes in competition, respectively. To collect data on self-perception and perception coaches responded to the Questionnaire about Self-Perception of Instruction and Perception of Behavior of Athletes in Competition. Were recorded some correlations between behavioral and cognitive variables studied, but results show that there is little relationship between the instruction behavior and behavior of athletes and reflection performed by the manager at the end of the competition.

Keywords: Self-Perception/Perception, Observation, Instruction, Compétition, football

9.1. Introdução

O presente estudo pretende analisar a auto perceção dos treinadores sobre o comportamento de instrução tido na direção da equipa e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição. É também objetivo desta investigação verificar a existência de relação entre as variáveis cognitivas e comportamentais.

Segundo Sequeira (2008) as decisões pós-interativas são o conjunto de reflexões efetuadas pelo treinador após o treino e/ou a competição. Moreno e Alvarez (2004) dão importância aos processos reflexivos tendo em conta que podem influenciar, guiar e orientar a conduta do treinador, otimizando desta forma a sua atuação. Os mesmos autores referem que a análise processos reflexivos, permitem conhecer os motivos que levam os treinadores a atuar de um determinado modo e a importância que dão a determinados aspetos.

Moreno (2001) desenvolveu um estudo com três treinadores principiantes de voleibol, os quais foram submetidos a um programa formativo durante uma temporada. O referido programa teve por objetivo otimizar a conduta verbal dos treinadores, utilizada na direção da equipa em competição. No final de cada partida os treinadores fizeram um diário, que permitiu verificar a sua auto perceção e nível de reflexão relativamente à forma que dirigiam a equipa em competição. O seu conhecimento sobre a conduta verbal na competição, através do desenvolvimento de sessões de supervisão, tornou-os mais capazes de refletir sobre mais variáveis e centrar-se em aspetos mais concretos e específicos.

Moreno et al. (2007) aplicaram o programa de supervisão reflexiva sobre a conduta verbal nos descontos de tempo, a três treinadores de voleibol principiantes durante uma temporada de competição. Os treinadores após a competição tinham de realizar uma reflexão sobre o seu comportamento na direção da equipa, para

posteriormente fazerem uma auto avaliação da sua conduta através da observação vídeo com supervisão de um *expert.* De seguida foram estabelecidos, pelo supervisor *expert*, objetivos específicos para a mudança na conduta verbal na direção da equipa em competição. Os resultados obtidos demonstram que houve uma modificação da conduta verbal dos treinadores, manifestada pelo incremento de informação tática e sobre a equipa adversária.

Côté e Sedgwick (2003) realizaram um estudo com o objetivo de conhecer as perceções de 10 treinadores *experts* de remo e de 10 remadores de elite canadianos sobre os comportamentos de *coaching* efetivo. Os resultados refletem que os treinadores dão prioridade à instrução técnica, que o foco da informação são questões técnicas especificas e que comunicam usando analogias que ilustram o que pretendem. Foi também valorizado o feedback imediato, honesto, construtivo, a capacidade do treinador em reconhecer as diferenças individuais dos atletas e em estabelecer uma interação positiva entre treinador-atleta.

Bennie e O'Connor (2011) desenvolveram um estudo com treinadores profissionais e atletas australianos de râguebi e cricket com o objetivo de conhecer quais as suas perceções sobre o *coaching* efetivo. Os resultados demonstram não só que é importante haver uma comunicação honesta, coerente, justa, mas também que os canais do processo de comunicação estejam abertos, para que haja troca de ideias, tendo em vista uma melhor interação treinador-atleta. Foi também verificado que é importante a hora e o local que o treinador comunica, devendo ser tido em conta as diferenças individuais dentro de uma equipa.

Na modalidade de judo foi realizado um estudo com 8 treinadores e 72 atletas dos escalões de formação com o objetivo de perceber qual a influência dos comportamentos dos treinadores no abandono de jovens praticantes. Para a recolha de

dados foram observados 16 treinos e foram aplicados questionários. Os resultados demonstram uma baixa relação entre a auto perceção e o comportamento observado (Costa, 2000).

Também em contexto de treino, na modalidade de andebol foi verificado a não existência de qualquer relação entre o comportamento observado e a auto perceção do treinador sobre as suas decisões interativas (Azevedo, 2002).

Cloe set al. (2001) observaram 4 jogos de uma equipa de basquetebol e de uma equipa de voleibol, que competiam nos campeonatos nacionais da Bélgica. O estudo pretendia também verificar se no final do jogo os treinadores conseguiam dizer quais as suas decisões durante a competição e analisar os objetivos e fatores que influenciam as decisões interativas. Os resultados obtidos demonstram a necessidade dos treinadores serem treinados para fazerem reflexões sobre suas decisões interativas na direção da equipa em competição. Os treinadores estudados no final do jogo conseguiram recordar-se de algumas decisões interativas relativas aos aspetos táticos.

Num estudo realizado na modalidade de andebol, com 6 treinadores de equipas seniores masculinas da divisão principal de Portugal, foram verificadas algumas incoerências na relação entre o comportamento do treinador e as decisões pós interativas (Sequeira et al., 2013).

De acordo com o que podemos verificar alguns estudos têm sido realizados com o objetivo de estudar o conjunto de reflexões feitas depois do treino e da competição por parte do treinador, verificando-se pouca coerência com os comportamentos dos treinadores na direção das equipas em treino e competição.

Segundo Franco et al. (2013) apesar de aparentemente existir uma tendência de incoerência entre a auto perceção dos treinadores/professores/instrutores e o

comportamento pedagógico observado, existe a necessidade de efetuar mais investigações com este objeto de estudo.

É neste sentido que o nosso estudo pretende ser mais um contributo para perceber a existência de relações entre as variáveis comportamentais – comportamento de instrução na direção da equipa em competição, comportamento dos atletas e as variáveis cognitivas – auto perceção sobre a instrução e perceção sobre o comportamento dos atletas.

9.2. Metodologia

9.2.1. Participantes no Estudo

A amostra do nosso estudo é constituída por 4 treinadores de futebol do setor de formação, que orientavam equipas que disputaram os campeonatos nacionais de Portugal. Os treinadores tinham em média 42,5 anos, uma média de experiencia a treinar jovens de 14,5 anos, eram licenciados em Educação Física e Desporto e possuíam curso da modalidade de II e IV nível.

Cada treinador foi observado em 2 jogos na totalidade do tempo, tendo sido analisados 4151 comportamentos de instrução do treinador, 4151 ocorrências relativas atenção dos atletas e 1829 ocorrências relativas ao comportamento motor reativo. Para recolher os dados relativos à auto perceção dos treinadores sobre a instrução e perceção sobre o comportamento dos atletas em competição foram aplicados os questionários no final de cada competição.

9.2.2. Instrumentos

A codificação dos comportamentos de instrução dos treinadores na direção da equipa em competição foi feita utilizando o Sistema de Análise da Instrução em Competição (SAIC), instrumento que já foi validado e utilizado por A. Santos e Rodrigues (2008). A codificação dos comportamentos dos atletas em competição foi efetuada a partir do Sistema de Observação do Comportamentos dos Atletas em Competição (SOCAC), sistema de categorias que foi validado por F. Santos et al. (2012).

A recolha dos dados relativos às variáveis cognitivas foi realizada através do Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição. O referido questionário passou por processo de validação de acordo com os procedimentos definidos por Tuckman (2002) e Hill e Hill (2009). Foi também utilizado numa investigação preliminar realizada por F. Santos et al. (2013).

9.2.3. Procedimentos Prévios

Para a realização desta investigação tivemos numa primeira fase de obter autorização dos clubes e treinadores. Para que isso fosse possível foram marcadas reuniões para esclarecer os objetivos e procedimentos metodológicos a desenvolver para a recolha dos dados, bem como garantir a confidencialidade dos dados recolhidos, servindo os mesmos somente para tratamento estatístico. Despois da aceitação de participação na investigação, entregámos o consentimento informado, preenchemos a ficha de caracterização da amostra e foram marcados os dois jogos a observar, bem como combinado de após o jogo os treinadores preencherem o questionário da auto perceção/perceção.

9.2.4. Procedimentos Metodológicos

Durante o jogo foi colocada uma camara que filmava somente o treinador e recebia as instruções emitidas através de um recetor áudio que estava conectado ao microfone *wireless* que este tinha colocado na lapela do casaco de fato de treino. Foi também utilizada uma segunda camara para filmar o jogo, com o objetivo de permitir uma melhor interpretação da instrução emitida pelo treinador e categorizar o comportamento dos atletas em competição.

A codificação dos comportamentos de instrução dos treinadores e do comportamento dos atletas foi realizada recorrendo ao programa informático *LINCE*® (Gabín et al., 2012).

No final de cada jogo os treinadores responderam ao questionário relativo à auto perceção sobre o comportamento de instrução e perceção sobre o comportamento dos atletas em competição, numa sala cedida pelo clube, em que os treinadores puderam responder às questões confortavelmente e num ambiente de tranquilidade e silêncio.

9.2.5. Fidelidade

No que respeita à fidelidade da observação, começamos primeiro por efetuar o treino dos observadores tendo por base as fases definidas por Rodrigues (1997). Após esta etapa foi realizada a fidelidade intra observador e inter observadores e para verificar a existência de acordos nas observações utilizamos a medida de concordância Kappa de Cohen. Os valores registados para a fidelidade foram acima dos 80%.

Relativamente à consistência do questionário realizamos a fidelidade externa e interna (Tuckman, 2002; Hill & Hill, 2009). Em relação à fidelidade externa temos garantia que os dados recolhidos terão consistência, porque o questionário foi realizado tendo por base o Sistema de Análise da Instrução em Competição e o Sistema de

Observação do Comportamento dos Atletas em Competição, instrumentos já utilizados em algumas investigações (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2012). A fidelidade interna do questionário foi verificada através da equivalência das respostas dadas a duas versões da pergunta (Hill & Hill, 2009). Para cumprir este objetivo aplicamos o questionário a 5 treinadores, dentro do contexto em que se desenvolve a nossa investigação e posteriormente verificamos o coeficiente de fidelidade através da correlação entre as duas respostas dadas às duas versões da pergunta. Foram obtidas correlações fortes (>0,8 e <1,0), o que de acordo com Hill e Hill (2009) corresponde a um valor de medida de fidelidade bom e excelente.

9.2.6. Tratamento Estatístico

O tratamento estatístico foi realizado recorrendo ao programa *IBM SPSS Statistics®.*

No estudo da auto perceção sobre a instrução e a perceção sobre comportamento dos atletas em competição realizámos a análise descritiva dos dados através dos parâmetros de tendência central – média e parâmetros de dispersão – desvio padrão e limites de variação.

Relativamente à correlação entre os comportamentos ocorridos em competição e a auto perceção/perceção, foi necessário primeiro verificar a normalidade das distribuições. De acordo com Hill e Hill (2009) é o aconselhável quando a amostra tem um n<50 utilizar o teste *Shapiro-wilk*. Uma vez que registamos variáveis com distribuição normal e não-normal, utilizamos para verificar a correlação entre as variáveis comportamentais e cognitivas as técnicas estatísticas paramétricas – coeficiente de correlação de *Pearson* e não-paramétricas – coeficiente de correlação de *Spearman*.

9.3. Resultados

Tabela 32

Auto Perceção sobre a Instrução e Perceção sobre o Comportamento dos Atletas em Competição

Dimensões	Auto Perceção/Perceção	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Dimensão Objetivo	AV+	3	5	3,88	,835
	AV-	2	4	2,50	,756
	DES	2	4	2,63	,744
	PRE	1	4	2,62	1,061
	INT	1	2	1,63	,518
Dimensão Forma	AF+	3	5	4,00	,756
	AF-	1	2	1,25	,463
	AU	3	5	3,75	,886
	VIS	1	5	3,00	1,069
	AU-VIS	3	5	4,00	,756
Dimensão Direção	ATL	3	5	3,63	,744
	AS	1	3	2,50	,756
	GR	3	4	3,38	,518
	GD	2	3	2,75	,463
	GM	2	4	3,13	,641
	GA	2	5	3,13	,835
	GS	2	3	2,25	,463
Dimensão Conteúdo	EQ	2	5	3,25	,886
	TEC	1	4	2,38	,916
	TEOF	1	4	2,50	,926
	TEDEF	1	3	2,50	,926
	TAT	2	4	3,00	,535
	TASJ	2	3	2,87	,354
	TAMJ	2	4	3,12	,641
	TAET	2	5	3,00	,926
	TAPJ	2	3	2,63	,518
	TAFUNC	2	4	3,00	,535
	TACOM	1	3	2,25	,707
	TAEG	2	4	3,00	,756
	PSI	2	5	3,25	1,165
	PRI	1	4	2,63	,916
	PC	1	5	3,38	1,188
	PPE	3	4	3,63	,518
	PAT	2	5	3,50	,926
	PCO	2	5	3,50	1,195
	PPC	2	5	3,50	,926
	PRA	2	4	3,25	,886
	PRESP	1	4	2,38	1,302
	FIS	1	3	2,38	,744
	FRES	1	3	2,00	,756
	FVEX	1	4	2,38	1,061
	FVDES	1	4	2,38	1,061
	FVREA	2	4	2,88	,835
	FFO	1	3	2,25	,886
	FAQ	2	3	2,50	,535
	EQADV	2	4	2,62	,744
	EQARB	1	2	1,75	,463
Dimensão Atenção	ATATL	3	5	4,13	,641
	ATAS	2	5	3,38	,916
	ATGR	3	5	3,75	,707
	ATEQ	3	5	3,50	,756
	DATATL	1	3	2,00	,756
	DATAS	1	3	2,00	,535
	DATGR	1	4	2,62	,916
	DATEQ	2	4	2,88	,641
Dimensão Comportamento Motor Reativo	MC+	3	4	3,38	,518
	MC-	1	3	2,25	,707
	NMC	2	3	2,38	,518
	RF+	3	4	3,38	,518
	RF-	1	3	1,75	,707

De acordo com a análise descritiva dos dados (tabela 32), podemos verificar que os treinadores têm a perceção de terem emitido informação com o objetivo afetivo positivo, sob a forma auditiva-visual, direcionada preferencialmente aos atletas e com conteúdo dedicado aos aspetos psicológicos – psicológico pressão eficácia. Os treinadores têm a perceção que a sua atividade na direção da equipa em competição se centrou fundamentalmente na avaliação claramente positiva da ação dos atletas e em incentivar, motivar os jogadores para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo.

Os treinadores têm perceção que os atletas e equipa estiveram atentos, modificaram o comportamento positivamente e continuaram a executar o comportamento/ação técnico-tática anteriormente valorizada positivamente.

Tabela 33

Dimensão Objetivo – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução						
		AV+	AV-	DES	PRE	INT	AF+	AF-
Auto Perceção	AV+							
	AV-							(s) ,730*
	DES							
	PRE							
	INT							(s) ,855**
	AF+							
	AF-							

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman.* Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-).

Na dimensão objetivo registamos duas correlações positivas entre o comportamento de instrução e a auto perceção dos treinadores. Durante a competição os treinadores emitiram pouca informação com o objetivo de criticar os jogadores devido às suas prestações, o que tem correlação com a perceção dos treinadores terem emitido

pouca instrução com o objetivo de avaliar negativamente a execução dos atletas (0,730; p≤0.05) e com o objetivo de questionar os jogadores sobre as situações de jogo (0,855; p≤0,01).

Tabela 34

Dimensão Forma – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução		
		AU	VIS	AUVIS
Auto Perceção	AU	(s) -,720*		
	VIS			
	AU-VIS			(p) -,873**

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman;* (p) – Correlação de *Pearson.* Auditivo (AU); Visual (VIS) e Auditivo-Visual (AUVIS).

De acordo com a tabela 34, na dimensão forma, verificamos correlações na categoria auditiva e auditiva-visual. Na direção da equipa em competição os treinadores utilizam predominantemente a comunicação verbal, enquanto a sua perceção de ter utilizado esta forma de comunicação é menor (-0,720; p≤0,05). Os treinadores percecionaram no final da competição ter emitido mais informação sob a forma auditiva-visual, o que efetivamente não aconteceu durante a competição (-0,873; p≤0,01).

Tabela 35

Dimensão Direção – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução							
		ATL	AS	GD	GM	GA	GS	GRU	EQ
Auto Perceção	ATL								(s) ,809*
	AS								
	GR								
	GD								
	GM								
	GA								
	GS								
	EQ				(s) -,736*				

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman.* Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ); Grupo (GRU).

Em relação à direção da informação verificamos duas correlações entre o comportamento de instrução e a auto perceção. Na direção da instrução em competição, apesar de ser dos setores da equipa que o treinador mais fornece indicações, foi emitida pouca instrução ao grupo de médios, facto contrário à perceção que os treinadores têm da quantidade de informação emitida à equipa. Desta forma verificámos que à pouca informação emitida ao grupo de médios corresponde uma correlação significativa inversa relativamente à quantidade média de informação que os treinadores percecionaram terem emitido à equipa (-0,736; p≤0,05).

Na direção da instrução, a categoria equipa é a segunda que tem mais ocorrências no comportamento dos treinadores. Desta forma verificamos uma correlação significativa entre a informação dirigida à equipa em competição e a muita informação que os treinadores percecionaram terem emitido ao atleta.

Tabela 36

Dimensão Conteúdo – Correlação entre a auto perceção e o comportamento de instrução em competição

		Comportamento de Instrução				
		Técnico	Tático	Psicológico	Físico	EQADV
Auto Perceção	TEOF		TASJ (s) -0,751*	PC (s) -0,773*		
	TEDEF		TASJ (s) -0,756*; TAMJ (s) -0,756*; TACOM (s) -0,756*; Tática (s) -0,756*	PC (s) -0,765*; PPE (s) -0,756*; PAT (s) -0,756*; Psicológico (s) -0,756*	FVDES (s) -0,873**	
	TACOM	TEOF (s) 0,730*		PRA (s) 0,713*		
	PC		TACOM (s) -0,726*	PPE (s) -0,801*; PAT (s) -0,776*		
	PPE		TASJ (s) -0,845**; TAMJ (s) -0,845**; TACOM (s) -0,845**; Tática (s) -0,732*	PPE (s) -0,845**; PAT (s) -0,845**	FVDES (s) -0,716*; FVREA (s) -0,976**	
	PRA		TASJ (s) -0,849**	PC (s) -0,898**	FVDES (s) -0,802*; FVREA (s) -0,772*	
	FVREA		TAMJ (s) -0,756*; TACOM (s) -0,819*	PPE (s) -0,756*; PAT (s) -0,819*; Psicológico (s) -0,756*	FVREA (s) -0,873**	
	EQARB	TEOF (s) 0,756*; Técnica (s) 0,760*	TAMJ (s) 0,756*; TAET (s) 0,756*; TAFUNC (s) 0,756*; TACOMB (s) 0,756*; TAEG (s) 0,756*; Tática (s) 0,756*	PRI (s) 0,760*; PPE (s) 0,756*; PAT (s) 0,756*; PPC (s) 0,760*; Psicológico (s) 0,756*		EQADV (s) 0,760*

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman*. Técnica (TEC); Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática (TAT); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico (PSI); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB).

No que diz respeito à dimensão conteúdo da instrução verificamos diversas relações entre o comportamento de instrução em competição e a auto perceção do treinador relativamente à sua atividade de direção da equipa. Apesar de serem

correlações significativas inversas, somente em duas subcategorias – psicológica pressão eficácia (-0,845; p≤0,01) e físico velocidade de reação (-0,873; p≤0,01) existe relação entre o comportamento de instrução e auto perceção.

Os treinadores de jovens da nossa amostra emitem bastante informação que procura motivar e incentivar os jogadores para uma maior eficácia na resolução das diversas situações de jogo. Em competição esta categoria é a segunda que apresenta maior número de ocorrências, no entanto no final do jogo os valores de auto perceção da instrução emitida centram-se entre o médio e o muito (3,63). Quando este valor de auto perceção se verifica, em competição registamos valores mais baixos nas subcategorias tático sistema de jogo, tática das combinações, psicológico atenção (-0,845; p ≤0,01), físico velocidade de deslocamento (-0,716; p≤0,01), físico velocidade de reação (-0,976, p≤0,01) e nas categorias táticas (-0,732; p≤0,05) e físico (0,850; p≤0,01). A categoria tática de método de jogo é a que regista mais ocorrências na direção da equipa em competição, estabelecendo-se desta forma uma correlação significativa inversa (-0,845; p≤0,01) com a auto perceção sobre a quantidade de informação psicológica pressão eficácia.

Na direção da equipa em competição os treinadores emitem muito pouca informação relativa à velocidade de reação dos jogadores a um determinado estímulo, ao contrário do que se verifica na sua perceção sobre a quantidade de informação emitida. Os treinadores tiveram no final do jogo a perceção de ter emitido uma quantidade média de informação sobre a subcategoria físico velocidade de reação. No entanto em competição os treinadores emitiram mais informação relativa às subcategorias tática de método de jogo (-0,756; p≤0,05), tática das combinações (-0,819; p≤0,05), psicológico pressão eficácia (-0,756; p≤0,05), psicológico atenção (-0,819; p≤0,05) e à categoria psicológico (-0,756; p≤0,05).

Quando os treinadores têm a perceção de ter emitido uma quantidade média de instrução relativa aos elementos técnicos ofensivos e defensivos, verifica-se que a sua informação foi fundamentalmente centrada durante a competição nos aspetos táticos (-0,756; p≤0,05) – tática de sistema de jogo (-0,751/-0,756; p≤0,01), tática de método de jogo, tática das combinações (-0,756; p≤0,05) e psicológicos (-0,756; p≤0,05) – psicológico pressão eficácia, psicológico atenção (-0,756; p≤0,05). No entanto, quando os treinadores têm a perceção referida, verificámos que em competição os treinadores emitiram pouca informação relativa as categorias psicológico confiança (-0,773/-0,765; p≤0,05) e físico velocidade de deslocamento (-0,873; p≤0,01).

Em relação à subcategoria tática das combinações os treinadores referiram ter a perceção de ter emitido pouca informação. Durante a competição a baixa quantidade de informação referida foi verificada nas categorias técnico ofensivas (0,730; p≤0,05) e psicológico resistência às adversidades (0,713; p≤0,05).

Registamos correlações significativas inversas entre a auto perceção - psicológico confiança e o comportamento de instrução em competição – tática das combinações (-0,726; p≤0,05), psicológico pressão eficácia (-0,801; p≤0,05) e psicológico atenção (-0,776; p≤0,05). Quando os treinadores têm a perceção de ter emitido uma quantidade média de instrução que procurou transmitir confiança aos jogadores, isto não se verificou em competição, sendo que esta subcategoria foi a que obteve valores mais baixo de ocorrências.

Foram registadas relações significativas entre auto perceção sobre categoria de instrução equipa de arbitragem e o comportamento de instrução em competição nas subcategorias técnica ofensiva, tática de método de jogo, tática dos esquemas táticos, tática das combinações, tática eficácia geral (0,756; p≤0,05), psicológico ritmo de jogo (0,760; p≤0,05), psicológico pressão eficácia, psicológico atenção, psicológico pressão

combatividade (0,756; p≤0,05) e as categorias tática, psicológica (0,756, p≤0,05) e equipa adversária (0,760; p≤0,05). Os treinadores tiveram a perceção de terem emitido pouca informação relativa à equipa de arbitragem, o que foi verificado durante a competição, sendo que as principais preocupações dos treinadores estão relacionadas com os aspetos técnicos, táticos, psicológicos e equipa adversária.

Tabela 37

Dimensão Atenção – Correlação entre a perceção e o comportamento dos atletas em competição

		Comportamento dos Atletas							
		ATATL	ATAS	ATGR	ATEQ	DATATL	DATAS	DATGR	DATEQ
Perceção	ATATL								
	ATAS								
	ATGR								
	ATEQ								
	DATATL								
	DATAS					(s) ,768*			
	DATGR								
	DATEQ								

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman*. Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Equipa (DATEQ).

No que diz respeito à dimensão atenção, verificamos uma correlação significativa entre a perceção dos treinadores sobre a atenção dos atletas e o comportamento dos atletas em competição (0,768; p≤0,05). A perceção dos treinadores no final do jogo que o atleta suplente esteve poucas vezes desatento, também é verificada durante a competição na categoria desatenção atleta. De fato, durante a competição registámos baixos valores de ocorrência nas categorias desatenção atleta, atleta suplente, grupo e equipa.

Tabela 38

Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre a perceção e o comportamento dos atletas em competição

		Comportamento dos Atletas				
		MC+	MC-	NMC	RF+	RF-
Perceção	MC+	(s) -,732*	(s) -,732*			
	MC-					
	NMC					
	RF+	(s) -,732*	(s) -,732*			
	RF-					

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman.* Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica Comportamento Negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-)

Os treinadores depois da competição têm a perceção que num número médio de ocorrências os atletas e equipa modificaram o comportamento de acordo com a instrução emitida. No entanto verificamos que em competição os atletas modificam comportamento positivamente muitas vezes, sendo esta categoria que tem maior número de ocorrências (-0,732; p≤0,05).

Podemos também verificar uma correlação significativa inversa entre a perceção dos treinadores sobre a categoria modifica o comportamento positivamente e o comportamento dos atletas em competição – modifica o comportamento negativamente (-0,732; p≤0,05). A perceção dos treinadores relativamente aos atletas terem em competição modificado o comportamento positivamente é contrária ao que se verificou em competição na categoria modifica o comportamento negativamente.

De acordo com a tabela 38, a perceção dos treinadores sobre a categoria reforço positivo tem uma correlação significativa inversa com o comportamento dos atletas, modifica o comportamento positivamente (-0,732; p≤0,05) e modifica o comportamento negativamente (-0,732; p≤0,05). Quando os treinadores têm a perceção de ter ocorrido um número médio de ocorrências em que os atletas continuam a executar o comportamento ou ação técnico-tática anteriormente valorizada positivamente, em

competição regista-se um grande número de ocorrências em que os atletas modificam positivamente e um número relativamente baixo para a categoria modifica o comportamento negativamente.

9.4. Discussão dos Resultados

Nas correlações registadas no nosso estudo entre a auto perceção/perceção e o comportamento de instrução/comportamento dos atletas em competição, nenhuma acontece dentro da mesma categoria/subcategoria. Este fato demonstra que a reflexão que os treinadores da nossa amostra fazem sobre a instrução emitida e sobre as ocorrências dos comportamentos dos atletas não está de acordo com o que aconteceu realmente em competição.

Apesar de verificarmos algumas correlações entre categorias, elas demonstram-nos que a instrução emitida e o comportamento tido pelos atletas em competição, não é totalmente percecionado quando os treinadores foram colocados a refletir sobre o ocorrido durante o jogo. Esta situação também nos demonstra que os treinadores observados podem não ter hábitos, nem darem importância e nem estarem treinados para realizar a reflexão após o jogo.

Moreno (2001) através de um programa formativo durante uma época desportiva, com treinadores principiantes de voleibol, procurou através da elaboração de um diário, onde constava a auto perceção e reflexões dos técnicos, otimizar a conduta verbal de direção da equipa em competição. A aplicação do programa formativo levou os treinadores a melhorarem a sua auto perceção.

A formação teórica e prática sobre a conduta verbal do treinador na direção da equipa em competição, através da aplicação do programa de formação, contribuiu para que os treinadores estudados adquirissem segurança, confiança, consciência de si

mesmo e da sua própria atuação, bem como modificação de algumas das suas carências (Moreno & Alvarez, 2004).

Na dimensão objetivo verificamos que os treinadores durante a competição emitem pouca informação claramente negativa o que tem correlação com a perceção dos treinadores de terem emitido pouca instrução com objetivo de avaliar negativamente o comportamento e ação técnico-tática dos atletas e com o objetivo de interrogar os jogadores sobre a uma situação determinada de jogo.

Estudos realizados na modalidade de futebol também verificaram valores muito baixos para a categoria afetividade negativa (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012), o que demonstra a preocupação por parte dos treinadores de manter um clima positivo durante a competição, com o objetivo de conseguir um melhor empenho por parte dos atletas, melhor interação treinador-atleta, aumento da confiança dos jogadores, repercutindo-se num melhor desempenho (Alves, 1998; Cunha, 1998). Apesar de na auto perceção os treinadores referirem que emitiram instrução fundamentalmente com o objetivo de avaliar positivamente e afetividade positiva e de se verificar que em competição a informação é predominantemente prescritiva, os resultados registados durante a competição demonstram que existe a preocupação por parte dos treinadores em criar um clima positivo, a fim de conseguir um melhor rendimento dos atletas e equipa. Esta preocupação vai ao encontro dos resultados da investigação realizada por Smith e Cushion (2006) com treinadores de jovens profissionais. Os referidos autores registaram um rácio elogio/repreensão de 16:1. Os treinadores justificaram estes resultados como sendo importantes para aumentar a confiança dos atletas.

Os treinadores têm a perceção de ter emitido durante a competição muito pouca informação com o objetivo interrogativo. De fato na competição apesar de não ter

muitas ocorrências, os treinadores utilizam algumas vezes a estratégia do questionamento para verificar se os atletas ouviram e se perceberam a mensagem emitida. Quanto à auto perceção da emissão de informação avaliativa negativa, esta enquadra-se entre os valores de pouca e média quantidade (2,50), o que de facto não aconteceu em competição, tendo-se registado valores muito baixos para a categoria referida. Esta situação reforça ainda mais o que referimos anteriormente relativamente à preocupação dos treinadores em estabelecer uma interação positiva entre treinador-atleta durante a competição.

Na dimensão forma da instrução verificamos que os treinadores têm a auto perceção de ter emitido mais informação auditiva-visual. A duas correlações significativas inversas que verificamos nas categorias auditiva e auditiva-visual, demonstram que a comunicação do treinador é fundamentalmente verbal, embora durante a competição, e pelas características do futebol, verifica-se também a preocupação de utilizar a comunicação mista (verbal-gestual). Esta tendência pode ser verificada nos diversos estudos realizados na modalidade de futebol, no contexto do setor de formação e no contexto de seniores (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

No que diz respeito à direção da instrução, os treinadores têm a perceção de ter emitido mais informação direcionada ao atleta, o que de fato tinha-se verificado em competição. Esta tendência tem-se verificado nos diversos estudos feitos no âmbito da análise do comportamento de instrução em competição (Botelho et al., 2005; Cloes et al., 1993; Hagemann et al., 2008; Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). Estes resultados vão ao encontro do que treinadores experts de voleibol referiram relativamente à informação ser direcionada preferencialmente ao atleta, num estudo realizado por Moreno et al. (2005).

Nesta dimensão verificamos uma correlação significativa entre o comportamento de instrução direcionado à equipa e a auto perceção dos treinadores sobre a muita informação emitida aos atletas. Durante a competição a categoria da instrução direcionada à equipa é a segunda com mais ocorrências, sendo que a primeira é a informação direcionada ao atleta, o que vai ao encontro da correlação verificada.

Durante a competição os treinadores emitem pouca instrução aos setores da equipa, no entanto é ao grupo de médios que os técnicos fornecem mais indicações. Resultados muito similares foram também registados com treinadores de seniores e de jovens, em estudos realizados na modalidade de futebol (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). Quando os treinadores têm a perceção de ter emitido uma quantidade média de informação à equipa, durante a competição verificou-se pouca instrução direcionada ao grupo de médios. Na competição podemos de facto verificar que a categoria relativa à instrução emitida à equipa é a segunda com mais ocorrências e que pouca informação foi direcionada ao grupo de médios.

Na dimensão conteúdo, os valores para a subcategoria psicológico pressão eficácia enquadram-se entre a média e a muita quantidade de instrução emitida. Durante a competição os treinadores emitiram muita informação que procurou motivar e incentivar os jogadores para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo. Na direção da equipa em competição a subcategoria psicológico pressão eficácia é a segunda categoria com mais ocorrências. Os estudos feitos na modalidade de futebol, no contexto do futebol de formação, demonstram que os treinadores emitem muita informação que procura pressionar os jogadores para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). No estudo realizado por F. Santos et al. (2012), com treinadores de jovens dos campeonatos nacionais de iniciados e juvenis, verificamos que esta subcategoria é a que regista mais ocorrências.

Na categoria físico velocidade de reação também verificamos uma correlação significativa inversa. Durante a competição verifica-se que os treinadores emitem pouca informação relativa a este conteúdo, no entanto após o jogo os técnicos tiveram a auto perceção de ter emitido uma quantidade média de informação relativa à subcategoria físico velocidade de reação.

No que concerne aos aspetos técnicos, os treinadores tem a perceção de ter emitido uma quantidade de informação que se centra entre a pouca e a média instrução (2,50). De fato verificamos que em competição os treinadores emitem pouca informação que se centra nos aspetos técnicos, preocupando-se mais com os aspetos psicológicos e táticos. De acordo com o referido, registamos diversas correlações significativas inversas entre a auto perceção sobre as subcategorias técnico ofensivo e defensivo e as ocorrências verificadas em competição relativas aos conteúdos tático e psicológico. Podemos verificar em diversos estudos realizados na modalidade de futebol, que as principais preocupações dos treinadores na direção da equipa em competição se centram nos aspetos táticos e psicológicos (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Os treinadores da nossa amostra emitiram pouca instrução relativa à equipa arbitragem durante a competição, aspeto que foi reforçado pelos técnicos no questionário de auto perceção. Foram verificadas correlações significativas entre a auto perceção da instrução emitida sobre a equipa de arbitragem e as categorias e subcategorias relativas aos aspetos técnicos, táticos, psicológicos e equipa adversária. As correlações referidas demonstram que os treinadores preocupam-se mais com os fatores sobre os conteúdos de ordem tática, psicológica, técnica e equipa adversária.

No que diz respeito à dimensão atenção registamos na nossa investigação uma correlação significativa. Esta correlação verifica-se entre as categorias o comportamento

dos atletas – desatenção atleta e a perceção dos treinadores – desatenção atleta suplente. Durante a competição registamos valores baixos de desatenção atleta, o que tem correlação com a baixa perceção dos treinadores sobre a desatenção dos atletas suplentes. Os atletas em competição demonstram estar atentos, tendo sido registados baixos valores paras as categorias relativas à desatenção. Richheimer e Rodrigues (2000) num estudo desenvolvido em contexto de treino, na modalidade de andebol, com treinadores do setor de formação - com formação e sem formação em Educação Física, verificaram que os atletas estão quase sempre atentos. Em contexto de competição, na modalidade de futebol, também têm-se desenvolvido esforços para perceber as questões relativas à receção da informação emitida pelos treinadores. Os estudos desenvolvidos também demonstram que os atletas estão atentos à instrução emitida e ao jogo (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Na dimensão comportamento motor reativo os atletas modificaram o comportamento positivamente muitas vezes, no entanto os treinadores percecionam após o jogo ter acontecido quantidade média de ocorrências (3,38). Este resultado é reforçado pela correlação significativa inversa registada entre a perceção sobre a categoria modifica o comportamento positivamente e o comportamento dos atletas em competição – modifica o comportamento negativamente. A perceção dos treinadores relativamente aos atletas terem modificado o comportamento positivamente é contrária aos valores baixos registados na competição na categoria modifica o comportamento negativamente. Os resultados verificados no nosso estudo relativamente aos atletas em competição modificarem o comportamento de acordo com a instrução emitida pelos treinadores, está em linha com a tendência registada em estudos efetuados em contexto de treino (Richheimer & Rodrigues, 2000) e em contexto de competição (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

9.5. Conclusões

A auto perceção/perceção dos treinadores estudados sobre a instrução emitida e comportamento dos atletas em competição aponta para informação predominantemente afetiva positiva, sob a forma auditiva-visual, direcionada ao atleta, com conteúdo psicológico pressão para a eficácia, atletas atentos, atletas modificam o comportamento positivamente e continuam a executar a ação/comportamento anteriormente valorizada positivamente.

No que diz respeito à correlação entre o comportamento de instrução e comportamento dos atletas em competição e a auto perceção/perceção dos treinadores relativamente ao que aconteceu durante o jogo, verificamos que os treinadores não refletem o que efetivamente se registou em competição. Os resultados demonstram que as perceções dos treinadores indicam que aconteceu determinado comportamento que não se verificou em competição, ou não têm a perfeita noção da quantidade de ocorrências de comportamentos registados.

Estes resultados registados por nós estão dentro do verificado em alguns estudos realizados. Diversos estudos apontam para uma certa incoerência entre os comportamentos interativos e as decisões pós-interativas (Azevedo, 2002; Cloes et al., 2001; Costa, 2000).

Os estudos referidos apontam para a necessidade de por um lado a formação de treinadores preparar os técnicos para a reflexão sobre a sua atividade pedagógica, sobre o resultado da interação com os atletas, e por outro os treinadores terem o hábito de fazer essa reflexão com o objetivo de otimizar a sua atuação. Segundo Moreno e Alvarez (2004) os treinadores podem ter uma visão mais negativa da sua atuação, que pode mudar através da aquisição do domínio das suas habilidades. Os mesmos autores

acrescentam que os processos reflexivos do treinador influenciam, guiam e orientam o comportamento dos treinadores.

9.6. Referências Bibliográficas

Alves, R. (1998). *Análise das Expectativas e do Comportamento do Treinador em Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Azevedo, P. (2002). *A Intervenção Pedagógica dos Treinadores de Andebol. Estudo comparativo dos treinadores dos diferentes escalões de formação na modalidade de Andebol no sistema federado.* Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Bennie, A., & O'Connor, D. (2011). An Effective Coaching Model: The Perceptions and Strategies of Professional Team Sport Coaches and Players in Australia. *International Journal of Sport and Health Science, 9*, 98-104.

Botelho, S., Mesquita, I., & Moreno, P. (2005). A intervenção verbal do treinador de voleibol na competição. Estudo comparativo entre equipas masculinas e femininas dos escalões de formação. . *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto, 5*(2), 174-183.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective.*

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Cloes, M., Delhaes, J., & Pieron, M. (1993). Analyse des comportements d'entraineurs de voley-ball pédant des rencontres officielles. *Sport, 141*, 16-25.

Costa, L. (2000). *A Modificação de Comportamentos no Treinador como Determinante nas Expectativas de Continuidade dos Jovens Atletas de Judo.* Tese de Mestrado, UTL-FMH, Lisboa.

Côté, J., & Sedgwick, W. (2003). Effective Behaviors of Expert Rowing Coaches: A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. *International Sports Journal, 7*(1), 62-77.

Cunha, P. (1998). A Intervenção do Treinador durante o Tempo Morto. *Treino Desportivo, 2,* 33-38.

Franco, S., Simões, V., Castañer, M., Rodrigues, J., & Anguera, M. T. (2013). La conducta de los instructores de Fitness: triangulación entre la percepción de los participantes, auto-percepción de los instructores y conducta observada. . *Revista de Psicología del Deporte, 22*(2), 321-329.

Gabín, B., Camerino, O., Anguera, M. T., & Castañer, M. (2012). LINCE: multiplatform sport analysis software. *Procedia - Social and Behavioral Sciences, 46*(2012), 4692-4694.

Hagemann, N., Strauss, B., & Busch, D. (2008). The complex problem-solving competence of team coaches. *Psychology of Sport and Exercise, 9,* 301-317.

Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Moreno, P. (2001). *Análisis y optimización de la conducta verbal del entrenador de voleibol durante la dirección de equipo en competición.* Tesis Doctoral, Universidad de Extremadura, Cáceres.

Moreno, P., & Alvarez, F. (2004). El pensamiento del entrenador. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 75-95). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., Moreno, A., Iglesias, D., Garcia, L., & Álvarez, F. d. V. (2007). Effect of a mentoring through reflection program on the verbal behavior of beginner Volleyball coaches: a case study. *International Journal of Sport Science, 3*(8), 12-24.

Moreno, P., Santos, J., Ramos, L., Cervelló, E., Iglesias, D., & Villar, F. D. (2005). The Efficacy of the Verbal Behaviour of Volleyball Coaches During Competition. *European Journal of Human Movement, 13*, 55-69.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación, 335*, 163-187.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo, 12*, 36-46.

Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da influência do objetivos dos treinos e do nível de pratica dos atletas na atividade pedagógica do treinador de voleibol.* Lisboa: FMH-UTL.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Sequeira, P. (2008). O comportamento e as decisões do treinador em treino e em competição. *Revista de Desporto e Atividade Física, 1*(1), 30-55. Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Sequeira, P., Hanke, U., & Rodrigues, J. (2013). O comportamento e as decisões pré e pós interativas do treinador de Andebol de topo durante a competição. *Revista da UIIPS, 1*(1), 156-173. Retrieved from http://www.ipsantarem.pt/arquivo/5004

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science, 24*(4), 355-366.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

10. As Expectativas dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e o Comportamento dos Atletas e a sua relação com a Auto Perceção dos Treinadores sobre o Comportamento de Instrução e a Perceção sobre o Comportamento dos Atletas.

Resumo

O objetivo desta investigação é verificar a existência de correlações entre as expectativas e auto perceção/perceção sobre a instrução e comportamento dos atletas em competição. Para cumprir esse objetivo foram questionados antes e no fim da competição, treinadores de futebol jovem que orientavam equipas que disputavam os campeonatos nacionais de Portugal. Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram o Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamento dos Atletas em Competição e o Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição. Apesar de terem sido registadas algumas correlações entre as variáveis cognitivas estudadas, os resultados desta investigação demonstram que as questões relativas às decisões pré interativas e às decisões pós interativas é ainda um aspeto que os treinadores poderão evoluir, tendo em vista uma maior otimização da sua atividade na direção da equipa em competição.

Palavras-chave: Expectativas, Auto Perceção/Perceção, Competição, Futebol

Abstract

The objective of this investigation is to verify the existence of correlations between expectations and self-perception/perception about instruction and behavior of athletes in competition. To accomplish this goal were questioned before and at the end of the competition, coaches youth football that guided teams who competed for national championships Portugal. The instruments used for data collection was Questionnaire

about Expectations of Instruction and Behavior of Athletes and Questionnaire about Self-Perception of Instruction and Perception of Behavior of Athletes in Competition. Although they have been some correlations between cognitive variables studied, the results of this investigation demonstrate that the issues relating to decisions pre interactive and decisions interactive post is still an aspect that coaches may evolve towards a further optimization of its activity in the direction of the team in competition.

Keywords: Expectations, Self-Perception / Perception, Compétition, Football

10.1. Introdução

A investigação que apresentamos tem como objetivo verificar existência de relações entre as decisões pré-interativas e pós-interativas. As decisões pré-interativos são o conjunto de decisões previamente tomadas pelo treinador sobre o desenvolvimento do treino e da competição (Moreno & Alvarez, 2004). Segundo Sequeira (2008) as decisões pós-interativas são o conjunto de reflexões efetuadas após o treino e a competição.

Moreno e Alvarez (2004) referem que os treinadores atuam de uma determinada forma como consequência das suas decisões pré-interativas. Estas decisões prévias são resultado de um pensamento e reflexão anterior.

Sequeira (2008) refere que a função principal do treinador não se esgota na direção dos atletas em treino e em competição. Tendo em conta que os treinadores no contexto desportivo são considerados como um fator fortemente relacionado à eficácia dos atletas (Cloes et al., 2001), a forma como os técnicos preparam a competição, bem como a reflexão que fazem da sua atividade pedagógica, tem bastante importância tendo em vista a otimização da interação treinador-atleta. A forma como o treinador interage com os seus atletas influencia a sua qualidade desportiva (A. Santos & Rodrigues, 2006).

Diversos autores referem que é importante os treinadores prepararem bem a competição, em termos de observação e análise (Lima, 2000; Piltz, 2003; Castelo, 2009), para que a direção da equipa seja efetuada de uma forma clara e concisa, procurando ajudar os jogadores na resolução das situações de jogo (Castelo, 2009). Dirigir e orientar a equipa durante a competição reveste-se de alguma complexidade, tendo em conta a grande quantidade de fatores a observar (Castelo, 2009), onde a pressão é grande, existindo por vezes alguma dificuldade em tomar decisões (Moreno &

Alvarez, 2004). Desta forma reveste-se de uma grande importância a tomada de decisões pré-interativas para que a interação treinador-atleta seja feita de uma forma eficaz, tendo em vista um bom rendimento dos jogadores e equipa.

Debane e Fontayne (2009) realizaram um estudo na modalidade de andebol com um treinador de elite, sobre a gestão cognitiva durante a competição. Foi verificado que o plano tático a implementar pela equipa em competição é resultado de decisões pré interativas que tiveram por base situações já abordadas no processo de treino, demonstrando uma forte interação entre o treino e a competição.

Da mesma forma as decisões pós interativas são fundamentais, pois permitem ao treinador efetuar um conjunto de reflexões sobre a sua atividade pedagógica e sobre o reflexo que, a sua ação na direção da equipa tem nos seus jogadores. Moreno e Alvarez (2004) dão importância aos processos reflexivos do treinador, pois consideram que estes influenciam, guiam e orientam o seu comportamento.

Moreno et al. (2007) realizaram um estudo com 3 treinadores principiantes de voleibol, com o objetivo de verificar o efeito de um programa de supervisão reflexiva sobre a conduta verbal nos períodos de descontos de tempo que ocorrem em competição. A reflexão realizada após a competição, bem como as sessões de supervisão, conduziram a uma modificação da conduta verbal dos treinadores, manifestada no incremento de informação tática e sobre a equipa adversária.

O treinador a partir da reflexão sobre a sua intervenção pedagógica, influencia as suas decisões pré interativas e posteriormente as decisões interativas, procurando desta forma otimizar a interação treinador-atleta, na busca de conseguir o melhor rendimento dos jogadores e equipa.

Também têm sido realizadas algumas investigações com o objetivo de perceber qual a perceção dos treinadores e atletas sobre o *coaching* efetivo (Bennie & O'Connor,

2011; Côté & Sedgwick, 2003). O estudo realizado por Côté e Sedgwick (2003) na modalidade de remo, verificou que os treinadores valorizam a instrução técnica, bem como a utilização de analogias para explicar o que pretendem. O feedback imediato, honesto e construtivo, bem como a capacidade do treinador reconhecer as diferenças individuais dos atletas e de estabelecer uma interação positiva entre treinador-atleta, foram outras das estratégias referenciadas para o *coaching* efetivo. Bennie e O'Connor (2011) realizaram a sua investigação com treinadores e atletas de râguebi e cricket. Os resultados obtidos apontam para a importância da comunicação honesta, coerente, justa e que possibilite a troca de ideias entre treinador e atletas. Tal como no estudo de Côté e Sedgwick (2003), também foi valorizado a capacidade do treinador em ter em conta as diferenças individuais dentro da equipa.

Com o objetivo de relacionar variáveis cognitivas, mas num contexto diferente ao da nossa investigação, Franco et al. (2013), procuraram relacionar a auto perceção dos instrutores e a perceção dos praticantes sobre o comportamento pedagógico dos instrutores em aulas de grupo de localizada. As associações verificadas acontecem somente em 12 dos 33 comportamentos dos instrutores estudados, sendo que em todas se verifica um baixo grau de significância. Em relação a um comportamento - exercício físico independente, a perceção dos praticantes é contrária a auto perceção dos instrutores.

A nossa investigação pretende ser mais um contributo ao nível do estudo das decisões dos treinadores, através da análise das relações entre as expectativas e a auto perceção e perceção do treinador sobre a instrução e comportamentos atletas em competição.

10.2. Metodologia

10.2.1. Participantes no Estudo

Os treinadores que responderam aos questionários de expectativas, auto perceção e perceção sobre a instrução e comportamento dos atletas em competição eram licenciados em Educação Física e Desporto e possuíam curso de II e IV nível da modalidade. A média de idade dos treinadores era de 42,5 anos e tinham uma média de experiencia a trabalhar no setor de formação do futebol de 14,5 anos.

Os quatro treinadores que participam na nossa investigação responderam aos questionários em dois jogos dos campeonatos nacionais de futebol de juvenis e juniores. Tendo em conta que a recolha dos dados foi feita em 8 jogos, no total foram respondidos 8 questionários sobre as expectativas e 8 questionários sobre a auto perceção/perceção.

10.2.2. Instrumentos

A recolha dos dados relativos às variáveis cognitivas foi realizada através do Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamentos dos Atletas em Competição e o Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição. Os questionários referidos passaram por um processo de validação que teve em conta os procedimentos definidos por Tuckman (2002) e Hill e Hill (2009), tendo também sido utilizados numa investigação preliminar realizada por F. Santos et al. (2013).

10.2.3. Procedimentos Prévios

A realização desta investigação só foi possível após conseguirmos a autorização por parte dos clubes e treinadores. Para que esse objetivo fosse atingido estabelecemos alguns contactos e realizámos reuniões onde explicámos o objeto de estudo da nossa investigação, esclarecemos todos os procedimentos metodológicos e garantimos a confidencialidade dos dados recolhidos.

Após termos a garantia de participação no estudo, entregamos o consentimento informado, preenchemos a ficha de caracterização da amostra e marcamos os dois jogos em que iriamos recolher os dados. Por último combinamos o momento de preenchimento dos questionários por parte do treinador antes da competição (expectativas) e após a competição (auto perceção/perceção).

10.2.4. Procedimentos Metodológicos

Os procedimentos metodológicos foram acertados com os treinadores nas reuniões em que aceitaram participar na nossa investigação. Estivemos presentes nos estádios em que se desenrolaram as partidas, 1h30minutos antes da competição para os treinadores responderem ao Questionário sobre as Expectativas da Instrução e do Comportamento dos Atletas em Competição.

No final do jogo os treinadores responderam a Questionário sobre Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição.

Os questionários foram aplicados numa sala disponibilizada pelo clube com condições para o treinador responder às questões confortavelmente e num ambiente de tranquilidade e silêncio.

10.2.5. Fidelidade

A consistência dos questionários foi verificada através da fidelidade externa e interna (Hill & Hill, 2009; Tuckman, 2002).

Relativamente à fidelidade externa, podemos referir que os questionários foram construídos a partir do Sistema de Análise da Instrução em Competição e do Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição. Os referidos instrumentos já foram utilizados em investigações (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2012), o que dá garantia que os dados recolhidos pelos questionários terão fidelidade.

A fidelidade interna do questionário foi verificada através da equivalência das respostas dadas a duas versões da pergunta (Hill & Hill, 2009). Foram aplicados os questionários a 5 treinadores, dentro do contexto em que se desenvolve a nossa investigação e posteriormente verificamos o coeficiente de fidelidade através da correlação entre as duas respostas dadas às duas versões da pergunta. As correlações registadas correspondem a valores de medida de fidelidade que se centram entre o bom e o excelente (>0,8 e <1,0) (Hill & Hill, 2009).

10.2.6. Tratamento Estatístico

O programa *IBM SPSS Statistics*® foi o *software* utilizado para realizar o tratamento estatístico da nossa investigação.

Para verificar a existência de correlações entre as expectativas e a auto perceção/perceção, foi necessário primeiro verificar a normalidade das distribuições. Hill e Hill (2009) referem que é aconselhável, quando a amostra tem um n <50, utilizar o teste de normalidade *Shapiro-wilk.* Tendo em conta que registámos variáveis com distribuição normal e não-normal, utilizamos para verificar a correlação entre as duas

variáveis cognitivas as técnicas estatísticas paramétricas – coeficiente de correlação de *Pearson* e não-paramétricas – coeficiente de correlação de *Spearman*.

10.3. Resultados

Os resultados que agora apresentamos irão respeitar as dimensões, categorias e subcategorias dos sistemas de observação SAIC – Sistema de Análise da Instrução em Competição e SOCAC – Sistema de Observação do Comportamento dos Atletas em Competição, que estiveram na base da construção dos questionários que utilizamos para a recolha de dados.

Tabela 39

Dimensão Objetivo – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição

		Auto Perceção						
		AV+	AV-	DES	PRE	INT	AF+	AF-
Expectativas	AV+	(p),739*						
	AV-							(s),816*
	DES			(s),708*				
	PRE				(p),905**			
	INT				(s),710*			
	AF+							
	AF-		(s),800*					(s)1,000**

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman;* (p) – Correlação de *Pearson.* Avaliativo Positivo (AV+); Avaliativo Negativo (AV-); Descritivo (DES); Prescritivo (PRE); Interrogativo (INT); Afetividade Positiva (AF+) e Afetividade Negativa (AF-).

Na dimensão objetivo da instrução verificamos a existência de correlações significativas entre as expectativas e a auto perceção dentro da mesma categoria – avaliativo positivo (0,739; p≤0,05), descritivo (0,708; p≤0,05), prescritivo (0,905; p≤0,01) e afetivo negativo (1,000; p≤0,01). Os treinadores esperam emitir informação com um determinado objetivo e quando fazem a auto perceção sobre a instrução emitida na direção da equipa em competição confirmam as expectativas antes da competição.

Verificamos também uma correlação significativa entre as expectativas que os treinadores têm de questionar os jogadores em competição e a auto perceção relativa à categoria prescritiva (0,710; p≤0,05). As duas variáveis cognitivas apresentam valores muito próximos (2,25 – 2,62), que se encontram no intervalo entre a pouca e média quantidade de instrução.

Foram registados valores baixos para as expectativas relativa à categoria avaliativo negativo (2,00) e para a auto perceção sobre a categoria afetividade negativa (1,25), verificando-se desta forma uma correlação significativa entre estas duas variáveis (0,816; p≤0,05).

Na dimensão forma da comunicação (auditiva, visual e auditiva-visual) não foram registadas nenhumas correlações entre as expectativas e auto perceção sobre a instrução na direção da equipa em competição.

Tabela 40

Dimensão Direção – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição

		Auto Perceção							
		ATL	AS	GR	GD	GM	GA	GS	EQ
Expectativas	ATL		(s),774*						
	AS								
	GRU								
	GD								
	GM								
	GA								
	GS	(s)-,850**							
	EQ								

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman.* Atleta (ATL); Atleta Suplente (AS); Grupo (GRU); Grupo de Defesas (GD); Grupo de Médios (GM); Grupo de Avançados (GA); Grupo de Suplentes (GS); Equipa (EQ).

As expectativas dos treinadores sobre a emissão da informação direcionada ao atleta situa-se entre a pouca e a média quantidade de instrução (2,87). Valores idênticos

também se registam na auto perceção sobre a instrução emitida ao atleta suplente. De acordo com a tabela 40 podemos então verificar uma correlação significativa entre as duas variáveis referidas (0,774; p≤0,05).

Ainda nesta dimensão registamos uma correlação significativa inversa entre as expectativas dos treinadores emitirem informação ao grupo de suplentes e a auto perceção relativa à instrução emitida à equipa durante a competição (-0,850; p≤0,01). Os treinadores esperam emitir informação direcionada ao grupo de suplentes entre pouca e média quantidade (2,50), enquanto tem a perceção de ter emitido durante a competição muita instrução direcionada ao atleta (3,63).

Tabela 41

Dimensão Conteúdo – Correlação entre as expectativas e a auto perceção sobre o comportamento de instrução em competição

		Auto Perceção				
		Técnico	Tático	Psicológico	Físico	EQARB
Expectativas	Tático			Psicológico (s) 0,730*; PC (s) 0,770*; PPE (s) 1,000**; PAT (s) 0,770*; PRA (s) 0,852**		
	TASJ			PC (s) 0,864**; PRA (s) 0,803*		
	TAET	TAMJ (s) -0,856**		Psicológico (s) 0,841**; PPE (s) 0,877**; PAT (s) 0,857**; PRA (s) 0,881**		
	TAPJ			Psicológico (s) 0,802*; PAT (s) 0,780*; PCO (s) 0,845**; PPC (s) 0,780*; PRA (s) 0,713*		
	TAFUNC		TAET (s) 0,738*	Psicológico (s) 0,761*; PPE (s) 0,741*; PRA (s) 0,901**		
	TAEG			Psicológico (s) 0,757*; PAT (s) 0,809*; PCO (s) 0,817*; PPC (s) 0,809*; PRA (s) 0,713*		
	Psicológico		Tática (s) -0,736*; TAMJ (s) -0,806*	Psicológico (s) 0,921*; PPE (s) 0,877**; PAT (s) 0,883**; PRA (s) 0,854**		
	PC			PC (p) 0,774*; PPE (s) 0,725*		EQARB (s) -0,811*
	PPE			PC (s) 0,809*		
	PAT		Tática (s) -0,707*; TAMJ (s) -0,891**	PPE (s) 0,730*; PAT (p) 0,816*		
	PCO		TAFUNC (s) 0,707*	Psicológico (s) 0,750*; PCO (p) 0,949**; PPC (s) 0,811*		
	PPC		TAET (s) 0,738*	Psicológico (s) 0,761*; PPE (s) 0,741*; PRA (s) 0,901**		
	PRA			PC (s) 0,848**; PPE (s) 0,894**; PRA (s) 0,844**		
	PRESP	TEC (s) 0,805*; TEDEF (s) 0,866*	TAMJ (s) -0,709*	PRESP (s) 0,750*		
	FRES	Técnica (s) 0,819*		PRESP (s) 0,909**	FRES (p) 0,816*	
	FVEX		TAEG (s) 0,730*	PPC (s) 0,770*		
	FVREA			Psicológico (s) 0,816*; PAT (s) 0,861**; PCO (s) 0,904**; PPC (s) 0,861**		
	FFO			PRESP (s) 0,770*;	Físico (s) 0,723*; FRES (s) 0,802*; FVDES (s) 0,810*; FFO (s) 0,713*	
	FAQ		TAFUNC (s) 0,819*	PCO (s) 0,815*; PPC (s) 0,809*		
	EQARB					EQARB (s) 0,873**

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; **. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.01; (s) – Correlação de *Spearman;* (p) – Correlação de *Pearson*. Técnica (TEC); Técnica Ofensiva (TEOF); Técnica Defensiva (TEDEF); Tática (TAT); Tática de Sistema de Jogo (TASJ); Tática de Método de Jogo (TAMJ); Tática dos Esquemas Táticas (TAET); Tática dos Princípios de Jogo (TAPJ); Tática de Funções/Missões Específicas do Jogo (TAFUNC); Tática das Combinações (TACOMB); Tática Eficácia Geral (TAEG); Psicológico (PSI); Psicológico Ritmo de Jogo (PRI); Psicológico Confiança (PC); Psicológico Pressão Eficácia (PPE); Psicológica Atenção (PAT); Psicológico Concentração (PCO); Psicológico Pressão Combatividade (PPC); Psicológico Resistência às Adversidades (PRA); Psicológico Responsabilidade (PRESP); Físico Resistência (FRES); Físico Velocidade de Execução (FVEX); Físico Velocidade de Deslocamento (FVDES); Físico Velocidade de Reação (FVREA); Físico Força (FFO); Físico Aquecimento (FAQ); Equipa Adversária (EQADV); Equipa de Arbitragem (EQARB)

Na dimensão conteúdo da instrução registamos sete correlações significativas entre as expectativas e a auto perceção nas categorias e subcategorias psicológico (0,921; p≤0,01), psicológico confiança (0,774; p≤0,05); psicológico atenção (0,816; p≤0,05); psicológico concentração (0,949; p≤0,01); psicológico resistência às adversidades (0,844; p≤0,01); psicológico responsabilidade (0,750; p≤0,05); físico resistência (0,816; p≤0,05); físico força (0,713; p≤0,05) e equipa de arbitragem (0,873; p≤0,01). Nas referidas categorias e subcategorias existe uma correlação entre o conteúdo da instrução que os treinadores esperam emitir e a auto perceção da informação emitida na direção da equipa em competição.

Os treinadores tiveram expectativas de emitir uma quantidade média de instrução com o conteúdo relativo aos elementos táticos individuais e coletivos, o que tem correlação significativa com os valores registados para a auto perceção nas categoria psicológico (0,730; p≤0,05) e nas subcategorias psicológico confiança (0,770; p≤0,05); psicológico pressão eficácia (1,000; p≤0,01); psicológico atenção (0,770; p≤0,05) e psicológico resistências às adversidades (0,852; p≤0,01).

De acordo com a tabela 41, podemos verificar diversas correlações significativas entre as expectativas sobre as subcategorias do conteúdo tático e a auto perceção sobre a categoria psicológica e subcategorias do conteúdo tático e psicológico. A quantidade de instrução que os treinadores esperam emitir relativamente aos diferentes aspetos táticos do jogo, tem correlação com a quantidade de instrução que os treinadores percecionaram terem emitido durante a competição em relação aos conteúdos psicológico e tático.

De salientar é a correlação significativa inversa entre as expectativas sobre a subcategoria tática esquemas táticos e a auto perceção relativas à subcategoria tática método de jogo (-0,856; p≤0,01). Quando os treinadores esperam emitir durante a

competição muita informação sobre os esquemas táticos ofensivos e defensivos, no final do jogo tiveram a perceção de ter emitido uma quantidade média de instrução relativa aos elementos táticos individuais e coletivos.

Os valores relativos às expectativas de emissão de instrução relativa ao conteúdo psicológico tem correlação significativa com a auto perceção dos treinadores sobre as subcategorias psicológico pressão eficácia (0,877; $p \leq 0,01$), psicológico atenção (0,883; $p \leq 0,01$) e psicológico resistência às adversidades (0,854; $p \leq 0,01$). As expectativas da categoria referida também estabelece uma correlação significativa inversa com a auto perceção sobre a categoria tática (-0,736; $p \leq 0,05$) e subcategoria tática método de jogo (-0,806; $p \leq 0,05$). Quando os treinadores têm expectativa de emitir muita informação de conteúdo psicológicos, os treinadores após o jogo têm a perceção de ter emitido na direção da equipa em competição uma quantidade média de instrução relativa aos aspetos táticos e à organização dinâmica da equipa.

Registamos também diversas correlações significativas entre a quantidade de instrução que os treinadores esperam emitir sobre diversas subcategorias de conteúdo psicológico e a auto perceção da quantidade de informação emitida sobre as subcategorias de conteúdo técnico, tático e psicológico. Somente em relação à expectativa de emitir muita informação sobre a subcategoria psicológico atenção, se regista uma correlação inversa com a auto perceção dos treinadores sobre a emissão de uma quantidade média de instrução sobre o conteúdo tático (-0,707; $p \leq 0,05$) e tático método de jogo (-0,891; $p \leq 0,01$).

Os treinadores da nossa amostra esperam emitir muita instrução que procura transmitir confiança aos jogadores, ao contrário da sua auto perceção no final da competição relativamente à equipa de arbitragem (-0,811; $p \leq 0,05$). Também registamos uma correlação significativa inversa, no que diz respeito às expectativas sobre a

informação que procura pedir mais atenção para um determinado aspeto do jogo e auto perceção dos treinadores relativamente à categoria tática (-0,707; p≤0,05) e subcategoria tática método de jogo (-0,891; p≤0,01). Da mesma forma também verificamos uma correlação negativa entre as expectativas sobre subcategoria psicológico responsabilidade e auto perceção dos treinadores sobre a instrução emitida que apontam para a organização dinâmica da equipa (-0,709; p≤0,05).

De acordo com o que registámos nas subcategorias da dimensão conteúdo da instrução, também verificámos algumas correlações significativas entre as expectativas sobre as subcategorias de conteúdo físico e a auto perceção dos treinadores sobre as categorias e subcategorias relativas aos conteúdos técnicos, táticos e psicológicos. As referidas associações demonstram que a expectativa do treinador sobre a emissão de informação de conteúdo físico tem relação com a quantidade de instrução percecionada pelos técnicos sobre os aspetos táticos (tática eficácia geral e tática de funções/missões especificas do jogo), psicológicos (psicológico, psicológico responsabilidade, psicológico pressão eficácia, psicológico atenção e psicológico concentração) e físicos (físico, físico resistência, físico velocidade de deslocamento).

Tabela 42

Dimensão Atenção – Correlação entre as expectativas e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição

		Perceção							
		ATATL	ATAS	ATGR	ATEQ	DATATL	DATAS	DATGR	DATEQ
Expectativas	ATATL								
	ATAS		(s),723*			(s)-,757*			
	ATGR								
	ATEQ								
	DATATL								
	DATAS								
	DATGR						(s),707*		
	DATEQ								

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman*. Atenção Atleta (ATATL); Atenção Atleta Suplente (ATAS); Atenção Grupo (ATGR); Atenção Equipa (ATEQ); Desatenção Atleta (DATATL); Desatenção Atleta Suplente (DATAS); Desatenção Grupo (DATGR); Desatenção Equipa (DATEQ).

Em relação às expectativas e perceção dos treinadores sobre a atenção dos atletas em competição verificamos uma correlação significativa na categoria atenção atleta suplente (0,723; p≤0,05). Os treinadores antes da competição tinham expectativas dos atletas suplentes numa quantidade média de ocorrências demonstrarem estar atentos à instrução emitida, o que também se verificou na perceção tida pelos treinadores relativamente ao comportamento dos atletas em competição.

A expectativa referida sobre a atenção do atleta suplente é contrária à perceção dos treinadores sobre as poucas ocorrências registadas da categoria desatenção atleta (-0,757; p≤0,05).

Verificamos também uma correlação significativa entre as baixas expectativas de ocorrência da categoria desatenção grupo e a perceção do treinador sobre as baixas ocorrências da categoria desatenção atleta suplente (0,707; p≤0,05).

Tabela 43

Dimensão Comportamento Motor Reativo – Correlação entre as expectativas e a perceção sobre o comportamento dos atletas em competição

		Perceção				
		MC+	MC-	NMC	RF+	RF-
Expectativas	MC+					
	MC-					
	NMC					
	RF+					
	RF-	(s) -,741*		(s) ,802*	(s) -,741*	(s) ,707*

Nota. *. Correlação é significativa para um grau de probabilidade de erro p≤0.05; (s) – Correlação de *Spearman*. Modifica o Comportamento Positivamente (MC+); Modifica Comportamento Negativamente (MC-); Não Modifica o Comportamento (NMC); Reforço Positivo (RF+); Reforço Negativo (RF-).

Na dimensão comportamento motor reativo verificamos uma correlação significativa entre as expectativas e a perceção do treinador sobre a categoria reforço negativo (0,707; p≤0,05). Os treinadores têm baixas expectativas relativamente aos atletas não pararem de executar uma ação/comportamento que foi desvalorizado, o que se verifica na perceção dos técnicos sobre o comportamento dos atletas em competição.

De acordo com a tabela 43, podemos verificar que quando os treinadores apresentam baixas expectativas relativas à categoria reforço negativo, demonstram ter uma baixa perceção sobre as ocorrências sobre a categoria não modifica o comportamento (0,802; p≤0,05).

As baixas expectativas sobre a categoria reforço negativo tem uma correlação significativa inversa sobre a perceção dos treinadores relativa à categoria modifica o comportamento positivamente (-0,741; p≤0,05) e a categoria reforço positivo (-0,741; p≤0,05). Os treinadores têm a perceção que os seus jogadores durante a competição modificaram o comportamento de acordo com as indicações emitidas e continuaram a executar a ação/comportamento anteriormente valorizada positivamente.

10.4. Discussão dos Resultados

Nesta investigação registámos entre as duas variáveis cognitivas – expetativas e auto perceção/perceção dos treinadores sobre o comportamento de instrução e o comportamento dos atletas em competição, quinze correlações significativas dentro das mesmas categorias/subcategorias – avaliativo positivo, descritivo, prescritivo, afetivo negativo, psicológico, psicológico confiança, psicológico atenção, psicológico concentração, psicológico resistência às adversidades, psicológico responsabilidade, físico resistência, físico força, equipa de arbitragem, atenção atleta suplente e reforço negativo, o que demonstra a existência de relação entre as expectativas e a auto perceção/perceção dos treinadores sobre a instrução emitida na direção da equipa e sobre os comportamentos dos atletas em competição.

Os valores registados nas expectativas e na auto perceção sobre a instrução de caracter avaliativo positivo centra-se próximo da muita instrução. Estes resultados demonstram que os treinadores têm a preocupação de durante a competição promover uma interação positiva com os atletas e a equipa, o que vai ao encontro do referido por treinadores de futebol, profissionais do setor de formação, relativamente ao rácio obtido entre elogio-repreensão – 16:1, num estudo realizado por Smith e Cushion (2006). Os treinadores justificaram o rácio elogio/repreensão como sendo importante para aumentar a confiança dos atletas. No entanto apesar dos valores das variáveis cognitivas apontar para muita instrução de carácter avaliativo positivo, nos diversos estudos realizados (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012) fica demonstrado que o comportamento é predominantemente prescritivo, seguindo-se a informação com o objetivo avaliativo positivo. Estes estudos também demonstram que a informação que o treinador emite é fundamentalmente dedicada a prescrever ações e

comportamentos mais eficazes para resolver as diversas situações de jogo e avaliar/elogiar positivamente.

Nas expectativas e auto perceção sobre a instrução com o objetivo prescritivo verificamos valores de média quantidade, registando-se mesmo uma correlação significativa entre as referidas variáveis cognitivas. No entanto em competição nos diversos estudos realizados em futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012) verificamos que os treinadores emitem muita instrução de objetivo prescritivo.

Verificámos também uma correlação significativa entre as expectativas sobre a instrução com objetivo avaliativo negativo e auto perceção sobre a categoria afetivo negativo. Ambos os comportamentos registam valores baixos, ao nível das decisões pré e pós interativas, o que vai ao encontro do registado em estudos realizados, com o objetivo de estudar o comportamento de instrução em competição dos treinadores de futebol (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). R. Smith e Smoll (1997) defendem que a intervenção do treinador deve estar centrada no reforço pelo esforço e pelo bom desempenho e encorajamento após o erro. Moreno e Campo (2004) e I. Mesquita (2005) referem a importância dos treinadores emitirem informação de caracter positivo.

Na dimensão direção verificamos uma correlação significativa entre expectativas de informação a emitir na competição direcionada ao atleta e a auto perceção da instrução emitida ao atleta suplente. No entanto esta correlação não tem correspondência com os estudos desenvolvidos no âmbito do futebol. Os treinadores emitem informação durante a direção da equipa em competição predominantemente ao atleta (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012), sendo que ao atleta suplente têm sido obtido valores baixos. Os

treinadores emitem informação aos atletas suplentes pontualmente durante o decorrer do jogo para alertar para alguns erros técnicos e táticos que não gostariam de ver cometidos, alertar para situações específicas de uma posição do sistema de jogo e correspondente missão tática, prescrever comportamentos e ações que quer ver cumpridas quando um determinado jogador estiver em campo e por ultimo para dar instruções no momento em que se vai realizar a substituição.

Também verificamos nesta dimensão uma correlação significativa inversa entre as expectativas sobre a categoria grupo de suplentes e auto perceção sobre a categoria atleta. Os treinadores emitem pouca instrução ao grupo de suplentes, sendo por vezes utilizada esta estratégia de comunicação com os atletas que se encontram no banco de suplentes, para reforçar ou corrigir situações específicas que acontecem durante a competição. No que concerne à instrução emitida, tem-se verificado nas investigações feitas no âmbito do futebol, que a segunda categoria da dimensão direção com mais ocorrências é a informação que é dirigida à equipa (A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

No que diz respeito à dimensão conteúdo da instrução verificámos várias correlações significativas entre as expectativas dos treinadores e auto perceção relativamente à sua atividade na direção da equipa em competição. No entanto muitas dessas correlações assentam em valores que não se verificam em competição – psicológico confiança, psicológico concentração, psicológico resistência às adversidades, psicológico responsabilidade, físico força (A. Santos, 2003; F. Santos et al., 2012).

Na categoria psicológico, nas duas variáveis cognitivas os treinadores registam valores entre a média e a muita quantidade de instrução. Em competição os estudos efetuados no âmbito do futebol, tanto em contexto de seniores como no setor de

formação, o conteúdo psicológico é o segundo com mais ocorrências, sendo que os aspetos táticos são a principal preocupação dos treinadores na direção da equipa em competição (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). Desta forma a correlação verificada entre as expectativas sobre o conteúdo tático e a auto perceção sobre o conteúdo psicológico não está de acordo com a realidade verificada nos estudos sobre a direção da equipa em competição. Ao contrário do mencionado, Hotz (1999) refere que a instrução emitida em competição deve ser fundamentalmente de carácter afetivo e motivacional, enquanto alguns estudos apontam para que o treinador emita informação predominantemente de conteúdo tático (Moreno & Campo, 2004; Moreno et al., 2007). Cloes et al. (2001) num estudo realizado com treinadores de basquetebol e voleibol verificaram que as questões de ordem tática estão relacionadas com os principais objetivos das suas decisões interativas.

Outro aspeto a salientar são as baixas expectativas e auto perceção sobre a equipa de arbitragem, o que vai ao encontro do referido anteriormente. As principais preocupações dos treinadores de futebol na direção da equipa em competição estão relacionadas com os aspetos táticos e psicológicos e não com a equipa de arbitragem.

Na dimensão atenção dos atletas em competição verificamos uma correlação significativa entre as expectativas e a perceção dos treinadores sobre a categoria atenção atleta suplente. Esta correlação vai ao encontro do que se tem verificado nos estudos realizados em contexto de treino (Richheimer & Rodrigues, 2000) e de competição (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012). Nas investigações referidas os resultados demonstram que os atletas estão atentos na grande maioria das ocorrências.

Relativamente à dimensão comportamento motor reativo verificamos uma correlação significativa entre as expectativas e a perceção sobre a categoria reforço

negativo. Os treinadores têm baixas expectativas e perceção dos atletas não pararem de executar uma ação/comportamento que for desvalorizado. As decisões pré e pós interativas registadas com os treinadores da nossa amostra estão em concordância com os resultados dos estudos realizados no futebol e na competição (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Temos de realçar também a correlação negativa entre as expectativas sobre a categoria reforço negativo e a perceção sobre a categoria modifica o comportamento positivamente. De fato nas investigações realizadas (F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012) temos verificado valores baixos para a categoria reforço negativo e registado que os atletas modificam o comportamento de acordo com a instrução emitida pelo treinador.

10.5. Conclusões

No presente estudo das 60 categorias de comportamento de instrução e comportamento dos atletas estudadas, somente em 15 verificámos correlações significativas entre as expectativas e a auto perceção/perceção na mesma categoria, o que demonstra pouca congruência do pensamento do treinador. Foram ainda registadas correlações entre categorias e algumas correlações significativas inversas entre as variáveis cognitivas estudadas.

Será também importante salientar que muitas das correlações obtidas assentam em valores que não condizem com o que se tem verificado em diversos estudos realizados no âmbito do estudo do comportamento do treinador em competição, na modalidade de futebol, em contexto de seniores e de formação (Ramirez & Diaz, 2004; A. Santos & Rodrigues, 2008; F. Santos et al., 2013; F. Santos et al., 2012).

Os resultados desta investigação demonstram que as questões relativas à preparação cognitiva e reflexão feita após o jogo ainda é um aspeto que os treinadores poderão evoluir. Na nossa opinião a formação de treinadores deve desenvolver-se neste sentido, para que os técnicos fiquem mais preparados e tornem uma rotina a tomada de decisões antes e após a competição, com o objetivo de tornar mais eficaz a sua ação na competição e desta forma contribuírem para que os atletas e equipa consigam expressar o máximo das suas potencialidades.

A atividade do treinador em competição resulta de um conjunto de decisões pré-interativas, sendo que estas são resultado de um conjunto de reflexões já feita pelos técnicos (Moreno & Alvarez, 2004).

10.6. Referências Bibliográficas

Bennie, A., & O'Connor, D. (2011). An Effective Coaching Model: The Perceptions and Strategies of Professional Team Sport Coaches and Players in Australia. *International Journal of Sport and Health Science, 9*, 98-104.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização Dinâmica do Jogo.* (3º ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cloes, M., Bavier, K., & Piéron, M. (2001). Coaches thinking process: Analysis of decisions related to tactics during sport games. In M. K. Chin, L. D. Hensley & Y. K. Liu (Eds.), *Innovation and application of physical education and sports science in the new millennium - An Asia-Pacific Perspective.*

(pp. 329-341). Hong Kong: Hong Kong Institute of Education.

Côté, J., & Sedgwick, W. (2003). Effective Behaviors of Expert Rowing Coaches: A qualitative investigation of Canadian athletes and coaches. *International Sports Journal, 7*(1), 62-77.

Debanne, T., & Fontayne, P. (2009). A Study of Successful Experienced Elite Handeball Coach's Cognitive Process in Competition Situations. *Internacional Journal of Sports Science & Coaching, 4*(1), 1-16.

Franco, S., Simões, V., Castañer, M., Rodrigues, J., & Anguera, M. T. (2013). La conducta de los instructores de Fitness: triangulación entre la percepción de los participantes, auto-percepción de los instructores y conducta observada. . *Revista de Psicología del Deporte, 22*(2), 321-329.

Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo, 6*, 22-36.

Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se*. Lisboa: CEFD.

Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos coletivos.* Lisboa: Livros Horizonte.

Moreno, P., & Alvarez, F. (2004). El pensamiento del entrenador. In P. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 75-95). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., & Campo, J. S. d. (2004). La intervención del entrenador en competición. Una aplicación en voleibol. In M. Moreno & F. Alvarez (Eds.), *El entrenador deportivo. Manual práctico para su desarrollo y formación.* (pp. 229-247). Barcelona: INDE Publicações.

Moreno, P., Moreno, A., Iglesias, D., Garcia, L., & Álvarez, F. d. V. (2007). Effect of a mentoring through reflection program on the verbal behavior of beginner Volleyball coaches: a case study. *International Journal of Sport Science, 3*(8), 12-24.

Piltz, W. (2003). *Reading the Game: A key component of effective instruction in teaching and coaching.* Paper presented at the Teaching Sport and Physical Education for understanding., Universidade de Melbourne, Austrália.

Ramirez, J., & Diaz, M. (2004). El papel educativo y la responsabilidad de los entrenadores deportivos. Una investigación sobre la instrucciones a escolares en fútbol de competición. *Revista de Educación, 335,* 163-187.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo, 12,* 36-46.

Santos, A. (2003). *Análise da Instrução na Competição em Futebol. Estudo das Expectativas e dos Comportamentos dos Treinadores da 2º Divisão B, na Prelecção de Preparação e na Competição.* Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2006). Análise relacional entre as expectativas e comportamento de instrução do treinador de futebol, na preleção de preparação e na competição. *Desporto. Investigação & Ciência, 5,* 83-100.

Santos, A., & Rodrigues, J. (2008). Análise da instrução do treinador de futebol. Comparação entre a preleção de preparação e a competição. *Fitness & Performance Journal, 7*(2), 112-122.

Santos, F., Lopes, H., & Rodrigues, J. (2013). A instrução dos treinadores e o comportamento dos atletas em competição. Estudo preliminar das expetativas, comportamentos e perceção no futebol jovem. *Revista da Sociedade Científica de Pedagogia do Desporto, 1*(3), 218-235.

Santos, F., Sequeira, P., & Rodrigues, J. (2012). A comunicação dos treinadores de futebol de equipes infanto-juvenis amadores e profissionais durante a competição. *Motriz. Revista de Educação Física., 18*(2), 262-272.

Sequeira, P. (2008). O comportamento e as decisões do treinador em treino e em competição. *Revista de Desporto e Atividade Física*, *1*(1), 30-55. Retrieved from https://sites.google.com/site/redafrevistaelectronica/

Smith, M., & Cushion, C. (2006). An investigation of the in-game behaviors of professional, top-level youth soccer coaches. *Journal of Sports Science*, *24*(4), 355-366.

Smith, R., & Smoll, F. (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Current Directions in Psychological Science, 6*(1), 16-21.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Capítulo V

Neste capítulo iremos apresentar as principais conclusões da nossa investigação, bem como referir algumas questões relativas às limitações do estudo. Faremos também algumas sugestões para futuras investigações no âmbito do comportamento do treinador na direção da equipa em competição.

11. Conclusões, Limitações e Recomendações

11.1. Conclusões

A presente investigação pretendeu não somente analisar o comportamento de instrução dos treinadores do setor de formação na direção da equipa, como também estudar o comportamento dos atletas em competição. Foi também nosso objetivo dentro da análise da informação emitida pelos treinadores, verificar a existência de estruturas temporais e sequenciais de comportamentos de instrução através do programa informático *THEME* 5.0, que utiliza um algoritmo único para deteção de padrões-T (Magnusson, 2000).

Esta nossa investigação teve ainda como objetivo estudar as variáveis cognitivas – expectativas e auto perceção/perceção sobre a instrução e comportamento dos atletas em competição e efetuar a correlação entre as decisões pré e pós interativas e os comportamentos interativos dos treinadores na direção da equipa. Ainda dentro deste âmbito foram também correlacionadas as duas variáveis cognitivas estudadas.

Para desenvolver o estudo das variáveis cognitivas desenvolvemos dois instrumentos - Questionário sobre as Expectativas da Instrução e Comportamentos dos Atletas em Competição e o Questionário sobre a Auto Perceção da Instrução e Perceção do Comportamento dos Atletas em Competição, que passaram por um processo de validação que teve em conta os procedimentos definidos por Tuckman (2002) e Hill e

Hill (2009). Tendo em conta as diversas fases de validação dos questionários - estudo preliminar, criação da primeira versão dos questionários, a avaliação feita por *experts*, o estudo piloto e fidelidade, podemos concluir que os dois instrumentos são válidos para conhecer as expectativas e a auto perceção/perceção sobre a instrução e o comportamento dos atletas em competição.

O estudo do comportamento de instrução mostrou-nos que os treinadores de jovens na direção da equipa em competição procuram prescrever comportamentos e ações técnico-táticas mais eficazes para a resolução das situações de jogo, sob a forma auditiva, direcionada preferencialmente ao atleta e com conteúdo predominantemente tático. Em relação ao conteúdo da informação emitida quando analisámos as ocorrências das subcategorias do sistema de observação, verificámos que os treinadores dão maior relevo aos aspetos relacionados com a organização dinâmica da equipa, tendo em vista a criação de condições mais vantajosas para a concretização dos objetivos do ataque e da defesa. De acordo com o referido verificamos que se comprova a hipótese 1.

Ainda relativamente ao estudo do comportamento de instrução verificamos que os treinadores observados no momento das substituições emitem informação predominantemente prescritiva, sob a forma auditiva-visual e com conteúdo preferencialmente tático. Neste momento em que o treinador pode intervir no jogo as principais preocupações centram-se no modo de colocação dos jogadores sobre o terreno de jogo – sistema de jogo, pressionar os jogadores para uma maior eficácia de jogo e com as funções/missões táticas defensivas e ofensivas a desenvolver.

No que concerne ao estudo da existência de padrões-T, registamos algumas estruturas temporais e sequenciais de comportamentos de instrução, que não eram possíveis verificar a “olho nu” e permitem conhecer um pouco mais das estratégias de comunicação dos treinadores do setor de formação. Os padrões-T de comportamentos

de instrução registados prescrevem indicações de ordem tática e psicológica, seguindo-se informação que avalia positivamente o comportamento e a execução técnico-tática e dos atletas. Os treinadores utilizam fundamentalmente a forma de comunicação verbal, socorrendo-se por vezes da comunicação mista (gestual-verbal) e direcionada preferencialmente ao atleta. Também foram encontradas estruturas temporais e sequenciais de comportamentos de instrução no momento das substituições com o objetivo prescritivo, sob a forma auditiva-visual e com conteúdo relativo aos sistema de jogo, funções e missões táticas específicas a desempenhar e incentivo para uma maior eficácia na resolução das situações de jogo.

O estudo dos comportamentos dos atletas de futebol do setor de formação em competição demonstra que os atletas estão atentos e modificam o comportamento de acordo com a instrução emitida pelo treinador. Desta forma verificam-se as hipóteses 2 e 3. No entanto, devemos salientar os valores mais altos registados para as categorias, modifica o comportamento negativamente e não modifica o comportamento, comparativamente com a investigação realizada em contexto de treino (Richheimer & Rodrigues, 2000), o que demonstra que a competição traz complicações ao processo de comunicação.

Em relação às correlações entre as expectativas dos treinadores sobre a instrução e o comportamento dos atletas e o que foi efetivamente verificado em competição, somente registamos duas relações entre o que é esperado e o que efetivamente acontece. As referidas correlações significativas acontecem na dimensão conteúdo da instrução – subcategoria psicológico responsabilidade e na dimensão atenção – desatenção atleta. Foram ainda registadas diversas relações significativas inversas que demonstram que o que os treinadores esperam não se verifica em competição, ou têm determinadas expectativas sobre determinado comportamento que na competição acaba por acontecer

com uma frequência de ocorrências diferente. Apesar dos resultados não se pode comprovar totalmente a hipótese 4a) e 4b).

Não foi registada nenhuma correlação entre o comportamento de instrução e dos atletas e auto- perceção/perceção dos treinadores sobre o que aconteceu em competição. Estes resultados demonstram que o que os treinadores percecionam não corresponde à realidade. De acordo com o referido confirma-se a hipótese 5a) e 5b).

Em relação ao estudo das duas variáveis cognitivas abordadas na nossa investigação (expectativas e auto perceção/perceção) registamos quinze correlações: avaliativo positivo, descritivo, prescritivo, afetivo negativo, psicológico, psicológico confiança, psicológico atenção, psicológico concentração, psicológico resistência às adversidades, psicológico responsabilidade, físico resistência, físico força, equipa de arbitragem, atenção atleta suplente e reforço negativo. No entanto apesar de verificarmos a referidas correlações entre as variáveis cognitivas, muitas vezes estas assentam em valores que não condizem com a realidade da competição. Tendo em conta os resultados obtidos verifica-se parcialmente as hipótese 6a) e 6b).

Os resultados obtidos ao nível das variáveis cognitivas, bem como a sua correlação com as variáveis comportamentais, demonstraram a pouca relação entre as expectativas, o comportamento de instrução e o comportamento de atletas em competição e a auto perceção/perceção dos treinadores. Tal fato pode dever-se à falta de hábito dos treinadores projetarem o que vai ser a competição, e no final da competição realizarem uma reflexão do que efetivamente aconteceu ao nível do seu comportamento na direção da equipa em competição e respetivo efeito nos seus jogadores e equipa. Na nossa perspetiva os treinadores poderão otimizar a comunicação entre treinador-atleta através de uma melhor abordagem ao nível das decisões pré e pós interativas. É neste sentido que pensamos que ao nível da formação de treinadores, os técnicos podem ser

preparados para a realização desta etapas, ao nível do treino e da competição, a fim de poderem tornar mais eficaz a sua intervenção.

Em suma, e tendo em conta que os treinadores da nossa amostra possuem não só formação académica, como também curso da modalidade de II e IV nível, têm experiência a treinar no setor de formação, podemos afirmar que a nossa investigação pode ser um contributo para um melhor conhecimento da atividade do treinador na direção das equipas em competição e para colocação de algumas questões importantes ao nível da formação de treinadores. Essas questões já foram sendo levantadas ao longo da apresentação do nosso estudo e prendem-se com os seguintes aspetos:

- A eficácia do comportamento de instrução dos treinadores tendo em conta que menos de 50% da informação emitida tem efeito no comportamento imediatamente observável dos jogadores e equipa;
- Os resultados obtidos ao nível do comportamento motor reativo demonstram que existem dificuldades criadas pelas características da competição;
- Os padrões-T encontrados apontam para uma estrutura temporal e sequencial de comportamentos que procuram prescrever comportamentos e soluções táticas para os jogadores resolverem de uma forma eficaz as situações de jogo, seguindo-se informação avaliativa positiva;
- Os padrões-T de comportamentos registados no momento das substituições apresentam uma sequência com conteúdo relativo ao sistema de jogo, funções táticas a desempenhar e incentivar/motivar o atleta para a sua ação ser eficaz na resolução das diferentes situações de jogo;
- A existência de poucas correlações entre as expectativas e os comportamentos verificados em competição;

- A inexistência de correlações entre a realidade e a auto perceção/perceção dos treinadores sobre a instrução e o comportamento dos atletas.

11.2. Limitações do Estudo

Neste ponto iremos apresentar as limitações do nosso estudo que estão inerentes ao conjunto de opções metodológicas assumidas para o desenvolvimento da investigação.

A constituição da nossa amostra teve em conta algumas das exigências definidas na bibliografia para o conceito de treinador *expert*, e de acordo com o modelo de relação pedagógica em competição (Rodrigues et al., 1999). Desta forma e tendo em conta a dificuldade de conseguir treinadores disponíveis para participar num estudo com estas características, a constituição da nossa amostra não teve somente em conta o número de treinadores a observar como também o número de jogos observados.

De acordo com as questões éticas da investigação definidas (Harriss & Atkinson, 2009) e tendo em conta que os nossos treinadores foram filmados em competição, foi necessário pedir autorização aos clubes, bem como explicar todos os procedimentos metodológicos. Tal fato pode ter levado alguns treinadores a alterarem o seu comportamento - efeito de reatividade. Uma das limitações dos estudos que usam a metodologia observacional está relacionada com a reatividade do sujeito observado (Anguera et al., 2000). Segundo Fortin (2003) o efeito de reatividade acontece quando os sujeitos estão conscientes da sua participação, levando-os a modificar o seu comportamento. Para atenuar este facto, a camara que filmava o comportamento do treinador foi colocada no lado oposto ao banco de suplentes e o microfone utilizado colocado era de pequenas dimensões, leve e foi colocado fora da sua visibilidade. Com

o objetivo de não perturbarmos a rotina de preparação da equipa e de preparamos todo o equipamento necessário chegamos sempre aos estádios 1h30min. antes da competição.

Para a recolha de dados relativos às decisões pré e pós interativas utilizamos dois questionários, sendo que a utilização deste tipo de instrumentos também tem algumas limitações que estão relacionadas com a certeza de que são respondidas todas as questões por parte do treinador e também com a forma como os questionários são respondidos. A fim de que estes efeitos fossem minimizados, no momento em que tivemos a reunião com os treinadores para obter a autorização para realizar a investigação, explicamos todos os procedimentos metodológicos e foram combinados momentos de preenchimento do questionário de expectativas – antes da competição e do questionário de auto perceção/perceção – depois da competição. Foi também referido da importância das respostas refletirem as suas expectativas e auto perceção/perceção sobre a instrução e comportamento dos atletas em relação à competição. Os questionários foram respondidos com tranquilidade, num espaço cedido pelo clube e estando sempre presente o investigador para responder a qualquer dúvida.

11.3. Recomendações

Nesta parte do nosso trabalho pretendemos apontar algumas sugestões para futuras investigações no âmbito do processo de comunicação dos treinadores de futebol estabelecido na direção das suas equipas em competição:

- Desenvolver investigações sobre o comportamento dos treinadores em competição, tendo em conta outras variáveis e outros instrumentos de recolha de dados;
- Aplicação desta mesma metodologia na modalidade de futebol, mas em contexto de seniores;

- Realizar investigação semelhante, mas com treinadores que possuem curso da modalidade de futebol, mas sem formação académica;
- Aplicar a metodologia utilizada na nossa investigação em treinadores do setor de formação – futebol 7 e no futebol feminino;
- Procurar a existências de padrões-T em treinadores do futebol sénior, treinadores sem formação académica, treinadores de futebol 7 e de futebol feminino;
- Desenvolver investigação semelhante durante um período de tempo a fim de verificar alterações ao nível das variáveis cognitivas e melhoria da eficácia do processo de comunicação;
- Procurar saber também qual a perceção dos jogadores sobre a instrução emitida pelos treinadores, bem como do comportamento dos atletas em competição, com o objetivo de verificar diferenças com o referido pelos treinadores;
- Saber qual o grau satisfação dos jogadores relativamente à forma como o treinador dirige os jogadores e equipa em competição;
- Desenvolver investigações semelhantes em outras modalidades.

Outra sugestão que queremos deixar para futuras investigações, prende-se com o estudo de diferentes interações que o treinador estabelece no âmbito da sua atividade – treinadores adjuntos, departamento médico, dirigentes/administradores das Sociedades Anónimas Desportivas, pais, comunicação social, etc.

11.4. Referências Bibliográficas

Anguera, M. T., Blanco, Á., Losada, J. L., & Hernandez, A. (2000). La metodología observacional en el deporte: conceptos básicos. *Lecturas: Educación Física & Deportes Journal electric*, *5*. Retrieved from http://www.efdeportes.com/efd24b/obs.htm

Fortin, M. (2003). *O processo de investigação. Da conceção à realização.* Lisboa: Lusociência.

Harriss, D., & Atkinson, G. (2009). International Journal of Sport Medecine - Ethical standarts in sport and exercice science research. *International Journal of Sport Medecine, 30*(10), 701-702.

Hill, M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Magnusson, M. S. (2000). Discovering hidden time patterns in behavior: T-patterns and their detection. *Behavior Research Method, Instruments & Computers 32*(1), 93-110.

Richheimer, P., & Rodrigues, J. (2000). O Feedback Pedagógico nos Treinadores de Jovens em Andebol. *Treino Desportivo, 12,* 36-46.

Rodrigues, J., Sarmento, P., Rosado, A., Leça-Veiga, A., Ferreira, V., & Moreira, L. (1999). Quadro conceptual da investigação pedagógica em desporto. *Pedagogia do Desporto, Estudos 6,* 101-117.

Tuckman, B. W. (2002). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Anexos (COMPACT DISC)

Anexo 1 **Consentimento Informado**

Anexo 2 **Ficha de Caracterização dos Participantes no Estudo**

Anexo 3 **Sistema de Análise da Instrução em Competição para o Futebol (SAIC)**

Anexo 4 **Sistema de Observação do Comportamentos dos Atletas em Competição (SOCAC)**

Anexo 5 **Questionários**

Anexo 6 **Tratamento de Dados da Investigação**